

**Itinerário Temático
do Centenário
das Aparições de Fátima**

7.º Ciclo

Ano Pastoral de 2016-2017

Ano Jubilar



O meu
Imaculado
Coração será
o teu refúgio
e o caminho
que te conduzirá
até **Deus**

TEMÁRIO E CALENDÁRIO
DE ATIVIDADES

Ano Pastoral de 2016-2017

Ano Jubilar

O meu
Imaculado
Coração será
o teu refúgio
e o caminho
que te conduzirá
até **Deus**

**Itinerário Temático
do Centenário
das Aparições de Fátima**

7.º Ciclo

Ficha Técnica

Coordenação: Carla Abreu Vaz

Design e Paginação: ideia, designers ©

Impressão e Acabamentos: Gráfica Almondina

Depósito legal: 418165/16

ISBN: 978-989-8418-09-8

Edição: Santuário de Fátima 2016

ÍNDICE

Introdução.....	7
-----------------	---

Carlos Cabecinhas

Itinerário Temático para o Centenário das Aparições de Fátima.....	10
--	----

I. PERSPETIVAS DO 7.º CICLO

O Senhor fez maravilhas: Maria na história da Salvação	15
--	----

António Couto

A devoção mariana na Igreja	29
-----------------------------------	----

José Manuel Cordeiro

A sexta aparição de Nossa Senhora, a 13 de outubro de 1917	77
--	----

Luciano Cristino

II. NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 7.º CICLO

O Imaculado Coração de Maria.....	59
-----------------------------------	----

José Jacinto Ferreira de Farias

A devoção à Virgem Maria e a Paz.....	75
---------------------------------------	----

Eloy Bueno de la Fuente

Maria, Mãe da ternura, como expressão do amor terno de Deus	91
---	----

Jorge Manuel Faria Guarda

A maternidade de Maria como modelo e figura da Igreja.....	105
--	-----

José Eduardo Borges de Pinho

Do rosário, oração cordial	123
----------------------------------	-----

Pedro Valinho Gomes

Maria, primeira discípula evangelizadora	137
--	-----

Manuel Joaquim Gomes Barbosa

III. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO

Catequese para crianças.....	155
<i>António Loureiro</i>	
Catequese para adolescentes e jovens.....	171
<i>António Loureiro</i>	
Mistérios do Rosário	185
<i>Marco Daniel Duarte</i>	
Adoração Eucarística	207
<i>Pedro Santos</i>	
Adoração Eucarística com crianças.....	223
<i>Vasco António da Cruz Gonçalves</i>	
Via-sacra.....	235
<i>André Pereira</i>	

IV. MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS

maio	257
junho	258
julho.....	259
agosto.....	260
setembro	261
outubro.....	262

V. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO

Textos de apoio aos temas mensais	265
---	-----

VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES

novembro 2016	341
dezembro 2016.....	341
janeiro 2017	344
fevereiro 2017	346
março 2017	349
abril 2017	352
maio 2017	355
junho 2017.....	358
julho 2017	361
agosto 2017	363
setembro 2017	366
outubro 2017	368
novembro 2017.....	371
dezembro 2017	373

Memória descritiva do projeto de comunicação	375
--	-----

Introdução

— Carlos Cabecinhas

Em finais de 2010, acolhendo um explícito desafio do Papa Bento XVI, o Santuário de Fátima iniciou um itinerário temático de sete anos para a preparação e a celebração do Centenário das Aparições. Este itinerário tem como frase inspiradora e tema geral: *O meu Coração Imaculado conduzi-vos-á até Deus*. Entendemos que esse tema geral deveria ser igualmente o tema do último ano deste septenário, na formulação por extenso da promessa de Nossa Senhora à vidente Lúcia, na aparição de 13 de junho: «O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

Como nos anteriores seis ciclos do septenário, o ponto de partida é uma aparição: a aparição de outubro de 1917. Nessa ocasião, como tinha prometido aos Pastorinhos, Nossa Senhora apresenta-se, diz quem é: «Sou a Senhora do Rosário». Partindo desta frase inspiradora, somos convidados, ao longo deste ano pastoral, a refletir sobre o lugar de Maria na história da salvação, a reconhecer que «o Senhor fez maravilhas» em Maria e através dela, a deixarmo-nos conduzir por ela até Deus e a darmos graças a Deus pelo dom das aparições de Nossa Senhora em Fátima. Desta temática tratam os vários contributos que se oferecem neste livro.

Nossa Senhora apresenta-se como a «Senhora do Rosário», mostra-se revestida de luz e espargindo a luz de Deus, e revela-nos o mistério do seu Imaculado Coração. Ora, no Imaculado Coração de Maria temos a «alma da mensagem de

Fátima» (J. M. Alonso) e o elemento que une as suas diversas dimensões. D. António Marto, na Carta Pastoral *Maria, Mãe de Ternura e de Misericórdia*, afirma que «uma das heranças espirituais mais preciosas de Fátima é a devoção ao Coração Imaculado de Maria, Mãe de Misericórdia» (n. 23).

No seu comentário teológico à terceira parte do Segredo de Fátima, o então Cardeal J. Ratzinger, depois Papa Bento XVI, diz: «O termo “coração”, na linguagem da Bíblia, significa o centro da existência humana, uma confluência da razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O “coração imaculado” é, segundo o evangelho de Mateus (5, 8), um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, consequentemente, «vê a Deus». Portanto, “devoção” ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* – «seja feita a vossa vontade» – se torna o centro conformador de toda a existência. A devoção ao Coração de Maria, dizia o futuro Papa Bento XVI, consiste na imitação daquela atitude de total disponibilidade a Deus e à Sua vontade, como Maria fez ao longo de toda a sua vida.

O Coração de Maria é “refúgio”, segundo a promessa de Nossa Senhora, pois o Coração da Mãe, que esteve sempre junto do Filho, acompanha agora os filhos, que na Cruz lhe foram confiados, com a sua intercessão e cuidado materno: «Maria cuida, com amor materno, dos irmãos do seu Filho que, entre perigos e angústias caminham ainda na terra» (LG 62). Simultaneamente, o Coração de Maria é “caminho” que nos conduz a Deus.

O Centenário das Aparições pretende, em última análise, desafiar a deixarmo-nos conduzir pelo Coração Imaculado de Maria até Deus, para que se realize a promessa: «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará».

O presente livro, à imagem do dos anos anteriores, apresenta-nos um vasto conjunto de perspectivas de reflexão e aprofundamento do tema do ano, bem como contributos vários para a catequese e a oração pessoal e comunitária. Pretende-se que seja uma ajuda a quantos desejam preparar peregrinações a Fátima ou viver o tema que guia, ao longo deste ano pastoral, a vida do Santuário. Possa ele ajudar-nos a viver mais profundamente a mensagem de Nossa Senhora, em Fátima, neste importante ano jubilar dos cem anos das aparições.

Itinerário Temático para o Centenário das Aparições de Fátima

7.º Ciclo

2016-2017

Acontecimento de Fátima de referência
Aparição de Nossa Senhora no mês de outubro

Frase inspiradora
Sou a Senhora do Rosário

Núcleo teológico
O Deus da Aliança

Elemento catequético
Maria na História da Salvação

Atitude crente
Devoção mariana

Tema do ano
O Senhor fez maravilhas

SUBTEMAS MENSAIS

<i>Meses</i>	<i>Unidades temáticas</i>	<i>Conteúdos a abordar</i>
maio	Maria guardava tudo no seu coração. cf. Lc 2, 51	• Imaculado Coração de Maria • Em Maria temos um coração que nos acolhe • Maria acolheu com fé a Boa Nova da salvação, transformando-a em anúncio, canto, profecia João Paulo II • Como Maria, buscar o alimento da vida eterna
junho	Glória a ti, Rainha da Paz.	• Fátima como Mensagem da Paz
julho	Terna Mãe, Senhora nossa. Da oração “Ó Senhora minha, ó minha Mãe”.	• A ternura de Deus • Maria, a Mãe de ternura
agosto	Santa Maria, Mãe de Deus.	• A encarnação da Palavra • A Mãe do Redentor • Maria como sinal da proximidade de Cristo <i>Theotokos</i>, a maternidade divina de Maria • A maternidade de Maria como modelo e figura da Igreja

setembro

Mãe da Igreja,
rogai por nós.

- Maria, Mãe dos crentes e de todos os homens
- Maria, Mãe da Igreja: como companheira dos Apóstolos, como sustento de todos os crentes
- A intercessão maternal de Maria
Oração de intercessão
- O Rosário

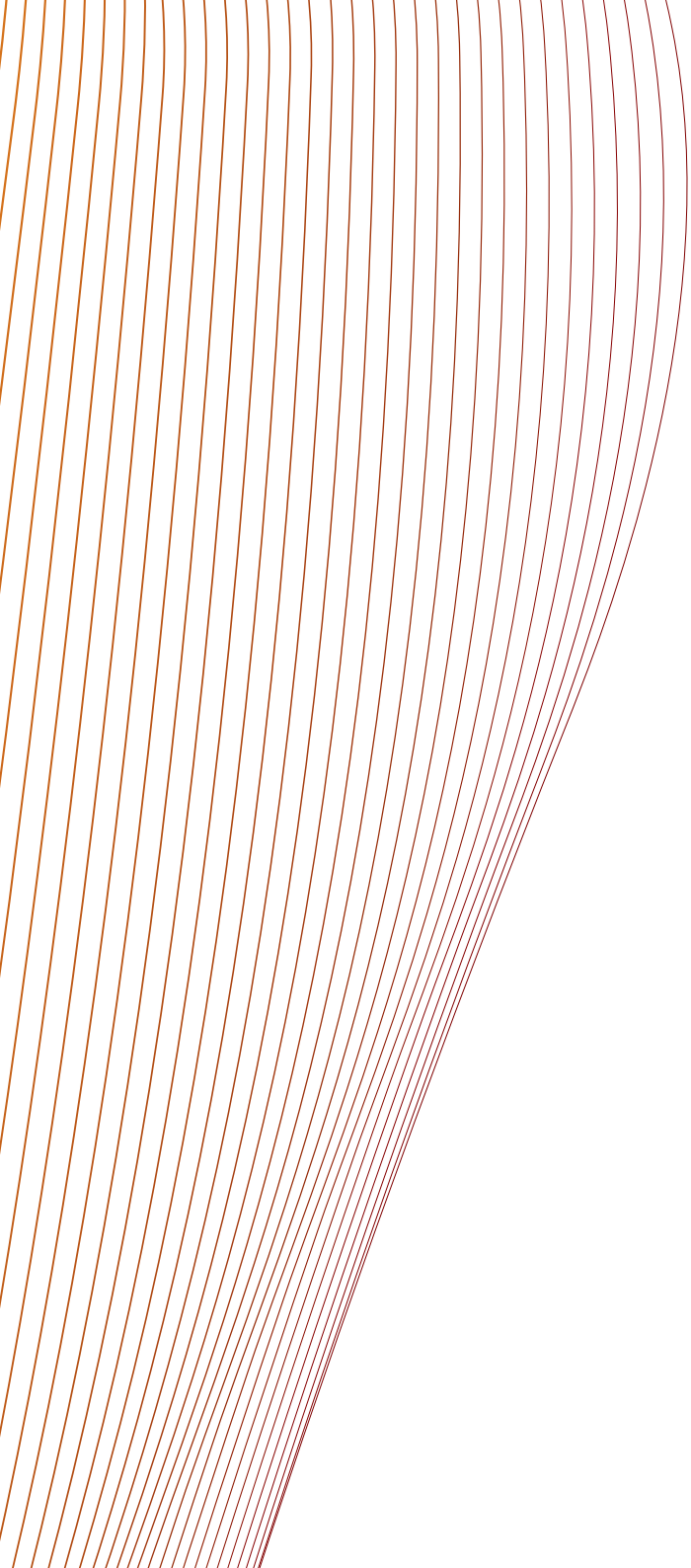
outubro

Maria, Estrela da
Evangelização.

Paulo VI, *Evangelii
Nuntiandi*, 82.

- Maria, primeira discípula e primeira evangelizadora
 - Maria – uma vida que mostra Cristo
Os Santuários marianos como focos de evangelização
 - Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos,
para guiar e confortar os mensageiros do Evangelho
João Paulo II
 - Maria fortalecida no Pentecostes para anunciar o Evangelho da Salvação
 - Maria, modelo de consagração à missão
João Paulo II
-

I. PERSPETIVAS DO 7.º CICLO



O Senhor fez maravilhas: Maria na história da Salvação

— António Couto

«Só Ele fez grandes maravilhas» (Sl 136, 4).

*«Engrandece a minha alma o Senhor,
e exulta o meu espírito em Deus,
o meu Salvador» (Lc 1, 46-47).*

1. Entremos pela porta da recitação do rosário...

Olhar para o título acima é estender o fio da história salva diante dos nossos olhos e dependurar nele, como a minha mãe estendia ao vento a roupa lavada para secar, rostos e acontecimentos marcantes, encontrados por Deus, reunidos por Deus, salvos por Deus. Porém, como é longa e bela a história que em cada dia sai da mão de Deus, sem, todavia, deixar de estar na mão de Deus, impõe-se da parte de quem recebe e pega nesta história, sem nada perder de vista, que se dedique ao trabalho belo, harmonioso e minucioso de transformar figuras e acontecimentos em miniaturas. Não apenas para possibilitar que

1. Trata-se, no caso da *h^arizab*, do interessante e interminável procedimento midráshico de leitura levado a cabo pelos rabinos, e que consiste em juntar harmonicamente, como as contas num colar, numa pulseira ou num rosário, textos ou peças que se reclamem quer por motivos sonoros, literários ou de conteúdo, não longe da nossa prática intertextual. A. C. AVRIL, P. LENHARDT, *La lettura ebraica della Scrittura*, Bose, Qiqayon, 2.ª ed., 1989, p. 45-47; R. VIGNOLO, *Il Libro e la Terra. La torah mosaica nella storia deuteronomistica*, in *Teologia*, 26, 2001, p. 199-201.

2. P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. I. Essai de lecture*, Paris, Seuil, 1976 (nova impressão, 2000), p. 149.

3. P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps. Essais bibliques*, Paris, Cerf, nova ed. aumentada, 1992, p. 238-240.

tudo fique lado a lado e em simultâneo ao alcance da nossa vista, mas também para podermos transportar connosco, com carinho, como num colar ou numa pulseira ou num rosário ou numa ladainha, em formato portátil, essa *h^arizab* de maravilhas¹, que são a nossa riqueza, família e identidade.

Este procedimento de miniaturar os relatos significa que, para o miniaturista, todo o passado, desde o começo, desde a *archê*, desde o *re'shît*, se torna presente, portátil e recitável, saboroso, nosso, convivial, recitável desde hoje², em que a todos nos é dado saborear os frutos outra vez dados (cf. Gn 1, 29b) ou o pão a todos outra vez oferecido (cf. Gn 1, 29a) sobre a nossa mesa, como se pode ver nos chamados “credos históricos” de Gerhard von Rad, também chamados “prólogos históricos” em situações de aliança, ou “módulos narrativos”, como prefere chamar-lhes Paul Beauchamp (cf. Dt 26, 5-10; Js 24, 2-13; Sl 136), em que a recitação termina (ou começa?) com o colher dos frutos (Dt 26, 9-10; Js 24, 13) e o repartir do pão (Sl 136, 25)³, situação de harmonia por Deus restabelecida depois da rutura de Gn 3, 24 e de muito chão poeirento percorrido. Mas o melhor é mesmo servi-los ao leitor, para tudo se tornar mais familiar e compreensível. Começamos pelo Deuteronomio, em quem, em meia dúzia de versículos, se verifica o encastelamento da vida seminómada, do Egito (opressão e libertação), da dádiva da terra, e dos frutos dados:

«26,^{5b} Meu pai era um arameu errante; desceu ao Egito e habitou lá com poucas pessoas, e lá se tornou um povo grande, forte e numeroso. ⁶Os Egípcios, porém, maltrataram-nos e humilharam-nos, e puseram sobre nós uma dura servidão. ⁷Clamámos, então a YHWH, Deus dos nossos pais, e YHWH ouviu a nossa voz, e viu a nossa miséria, o nosso sofrimento e a nossa opressão. ⁸E YHWH fez-nos sair (*hòtsî*) do Egito com mão forte e braço estendido, com grande temor e sinais e prodígios, ⁹e fez-nos

vir para este lugar, e deu-nos esta terra, uma terra onde corre leite e mel. ¹⁰E agora (*w^e‘attah*) eis que venho com as primícias dos frutos do solo, que Tu me deste, YHWH...» (Dt 26, 5b-10a).

O relato de Josué é mais completo e detalhado: começa além do Eufrates, com Abraão, a que se segue o Egito (opressão e libertação), o deserto, a Terra prometida e dada, os frutos dados:

«**24**,^{2b}Do outro lado do Rio habitaram outrora os vossos pais, Taré, pai de Abraão e pai de Nahor, e serviram outros deuses. ³E tomei o vosso pai Abraão do outro lado do Rio, e fiz que ele andasse toda a terra de Canaã, e multipliquei a sua descendência, e dei-lhe Isaac. ⁴E dei a Isaac Jacob e Esaú, e dei a Esaú a montanha de Seir em herança. Jacob e os seus filhos desceram ao Egito. ⁵E enviei Moisés e Aarão, e feri o Egito com o que fiz no meio dele, e depois fiz-vos sair (*bôtsi*). ⁶Eu fiz sair (*bôtsi*) os vossos pais do Egito e chegaram ao mar; e perseguiram os egípcios atrás dos vossos pais com carros e cavaleiros até ao mar dos Juncos. ⁷E clamaram a YHWH, e pôs uma nuvem espessa entre vós e os egípcios e fez vir sobre eles o mar, e cobriu-os. Os vossos olhos viram o que Eu fiz aos egípcios, e vós habitastes no deserto por muitos dias. ⁸E fiz-vos entrar na terra dos Amorreus que habitavam do outro lado do Jordão, e eles combateram contra vós, e Eu dei-os nas vossas mãos, e habitastes a terra deles, pois os destruí diante de vós. ⁹E levantou-se Balaq, filho de Sefor, rei de Moab, e fez guerra contra Israel, e mandou chamar Balaão, filho de Beor, para vos amaldiçoar. ¹⁰E Eu não quis ouvir Balaão, e ele teve de vos abençoar, e Eu vos salvei da mão dele.

¹¹E atravessastes o Jordão para entrar em Jericó, e fizeram guerra contra vós os chefes de Jericó – amorreus e ferezeus e cananeus e heteus e gergeseus e heveus e jebuseus –, e Eu dei-os nas vossas mãos. ¹²E enviei diante de vós vespas, e expulsaram da vossa presença os dois reis amorreus, o que não debes nem à tua espada nem ao teu arco. ¹³Dei-vos uma terra que não trabalhastes, e cidades que não construístes e em que habitais, vinhas e olivais que não plantastes e de que comeis» (Js 24, 2b-13).

Faz-nos bem entrar pelo Salmo 136, e cantar este amor fundador, que nos leva desde a Criação, passando pelo Egito (opressão e libertação), pelo mar e pelo deserto, até à Terra prometida e dada, chegando até nós e ao pão sobre a nossa mesa repartido:

¹Dai graças (*hòdû*) ao Senhor, porque Ele é bom,
Porque é eterno o seu amor (*hesed*).

²Dai graças (*hòdû*) ao Deus dos deuses,
Porque é eterno o seu amor.

³Dai graças (*hòdû*) ao Senhor dos senhores,
Porque é eterno o seu amor.

⁴Só Ele fez grandes maravilhas (*niphla'òt g'dolòt*),
Porque é eterno o seu amor.

⁵Ele fez os céus com sabedoria,
Porque é eterno o seu amor.

⁶Ele firmou a terra sobre as águas,
Porque é eterno o seu amor.

⁷Ele fez os grandes luzeiros,
Porque é eterno o seu amor.

⁸O sol para governar o dia,
Porque é eterno o seu amor.

⁹A lua e as estrelas para governar a noite,
Porque é eterno o seu amor.

- ¹⁰Ele *feriu* os primogénitos do Egito,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹¹Ele *fez sair* Israel do meio deles,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹²Com mão forte e com braço estendido,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹³Ele *abriu ao meio* o mar dos juncos,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁴Ele *fez passar* Israel no meio dele,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁵Ele *afundou* o Faraó e o seu exército,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁶Ele *conduziu* o seu povo no deserto,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁷Ele *feriu* grandes reis,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁸Ele *matou* reis poderosos,
Porque é eterno o seu amor.
- ¹⁹Seon, rei dos amorreus,
Porque é eterno o seu amor.
- ²⁰E Og, rei de Basan,
Porque é eterno o seu amor.
- ²¹Ele *deu* a terra deles em herança,
Porque é eterno o seu amor.
- ²²Em herança a Israel, seu servo,
Porque é eterno o seu amor.
- ²³Na nossa humilhação, *recordou-se* de nós,
Porque é eterno o seu amor.
- ²⁴E *livrou-nos* dos nossos opressores,
Porque é eterno o seu amor.

²⁵Ele **dá** alimento a todos os seres vivos,
Porque é eterno o seu amor.

²⁶Dai graças (*hōdû*) ao Deus dos céus,
Porque é eterno o seu amor.

4. E. S. GERSTENBERGER,
Psalms, Part 2, and
Lamentations, Grand Rapids,
Eerdmans, 2001, p. 385.

5. E. S. GERSTENBERGER,
Psalms, Part 2, p. 385.

6. L. ALONSO SCHÖKEL,
C. CARNITI, *Salmos.*
II. (Salmos 73-150).
Traducción, introducciones
y comentario, Estella, Verbo
Divino, 1999, p. 1557.

7. E. S. GERSTENBERGER,
Psalms, Part 1, with an
Introduction to Cultic
Poetry, Grand Rapids,
Eerdmans, 2.ª edição, 1991
(1.ª ed., 1988), p. 18.

8. Esta bela e incisiva
argumentação pode
ver-se em R. DAVIDSON,
The Vitality of Worship.
A Commentary on the
Book of Psalms, Grand
Rapids – Edimburgo,
Eerdmans – The Handsel
Press, 1998, p. 438.

Os vv. 1-3 compõem a Introdução, em que se ouvem três imperativos na 2.ª pessoa do plural: «Dai graças» (*hōdû*), seguidos de três títulos de Deus. A forma verbal em imperativo só volta a aparecer no último versículo (v. 26), que é a Conclusão do Hino. Entre os três imperativos da Introdução e o da Conclusão, restam 22 versículos, um número que dá nas vistas, pois traz à memória as 22 letras do alfabeto hebraico⁴. As demais formas verbais que, por 16 vezes, enunciam no poema os motivos do louvor encontram-se no indicativo (7) ou no participípio (9); é o chamado participípio hínico. Os 8 primeiros participípios encontram-se solenemente aumentados com o prefixo ou preposição *l*^e (vv. 4-7.10.13.16-17)⁵, e evocam as obras realizadas por Deus no passado em nosso favor (vv. 4-24). A função dos referidos participípios hínicos é quase converter em título uma ação: alguém que salvou é salvador, alguém que fez é fazedor, alguém que dá é dador⁶. É como quem louva YHWH, dizendo: «Ele que fez», «Ele que salvou», «Ele que deu»...⁷. O v. 4, que abre este corpo e o titula todo, diz de Deus que «só Ele fez grandes maravilhas». Os vv. 23-24 trazem para a cena um interessante nós⁸, que nos implica e compromete, e não nos deixa apenas do lado de fora, e fora do tempo, como quem se limita a passar em revista pedaços de uma bela história cheia das maravilhas de Deus, guardados na gaveta. Esta é a maneira de nós nos identificarmos com a história acabada de recitar, como quem diz: «Esta é a nossa história! Esta é a história que define a nossa vida». É assim que o Deuteronómio insiste que «YHWH, nosso Deus,

fez connosco uma aliança no Horeb, e que YHWH não fez esta aliança com os nossos pais, mas connosco, connosco que estamos hoje aqui todos vivos» (Dt 5, 2-3). A fé nunca mora no passado. Vive e atua sempre no presente. Uma única forma verbal se encontra no particípio simples, sem a preposição *l'*, (v. 25)⁹, e é para dizer de Deus que «Ele dá alimento a todos os seres vivos». É onde estamos HOJE e como estamos HOJE. Na Casa de Deus. À Mesa de Deus. É aqui, à mesa, ao pão repartido, que chega o poema, ou é daqui que parte todo este imenso e intenso Hino de Louvor? Em termos lineares é ao pão que chega esta bela recitação. Mas, na verdade, a recitação começa com o pão, que está sobre a mesa, antes do Salmo¹⁰. Não, não é simplesmente o pão dado por Deus no final do relato da criação (cf Gn 1, 29a). É o pão dado por Deus depois da travessia, por vezes poeirenta e dolorosa, das páginas da história¹¹. É, portanto, “este pão” concreto, enquadrado num relato concreto. E “este pão” diz respeito a todos os seres vivos (*kol-basar*); portanto, também aos pretensos inimigos, também eles objeto da providência de Deus e da comunhão da minha mesa¹². É então verdade que partilhar “este pão” é dar a minha vida, é partilhar a minha história e o sentido que eu lhe dou¹³. Por isso, partilhar “este pão” é também recitar a história «deste pão», o relato “deste pão”. E toda a gente sabe que o relato *re-lata*, isto é, põe em relação, une, reúne, enlaça, entrelaça. E *re-lata*, isto é, põe em relação, une, reúne, enlaça, entrelaça duplamente: primeiro, porque faz uma relação dos acontecimentos; segundo, porque põe em relação o narrador e o narratário¹⁴. Então, partilhar “este pão” e recitar ou relatar a sua história leva-nos verdadeiramente a nascer juntos como irmãos. É então verdade dizer com Jesus e como Jesus, condensando séculos e reunindo gerações: «Este pão é o meu corpo, dado, a minha vida dada...». Mas que história incrível se abre aqui...

9. E. S. GERSTENBERGER, *Psalms, Part 2*, p. 385.

10. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, Paris, Seuil, 1980 [nova impressão, 2001], p. 197.

11. P. BEAUCHAMP, *Psaumes nuit et jour*, p. 196-197.

12. S. TERRIEN, *The Psalms. Strophic Structure and Theological Commentary*, Grand Rapids, Eerdmans, 2003, p. 863.

13. P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. II. Accomplir les Écritures*, Paris, Seuil, 1990, p. 382.

14. P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 283.

P. BEAUCHAMP, *Pages exégétiques*, Paris, Cerf, 2005, p. 426.

2. Reaberta por Deus, que nos arrasta com ternura (Jr 31, 3)

15. P. BEAUCHAMP,
*Le récit, la lettre et
le corps*, p. 236.

Receber uma palavra nova que nasce entre nós, recitar o mesmo relato, receber o mesmo fruto e partilhar o mesmo pão faz-nos renascer como irmãos¹⁵, não já filhos do sangue, mas da liberdade, passar do paradigma da autonomia para o da heteronomia, sem que esta asfixie aquela, mas antes a alimente, estimule e dinamize, da autoconsciência fechada e só para a heteroconsciência aberta e agradecida, da auto-libertação por nós programada e levada a cabo para a hetero-libertação vinda de fora por graça recebida.

Refreemos um pouco o passo para podermos receber, saborear e digerir, recitar, estes importantes retalhos. Ao contrário do que habitualmente se pensa, a heteronomia, não só não é a negação da autonomia, como é mesmo, em muitos casos, instituidora de autonomia. Por exemplo, o aluno que aprende do professor a fonética e a gramática não só não vê aí comprometida e diminuída a sua autonomia, como a vê até desenvolver-se e florescer na capacidade de falar e de comunicar. E o mesmo sucede com o corpo, que depende do alimento exterior, não para ver degradada e alienada a sua autonomia, mas para a ver fortalecida e desenvolvida. Do mesmo modo que o filho gerado pelos seus pais não vê essa realidade como negativa, mas antes vê aí a condição feliz da sua vida e realização¹⁶.

Assim, quando frequentamos as páginas vertiginosas da Escritura, somos levados a verificar que a consciência humana não é tanto a autoconsciência curricular daquilo que eu fiz ou faço, mas é sobretudo a heteroconsciência daquilo que por amor me é feito e que eu sou HOJE chamado a reconhecer¹⁷, no duplo sentido de “conhecer” e de “agradecer” (*denken ist danken*)¹⁸, sendo este o terreno fértil e feliz da recitação.

16. C. DI SANTE,
Responsabilità. L'io-per-l'altro,
Roma – Fossano, Lavoro –
Esperienze, 1996, p. 54-55.

C. DI SANTE, *Lo straniero
nella bibbia. Saggio
sull'ospitalità*, Troina, Città
Aperta, 2002, p. 98.

17. C. DI SANTE,
La rinascita dell'utopia, Roma,
Lavoro, 2000, p. 17.

18. C. DI SANTE, *Bibbia,
la grande storia. Trama
narrativa e tematica*, Assis,
Cittadella, 2006, p. 92.

E no que respeita à libertação, também somos levados a constatar que não se trata tanto de uma ação de autolibertação, que provém de dentro de nós, do interior de uma situação de opressão e de acordo com um projeto ou um guião por nós organizado¹⁹. Na verdade, o acontecimento fundador e paradigmático do Êxodo, lido ao longo das páginas da Escritura, fala sempre de uma heterolibertação, no sentido de que vem de fora, de Outro e de além de nós, pelo que não fomos nós que nos libertámos, mas fomos libertados²⁰. Saímos e nascemos: o mesmo verbo hebraico (*yatsa'*) diz esta dupla realidade²¹.

19. C. DI SANTE, *Bibbia, la grande storia*, p. 85.

20. C. DI SANTE, *Bibbia, la grande storia*, p. 85.

21. U. TERRONNI, «Buono è il Signore» (*Sal 103,8. Il messaggio biblico della misericordia*, Bolonha, Dehoniane, 2008, p. 86.

3. Minha força e meu canto é o Senhor

É evidente que todo o envolvimento neste trabalho de miniaturar supõe e requer no miniaturista a presença prevenida e eficiente do amor. Na verdade, miniaturar ou «recitar é um prazer»²², e, se prazer não for, então quer dizer que o friso seletivo de acontecimentos e figuras é estéril e vão, que pode fornecer substância histórica apenas para saber, mas não energia e alegria para crer e gerar vida nova, “este pão” para comer²³. Sem a presença da graça e do amor, fica-nos na mão apenas a gesta heroica da areia das nossas conquistas e a sequência cronológica dos acontecimentos da nossa história dispostos em fila indiana, mas nada nos fica no coração, nada haverá para compor (*sybállô*) (Lc 2, 19)²⁴ e cantar ou recitar como Maria, cuja toada podemos agora ouvir e viver serenamente:

22. P. BEAUCHAMP, *Conférences. Une exégèse biblique*, Paris, Éditions Facultés Jésuites de Paris, 2004, p. 41.

23. P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 235.

24. É o belo trabalho de Maria em Lc 2, 19. *Sym-bállô* = com-pôr, pôr em conjunto, fazer uma com-posição, juntando elementos com arte e com alma, buscando o sentido daquelas palavras e acontecimentos. BENTO XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini* [2010], n.º 27. B.

MAGGIONI, *Il racconto di Luca*, Assisi, Cittadella, 3.ª reprodução, 2009, p. 62.

1,⁴⁶(...)“ENGRANDECE (*megalýnei*) a minha alma o SENHOR (*tòn kýrion*),

⁴⁷e EXULTOU (*égallíasen*: aor. de *agallíô*) o meu espírito em DEUS, O MEU SALVADOR (*tô sôtêrî mou*),

⁴⁸porque ELE OLHOU (*epiblêpô*) para a humildade da Sua serva (*doúlê*).

Na verdade, desde agora me dirão bem-aventurada (*makaría*) todas as gerações,

⁴⁹porque FEZ (*epoiêsen*) em mim grandes coisas (*megála*) o TODO-PODEROSO, e SANTO é o Seu NOME.

⁵⁰E o Seu AMOR MISERICORDIOSO (*éleos*) por gerações e gerações,

para aqueles que O temem.

⁵¹FEZ força com o Seu braço,

DISPERSOU os soberbos no pensamento do seu coração.

⁵²DEPÔS os poderosos dos tronos, e EXALTOU os humildes.

⁵³Os famintos ENCHEU de bens, e os ricos DESPEDIU de mãos vazias.

⁵⁴VEIO EM SOCORRO de Israel, seu servo,

LEMBRANDO-SE do Seu AMOR MISERICORDIOSO (*éleos*),

⁵⁵como FALOU (*elálêsên*: aor. de *lalêô*) aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre”» (Lc 1, 46-55).

O propósito de Maria fica expresso no exórdio ou prelúdio da sua recitação (vv. 46-47), em que, por um hábil efeito de sobrecarga, é posto em relevo o título de “Salvador” (*sôtêr*) atribuído a Deus (*ho Theós*) (v. 47)²⁵. A posição de relevo do título assinalado advém-lhe do facto de ele estar apenas presente no final do segundo estíquio ou segundo membro do verso, não se encontrando um título correspondente na frase

25. D. GERBER, «Il vous est né un Sauveur». *La construction du sens sotériologique de la venue de Jésus en Luc-Actes*, Genebra, Labor et Fides, 2008, p. 53.

paralela do primeiro estíquio ou primeiro membro do verso. Com este procedimento, fica logo exposto desde o princípio que o propósito da recitação jubilosa de Maria é o agir salvador de Deus²⁶ que enche a inteira vida de Maria (vv. 48-49), da humanidade em geral (vv. 50-53) e de Israel (vv. 54-55)²⁷. Além da sua utilização aqui para caraterizar as intervenções salvadoras de Deus, o título de “Salvador” (*sôtêr*), na inteira obra lucana, só será utilizado mais três vezes, para qualificar a ação igualmente salvadora verificável na pessoa e obra de Jesus (cf. Lc 2, 11; At 5, 31; 13, 23)²⁸.

Uma tal condensação da ação salvadora de Deus, trazida até aqui, serve para fundar e motivar a nossa resposta²⁹, a resposta que Maria já deu no relato da Anunciação (cf. Lc 1, 38). Sim, a Deus cabe a salvação. A Deus cabe fazer as maravilhas. A Maria e a nós cabe contemplá-las, compô-las e cantá-las. A Maria e a nós cabe a resposta adequada. Por isso também, no seu belo cântico do *Magnificat*, Maria não se canta a si mesma nem tão-pouco se demora a contemplar a ação salvadora de Deus sobre si mesma. Ela sabe passar rapidamente, como num ágil salto de gazela, do “eu” para o “nós”, como se pode ver passando do v. 49 para o v. 50³⁰. Mas também não pode deixar de se reparar que Maria anuncia Deus em ação no futuro que aí vem (v. 50), mas vê-se logo que este futuro aparece recitado no passado (vv. 51-55)³¹, não como “reliquia”, passado morto e alienante guardado na gaveta, mas como trampolim, como “memorial”, para uma nova oração, para uma nova comunhão, para uma nova refeição³², com um fruto novo para receber e partilhar, o fruto bendito do ventre de Maria (cf. Lc 1, 42).

Nos episódios seguidos da Anunciação (Lc 1, 26-38) e da Visitação (Lc 1, 39-45) e da recitação do *Magnificat* (Lc 1, 46-55), Lucas mostra Maria revestida com o traje e o coração da verdadeira discípula de Cristo, cumprimento e superação do Israel da Esperança³³. Ela representa bem o Israel do deserto,

26. D. GERBER, «*Il vous est né un Sauveur*», p. 53.

27. Kl. STOCK, *La Buona Notizia portata da Maria*, Roma, AdP, 2009, p. 11.

28. D. GERBER, «*Il vous est né un Sauveur*», p. 54.

29. Y. H. YERUSHALMI, *Zakhor*, Parma, Pratiche, 1983, p. 23-26.

M. R. CAPPELLINI, *André Neher e l'ermeneutica biblica*, in *Studia Patavina*, 46, 1999, p. 110.

30. É. BABUT, *Mais alors, que fait Dieu? Une Parole adressée*, Paris, Cerf, 2002, p. 35.

31. É. BABUT, *Mais alors, que fait Dieu?*, p. 35.

32. M. R. CAPPELLINI, *André Neher e l'ermeneutica biblica*, in *Studia Patavina*, 46, 1999, p. 111.

33. B. FORTE, *Maria, la donna icona del mistero. Saggio di mariologia simbolico-narrativa*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 6.ª ed., 2011, p. 76.

da opressão e do exílio, os pobres de YHWH ou ‘*anawîm*, Judite e Ana, mãe de Samuel (1Sm 2, 1-10), os oprimidos e os exilados, a filha de Sião, tantas vezes cantada pelos Profetas, ao mesmo tempo que continua a «arrastar com ternura» gerações e gerações de crentes, e de homens, mulheres e crianças destes tempos enevoados que buscam uma nova luz e uma nova aurora³⁴. Também Maria, a “compositora” e recitadora, traz consigo uma longa história, que culmina com “este fruto” ou “este pão” para partilhar.

34. A. COUTO, *Maria, Mãe de Misericórdia, Mulher Eucarística*, in *Lumen*, 77, 2016, p. 49-59.

4. Na noite em que Ele ia ser entregue, recebeu o pão...

A Deus cabe operar a salvação. A Deus cabe fazer as maravilhas. A Maria e a nós cabe contemplá-las, “compô-las” e cantá-las, fazê-las chegar a “este fruto”, a “este pão”. Fazê-las chegar ou fazê-las começar? Já sabemos que a recitação ou o relato *relata*, põe em relação, une, reúne, enlaça, entrelaça pessoas e acontecimentos. O anúncio da Ressurreição desencadeia dois relatos: para trás, até à origem, e para a frente, até ao cumprimento. Ninguém está ausente. Estamos todos presentes, não dispersos e perdidos por múltiplas páginas, mas todos unidos e reunidos, lado a lado, na mesma página, como Abraão e Jesus (Jo 8, 56). Somos todos contemporâneos do Ressuscitado. Implicados nele e explicados por Ele. Até que seja em nós verdade dizer, com a Primeira Carta de S. João: «Nós acreditámos no amor» (1Jo 4, 16)³⁵. Ou com S. Paulo e com a Anáfora III: «Na noite em que Ele ia ser entregue, recebeu o pão, e dando graças (*eucharistêsas*), partiu-o (*éklasen*) e disse: “Este pão é o meu corpo, que é para vós; isto fazei para memória de mim”....» (1 Cor 11, 23): assim começa a mais bela melodia que conheço!³⁶.

35. P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 318.

36. A. COUTO, *Uma palavra é melhor do que um presente*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2.ª ed. revista, 2009, p. 149.

Aí está Jesus, o Verbo de Deus, que se abreviou (cf. Is 10, 23 LXX; Rm 10, 28), como dizem bem os antigos Padres da Igreja e o Papa Bento XVI, que se fez pequeno para caber num ventre de mulher, numa manjedoura³⁷, que se fez este pão para caber na nossa mão.

37. BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini* [2010], n.º 12.

Nesta novíssima recitação está tudo concentrado no nome e no rosto de Jesus, estamos todos concentrados e reunidos “neste fruto” e “neste pão”. Nada nem ninguém se perdeu. Tudo foi salvo. Está aí, sobre o altar, no Verbo de Deus, a história bíblica toda. Na verdade, «tudo foi feito por meio d’Ele» (Jo 1, 3), e «n’Ele tudo foi criado» (Cl 1, 16), e «não há salvação em nenhum outro» (At 4, 12).

Aí fica então, para melhor o podermos admirar, o retrato jovem, leve e belo da comunidade primitiva, traçado no Livro dos Atos dos Apóstolos, e que nos ensina a fazer uma nova história com este pão:

«2,⁴²Eram perseverantes no ensino dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e na oração. [...] ⁴⁴Todos os que acreditavam estavam no mesmo lugar e tinham tudo em comum. [...] ⁴⁶Dia após dia eram perseverantes unanimemente no Templo, e partiam o pão em cada casa, tomando o alimento com alegria grande (*aggalíasis*) e simplicidade de coração, ⁴⁷louvando a Deus e tendo graça (*cháris*) junto de todo o povo. E o Senhor acrescentava dia após dia o número dos que estavam a ser salvos» (At 2, 42.44.46-47).

Os seus alicerces estão em Deus, a sua respiração na oração e recitação, o seu estilo de vida na fraternidade reunida à volta “deste pão” e da comunhão.

5. Fátima, modo e lugar de recitação das maravilhas de Deus

De há cem anos a esta parte que Fátima mostra ao mundo as maravilhas que Deus fez e faz no meio dos caminhos poeirentos da humanidade. Como há cem anos atrás, de Fátima continua a elevar-se um grito, que desvenda a história escura e o coração empedernido e esclerosado dos homens, e deixa entrever um novo sol no meio dos grãos de chuva que, ao mesmo tempo, turvam e lavam o olhar. Em Fátima, encontramos Maria, as crianças, as ovelhas mansas, a oração, a conversão, as contas do rosário, os segredos profundos da guerra e da paz. Em Fátima, encontramos Jesus, o Filho de Maria, «fruto bendito do seu ventre», Verbo de Deus abreviado neste pão novo, neste corpo dado. Aqui se vai reunindo a humanidade ferida e faminta à volta deste pão, e da história saborosa que a partir dele se conta. Que a partir dele Maria compõe (*sybállô*), canta e conta.

Fátima pode ser lugar de encontro e recitação à volta de Maria e deste pão, como o foram os lugares referidos no princípio deste estudo, em que umas vezes Israel comia o pão dos inimigos, outras vezes comiam os inimigos o pão de Israel. Repartir este pão, recitar a sua história, nascer juntos como irmãos, eis um belo e imenso programa para todo um ano pastoral vivido e celebrado no e desde o Santuário de Fátima. É importante a notícia. A notícia leva o Evangelho e une o anunciador e o destinatário. Mas é o relato que constrói a Igreja³⁸. O relato que nasce deste pão, fruto bendito do ventre de Maria. O relato que decorre deste pão é sempre um caminho longo e lento e belo e saboroso, que desvenda o verdadeiro sentido dos fios da história, os caminhos do amor. A originalidade da Igreja não é tanto anunciar o Amor. É relatá-lo!

38. P. BEAUCHAMP,
*Le récit, la lettre et
le corps*, p. 307.

A devoção mariana na Igreja

— José Manuel Cordeiro

A devoção mariana na Igreja é um inestimável tesouro que nunca se pode desligar da dimensão cristológica, isto é, do mesmo e único mistério de Cristo. Por isso, ao afirmar o primado da Liturgia na vida eclesial, «cume para o qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua energia»¹, o II Concílio do Vaticano recorda, «no entanto, a vida espiritual não se limita apenas à participação na sagrada Liturgia»².

As mesmas determinações conciliares orientam a compreensão teológico-pastoral: «importa, porém, ordenar essas práticas tendo em conta os tempos litúrgicos, de modo que se harmonizem com a sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela, e a ela, que por sua natureza é muito superior, conduzam o povo»³. A Tradição da Igreja mostra que «a devoção mariana manter-se-á sempre na tensão entre a racionalidade teológica e a afetividade crente»⁴. O equilíbrio dinâmico entre a teologia litúrgica e a piedade mariana «impõem-se como uma aventura, mas também como um desafio, como uma exigência para a reflexão teológica. A teologia deve deixar-se visitar por essas experiências tão profundamente humanas e eclesiais. E, por sua vez, as devoções populares devem ser visitadas pela teologia. Nesse encontro produz-se a surpresa. O núcleo da Mensagem de Fátima reflete, de diferentes pontos de vista, o próprio coração da revelação»⁵.

1. *Sacrosanctum Concilium* (=SC) 10.

2. SC 12.

3. SC 13.

4. J. RATZINGER, *Maria, Chiesa nascente*, Cinisello Balsamo 1998, 27.

5. ELOY B. DE LA FUENTE, *A mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*, Fátima 2014, 17.

A presente reflexão revisita a presença de Maria no Ano Litúrgico e na geografia da piedade mariana, porque o modelo perfeito da espiritualidade e do apostolado «é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levando, na terra, uma vida semelhante à do comum dos homens, cheia de cuidados domésticos e de trabalhos, a todo o momento se mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador; agora, elevada ao céu, “cuida com amor materno dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, peregrinam ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada”. Prestem-lhe todos um culto cheio de devoção e confiem à sua solicitude materna a própria vida e apostolado»⁶.

6. *Apostolicam Actuositatem* 4.

1. Maria no Ano Litúrgico

O Concílio de Éfeso (431) com a declaração de Maria “Mãe de Deus” foi um marco decisivo para a história do culto mariano. Foi a partir desta altura que algumas festas marianas se radicaram na Liturgia da Igreja.

A Liturgia celebra o mistério de Cristo e venera a Mãe do Salvador, porque a Virgem Maria está sempre unida a seu Filho. Na verdade, «quando se completou o tempo previsto, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos» (Gal 4, 4-5). O II Concílio do Vaticano apresenta Maria como imagem, tipo e exemplo da Igreja e celebra-a no decorrer do ciclo anual da Liturgia. Com efeito, «na celebração deste ciclo anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, porque indissoluvelmente unida à obra de salvação do seu Filho,

a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser»⁷.

7. SC 103.

O mesmo Concílio, depois de ter exposto a doutrina católica sobre a veneração a prestar a Maria, «recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico»⁸. O princípio fundamental é que todas as festas de Maria são festas de Cristo e nascem da Páscoa. De facto, a celebração litúrgica da Virgem Maria tem uma profunda ligação a Cristo, porque a Liturgia da Igreja realiza por meio de sinais sensíveis o mistério de Cristo.

8. *Lumen Gentium* (=LG) 67.

O fundamento teológico-litúrgico das festas de Maria na celebração do mistério de Cristo deriva, pois, da sua participação íntima na história da salvação através da sua presença ativa nos mistérios da vida de Cristo. É o reconhecimento de que Cristo veio a nós, na plenitude do tempo, por meio de Maria.

No tempo do Advento, a Igreja contempla Maria como a Filha eleita da estirpe de Israel e recorda o mistério da Anunciação e da Visitação à sua prima Isabel e os episódios relativos ao nascimento de Cristo e do seu precursor. Na solenidade da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro, a Igreja canta as maravilhas que Deus operou em Maria e aprofunda as razões deste dogma mariano, proclamado em 1854 pelo Papa Beato Pio IX. Assim se reza no prefácio próprio deste dia: «Vós a preservastes de toda a mancha do pecado original, para que, enriquecida com a plenitude da vossa graça, fosse a digna Mãe do Vosso Filho. Nela destes início à santa Igreja, esposa de Cristo, sem mancha e sem ruga, resplandecente de beleza e santidade. Dela, Virgem puríssima, devia nascer o Vosso Filho, cordeiro inocente que tira o pecado do mundo.

Vós a destinastes, acima de todas as criaturas, a fim de ser, para o vosso povo, advogada da graça e modelo de santidade».

Maria é o modelo da preparação para acolher o Salvador que vem «a fim de nos encontrar vigilantes na oração e celebrando os seus louvores»⁹. Os mistérios da infância de Jesus e das suas primeiras manifestações, celebrados no tempo do Natal, levam a Igreja a venerar Maria como a Mãe de Deus e Mãe do Salvador. Neste tempo, além da celebração da epifania do Senhor e a sua apresentação no Templo, a Igreja admira Maria no mistério da vida silenciosa em Nazaré.

O tempo do Natal constitui uma prolongada memória da maternidade divina. Por tal, a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, fixou-se a 1 de janeiro, dia da oitava do Natal. A Igreja dedica o primeiro dia do ano civil a Maria, celebrando ao seu privilégio único e o seu título essencial de Mãe de Deus (*Theotokos*). A Liturgia canta-o com admiração: «oh admirável mistério! O criador do género humano, tornado corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da Sua divindade!»¹⁰.

No itinerário da Quaresma, Maria é exemplo de escuta da Palavra de Deus em ordem a uma conformação cada vez maior ao mistério da cruz. Ela é a perfeita discípula do Senhor, que O segue até à cruz.

Entretanto, a 25 de março, a Liturgia celebra a solenidade da Anunciação do Senhor, nove meses antes do Natal. No sublime mistério da Encarnação, a Virgem fiel concebe, pelo Espírito Santo, no útero, o Filho de Deus, que ao entrar no mundo disse: «Eis-Me aqui, ó Deus, para fazer a Tua vontade»¹¹. A consciência da Igreja sobre o mistério da Encarnação é constante, como se recita no Símbolo da fé: «e, por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus. E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem»¹².

9. MISSAL ROMANO, Prefácio Advento II.

10. LITURGIA DAS HORAS, Antífona da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus.

11. Hb 10, 7.

12. Símbolo Niceno-Constantinopolitano.

O mistério da Encarnação, no contexto da Anunciação, acontece no silêncio de Deus que por nosso amor desceu dos Céus. O acontecimento celebrado na Anunciação do Senhor manifesta a essência do culto cristão que é por sua natureza culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo ou, melhor, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

No Tempo Pascal, a Igreja contempla Maria na Ressurreição do Senhor e olha-a como fonte de luz e de vida. A sua presença no Cenáculo expressa a sua expectativa pelo dom do Espírito na Igreja nascente.

O longo período do Tempo Comum oferece uma série de festas e memórias e uma solenidade de Maria inserida no mistério de Cristo e da Igreja:

Solenidade: Assunção da Virgem Santa Maria (15 de agosto).

Festas: Natividade da Virgem Santa Maria (8 de setembro); Nossa Senhora de Lourdes (11 de fevereiro); Nossa Senhora de Fátima (13 de maio); Visitação da Virgem Santa Maria (31 de maio); Dedicação da Basílica de Santa Maria Maior (5 de agosto); A Virgem Santa Maria, Rainha (22 de agosto); Nossa Senhora das Dores (15 de setembro); Coração Imaculado de Maria (sábado depois da solenidade do Sagrado Coração de Jesus).

Memórias: Nossa Senhora do Carmo (16 de julho); Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro); Apresentação da Virgem Santa Maria (21 de novembro).

Dentre estas celebrações assume particular significado a solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, uma festividade que a tradição ofereceu à Igreja. A fé da Igreja no mistério da Assunção de Nossa Senhora manifesta-se no facto de há muitos séculos, nas diversas Igrejas do Oriente e do Ocidente, se celebrar esta festa. Em Roma conhece-se esta festa no século VI, no tempo do Papa Sérgio I, com o nome de *Dormitio Mariae*. Em 1849, chegaram à Santa Sé as primeiras petições para a proclamação do dogma e, em 1 de

novembro de 1950, o Papa Pio XII proclamou a verdade de fé da Assunção pela constituição apostólica *Munificentissimus Deus*.

A fundamentação bíblica para esta solenidade encontra-se em muitos textos, em especial na visão do Apocalipse, que realça: «um sinal grandioso apareceu no Céu: uma mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de estrelas na cabeça»¹³.

A Liturgia deste dia oferece-nos o sentido da plenitude e da bem-aventurança, da glorificação da alma imaculada e do corpo virginal de Maria com a sua total configuração a Cristo Ressuscitado. No prefácio diz-se da Virgem Mãe de Deus que foi elevada à glória do Céu: «Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante, Ela é sinal de consolação e esperança para o povo peregrino»¹⁴.

Além destas festividades, a Igreja propõe uma Coletânea de Missas constituída em dois volumes – o Missal e o Lecionário – para promover a genuína piedade mariana. O primeiro volume contém os textos eucológicos (Oração coleta, Oração sobre as oblatas, Prefácio e Oração depois da comunhão), as antífonas de entrada e da comunhão e, em apêndice, algumas fórmulas para a bênção solene no fim da Missa. O segundo volume recolhe as leituras bíblicas propostas para cada uma das Missas.

A estrutura da Coletânea de Missas insere-se no decorrer do Ano Litúrgico e para cada formulário de Missa apresenta-se uma introdução de índole histórica, litúrgica e pastoral, onde se releva o significado, a teologia e as suas fontes para favorecer a preparação da celebração eucarística.

O valor exemplar da Virgem Maria nas celebrações litúrgicas é, assim, sublinhado, nos preliminares da Coletânea: «a liturgia, herdeira da doutrina e da linguagem dos Santos Padres, para exprimir a exemplaridade da Virgem Santa Maria, utiliza vários termos: *exemplo*, principalmente quando quer salientar a sua santidade e apresentá-la aos fiéis como

13. Ap 12, 1.

14. MISSAL ROMANO, Prefácio da Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria.

fiel escrava do Senhor (cf. Lc 1, 38; 2, 48) e perfeita discípula de Cristo; *figura*, para indicar que a vida e a atitude de Maria – Virgem, Esposa e Mãe – prefiguram a vida da Igreja e guia os seus passos no caminho da fé e do seguimento do Senhor; *imagem*, para sublinhar que em Maria, já plenamente configurada com seu Filho, a Igreja “a contempla com alegria como puríssima imagem do que toda ela deseja e espera ser”.

Efetivamente, se quisermos redescobrir a relação íntima entre a Igreja e a Liturgia, em especial a Eucaristia, recorda São João Paulo II «não podemos esquecer Maria, Mãe e modelo da Igreja», e considerar Maria, a mulher “eucarística” na totalidade da sua vida, mesmo se, «à primeira vista, o Evangelho nada diz a tal respeito. A narração da instituição, na noite de Quinta-feira Santa, não fala de Maria. Mas sabe-se que Ela estava presente no meio dos Apóstolos, quando, «unidos pelo mesmo sentimento, se entregavam assiduamente à oração» (At 1, 14), na primeira comunidade que se reuniu depois da Ascensão à espera do Pentecostes. E não podia certamente deixar de estar presente, nas celebrações eucarísticas, no meio dos fiéis da primeira geração cristã, que eram assíduos à “fração do pão” (At 2, 42)»¹⁵.

15. JOÃO PAULO II,
Ecclesia de Eucharistia 53.

A Eucaristia, ao mesmo tempo que torna presente a Paixão e a Ressurreição, é um prolongamento da encarnação, constituindo a memória de um todo, ao que designamos de mistério pascal de Cristo. Se o binómio Igreja-Eucaristia é indivisível, é necessário encontrar a mesma relação entre Maria-Eucaristia nas nossas celebrações litúrgicas.

A centralidade do mistério de Cristo na Liturgia vincula as festas de Maria à sua mesma celebração no decurso do Ano Litúrgico. Um pequeno quadro ajuda a perceber o paralelismo da relação entre a celebração dos mistérios de Cristo com as festas de carácter mais mariano:

Mistério de Cristo	Festas marianas
Anunciação do Senhor	Imaculada Conceição
Natal do Senhor	Natividade de Maria
Apresentação do Senhor	Apresentação de Maria
Exaltação da Santa Cruz	Nossa Senhora das Dores
Páscoa-Ascensão do Senhor	Assunção aos Céus
Cristo, Rei do Universo	Nossa Senhora, Rainha
Sagrado Coração de Jesus	Imaculado Coração de Maria

2. A Piedade Popular

O Papa Francisco, ao reafirmar a força evangelizadora da piedade popular, escreveu: «as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização»¹⁶.

Segundo o *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia, Princípios e orientações* publicado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos: «A locução “piedade popular” designa aqui as diversas manifestações culturais de caráter privado ou comunitário que, no âmbito da fé cristã, se exprimem predominantemente não com os módulos da sagrada Liturgia, mas nas formas peculiares derivantes do génio de um povo ou de uma etnia e da sua cultura. A piedade popular, justamente considerada um “verdadeiro tesouro do povo de Deus”, manifesta uma sede de Deus que só os simples e os pobres podem conhecer; torna capazes de generosidade e de sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um sentido apurado dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa

16. FRANCISCO,
Evangelii Gaudium 126.

e constante; gera atitudes interiores raramente observadas noutra lugar no mesmo nível: paciência, sentido da cruz na vida diária, desapego, abertura aos outros, devoção».

Hoje, reconhece-se a “dignidade” da piedade popular, afastando-se a utopia de um cristianismo puro e evangélico. O próprio diretório afirma: «A realidade indicada com a locução “religiosidade popular” refere-se a uma experiência universal: tanto no coração de cada pessoa, como na cultura de cada povo e nas suas manifestações coletivas, está sempre presente uma dimensão religiosa. De facto, cada povo tende a exprimir a sua visão totalizadora da transcendência e a sua conceção da natureza, da sociedade e da história através de mediações culturais, numa síntese característica de grande significado humano e espiritual. A religiosidade popular não se reporta necessariamente à revelação cristã. Mas, em muitas regiões, exprimindo-se numa sociedade impregnada, de muitas maneiras, de elementos cristãos, dá lugar a uma espécie de “catolicismo popular”, em que coexistem, mais ou menos harmonicamente, elementos provenientes do sentido religioso da vida, da cultura própria de um povo, da revelação cristã».

A diferença entre piedade popular e religiosidade popular é abismal. A piedade popular move-se no âmbito da fé cristã; a religiosidade popular, pelo contrário, não se reporta necessariamente à revelação cristã.

Por testemunhos que remontam ao século IV, o culto a Maria entrou na alma do povo cristão e teve grandes manifestações na piedade popular. Aceitar esta piedade implica reconhecer a sua legitimidade na Igreja, acolhê-la com gratuidade e evitar toda a terapia destrutiva. Isto em resultado de uma maneira nova de entender a piedade popular, não como um “cristianismo subdesenvolvido”, mas como uma das encarnações históricas do catolicismo e uma expressão privilegiada da inculturação da fé.

A intuição do povo sobre Maria é a de ter visto nela o êxito da redenção, o triunfo da vida sobre a morte, o valor da sua intercessão, por isso «o culto do povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação»¹⁷.

17. LG 66.

A piedade popular vê Maria como presença viva, presença maternal que intervém como medianeira singular e universal; como alguém que partilha o sofrimento humano; como modelo da existência cristã, projeto daquilo que todos seremos um dia, ideal do que gostaríamos de ser.

Parece-me que algumas intuições de caráter teológico poderão ajudar na evangelização e pastoral da fé. Quando se vê no povo uma profunda percepção da pessoa e função de Maria, é preciso dar graças a Deus «porque Ele se manifesta aos mais simples e humildes da terra»¹⁸.

18. Cf. Mt 11, 25.

Falar da geografia da piedade mariana é falar desta «presença de Maria, que nos dias de hoje, como aliás ao longo de toda a história da Igreja, encontra múltiplos meios de expressão. Possui também multiforme raio de ação: mediante a fé e piedade dos fiéis; mediante as tradições das famílias cristãs ou “igrejas domésticas”, das comunidades paroquiais e das dioceses, e mediante o poder de atração e irradiação dos grandes santuários, onde não apenas individualmente [...] procuram o encontro com a Mãe do Senhor, com Aquela que é feliz porque acreditou, que é a primeira entre aqueles que acreditaram e por isso se tomou a Mãe do Emanuel»¹⁹.

19. JOÃO PAULO II,
Redemptoris Mater 28.

Ainda hoje, a piedade mariana, bem como outras devoções populares, tem grande importância no estudo da fé do povo cristão. Antes do Concílio Ecuménico Vaticano II, as práticas e celebrações populares tiveram maior importância, dado que a Liturgia havia deixado de falar a língua de cada povo.

Porém, Maria ocupa um lugar importante na Liturgia (veja-se a coleção das Missas da Beata Virgem Maria, com 46

formulários ao longo do Ano Litúrgico). Este acontecimento notável da Liturgia é fonte de renovação da piedade mariana. Os exercícios piedosos do povo cristão continuam a ser recomendados, desde que estejam em conformidade com as leis e as normas da Igreja, se harmonizem com a sagrada Liturgia, que por sua natureza é muito superior.

Acolher, purificar, consolidar e elevar é, pois, tarefa da evangelização. A piedade mariana precisa de purificação para com os perigos e ambiguidades; de ser consolidada nos aspetos positivos; e de ser elevada referindo-se sempre a Cristo.

Para a renovação da piedade mariana, a exortação *Marialis Cultus* do Papa Beato Paulo VI concentra-se nas notas trinitárias, cristológicas e eclesiais e nas orientações bíblicas, litúrgicas, ecuménicas e antropológicas. Estes princípios devem regular a autêntica piedade popular mariana na Igreja, pois «bem cedo os fiéis começaram a olhar para Maria, para, como ela, fazerem da própria vida um culto a Deus, e desse culto um compromisso vital»²⁰.

20. PAULO VI,
Marialis Cultus 21.

Efetivamente, a piedade popular identifica-se com Maria, símbolo da tragédia secular de pobreza e sofrimento e também das alegrias e esperanças deste povo. A piedade e o amor ao Cristo é algo que provém diretamente da fé. O culto tem o seu primeiro ato na adoração e na devoção, mas o culto de “latria” deve-se somente a Deus.

3. Santuários Marianos, casas de Maria

Para o Papa São João Paulo II, «há alguns lugares, nos quais os homens sentem particularmente a presença da Mãe. Não raro estes locais irradiam amplamente a sua luz e atraem a si gente de longe. [...] Estes lugares são os santuários marianos», quais antenas permanentes da Boa Notícia.

Com o nome de Santuário, o Código de Direito Canónico precisa: «designa-se uma igreja, ou outro lugar sagrado a que, por um motivo peculiar de piedade, acorrem em peregrinação numerosos fiéis com a aprovação do Ordinário do lugar»²¹.

21. Can. 1230.

O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e todos os santuários marianos são meta de muitos peregrinos que se sentem tocados no coração pela graça e pela misericórdia de Deus.

Nestas casas de Maria, a Igreja exorta a uma pastoral bem cuidada mediante a Liturgia, principalmente a celebração da Eucaristia e da Penitência, a pregação da Palavra de Deus, a piedade popular, a peregrinação e o testemunho da caridade.

O santuário remete-nos ao “lugar santo” como sítio, espaço que com intensidade particular manifesta o sagrado. O renascer atual do santuário não se centra tanto no santuário urbano, mas mais fora da cidade, no cimo dos montes, vales, lugares solitários e agrestes, nos ermos. Este lugar funciona como espaço de liberdade, pois leva à fuga da vida de todos os dias. É lugar do “Outro possível” onde intervém o “Outro Invisível”. O santuário tem a virtualidade de ser resposta às contrariedades do quotidiano; aparece como algo de novidade oferecido a todos, aberto aos anseios de todos. O povo tem respeito profundo pelos santuários. Eles são património cultural e espiritual a requerer uma pastoral mais cuidada.

4. Algumas manifestações da piedade mariana

A) O “*Angelus Domini*” ou “Ave-Marias” ou “Trindades”

A prática de recordar o mistério da Encarnação com uma oração nos três momentos característicos de cada dia – manhã, meio-dia e tarde – foi-se desenvolvendo ao longo do tempo na Igreja. Em muitos lugares, estes três momentos quotidianos ainda são convocados pelo toque dos sinos.

A oração do *Angelus Domini* é constituída por três antifonas, seguidas de uma Ave-Maria, com um versículo e com uma oração conclusiva. Em muitos lugares, acrescentam-se ainda três Glória ao Pai e uma intercessão pelos fiéis defuntos.

Como advertiu o Beato Paulo VI, o momento do *Angelus Domini*, também chamado de “Ave-Marias” ou “Trindades”, «é um exercício de piedade que não tem necessidade de ser renovado: a sua estrutura simples, o carácter bíblico, a origem histórica que o liga à invocação a favor da paz, o ritmo quase litúrgico com que santifica os diversos momentos do dia, a abertura ao Mistério Pascal com que, sem deixar de comemorar a Encarnação do Filho de Deus, pedimos para ser conduzidos, “pela sua paixão e morte na Cruz, à glória da ressurreição” – fazem com que ele, à distância de séculos, conserve inalterado o seu valor e intacta a sua suavidade»²².

No Tempo Pascal, esta oração recita-se em forma da *Regina Caeli*.

22. PAULO VI, *Marialis Cultus* 41.

B) O Rosário

O rosário ou o terço é uma oração cristocêntrica, porque na escola de Maria meditamos os mistérios de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta é uma forma simples mas muito eficaz de meditação dos mistérios de Cristo. O Papa Bento XVI disse-o claramente durante uma oração do *Angelus*: «o rosário não se contrapõe à meditação da Palavra de Deus e à oração litúrgica; pelo contrário, representa um natural e ideal complemento, em particular como preparação e como agradecimento à celebração eucarística. Cristo encontrado no Evangelho e no Sacramento, contemplamo-Lo com Maria nos vários momentos da sua vida graças aos mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos».

As três orações repetidas na recitação do rosário são: o Pai-Nosso; a Ave-Maria e o Glória ao Pai. Em Portugal é prática muito comum o acrescento de outras duas orações: «Ó Maria concebida sem pecado. Rogai por nós que recorremos a Vós»; e outra sob influência de Fátima: «Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem». Todavia, a fórmula central do rosário é a oração da Ave-Maria.

S. João Paulo II apresentou o rosário como a oração da família: «Oração pela paz, o Rosário foi desde sempre também oração da família e pela família. Outrora, esta oração era particularmente amada pelas famílias cristãs e favorecia certamente a sua união. É preciso não deixar perder esta preciosa herança. Importa voltar a rezar em família e pelas famílias, servindo-se ainda desta forma de oração»²³.

Em Fátima, a Senhora une a sua mensagem à oração do rosário. A primeira exortação à oração quotidiana do rosário que Nossa Senhora fez aos três pastorinhos em Fátima foi em 13 de maio de 1917: «rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra»²⁴. Quando Maria

23. JOÃO PAULO II,
Rosarium Virginis Mariae 41.

24. L. KONDOR-J. M.
ALONSO (ed.), *Memórias
da Irmã Lúcia*, vol. I,
Fátima 1997, 162.

dialoga com os três pastorinhos em Fátima, o rosário era já a devoção do povo de Deus. Ao tempo, o rosário consistia na recitação de 150 Ave-Marias, intermediadas em cada dezena de um Glória ao Pai e de um Pai-Nosso, meditando sobre os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos da vida de Cristo e de Maria. Hoje, a configuração do rosário apresenta-se um pouco diferente. Com o objetivo de potenciar o sentido cristológico do rosário, S. João Paulo II propôs integrar no esquema tradicional os mistérios luminosos²⁵, ou seja, os mistérios da vida pública de Cristo entre o Batismo e a Paixão.

Na realidade, o rosário, «pela sua simplicidade, permite exercitar a oração contínua, oração do coração e da mente, da invocação do nome de Jesus, do recurso contínuo a Maria no momento presente e na hora da morte»²⁶.

25. JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae* 19.21.

26. J. CASTELLANO CERVERA, «Apresentação», in I. LÚCIA, *Apelos da mensagem de Fátima*, Fátima 2000, 15.

C) Outros exercícios da piedade mariana

A piedade popular tem muitas expressões para com a Virgem Santa Maria.

Entre os dias dedicados à Virgem Santa Maria, destacam-se “os meses de Maria” de maio e de outubro e especialmente o sábado, que tem a categoria de memória de Santa Maria, conforme o Missal Romano. O sábado é «prelúdio e introdução à celebração do domingo, festa primordial, memória semanal da ressurreição de Cristo; sinal, com o seu ritmo semanal, de que a Virgem Maria está continuamente presente e operante na vida da Igreja»²⁷.

A festa dedicada a Maria costuma ser precedida por uma novena, um septenário ou um tríduo. Esta é uma ocasião favorável de evangelização com uma adequada catequese, digna celebração e frutuosa caridade e para uma consciência do lugar de Maria no mistério de Cristo e no mistério da Igreja.

27. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Carta Circular Orientações e Propostas para a Celebração do Ano Mariano*, 1987, 5.

As ladainhas a Nossa Senhora e a consagração a Maria são outras formas de oração recomendadas. As procissões e as peregrinações revestem-se de particular relevo.

As imagens, as medalhas marianas e os escapulários são devoções muito enraizadas na alma da piedade popular. Em Portugal, quase todas as famílias, capelas e igrejas têm uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Ultimamente, o hino *Akathistos* da Tradição Bizantina foi muito difundido também no Ocidente.

A justa encarnação da piedade popular mariana está na realização de práticas autênticas e bem ordenadas, segundo as orientações da Igreja, que levam a valorizar o essencial antes do secundário, a Liturgia antes das devoções, as devoções maiores antes das devoções menores, o dogma antes das revelações privadas. O problema não está entre o excesso e o defeito, mas entre o defeito e o desvio.

Conclusão

A devoção mariana na Igreja não é velharia de antigamente, algo sem atualidade na Igreja do terceiro milénio. Deus veio ao mundo por Maria. A Igreja vê nela o seu modelo e protótipo. Todavia, a piedade com rasgos excessivos de sentimentalismo, individualismo, protecionismo e salvacionismo é hoje inaceitável.

Os sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação dificilmente são expressão do culto popular mariano, embora haja algumas experiências pastorais que conduzem a tal em muitos santuários, paróquias e comunidades cristãs.

A piedade reconhece Maria como Mãe de Jesus. Na maior parte das imagens, Maria aparece com o Menino nos braços. É com esperança que se assiste à renovação de uma forma

sacramental e comunitária, em que Maria ocupa um lugar firme e modesto de acordo com o Evangelho.

A verdadeira espiritualidade da piedade mariana não consiste tanto em rezar a Maria, mas rezar como Maria. Não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa Mãe e a imitar as suas atitudes.

A piedade cristã volta os seus olhos para Maria, a Mãe de Misericórdia, e canta alegre e jubilosamente: «Tu és a glória de Jerusalém; és a alegria do Povo de Deus – Ave, Maria!». Maria, tão presente no coração das gentes de Portugal, poderá ser uma verdadeira estrela de evangelização, caminho e presença eficaz no itinerário cristão.

A verdadeira e autêntica devoção mariana é tornarmo-nos como Maria, servidora alegre do Evangelho, na vida quotidiana e em nossa própria casa, onde Deus nos surpreende.

A sexta aparição de Nossa Senhora, a 13 de outubro de 1917

— Luciano Cristino

Nas aparições de 19 de agosto, nos Valinhos, e de 13 de setembro de 1917, na Cova da Iria, Nossa Senhora prometera aos pastorinhos de Aljustrel que, em 13 de outubro, faria um milagre para que todos acreditassem¹. Nesse dia 13 de outubro, afluíu à Cova da Iria uma multidão de pessoas, de Portugal e até do estrangeiro².

Demos a palavra à Irmã Lúcia, na sua Quarta Memória (1941): «Saímos de casa bastante cedo, contando com as demoras do caminho. O povo era em massa [...]. Chegados à Cova da Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechasse os guarda-chuvas para rezarmos o terço»³. A chuva era torrencial, desde manhã. À voz da Lúcia, a chuva parou. Depois, o sol foi visto pela multidão como um disco de prata fosca, sem brilho, tomando as várias cores do arco-íris: laranja, verde, azul, rosa e dourado. A certa altura, pareceu desprender-se do céu e precipitar-se sobre a terra. Seguidamente, pareceu rodopiar sobre si mesmo. Este movimento fez com que a multidão gritasse: Milagre! Milagre! Perdão e misericórdia! A duração deste movimento

1. LUCIANO CRISTINO – Quarta aparição de Nossa Senhora nos Valinhos, a 19 de agosto de 1917, em: *Santificados em Cristo: Itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima – 5.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2014, p. 56-57; IDEM – A quinta aparição de Nossa Senhora, a 13 de setembro de 1917, em: *Eu vim para que tenham vida: Itinerário Temático do Centenário das Aparições de Fátima – 6.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2015, p. 52, nota 5.

2. Os cálculos dos muitos depoimentos conhecidos variam de 30 mil a 100 mil pessoas.

3. Memórias da Irmã Lúcia, IV, II, 8. Dada a diversidade de edições, citamos a Memória com número ordinal; a parte, também, com ordinal, e o capítulo com algarismo árabe.

foi calculada diversamente, de dez a quinze minutos, e deu-se por volta do meio-dia solar. A multidão acreditou que esse sinal era o milagre anteriormente prometido.

Enquanto se dava este sinal no sol, houve diálogo entre a Lúcia e Nossa Senhora:

«– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

– Eu tinha muitas coisas para lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc.

– Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

E tomando um aspecto mais triste:

– Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las reflectir no sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da sua própria luz a projectar-se no sol [...].».

Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo»⁴.

4. *Idem, ibidem.*

O Dr. Manuel Nunes Formigão dirigiu-se também à Cova da Iria e ficou junto da estrada, donde assistiu a todos os acontecimentos. Às 19 horas da noite, dirigiu-se a Aljustrel, para interrogar os três videntes. Em primeiro lugar, fez um interrogatório minucioso à Lúcia (44 perguntas). Obteve outras tantas respostas: a maneira como Nossa Senhora estava vestida; o aparecimento de S. José e do Menino Jesus; de «Nosso Senhor, abençoando o povo»; da «Senhora dos dois naipes» («a Senhora vestida como a Senhora das Dores, mas sem espada no peito, e a Senhora vestida, não sei bem como, mas pareceu-me que era a Senhora do Carmo», «porque tinha umas coisas penduradas na mão»). «Apareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora do pé da carrasqueira»; de Nosso Senhor «só se via da cintura para cima»; o tempo da aparição, na carrasqueira, que durou menos que o tempo preciso para rezar o terço; no sol, as figuras demoraram-se pouco tempo. A Senhora «disse que era a Senhora do Rosário»; «que se emendasse a gente, que não ofendesse a Nosso Senhor, que estava muito ofendido, que rezasse o terço e pedisse a Nosso Senhor perdão dos nossos pecados, que a guerra acabaria hoje e que esperássemos os nossos soldados muito breve»; «disse também que queria que lhe fizessem uma capela, na Cova da Iria», «com o [dinheiro] que lá se juntar»; «que rezássemos o terço e nos emendássemos dos nossos pecados e pedíssemos perdão a Nosso Senhor». O sinal no sol «foi depois de a Senhora desaparecer». Lúcia tinha vários pedidos, e «ela disse que despachava uns, outros não»; que a capela seria feita à Senhora do Rosário⁵.

As perguntas à Jacinta foram 24, tendo obtido estas respostas: viu S. José e o Menino Jesus, «ao pé do sol». A Senhora «disse que rezassem o terço a Nossa Senhora, todos os dias, e que a guerra acabava hoje». A Lúcia e ela ouviram, mas o Francisco, não. Que fizessem uma capela na Cova da Iria. «Disse hoje que rezasse a gente o terço, todos os dias, a Nossa Senhora

5. *Documentação Crítica de Fátima (DCF)* 1, doc. 14, de 13 de outubro de 1917, p. 127-132.

6. DCF 1, Doc. 13, de 13 de outubro de 1917, p. 123-125; e doc. 14, depois de 13 de outubro de 1917, p. 132-134. A Deolinda tinha quase 4 anos (doc. 13, nota 10; doc. 14, nota 89).

7. DCF 1, Doc. 14, depois de 13 de outubro de 1917, p. 135-137.

8. DCF III-1, Doc. 87, de 15 de outubro de 1917, p. 237.

9. DCF III-1, Doc. 228, de 29 de outubro de 1917, p. 530 e 532-533.

do Rosário». No sol, o Menino Jesus estava ao lado direito de S. José, em pé. Não chegava à cintura de S. José. «Era como a Deolinda do José das Neves (criança de um para dois anos)»⁶.

O Dr. Formigão fez também 25 perguntas ao Francisco, a que ele respondeu, com respostas breves: viu Nossa Senhora: «era a Senhora do Rosário»; viu S. José e o Menino Jesus, ao lado do sol, ao lado de S. José. A Senhora tinha as mãos postas. Viu-a na carrasqueira e também ao pé do sol. Não ouviu nada do que a Senhora disse. A Senhora era tão bonita, agora como no mês passado⁷.

Depois de ter saído de Fátima, o Dr. Formigão acompanhou, pela imprensa, os muitos ecos que surgiram sobre as mais diversas circunstâncias que rodearam a última aparição e recolheu alguns depoimentos.

O jornal *O Século*, de Lisboa, mandou um enviado especial à Cova da Iria, na pessoa de Avelino de Almeida, que intitulou o seu artigo, no dia 15 de outubro: “Coisas espantosas! Como o sol bailou ao meio-dia em Fátima – As aparições da Virgem – Em que consistiu o sinal do céu – Muitos milhares de pessoas afirmam ter-se produzido o milagre – A guerra e a paz”⁸. No dia 29 de outubro, na *Ilustração Portuguesa*, escreveu mais um artigo, que intitulou: “O Milagre de Fátima (Carta a alguém que pede um testemunho insuspeito)”, em que se concluiu: «A chuva, à hora prenunciada, deixa de cair; a densa massa de nuvens romper-se, e o astro-rei – disco de prata fosca – em pleno zénite, aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar... Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...»⁹.

Também o Padre Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, ouviu a Lúcia, no dia 16 de outubro: «A Senhora veio,

e pôs-se em cima das rosas e fitas de seda que estavam a cobrir os troços da carrasqueira. Eu perguntei: O que é que Vosse-mecê me quer? – Quero-te dizer que não ofendas [na redacção final deste documento, datada de 6 de agosto de 1918, diz-se: ofendam] mais a Nosso Senhor; que rezem o terço a Nossa Senhora; façam aqui uma capelinha a Nossa Senhora do Rosário (Lúcia tem dúvida se foi assim, se foi: façam aqui uma capelinha, eu sou a Senhora do Rosário); a guerra acaba ainda hoje; esperem cá pelos seus militares, muito breve. Tudo isto disse a Lúcia que a Senhora havia dito, em resposta à 1.^a pergunta. – Tenho muitos pedidos, se a Senhora mos despacha todos, ou não? – Uns, despacharei, outros não. Não fiz nenhum pedido em particular, porque, então, ainda lá estava a fazer pedidos. – Ainda me quer mais alguma coisa? – Já não quero mais nada. Depois, ela foi-se embora, voltando pelo mesmo caminho e na mesma direcção, e eu disse ao povo: olhem, lá vai ela! Lá vai ela! Lá vai ela!». Depois, diz que olhou para o sol e que viu São José, à esquerda do sol, e o Menino Jesus; de S. José, só viu da cintura para cima, vinha vestido de branco, e o Menino Jesus vinha vestido de encarnado. O Menino Jesus, viu-o todo, e estava assentado no braço esquerdo de São José. São José estava a fazer cruces com a mão direita; julga que fez umas três ou quatro, depois desapareceu; depois de São José desaparecer, estava tudo amarelo; chegou Nosso Senhor, mas parecia que não divisava senão um vestido com capa; só o vi, da cintura para cima; as barbas eram pequenas e o cabelo, não o vi; não cheguei a ver as mãos, vi só o peito. Junto de Nosso Senhor, estava uma Senhora em pé, ao lado direito de Nosso Senhor, e Nosso Senhor estava à direita do sol. Ambos tinham resplendor amarelo; não tinha Menino; esta Senhora estava vestida de branco e tinha um manto azul pela cabeça; tinha as mãos sobre o peito, de palmas para o peito, por baixo uma da outra. A saia era branca e comprida e chegava aos pés; parece-lhe que saia e casaco

brancos não eram dourados; não a via também no sol como quando estava na carrasqueira; depois desapareceu. Junto com São José, vi outra imagem ou Senhora que estava ao lado direito do sol; vi-a toda vestida de encarnado; o manto era azul debruado ao pescoço; tinha as mãos à cintura, com os dedos entrelaçados; não tinha Menino; tinha esplendor amarelo; desapareceu com São José. Na ocasião em que estava a ver esta imagem, estava o povo a gritar: «Olhem! Olhem! Tão bonito! E eu também olhei, a dizer ao povo que olhassem para lá, que estava São José e depois Nosso Senhor. A Senhora da carrasqueira vinha vestida de branco, exactamente como das outras vezes; não vi, nem menos nem mais; a saia, julgo que era curta como das mais vezes; disse que o dinheiro era para uma capela, mas não todo, porque algum deve ser para um andor; disse que não tinha ideia de quem devia fazer a capela ou tomar a direcção»¹⁰.

10. DCF I, Doc. 6, de 16 de outubro de 1917, p. 23-25.

No mesmo dia 16, o diário católico de Lisboa, *A Ordem*, da autoria do Dr. Domingos Pinto Coelho, advogado católico, sobre os fenómenos a 13 de outubro de 1917, na Cova da Iria, dizia: «É claro que, como católicos, admitimos a plena possibilidade do milagre. Deus, que fez as leis que regem os fenómenos da natureza, pode, por isso mesmo, alterá-las ou suspendê-las. Simplesmente, o milagre é excepção. E as excepções não se presumem. Precisam de prova cabal. A Igreja Católica tem-se, constantemente, mostrado de extrema exigência das provas, antes que consinta em estabelecer o carácter milagroso de qualquer facto ou série de factos. [...] Em Fátima, que há? Que tem havido? Três pequenos pastores (um rapaz e duas raparigas) dizem que uma Senhora lhes aparece, de extrema beleza. As visões têm ocorrido, nos dias 13 de cada mês, a partir de Maio. São rudes as crianças e pouco faladoras. Antes das visões, reais ou pretensas, respondem com grande dificuldade às perguntas. Imediatamente depois, falam com mais firmeza e facilidade e, dizem pessoas

fidedignas, que as ouviram, no dia 13 último, que elas afirmavam ter-lhe, nesse dia, aparecido, mais uma vez, Nossa Senhora, recomendando aos fiéis que fizessem penitência e rezassem muito e lhe erigissem uma capela modesta, no lugar das aparições, prometendo para breve a paz e o regresso dos soldados portugueses. Coincidindo com as aparições e, como que a corroborá-las, dizem os que, no local, têm estado, nos dias 13 dos meses passados, que, no céu e sobretudo no sol, se têm manifestado sinais extraordinários. Do que, a este último respeito, ocorreu no recente dia 13, sábado, podemos nós testemunhar, porque lá estivemos, não como peregrino, note-se bem, mas como curioso. Das 11 à uma e meia, a chuva foi constante e impelida por vento forte: um tempo francamente agreste e desagradável que a enorme multidão de muitos milhares de pessoas suportou de excelente humor, sem outro abrigo mais que os chapéus-de-chuva e os veículos – pois não se descortina nas imediações uma só edificação. Uma hora e 17 minutos e meio – o meio-dia solar – era hora anunciada da visão, com a qual se esperava coincidissem os fenómenos no céu. A essa hora continuava chovendo. Minutos depois, a chuva diminuiu e, quando era uma e três quartos, cessou por completo. O sol, até então encoberto, mostrou-se entre nuvens que corriam com certa velocidade. E como era variável a densidade destas, mais ou menos, diáfano era o véu que elas punham sobre o astro-rei. Como toda aquela multidão, olhámos, então, para o sol com atenção sustentada e, através das nuvens, vimo-lo com aspectos novos: novos para nós, note-se bem. Uma vez rodeado de chamas encarniçadas, outras vezes aureolado de amarelo ou roxo esbatido, outras vezes parecendo animado de velocíssimo movimento de rotação, outras vezes, ainda, aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor. Para quê, negá-lo? Estes fenómenos que jamais tínhamos visto, impressionaram-nos fortemente. Estabelece-se, nas multidões, uma psicologia

colectiva. E, na sua grande generalidade, sobre aquela multidão perpassa uma grande onda de fé, que fortemente comovia. Uma dúvida nos restava, porém. O que víamos no sol era coisa excepcional? Ou reproduzir-se-ia, em circunstâncias análogas? Ora, precisamente, esta analogia de circunstâncias proporcionou-se-nos ontem [dia 15]. Pudemos ver o sol meio toldado, como no sábado [dia 13]. E sinceramente: – vimos as mesmas sucessões de cores, o movimento rotativo, etc. (Entre parênteses, é dever nosso prevenir o leitor de que não repita a experiência: diz-nos um médico que, sob a luz, demasiado forte, do sol, as pupilas se contraem por forma tal que, às vezes, não tornam a dilatar-se. E então... ponto final sobre tamanho horror!). Eliminado, pois, o único facto extraordinário, que fica? Por ora, as afirmações de três crianças e mais nada. É muito pouco. Serão as crianças sinceras? Nenhuma razão temos, para duvidar disso; antes, a sua rusticidade nos é uma garantia. [...] Em suma, voltámos de Fátima naquele mesmo estado de espírito em que para lá fôramos – na dúvida. Há milagre, há aparições? É possível. Mas da possibilidade à realidade dista um abismo. Continuemos, pois, na expectativa, benévola, se quiserem, mas nada mais»¹¹.

Este artigo despertou, sobretudo nas pessoas que estiveram presentes na Cova da Iria, as maiores objeções; no entanto, este artigo e os seguintes, no mesmo jornal, serviram de reflexão aos católicos, e foram também aproveitados, nos círculos menos afetos ou mesmo contrários à Igreja, para duvidar ou negar as aparições.

Daí por diante, algumas determinações eclesiásticas superiores do Patriarcado de Lisboa promoveram processos, que foram dirigidos pelo pároco de Fátima (no âmbito paroquial) e pelos vigários de Porto de Mós e de Ourém (nas respetivas vigararias). Os muitos documentos decorrentes só foram ultimados, depois de a diocese de Leiria ter sido restaurada (1918) e de ter sido nomeado o primeiro bispo diocesano (1920), D. José Alves

11. DCF III-1, Doc. 97, de 16 de outubro de 1917, p. 261-264.

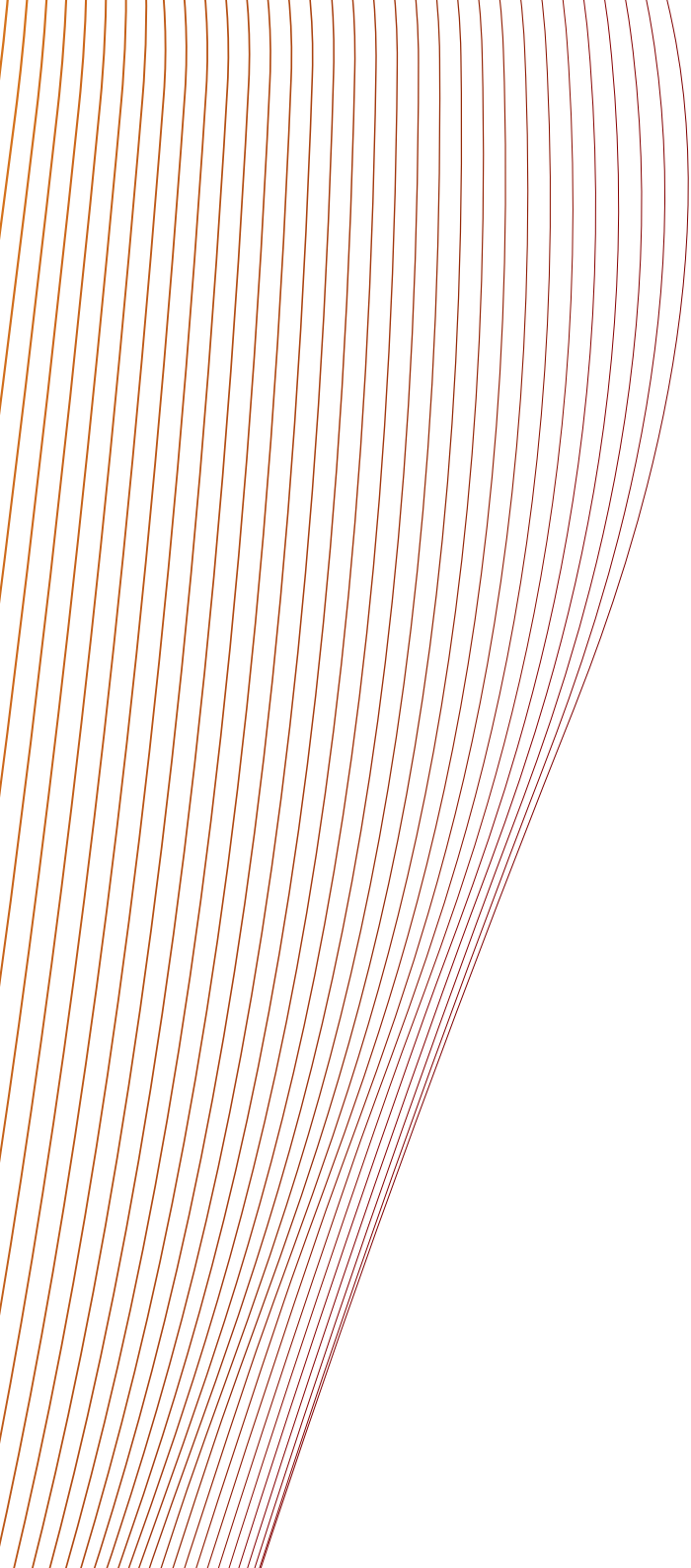
Correia da Silva. Este bispo, finalmente, mandou iniciar um processo canónico diocesano (1922)¹², que só foi ultimado em 1930. D. José refere-se nomeadamente ao dia 13 de outubro de 1917: «O fenómeno solar de 13 de outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar. As crianças fixaram com antecedência o dia e a hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia estar desabrido, chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, *a hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes. Esse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão coletiva»¹³. O mesmo bispo determinou: «1.º – declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917; 2.º – permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima»¹⁴.

12. DCF II, Docs. 1-11, com dois aditamentos (docs. A e B) e 17 casos de curas de Fátima.

13. DCF II, Doc. 11, de 13 de outubro de 1930, p. 272.

14. DCF II, Doc. 11, p. 275.

II. NÚCLEOS TEMÁTICOS DO 7.º CICLO



O Imaculado Coração de Maria

Uma meditação teológica no contexto das celebrações
do centenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima

— *José Jacinto Ferreira de Farias*

A devoção ao Imaculado Coração de Maria faz parte da mais pura tradição espiritual em Portugal, tendo tido como principais impulsionadoras naturalmente as aparições de Nossa Senhora em Fátima, seguramente a fonte mais importante, dada a autenticidade dos acontecimentos de 1917 reconhecida pela Igreja, por um lado, e, por outro, a experiência mística de Alexandrina de Balazar (1904-1955), beatificada por S. João Paulo II, em Roma, no dia 25 de abril de 2004. Os Pastinhos, e muito particularmente a Irmã Lúcia (1907-2005) e a beata Alexandrina foram assim os principais protagonistas de um movimento que contagiou a Igreja em Portugal e no mundo, devendo-se à intervenção da beata Alexandrina que Pio XII consagrasse o mundo ao Imaculado Coração de Maria a 31 de outubro de 1942, numa mensagem transmitida a partir do Santuário de Fátima, quando se celebravam os 25 anos das aparições de Nossa Senhora, tendo a consagração ao Imaculado Coração de Maria sido repetida em Roma, na Basílica de S. Pedro, no dia 8 de dezembro do mesmo ano.

A devoção mariana sofreu uma certa crise a partir do Concílio Vaticano II, não necessariamente por culpa do Concílio, que, na *Lumen Gentium*, coloca em relevo o lugar único da Virgem Maria na história da salvação e no mistério da Igreja, na sua condição de Mãe do Redentor, Mãe de Deus, como já havia proclamado o Concílio de Éfeso em 431. Todavia, sobretudo pela preocupação pelo diálogo ecumênico, primeiro, e depois pelo diálogo inter-religioso, muitos pensavam que a *devoção dos católicos* a Nossa Senhora poderia ferir alguma suscetibilidade entre os cristãos das confissões religiosas derivadas da Reforma Protestante, por poder pôr em causa o único redentor e mediador da salvação, Jesus Cristo.

Nos tempos mais recentes, por influência das comunidades cristãs do terceiro mundo e especialmente da América Latina, onde se dá muita importância à *religiosidade popular* como um lugar privilegiado para o encontro com Deus, este tema tem despertado, mesmo no Ocidente Europeu, renovado interesse e atenção, tanto no que diz respeito ao culto dos santos como muito especialmente ao lugar único que neste contexto pertence a Nossa Senhora. Segundo o *Documento de Aparecida* [2007], da Conferência Episcopal Latino-Americana:

«Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus. A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de espiritualidade popular. Ou seja, uma espiritualidade cristã que, sendo um encontro pessoal com o Senhor,

integra muito o corpóreo, o sensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira»¹.

No Ocidente Europeu, por influência dos grandes santuários e especialmente do Santuário de Fátima, a posição dos intelectuais e dos teólogos tem-se vindo a alterar, sobretudo tendo em conta a exigência de atender à sensibilidade dos cristãos mais simples e à dimensão popular do catolicismo, que é da grande Igreja e não se pode circunscrever a grupos ou elites, e precisa, por conseguinte, de uma metodologia acessível a todos. O Papa Francisco, fazendo eco da sua origem latino-americana e do *Documento de Aparecida*, sublinha a importância da *religiosidade popular* para a vivência prática da *alegria do Evangelho* nestes termos:

«Na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculcado, subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo. Ao contrário, somos chamados a encorajá-la e fortalecê-la para aprofundar o processo de inculturação, que é uma realidade nunca acabada. As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização»².

A crise da devoção mariana acompanhou também a crise da devoção ao Coração de Jesus, que, igualmente, depois do Concílio sofreu notável esmorecimento entre o povo cristão, muito embora a devoção mariana tenha resistido mais do que a devoção ao Coração de Jesus que, em termos populares, quase desapareceu como expressão significativa.

1. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Documento de Aparecida (29 de junho de 2007), *Documento de Aparecida*, § 263.

2. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, § 126.

Nos últimos tempos, tanto a devoção ao Coração de Jesus como ao Imaculado Coração de Maria voltam a adquirir renovada expressão entre o Povo de Deus, a primeira através da espiritualidade de Santa Faustina Kowalska (1905-1938), centrada na *divina misericórdia*, e que em si mesma é uma variação da devoção ao Coração de Jesus, agora na contemplação do Cristo Pascal (mas que mantém, na sua representação, os sinais da paixão, as chagas do lado, das mãos e dos pés), de cujo Coração brotam feixes de luz, como o sangue e água do Coração de Jesus suspenso da Cruz: «Ao chegarem a Jesus, vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados perfurou-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água. Aquele que o viu é que o atesta e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que diz a verdade para que também vós acrediteis» (Jo 19, 34-35).

A canonização da mística polaca, por S. João Paulo II, no dia 30 de abril do ano 2000 foi a confirmação da autenticidade desta espiritualidade. O mesmo pontífice, movido pela influência de Santa Faustina, consagrou o domingo da pascoela (segundo da Páscoa) à celebração da Divina Misericórdia, tal como Santa Faustina tinha registado no seu *Diário*, como vontade expressa por Jesus nas suas revelações: «Desejo que esta Imagem seja exposta publicamente no primeiro domingo depois da Páscoa. Este domingo é a Festa da Misericórdia»³.

Hoje são muitos os que praticam a devoção do terço da misericórdia todos os dias às 15h00; mas são também ainda mais os que rezam o terço todos os dias, pelo menos em Portugal, pela Renascença, transmitido para todo o mundo a partir de Fátima. No que diz respeito aos intelectuais e aos teólogos, os Congressos Internacionais e os Simpósios que, a partir das celebrações dos 80 anos das Aparições em 1997, se têm realizado têm permitido tanto a nível nacional como internacional relançar para o mundo culto a importância da mensagem de Fátima, seguramente a mais forte, a mais séria

3. SANTA FAUSTINA KOWALSKA, *Diário. A Misericórdia Divina na minha alma*, Caderno I, § 88 (Fátima: Marianos da Imaculada Conceição 1995) 89.

e a mais atual de todos os grandes santuários marianos de autenticidade reconhecida pela Igreja.

Este ensaio pretende ser um simples contributo para não esquecer e, portanto, para tomar a sério o que Nossa Senhora, segundo as Memórias da Irmã Lúcia, dizia aos Pastorinhos em julho de 1917: «... continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz no mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer»⁴.

4. *Memórias IV*, 162.

1. O Coração Imaculado

Se considerarmos a *ciclo das aparições* de Nossa Senhora que vão de 13 de maio a 13 de outubro de 1917, tomando como referência principal a quarta Memória da Irmã Lúcia na qual ela apresenta uma exposição muito completa das aparições de Nossa Senhora e da mensagem que, pelos Pastorinhos, transmitiu a Portugal, à Igreja e ao mundo, verificamos que Ela se apresenta, em primeiro lugar, sob identidade do *Coração Imaculado*.

Tomando o *Coração Imaculado* como referência principal, convém chamar desde logo a atenção para o riquíssimo património teológico e espiritual que esta identidade representa: o tema *Imaculada Conceição* tão caro à tradição teológica e nacional de Portugal que desde tempos imemoriais se caracterizava por uma profunda devoção à Imaculada Conceição, ainda muito antes da sua declaração dogmática por Pio IX em 1854.

Portugal como nação tinha-se colocado sob a proteção da Imaculada Conceição como sua Padroeira. Desde que D. João IV depositou a sua coroa junto da imagem de Imaculada Conceição no santuário mariano de Vila Viçosa, os reis de Portugal nunca mais usaram a coroa como símbolo da sua realeza.

Quando em Fátima Nossa Senhora se refere ao seu *Coração Imaculado*, essa apresentação corresponde ao profundo sentimento religioso do Povo Português; e o mesmo se diga do tema do *coração*. Ele evoca, mesmo no mais simples sentimento popular, a instância na qual o homem sente profundamente tudo o que o afeta e há mesmo uma expressão muito típica na qual alguém quer dizer todo o empenho pessoal e existencial que coloca naquilo que diz quando «fala com o coração nas mãos».

Então, quando na primeira parte das aparições Nossa Senhora fala aos Pastorinhos e lhes dirige a mensagem que tem para lhes transmitir, fá-lo, podíamos dizer, com o *coração nas mãos*, aquele coração *Imaculado* que os mais devotos e simples reconhecem ser o da sua Padroeira.

O conteúdo da mensagem das primeiras aparições – de maio a julho – é uma dolorosa chamada de atenção a respeito dos perigos e dos riscos que a humanidade estava então a correr, tanto do ponto de vista histórico como escatológico: o presente marcado pela guerra mundial na qual Portugal também estava envolvido, com um corpo expedicionário em França e na Flandres; e o inferno e a verificação de que são muitos os que se perdem.

Nas aparições do Anjo em 1916, o mensageiro celeste vem preparar os Pastorinhos através do apelo à oração – especialmente a oração dirigida à Santíssima Trindade –, ao sacrifício e à consolação de Deus.

Surpreende na mensagem do Anjo – o Anjo da Paz que é também o Anjo de Portugal – este apelo a que pela oração e pelos sacrifícios os Pastorinhos *consolem Deus*: «Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus»⁵.

Será que Deus precisa de consolação? E se precisa: em que é que ela consiste?

O Papa Bento XVI na sua encíclica *Spe Salvi* oferece-nos uma aproximação muito simples ao que significa *consolação*: tem a ver com aquela atitude de quem faz ou se dispõe a fazer companhia a quem se sente só: «A palavra latina *con-solatio*, consolação, exprime isto mesmo de forma muito bela sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa der ser solidão»⁶.

6. BENTO XVI, *Spe Salvi* [30 de novembro de 2007], § 38.

Dada a centralidade trinitária e eucarística da mensagem do Anjo, podemos dizer que o apelo a *consolar a Deus*, de *fazer companhia a Jesus escondido*, era uma forma de dar a entender que o *mistério de Fátima* ou o essencial da sua mensagem tem a ver com a resposta ao *ateísmo contemporâneo*. O ateísmo e a indiferença religiosa são a expressão do afastamento do homem d'Aquele que está na sua origem, o abandono de Deus, deixando-O só. Esta solidão divina, que tem a sua origem na liberdade do homem que se afasta para longe de Deus, está amplamente ilustrada na Sagrada Escritura. Tomo como ilustração apenas dois exemplos.

No início da história da humanidade temos o relato da criação do homem e do pecado que o primeiro par humano – Adão e Eva – praticam, pois, seduzidos pela serpente, pretendem *ser como Deus*, ou seja, ocupar o seu lugar (Gn 3). O resultado é o afastamento de Deus, que é descrito, primeiro, pelo ato de o homem *se esconder* e, depois, pela expulsão do paraíso. A partir daí é a história do afastamento do homem e o início de uma decadência moral e espiritual de tal grandeza que o próprio texto bíblico regista o desânimo divino como que a arrepender-se de ter criado o homem: «O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra e o seu coração sofreu amargamente» (Gn 6, 6).

No Novo Testamento temos a parábola do *filho pródigo* (Lc 15, 11-31). O filho mais novo reivindica a parte da sua *herança* e parte para longe, esbanjando os seus bens numa vida dissoluta. A *herança* de que aqui se fala tem a ver, evocando a figura de Adão, com a sua condição de criatura; mas, segundo

a lógica do relato evangélico, tem a ver com a condição *filial* que o homem rejeita, pois não quer viver como filho, não quer viver *em casa* e por isso se afasta numa aventura de liberdade que o leva a perder o sentido da própria dignidade, pois acaba na mais vil condição de alguém que guarda os porcos e que nem sequer tem a possibilidade de se alimentar com o que estes animais comem.

Ambos os relatos mostram a desolação divina por se sentir só sem o homem. No primeiro, a desolação é traduzida pela pergunta que ecoa aos ouvidos do homem de todos os tempos: *Adão, onde estás? Porque te escondeste? Quem disse que estavas nu?* (Gn 3, 9). No segundo, na ansiedade e no sofrimento do pai que não desiste de acreditar que o filho volte: «Ainda estava longe quando o pai o viu e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos» (Lc 15, 20).

Na tradição mística, há autores que têm expressões que traduzem este sofrimento divino dizendo, por exemplo, que Deus, com a saída de Adão, como que ficou fora de si, como se o homem *fosse deus para Deus*⁷.

Porque Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, correndo o risco do excesso e do limite da linguagem, podemos dizer que Deus *não pode viver sem o homem* e por isso sofre daquela *divina solidão* que carece, por conseguinte, de consolação.

Podemos então entender o alcance do pedido do Anjo aos Pastorinhos: *consolai o vosso Deus*. E, consequentemente, podemos entender a resposta dos Pastorinhos, de quererem *fazer companhia a Jesus escondido*. No final da sua vida, Lúcia perguntou um dia: «Francisco, tu, de que gostas mais: de consolar a Nosso Senhor ou converter os pecadores, para que não vão mais almas para o inferno? Gostava mais de consolar Nosso Senhor»⁸.

7. Cf. J. FARIAS,
Da incerteza à esperança
(Lisboa: UCE 2012) 127.

8. IRMÃ LÚCIA,
Memórias IV, 138.

2. Senhora do Rosário

A Irmã Lúcia recorda que, em resposta à sua insistência em querer saber quem era aquela Senhora mais brilhante que o Sol, Nossa Senhora lhe respondeu dizendo que no final, ou seja, em outubro, lhe diria quem era e que daria um sinal que convenceria todo o povo: «Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar»⁹. E no final, apresentou-se como a *Senhora do Rosário*: «Quero que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem a rezar o terço todos os dias»¹⁰.

9. IRMÃ LÚCIA,
Memórias IV, 163.

10. IRMÃ LÚCIA,
Memórias IV, 172.

A Irmã Lúcia só deu a conhecer plenamente estas revelações nas suas Memórias, escritas a meados do século XX, muito tempo depois dos acontecimentos. A quarta Memória, que tomamos aqui como referência principal, foi escrita em 1941. Mas as aparições deram-se em 1917, uma época de grandes convulsões em todo o continente europeu, sobretudo na Europa Central, com a primeira grande guerra (1914-18) e a revolução russa, em outubro de 1917. E foi nessa época que Nossa Senhora apareceu em Fátima e pediu que os Pastorzinhos rezassem o terço, oferecessem sacrifícios e orações pela conversão dos pecadores e pela Paz no mundo, num clima apocalítico e de fim de história, como uma última possibilidade para a humanidade se salvar: «quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem [agosto], que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz no mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer»¹¹.

11. IRMÃ LÚCIA,
Memórias IV, 162.

Alguns anos antes, no dia 5 de setembro de 1895, o Papa Leão XIII publicava a encíclica *Adjutricem Populi*, na qual exortava toda a Igreja a rezar especialmente o Rosário no mês de outubro, numa espécie de cruzada de oração pela paz no mundo. O mesmo já havia feito S. Pio V (1504-1572) com

a sua Bula *Consueverunt Romani Pontifices* de 17 de outubro de 1569, na qual exortava a que todos rezassem o terço como força para as dificuldades, no confronto com a Reforma protestante, tal como já fora no século XIII para os filhos de S. Domingos, na luta contra a heresia dos cátaros.

Ao apresentar-se como *Nossa Senhora do Rosário*, a Virgem Maria vem confirmar o que os Papas tinham dito sobre a importância do Rosário como a grande força espiritual e moral para a santificação dos homens, para a conversão dos pecadores e para a paz. Em Lourdes, na aparição de 25 de março de 1858, apresentando-se como a *Imaculada Conceição*, confirmava a declaração dogmática proclamada por Pio IX no dia 8 de dezembro de 1854, segundo a qual a Virgem Maria, redimida antecipadamente pelo seu Filho que havia de gerar, fora preservada da mácula do pecado original desde o primeiro instante da sua vida.

A *Senhora do Rosário* aparece assim com a protetora da Igreja e como a pedagoga do pequeno caminho simples e fácil da santidade, a *meditação e contemplação* dos mistérios da Vida de Jesus.

Tanto antes como depois das aparições, o Magistério da Igreja tem sido constante em reafirmar com veemência a importância da oração do terço para a santificação das famílias e para a Paz. Foi assim muito particularmente o Beato Paulo VI¹² e S. João Paulo II: «Não se pode recitar o Rosário sem se sentir chamado a um preciso compromisso de serviço à Paz»¹³. Mas de uma paz que é fruto do amor, para o qual a recitação do Rosário conduz, pois «para compreender o Rosário é preciso entrar na dinâmica psicológica do amor»¹⁴.

12. Paulo VI dedicou a este tema da paz como fruto da recitação do Rosário, uma encíclica – *Christi Matri Rosarii* (15 de setembro de 1966) e uma exortação apostólica – *Recurrens Mensis October* (07 de outubro de 1969).

13. JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, 6.

14. JOÃO PAULO II, *Rosarium Virginis Mariae*, 6.

3. A grande promessa

Depois do ciclo das aparições de 1917 e já quando a Irmã Lúcia estava retirada do mundo, recolhida nas Irmãs Doro-teias em Pontevedra (Espanha), ela recorda as aparições de Nossa Senhora e o pedido que lhe fizera de expandir no mundo a *devoção ao Imaculado Coração de Maria*: «Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz [...]. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados»¹⁵.

15. IRMÃ LÚCIA,
Memórias IV, 163.167.

Em Tuy, no dia 13 de junho de 1929, Nossa Senhora queixa-se à Irmã Lúcia que não tenham atendido ao seu pedido: «Não quiseram atender ao meu pedido!... Como o rei de França, arrepender-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde!»¹⁶.

16. IRMÃ LÚCIA, *Memórias IV. Apêndice 2*, 233.

Há por conseguinte uma *urgência* neste tema da devoção ao Imaculado Coração de Maria, com a prática dos primeiros sábados como condição para a salvação dos pecadores, das famílias e pela paz no mundo.

Os tempos atuais não são menos perigosos e os problemas menos graves ou reais. Por isso, é urgente percorrer este caminho simples, acessível a todos: a oração diária do Rosário (ou, pelo menos, do terço ou coroa); de tudo o que se fizer, das coisas mais simples do dever quotidiano, oferecer sacrifícios e orações pela conversão dos pecadores e pela Paz no mundo; e, uma vez por mês, consagrar e santificar os primeiros sábados. É o conteúdo da *grande promessa*, confiada à Irmã Lúcia na aparição de 10 de dezembro de 1925:

«Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me

consolar e diz que todos aqueles que durante cinco meses, ao 1.º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de me desagravar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas»¹⁷.

17. IRMÃ LÚCIA,
Memórias, Apêndice I, 230.

Consolar e desagravar o Coração Imaculado de Maria passa por estar tranquilamente com ela, dir-se-ia, só *por estar*, uma vez que o pecado é sobretudo isolamento, abandonar alguém à sua radical solidão.

A devoção dos primeiros sábados é um caminho simples de levar o homem à vivência dos sacramentos que acompanham e alimentam a caminhada cristã: o sacramento da penitência e o sacramento da eucaristia. A confissão sacramental é o sinal visível da conversão e da mudança de vida, movidas pela experiência do amor de Deus que precede o homem pecador e não desiste dele; a comunhão reparadora, no sentido de uma união com o Senhor por puro amor; a recitação do terço e quinze minutos de oração silenciosa. A quem fizer isto, durante cinco primeiros sábados do mês, Nossa Senhora prometeu que estará com essa alma na hora da morte, assistindo-a com as graças e auxílios necessários para a hora mais importante da vida do homem, a hora da verdade.

Não se pedem coisas extraordinárias que estejam para além das possibilidades humanas, mas sim que *uma vez por mês, no primeiro sábado*, se dedique cerca de uma hora para meditar sobre os mistérios da salvação: os mistérios gozosos, os mistérios luminosos, os dolorosos e os gloriosos. É toda a história da salvação que passa diante do contemplativo, que pratica a oração do coração, elevando a alma e colocando o coração nas mãos de Deus por meio do Coração Imaculado

que trouxe até nós o Filho de Deus, nos conduz a Ele que nos leva para o Pai, para o mistério da Santíssima Trindade.

O Concílio Vaticano II vê a família como uma Igreja doméstica (LG 11), tema que o Papa Francisco retoma com veemência em *Amoris Laetitia* (AL 67). Ora, se é Igreja doméstica a ela pertence a *oração*, pois não se pode entender uma comunidade eclesial, seja qual for a sua dimensão, que a não pratique: «Por isso, à recuperação da noção teológica da família, como Igreja doméstica, deve, coerentemente, seguir-se um esforço por instaurar na vida da mesma família a oração em comum»¹⁸.

18. PAULO VI,
Marialis cultus, 52.

Ora, o *terço* é a oração mais simples e fácil que pode unir a família em oração e por isso deve recomendar-se, como o faz Paulo VI: «Dá-nos gosto pensar e auspiciamos vivamente que, quando o encontro familiar se transforma em tempo de oração, seja o Rosário a sua expressão frequente e preferida»¹⁹. Isto é tanto mais importante quanto vivemos hoje uma fase ou um momento decisivo da história da Igreja e da humanidade, tal como outros momentos críticos do passado: no século XIII, a crise dos cátaros; no século XVI, a reforma protestante e a ameaça turca; no século XIX, o materialismo e o ateísmo; no século XX, as guerras mundiais e o comunismo ateu; e hoje, em pleno século XXI está a travar-se como que o *combate final entre as hostes infernais e o anjo S. Miguel*, para nos servirmos de uma imagem do Apocalipse (Ap 12, 7). De um modo mais concreto e próximo da experiência, além dos atentados contra a família e a vida – o aborto, o divórcio e a eutanásia –, temos sobretudo a *ideologia do género* de sabor claramente satânico, uma vez que rejeita o plano de Deus a respeito da humanidade, que criou o homem à sua imagem e semelhança e criou-o *homem e mulher* (Gn 1, 26).

19. PAULO VI,
Marialis cultus, 54.

Por duas vezes o Papa Paulo VI se dirigiu à Igreja propondo insistentemente a oração do *terço* pela Paz: na encíclica *Christi Matri Rosarii*, de 15 de setembro de 1966;

e, três anos mais tarde, na Exortação Apostólica *Recurrens Mensis October*, a 07 de outubro de 1969, na qual, por ocasião do quarto centenário da bula *Consueverunt Romani Pontifices* (17 de setembro de 1569) em que S. Pio V definiu a forma do Rosário que ainda o povo de Deus recita hoje, Paulo VI recomenda vivamente a oração do Rosário pela Paz, por todos e para todos, porque, diz, «se o mal é poderoso, a graça ainda o é mais»²⁰. Na *encíclica* escreve Paulo VI:

20. PAULO VI, *Recurrens mensis October*, A nossa oração pela Paz, § 3.

«Não é pois, em vão que, angustiados por esta terrível perturbação, colocamos em Maria a nossa esperança. Uma vez que, aumentando os perigos é preciso que aumente a piedade do povo de Deus, desejamos, veneráveis irmãos, que, com o vosso exemplo, com a vossa exortação, com o vosso estímulo, mais insistentemente se invoque a clementíssima Mãe do Senhor, durante este mês de outubro, com a oração do Rosário. Esta oração, de facto, está ao alcance da mentalidade do povo; é muito agradável à Virgem e efficacíssima para implorar os dons celestes»²¹.

21. PAULO VI, *Christi Matri Rosarii* (15 de setembro de 1966), § 7.

Tudo tão simples que até parece impossível que desta simplicidade dependa a paz e a salvação do mundo!

4. *Ad Iesum per Mariam*: a devoção mariana na piedade e na espiritualidade cristã

Das reflexões anteriores podemos concluir como é fundamental a presença da *devoção mariana* para a Igreja e para a piedade e espiritualidade cristãs. O seu lugar único da história da salvação – a Mãe do Redentor, a Mãe de Deus, como declarou o concílio de Éfeso (371) e a Mãe da Igreja, como declarou, durante o concílio, o Papa Paulo VI – não é, portanto, um tema que se reporta só ao passado, ao tempo das origens, mas continua hoje atuante na história da Igreja. As aparições reconhecidas e aceites pela Igreja – Guadalupe (1531), Lourdes (1858) e Fátima (1917) – comprovam a solicitude materna de Maria que desde as bodas de Caná não se cansa de recomendar: *fazei tudo o que Ele vos disser* (Jo 2, 5).

Pretender separar Maria de Jesus, pensar que a Virgem Mãe obscurece a imagem do seu Filho, é de certo modo também, partindo da experiência humana, esquecer o que representa a maternidade na vida de uma mulher: o mistério da maternidade é dar à luz o filho, revelá-lo, dá-lo a conhecer, de tal modo que a mãe de certo modo desaparece para que seja o filho a aparecer e a ter todo o protagonismo. O texto evangélico diz: *a Mãe de Jesus estava lá* (Jo 2, 1). É este *estar lá*, de um modo atento e discreto, como fazem as mães, que dá tranquilidade ao Filho, porque há alguém, que sofreu as dores do parto, que vela atentamente, para que nada falte, nada de mal aconteça.

Também aqui a solicitude do magistério da Igreja tem sido incansável em recordar que não há, na devoção mariana, nenhum perigo para a centralidade cristológica do mistério da encarnação redentora. Foi neste sentido que Paulo VI se pronunciou na *Marialis Cultus* (02 de fevereiro de 1974);

S. João Paulo II na *Redemptoris Mater* (25 de março de 1987) e na Carta Apostólica sobre o rosário, *Rosarium Virginis Mariae* (16 de outubro de 2002). Por sua vez, o episcopado latino-americano pronunciou-se muito favoravelmente sobre a piedade popular mariana no *documento de Aparecida* (29 de junho de 2007) e o Papa Francisco não deixa de insistir neste tema, como se pode ver em *Evangelii Gaudium* (EG 122-126), em coerência, aliás, com a sua particular devoção à *Senhora que desata os nós*.

Sabemos que a devoção mariana dos católicos representa, para alguns, um obstáculo para um certo tipo de *diálogo ecuménico*, nomeadamente com o mundo protestante oriundo da reforma luterana no século XVI. Mas não devemos esquecer que o mundo ortodoxo, que se separou de Roma no século XI (1054), cultiva uma enorme devoção a Nossa Senhora, tão intensa pelo menos como entre os católicos, sendo os ícones para aqueles o que as imagens são para estes.

Por isso, a questão da *devoção mariana* não pode ser vista como um obstáculo para o diálogo ecuménico, mas sim como a condição da sua possibilidade, pois se a *mãe de Jesus não estiver lá* (Jo 2,1), como esteve nas bodas de Caná, com certeza que lhe faltará, ao diálogo ecuménico e inter-religioso, o vinho novo da compreensão, da reconciliação e da paz.

A devoção à Virgem Maria e a Paz

— Eloy Bueno de la Fuente

A devoção à Virgem Maria desenvolveu-se no povo cristão, porque nela, na Mãe de Jesus, se descobriu um coração materno que abraçava todos os irmãos do seu filho. Isto é confirmado pelas mais antigas orações cristãs à Virgem. Em momentos de dificuldade e angústia da vida, nela se esperava acolhimento, conforto, proteção, amparo, compaixão e serenidade. Na providência do Pai sobre as suas criaturas, a Virgem desempenhou um papel: refletir e tornar experimentável o amor divino no seu coração de Mãe, que é especialmente sensível ao sofrimento e lamentos dos menores e mais desfavorecidos¹.

Entre os bens estimados pela humanidade, dolorosa e sofrida, a paz ocupa um lugar especial. A guerra é um fracasso da família humana e da convivência social, uma vez que rompe o plano original da criação: o Deus criador pretendia oferecer o cosmos como um lugar no qual os humanos viveriam como irmãos numa felicidade permanente. É o que simbolicamente se expressa na história do paraíso.

O aparecimento do pecado desencadeia o ciclo diabólico da violência: a partir das recriminações mútuas entre Adão e Eva surge, na história humana, o ódio e a perseguição até eclodir na guerra, como o confronto entre os grupos, tribos, nações. Pode dizer-se que a guerra é a mais alta manifestação da desgraça humana: desencadeia coletivamente toda a violência que pode brotar dos corações humanos.

1. E. Bueno de la Fuente, *Corazón materno: la Virgen María en una pastoral de la misericordia*, EphMar 66 (2016) 125-140.

1. A paz na devoção a Maria, concretizações e lacunas

Assim, é lógico que os crentes esperem de Maria a paz ou, pelo menos, amparo, conforto e fortaleza nos conflitos armados e que nas suas orações lhe solicitem a paz. Por isso, é tão importante aprofundar a relação entre a Virgem Maria e a paz. Esta relação pode ser interpretada e vivida de forma unilateral ou insuficiente. Analisemos dois exemplos: as mariofanas de Fátima e a festividade da maternidade divina vinculada à oração pela paz. Deste modo, podemos descobrir, mais adequadamente, o núcleo teológico da relação Maria-paz que deve alimentar a devoção do povo cristão.

1.1. A paz no acontecimento de Fátima

As aparições de Fátima tiveram lugar no contexto da Primeira Guerra considerada “mundial” pelo envolvimento dos países de vários continentes, como conclusão fatídica do conflito de interesses económicos e políticos das grandes potências mundiais. No conflito militar, Portugal estava envolvido, inclusivamente, vizinhos de Fátima e familiares dos pastorinhos, com a angústia e as consequências que isso implicava a todos os níveis. Precisamente a 13 de maio de 1917, um jornal do Porto incluía uma oração em verso à Virgem apelando à paz. Não é de admirar, por isso, que essa grande preocupação vá surgir no diálogo que as crianças tiveram com a Virgem. E também parece lógico que a pressão do ambiente centrasse a atenção na data de conclusão da guerra.

Como toda a mariofania, o acontecimento de Fátima deve ser entendido dentro do seu contexto, no seio do drama que a humanidade estava a viver, um cenário de guerra.

Prova clara disto é o facto de as aparições de 1916 terem sido protagonizadas pelo *Anjo da Paz* e pelo *Anjo de Portugal*: o país ainda não tinha ultrapassado as tensões históricas das últimas décadas e estava envolvido numa guerra cujos fim e consequências eram imprevisíveis. O que poderia interessar mais às crianças do que essa preocupação que se respirava no ambiente? Sobre que outro tema é que as pessoas e os familiares lhes iam perguntar? Não seria essa a primeira coisa que iam pedir à Virgem, uma vez que a reconheceram e que Ela lhes fez sentir a sua presença consoladora?

Esta questão tornou-se, de facto, numa das controvérsias acerca da credibilidade do testemunho dos videntes. Como conciliar a afirmação de que a guerra terminaria a 13 de outubro com o facto de a mesma ainda estar a decorrer?

A leitura dos vários interrogatórios a que foram submetidos os pastorinhos² permite constatar, por um lado, a diversidade nas respostas, mas, por outro, a chave de leitura dessa diversidade, que nos conduz ao ponto que desejamos destacar: os interesses humanos imediatos (compreensíveis devido à gravidade da situação) podem ser introduzidos na devoção mariana e na relação com a Virgem e ocultar a questão subjacente que afeta *as raízes das quais a violência e a guerra se alimentam*.

O primeiro interrogatório, breve e esquemático, feito pelo pároco do local, Manuel Marques Ferreira³, já contém o tema. Lúcia pergunta à Virgem: «Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?». A sua resposta é esclarecedora do nosso ponto de vista, pois, por um lado, evita os detalhes e, por outro, dirige a atenção *noutra direção mais radical*: «Não te posso dizer ainda enquanto não te disser também o que quero». A mesma lógica está contida no relatório que o pároco escreveu em agosto de 1918⁴.

Noutros momentos, Lúcia e Jacinta precisam que a guerra termina “hoje”⁵. Ante a constatação de que a guerra continuava,

2. L. Cristino, *As Fontes de Fátima – Os interrogatórios de 1917*, em AA.VV. *Fátima e a paz*, Santuário de Fátima 1993, 72ss.

3. Documento 1: *Documentação Crítica de Fátima I*, Santuário de Fátima 1992, 5ss.

4. Documento 31: *ibid.* 253ss.

5. Por exemplo o Documento 13 que reúne o interrogatório de Manuel Nunes Formigão no dia 13.10.1917 (*ibid.* 117-125).

6. Documento 16:
ibid. 145-156.

7. Cf. Documentos 7 e 17
(ibid. 37-67 e 157-179).

são usadas outras expressões: «Já não me lembro bem como Ela disse. Pode ter dito isso. Não sei. Talvez não tenha entendido bem a Senhora» ou «Quando chegasse ao céu, acabava a guerra»⁶. Sob estas oscilações permanece sempre o elemento constante, o verdadeiramente importante: que continuassem a ir à Cova da Iria, que rezassem o terço pela paz no mundo, porque *só a oração pode acabar com a guerra*⁷.

Porém, a oração tão-pouco deve ser entendida de modo automático ou mágico. O rosário condensa a *atitude de conversão*, a disposição para reparar os pecados, a generosidade para suportar o peso dos sofrimentos alheios, a entrega da própria existência para cumprir a missão recebida. Isso é, em última análise, o que a Virgem pretendia; o motivo e o conteúdo da sua presença, a interpelação e o convite que lhes dirigiu. A mensagem de Fátima a respeito da paz visa, portanto, além da simples cessação das armas: a *transformação do coração humano* e da *convivência social*, a eliminação das raízes da violência, o abrir o coração para acolher os outros na sua necessidade. É a atitude que reflete o mesmo Deus nas mariofanias de Fátima no momento da sua conclusão, a 13 de outubro de 1917: a bênção abraça toda a humanidade.

Só deste modo é possível estabelecer a paz verdadeira, pois, de outro modo, não se alcançaria mais do que períodos transitórios de equilíbrio entre conflitos bélicos. A partir desta perspectiva aproximamo-nos, de modo mais seguro, do sentido da devoção à Virgem Maria como fonte e manancial da paz.

1.2. Após as aparições: a Virgem Peregrina

Depois de 1917, em Portugal, foi-se espalhando a sensação de paz, embora continuasse a haver alguns surtos de violência. A Igreja recuperou a tranquilidade e foi-se consolidando ao desaparecer a legislação anticristã. Especial importância

foi dada ao facto de se ver livre da invasão comunista (que tanto impacto teve na vizinha Espanha) e da participação na Segunda Guerra Mundial.

Esta experiência de paz foi atribuída à intercessão de Nossa Senhora de Fátima, que foi reconhecida pelo próprio Pio XII⁸. É compreensível que a devoção se fora espalhando e penetrando na alma portuguesa. Esta dinâmica foi-se difundindo pelo mundo inteiro. Neste processo, a centralidade da paz foi mantida e até se acentuou à medida que se proclamava a realeza da Virgem⁹. A devoção suscitada a partir das aparições de Fátima incluía a invocação de Maria como Rainha da Paz, com profundo fundamento teológico, mas, simultaneamente, exposta a considerações tendenciosas porque se desenvolve – não poderia ser de outro modo – num contexto histórico carregado de tensões e polarizações.

Pio XII, na sua alocução de 13.5.1946¹⁰, proferida por ocasião da coroação da Virgem de Fátima (denominada pelo mesmo Papa como “mensagem da realeza de Maria”), diz que Maria é Rainha por estar relacionada com a Trindade devido à união hipostática e por estar associada à distribuição das graças que derivam da Redenção. Em 1954, publica a encíclica *Ad Coeli Reginam*¹¹, que fundamenta a realeza de Maria na maternidade divina, pois o seu filho reinará eternamente e o seu reino não terá fim (Lc 1, 32-33); a isto acrescenta a sua participação na obra da Redenção.

O desenvolvimento internacional da devoção à Virgem de Fátima surgiu após o fim da Segunda Guerra Mundial e no auge da mariologia englobada na expressão “movimento mariológico”. Em abril de 1946, durante a Assembleia Internacional da Juventude Católica Feminina realizada em Gante, surgiu a ideia de que uma imagem da Virgem partisse da Cova da Iria para percorrer a Europa ensanguentada e levar uma mensagem de paz baseada na *fraternidade humana e cristã*. Houve vários pedidos, porém, tiveram de se superar

8. Na sua mensagem de 13 de maio de 1946: «A guerra mais terrível que devastou o mundo esteve, durante quatro longos anos, rondando as vossas fronteiras, sem jamais conseguir atravessá-las; vós deveis este milagre a Nossa Senhora, que, de seu trono de misericórdia [...], situado em Fátima, no centro do vosso país, velava por vós e pelos vossos governantes...».

9. J. Bastero de Eleizalde, *Fundamentos cristológicos de la realeza de María*, Estudios Marianos 51 (1986) 201-214.

10. AAS 38 (1946) 264-267.

11. AAS 46 (1954) 625-640.

dificuldades objetivas inegáveis: a falta de recursos económicos, restrições de vários tipos, controlos nas fronteiras...

Finalmente, a imagem da Virgem Peregrina foi percorrendo a Europa, estando presente no Congresso de Maastricht (setembro de 1946), em que três países europeus (Bélgica, Holanda, Luxemburgo) assinaram um tratado que previa a eliminação de fronteiras económicas. Nessa ocasião, pediu-se à Virgem a paz, cujo indício se percebia na eliminação da concorrência económica, que, em última instância, foi o que tinha provocado a Primeira Guerra Mundial.

O acolhimento popular foi enorme. O eixo da devoção (no contexto da espiritualidade típica de Fátima desde a sua origem) era constituído pela oração pela conversão da Rússia e pela paz. Era a época da “guerra fria”: *fria*, porque não ressoavam as armas nos campos de combate, mas, definitivamente, *guerra*, porque existiam duas potências militares radicalmente opostas, com arsenais cada vez maiores e mais mortais. A passagem da Rainha da Paz faz, permanentemente, renascer nos corações a esperança da paz: ajuda a descobrir *que todos os seres humanos são irmãos*, filhos da mesma Mãe, sem confronto de nacionalidades.

A devoção à Virgem de Fátima alimentava o desejo de paz e, assim, facilitava a superação do ódio entre diferentes povos e abria os caminhos para a reconciliação. Há momentos particularmente simbólicos (como a entrada na Rússia ou a chegada à Coreia) e figuras políticas (G. La Pira) que se sentiram empurradas a entregar-se apaixonadamente à causa da paz. Mas, ao mesmo tempo, veem-se os riscos de leituras e interpretações políticas unilaterais: a nível nacional poderia ser usada em benefício de um regime não democrático, como legitimação, mais ou menos implícita, de um governo concreto; a nível internacional, poderia adquirir tónicas anticomunistas que pareciam legitimar um sistema capitalista também atravessado por injustiças.

12. C. Boff, *Mariologia Sociale*, Queriniana, Brescia 1988, 686.

13. B. Botte, *La première fête mariale de la liturgia romane*, EphLit 47 (1933) 425-430.

J. A. de Aldama, *La primera fiesta litúrgica de Nuestra Señora*, EE 40 (1965) 43-52.

Passando por estas tensões e tentações, Fátima foi-se convertendo numa realidade-símbolo na qual se vão refletindo os perigos de cada época e se vão manifestando os remédios adequados¹². Por isso, tem de se salvaguardar o seu sentido genuíno. Para evitar riscos, requer-se um pressuposto adequado para a devoção a Maria e para o seu reconhecimento como Rainha da Paz. Esta necessidade é também sentida no campo da liturgia.

1.3. O testemunho da liturgia

Acerca da liturgia vamos tão-só fixar-nos num dado significativo: no dia 1 de janeiro celebra-se a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, e o Dia Mundial da Paz; no entanto, não se expressa com clareza a ligação entre as duas celebrações, cada uma parece viver a sua própria lógica. A história que conduz a essa convergência explica, em certa medida, a situação indicada.

As primeiras festas litúrgicas de Maria estavam profundamente ligadas às festas cristológicas¹³. A base e o fundamento de todas as celebrações (bem como as afirmações dogmáticas) marianas é a maternidade divina de Maria; faz sentido, por isso, que a veneração de Maria se encaixe num marco da celebração do nascimento de Cristo¹⁴.

Em Bizâncio, e noutros lugares, a 26 de dezembro celebrava-se a festa da *Theotokos*, da maternidade divina¹⁵, embora, inicialmente, mais do que a celebração da Virgem, se tratasse da memória especial da maternidade virginal no marco da festa da Natividade¹⁶; a ela se foram juntando outras que, posteriormente, seriam acolhidas em Roma¹⁷. Um passo importante é a história da nossa celebração: é que em Roma, em meados do século VI, estabelece-se no dia 1 de janeiro a comemoração de Maria e do seu papel materno

14. Kleinheyer, *Maria in der Liturgie*, en W. Beinert-H. Petri (eds.), *Handbuch der Marienkunde* I, Pustet, Ratisbona 1996, 2.ª ed., 479.

15. A influência do Concílio de Éfeso foi fundamental para este desenvolvimento. Também em Jerusalém, a partir de 431, o dia 15 de agosto foi designado como “Dia de Maria”. Entre 450-458 é construída a Igreja de Getsémani (onde supostamente se encontra o túmulo da Virgem); esta celebração, inicialmente sem conteúdo próprio, vai-se aprimorando até se tornar numa celebração mariana autónoma, em sentido próprio.

16. Prolongava-se até ao dia seguinte pela mesma lógica que a antecipava à vigília; cf. J. A. Aldama, *La primera fiesta litúrgica de Nuestra Señora*, *Estudios Eclesiásticos* 40 (1965) 43-52.

17. As quatro principais celebrações marianas são de origem oriental (Nascimento, Anunciação, Purificação, Assunção) e foram entrando na liturgia romana no século VII.

18. Celebra-se a estação solene em Santa Maria *ad Martyres*, chamada de “in octavas Domini”, embora com atenção especial à Virgem Mãe.

na encarnação (dentro da Oitava do Natal, em ligação com a Natividade de Jesus fixada no dia 25 de dezembro¹⁸). Progressivamente, porém, foi desaparecendo a referência festiva à circuncisão e à imposição do nome de Jesus.

A maternidade divina de Maria fica sem celebração específica no Ano Litúrgico. Pio XI reintroduziu-a a 11 de outubro de 1932, precisamente no 15.º Centenário do Concílio de Éfeso (a maternidade divina de Maria celebrava-se em Portugal em maio, desde o século XVIII).

A reforma do Calendário Romano de 1969 recuperou a antiga festa mariana de 1 de janeiro, atribuindo-lhe o nome de *Maria, Santíssima Mãe de Deus*. O mesmo Papa Paulo VI dá mais um passo, estabelecendo essa mesma data como o Dia Mundial da Paz, a fim de que a maternidade divina de Maria e o Nome de Jesus projetem «a sua luz de bondade, de sabedoria e de esperança sobre o modo de pedirmos, de meditarmos e de promovermos o grande e desejado dom da Paz, de que o mundo tem tanta necessidade»¹⁹.

19. Na mensagem do Papa de 8 de dezembro de 1967 para instituir o Dia a partir do ano seguinte: *Insegn. de Paulo VI* 5 (1967) 623.

Explica isso mesmo em *Marialis Cultus* (1974), apontando na direção que, posteriormente, retomaremos: após indicar que o tempo de Natal é uma «memória longa da maternidade divina», indica que a celebração de 1 de janeiro está destinada a celebrar o papel de Maria nesse mistério da salvação; no entanto, *o menino que nasce é o Príncipe da Paz* (eco de Lc 2, 14) e, por isso, é uma ocasião magnífica para implorar de Deus, *por meio da Rainha da Paz*, o dom supremo da paz, para o qual estabelece o Dia Mundial da Paz (n. 5²⁰).

20. Sublinhados nossos.

21. J. J. Flores, *La celebrazione della Madre di Dio e la giornata della Pace*, em W. Dall’Aglio-E. Vidau (eds.) *La Madre di Dio per una cultura di Pace*, Ed. Monfortane, Roma 2001, 23-34.

No entanto (e esta é a lacuna que desejamos enfatizar), a partir da primeira mensagem anunciando a sua criação, a relação entre o Dia da Paz e a celebração da *Theotokos* é irrelevante. Nas várias mensagens anuais, ao falar sobre a paz, apenas há referências à maternidade de Maria²¹. A referência mais frequente é ao símbolo do ano novo, o início do ano civil, pois a celebração pretendia estabelecer um ponto de encontro

com todas as sensibilidades religiosas e filosóficas. A referência mariológica não aparece de modo natural e espontâneo.

O n.º 45 da *Collectio Missarum de Beata Maria Vergine* está dedicado à *Beata Maria Virgo, Regina Pacis*, com uma configuração mariológica mais clara. Na introdução, apresenta-se a justificação de base: toda a liturgia do tempo do Natal está permeada por um grande desejo de paz. A Mãe não pode ficar à margem da missão do Filho, “príncipe da paz”. Esta ligação é suportada por Is 9, 1-6, integrada como primeira leitura. Não é de admirar, por isso, que Maria seja proclamada como Rainha da Paz.

2. Maria ícone, testemunha e serva da paz

A paz (*shalom*) é uma categoria fundamental para compreender o relato bíblico e o pleno significado de salvação, tanto no Antigo como no Novo Testamento. É um vínculo que une a questão das origens (o paraíso e a felicidade que ali era possível) e o futuro messiânico, pois a experiência real não é pacífica.

Por isso, é necessário conhecer o papel de Maria entre o paraíso inicial da paz e o desejo para a conseguir novamente, uma vez que esta está sempre ameaçada. Esse papel ou função de Maria, para que brilhe em toda a sua profundidade e amplitude, deve ser visto num duplo nível ou dimensão: a) a sua atitude na história da esperança de Israel e no ministério de Jesus (falamos neste nível de “Maria da história”); b) o protagonismo de Maria enquanto assunta aos céus e Mãe de Deus (a “Maria da fé”). De ambos os rios se alimenta a devoção a Maria²² e a invocação *Rainha da Paz*, porque Ela é não só ícone da paz, mas também *a própria paz*, como canta Theotecnus de Livia²³.

22. S. de Fiores, *Itinerario di Maria. Dal servizio del Signore alla corona di gloria*, en G. Conti-D. D’Onorio (eds.) *Maria serva del Signore Incoronata di gloria*, Ed. Monfortane, Roma 2002, 128; ID., *Maria, Madre di Gesù. Sintesi storico-salvifica*, Bolonia 1984, 212.

23. Cf. TMPM II, 86, que se aplica a Maria, Sal 84, 11 (a paz e a justiça se abraçarão): «A paz é Maria, a justiça é Cristo», a verdade brota da terra, a terra é a mãe de Deus, porque assegurou a paz ao mundo.

2.1. Maria na difícil história de *shalom*

A paz bíblica, expressada como *shalom*, vai para além do nosso significado habitual, uma vez que designa plenitude e integridade, a justiça como equilíbrio e harmonia do que existe desde a intenção criadora de Deus; inclui também bênção, favor, dom, felicidade, prosperidade..., com aspetos e componentes de carácter social e político que não podem ocultar a sua dimensão transcendente, já que tudo isso é sempre visto como o dom de Deus, como participação da vida que Deus oferece. A paz está tão profundamente vinculada a Deus que Gideão edificou um altar a Javé e lhe impôs o nome de *Yahvé shalom* (Ju 6, 24). *Javé é paz*, é a nossa paz. A paz está, portanto, estreitamente unida às grandes palavras da salvação: «Encontram-se o Amor e a Verdade, abraçam-se a Paz e a Justiça» (Sal 85, 11).

A paz/*shalom* está sempre ameaçada e quebrada, pelo que deve ser restaurada, restabelecida pelo Messias. Por isso, vai sendo, gradualmente, esperada no futuro, quando vier um tempo novo de justiça em que os homens e os animais, terra e céu, possam viver em total harmonia (Zac 8, 9-13; Ag 2, 6-9). Is 60, 17, ao descrever a glória futura de Jerusalém, fala da paz como suprema magistratura e da justiça como governante. Mas, para que isso seja possível, para que reine a verdadeira *shalom*, será necessária uma nova aliança (Jer 31, 31-34) e uma nova lei que o Espírito infundirá nos corações humanos (para que a paz brote de modo sincero do mais profundo da pessoa).

A situação real, no entanto, não responde nem à integridade das origens nem à restauração esperada: no tempo de Maria, tempo de espera messiânica, o país encontrava-se sob o domínio militar de um país estrangeiro como consequência da guerra; dominava a injustiça na distribuição da riqueza; os prepotentes humilhavam os simples e humildes...

Neste contexto, adquire todo o seu relevo a apresentação evangélica do nascimento de Jesus e a atitude de Maria.

O nascimento de Jesus é anunciado pelos anjos aos pastores como a boa nova (o Evangelho) que é um motivo de alegria, já que devolve a paz a quem tem um coração puro (Lc 2, 10-15) no seio de uma sociedade atravessada pela violência e pelos conflitos. O caráter messiânico de Jesus manifesta-se no motivo e na oportunidade para o surgimento dos bens messiânicos.

Maria na anunciação do anjo fica não só envolvida e abraçada por essa paz (cheia de graça, presença do Espírito) como também, diante das dificuldades do meio e à magnitude da missão para a qual foi confiada, manifesta, desde a sua simplicidade e humildade, o verdadeiro sentido da sua condição régia²⁴: de modo livre e consciente servirá esse futuro da paz que o nascimento de Jesus estabelece. Na história de guerras e de paz, de justiça e injustiças, brota algo novo, a boa nova da paz por meio de Jesus (cf. At 10, 36-43), que irá estabelecer um senhorio (o Reino, consumado e condensado no Ressuscitado) que se levanta sobre o serviço, a generosidade, a transparência de coração. Nesse Reino – Reino de paz –, Maria desempenha um papel fundamental como protagonista.

A aceitação da oferta do anjo significa fazer-se responsável pela história do mundo, tal como o expressa no *Magnificat*, que foi, justamente, considerado como a mais antiga mariologia. Nesse cântico, Maria faz-se porta-voz dos simples e humildes, dos oprimidos e ofendidos; está ciente das contradições da realidade, não se submete nem se resigna a uma situação de aparente paz; entre a dor do protesto e o júbilo da vitória, o seu hino exalta a misericórdia de Deus que visita o seu povo para restaurar as relações que correspondam, de forma mais adequada, ao projeto original de paz. Maria, ao longo da sua vida, fará parte dos bem-aventurados, pois irá servindo a paz; o pacífico não se limita a palavras ou a devaneios, mas “faz” alguma coisa com o seu esforço no mundo tal como ele é²⁵.

24. C. Militello, *Maria e la diaconia della donna nella Chiesa*, en E. Peretto (ed.), *Aspetti della presenza di Maria nella Chiesa in cammino verso il duemila*, Dehoniane-Marianum, Bolonia-Roma 1989, 139-140.

25. K. Stock, *Discurso della Montagna (Mt 5-7)*, PIB, Roma 1994, 74.

26. M. J. Nicola, *Theotokos. El misterio de María*, Herder, Barcelona 1967, 230.

27. E. Bueno de la Fuente, *A mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*, 2.ª ed. Santuário de Fátima 2014.

28. Irineu, *Contra as Heresias V*, 19, 1-2; Este paralelismo tem valor e significado à luz do paralelismo mais radical Adão-Jesus.

29. L. F. Mateo-Seco, *María Nueva Eva y su colaboración en la Redención según los Padres*, Estudios Marianos 50 (1985) 59-60.

30. O objetivo de Jesus não é, como às vezes se pensa, dar abrigo a sua mãe; pelo contrário. O facto de ser designada por “mulher” (expressão estranha para um filho judeu se dirigir à sua mãe) destaca o seu âmbito universal como contraponto de Eva.

Os dados da sua vida refletem esta atitude radical de abertura ao outro, na sua necessidade de o transportar no mais íntimo do seu coração²⁶ ou para colocar o seu coração no outro que está em sofrimento (o sentido profundo da misericórdia²⁷). Só a partir deste pressuposto se constrói a paz genuína, porque supera distâncias, esquecimentos e ressentimentos. Maria vai viver sob a espada da violência e do conflito (Lc 2, 34-35), mas vai vencê-los a partir de dentro. Isso verifica-se na visita a sua prima Isabel, com quem tinha motivos para celebrar, para lhe dar a sua solidariedade e apoio (Lc 1, 39-56); ou a sua ação nas bodas de Caná, quando mostra sensibilidade para evitar o opróbrio dos recém-casados num momento difícil (Jo 2, 1-11). Desde dentro da história cria paz, porque a paz habita o seu interior.

Este modo de agir foi valorizado em toda a sua extensão pelos papas, a partir de São Justino, ao destacar o paralelismo Eva-Maria. Devido à desobediência de Eva tinha-se introduzido na história a dinâmica da censura, da acusação, da culpabilização do outro, o terrível vírus que corrói as relações e faz estalar a violência e a guerra. Em contrapartida, a obediência de Maria restaura e restabelece, contribui para a reconciliação que abre uma nova história: Maria é “advogada de Eva”²⁸, não por interceder por ela, mas por interromper o funesto processo causal que ela iniciara com a sua desobediência²⁹, que é a origem da violência e da guerra. Isso só é possível para quem vive a paz no mais profundo do seu ser. A mesma atitude é igualmente expressa junto à cruz de Jesus (Jo 19, 26): recebe os discípulos de Jesus como filhos³⁰ para lhes oferecer refúgio e proteção ante os perigos e a perseguição que os esperava (At 1, 14).

2.2. Maria é a nossa paz

Através da sua peregrinação terrena, Maria vai entrando no Reino da paz estabelecido pelo Ressuscitado com uma nova aliança da qual ele é o mediador insuperável. Cumpre a promessa de uma paz diferente que o mundo pode oferecer (Jo 14, 27). O próprio *Jesus* é a *nossa paz*, porque é a garantia da reconciliação do homem com Deus, porque restaura o ser humano e porque destruiu o muro de ódio que opõe os povos (Ef 2, 14-17). Esse é o âmbito da vida cristã. Por isso, Paulo deseja aos destinatários das suas cartas a graça e a paz que provêm do Pai de Jesus (1Cor 1, 3; 2Cor 1, 2; Fil 1, 2; Gal 1, 3; 1Tes 1, 1; Ef 1, 2).

Maria vive nesse Reino de um modo especial a raiz da assunção, quando participa da Glória do Filho. Nesse sentido, também Ela é a nossa paz e Rainha da Paz. Na sua nova situação não pode ignorar o destino dos irmãos de Jesus, o primogênito, que ainda peregrinam através do tempo. A sua mediação maternal não é mais do que prolongar, ao longo dos séculos, o que já havia realizado na sua vida terrena: oferecer a resistência da paz no meio dos conflitos para resistir às tentações da violência e recriar uma humanidade reconciliada que viva em paz e recrie continuamente a paz. A partir desta chave de leitura a sua identidade revela-se em toda a sua profundidade.

Maria vai exercer o seu protagonismo numa história dramática, ameaçada pelo “dragão” e pela “besta” do Apocalipse, que pretendem aniquilar o Príncipe da Paz. Mas ela, enquanto nova Eva, enquanto modelo de mulher, continua a agir como construtora da paz, porque vive da paz messiânica. A antropologia teológica é, por natureza, uma antropologia da paz³¹, pois a graça e o Espírito restauram o equilíbrio da pessoa e purificam e ampliam as suas relações. Maria faz-nos ver o sentido profundo da paz, de viver em paz e de ter uma atitude pacificadora, como ícone da paz de Deus Trindade

31. E. Jünger, *L'essenza della pace*, Morcelliana, Brescia 1984, 83.

que enfrenta os senhores cruéis deste mundo que desagregam a pessoa e que corrompem as relações sociais.

Esta vinculação tão profunda entre Maria e a paz, que vemos no seu percurso terreno, fica ratificada e aprofundada pelos dogmas mariológicos. Estes não são fruto da abstração, mas estão enraizados na própria história da Virgem.

Maria é, sobretudo, a **Mãe de Deus**: o seu *fiat* é o gesto máximo da reconciliação realizado por uma criatura e o pressuposto da paz, da integridade e da plenitude humana. A dádiva de Deus encontra um acolhimento sincero e generoso que elimina toda a oposição e confronto. Esse encontro não se fecha em si mesmo, mas abre-se a toda a humanidade. Maria atua como representante da humanidade para acolher o Filho enviado pelo Pai, com o objetivo de restaurar a unidade desgarrada da família humana. A mãe do primogénito é, ao mesmo tempo, a mãe de todos os seres humanos (sem qualquer exclusão) com os quais Jesus se uniu irreversivelmente.

Maria é **virgem** na sua maternidade e durante toda a sua vida, expressando, desse modo, a integridade da pessoa e o carácter não contaminado das suas opções. A virgindade, na sua radicalidade, só pode ser assumida por aqueles que vivem a partir da paz e para a paz: a pessoa dona de si mesma, que vive em harmonia todas as suas energias, orientando-as para a fidelidade da própria missão que é servir a todos, é livre para não funcionalizar a pessoa e para não procurar interesses egoístas que geram divisões e confrontos; prescinde do poder de eros como busca da autocomplacência ou do domínio³²; a virgindade é sempre maternal e fecunda, porque está aberta aos outros, ao encontro, ao acolhimento, ao consolo.

Ao confessar que Maria foi concebida **imaculada**, o dogma proclama que no princípio era a graça e que essa graça é o conteúdo da paz mais autêntica. A Imaculada torna presente o ideal da pessoa totalmente redimida, que torna transparente a pureza da bondade e que, portanto, é capaz de

32. J. C. R. García de Paredes, *Mariología*, BAC, Madrid 1995, 228.

resistir às seduições da violência e dos dinamismos que geram lutas e conflitos. Enquanto imaculada, Maria é «mais jovem do que o pecado»³³ e torna visível o «projeto do paraíso»³⁴: os seres humanos encontram o espaço da sua vocação original que lhes permite viver como irmãos.

Desde a sua **assunção**, exerce a sua mediação maternal, como dissemos, e, por isso, faz-se presente nas mariofancias para oferecer o seu consolo, alimentar a esperança, assinalar as prioridades para o comportamento e oferecer – nos santuários e nas devoções – lugares de reconciliação e de encontro que tornam possível a experiência radical da paz.

33. G. Bernanos, *Journal d'un curé de campagne*, Plon, Paris 1938, 175.

34. *Documento de Puebla* 289.

Maria, Mãe da ternura, como expressão do amor terno de Deus

— *Jorge Manuel Faria Guarda*

«Os braços de uma mãe são feitos de ternura e os filhos dormem profundamente neles» (Victor Hugo). Por experiência, observação e aprendizagem, sabemos que a ternura exprime a grande variedade de atitudes, gestos, ações e palavras com que o amor se torna sensível e agradável. É a sua linguagem expressa em afeto, atenção e dedicação. Quem manifesta ternura centra-se, aproxima-se, comunica-se, toca e dedica-se àquele ou àquela a quem ama. Supõe sempre relação e sensibilidade. Pode contemplar-se na relação da mãe e do pai com seu filho ou filha, dos namorados e casais um com o outro, do amigo com o seu amigo e, ainda, na carícia, olhar ou outro gesto para com uma criança ou idoso, para lhe fazer sentir que se lhe quer bem.

O amor terno de Deus

A seu modo, também Deus manifesta esta qualidade do amor em relação às suas criaturas, como proclama o salmista: «O Senhor é bom para com todos; a sua ternura repassa todas as suas obras» (Sl 145/144, 9). Tudo o que saiu das mãos de Deus é querido e acarinhado por Ele. A Bíblia narra-nos as iniciativas de Deus para fazer sentir aos homens a sua ternura, a começar pelo ato da criação. «É com uma exclamação cheia de encanto e de deslumbramento, terna e amorosa, que Deus acolhe o homem e a mulher, a obra-prima da sua criação, à sua imagem e semelhança: “E Deus viu que era muito bom e belo (Gn 1, 31)!”» (D. António Marto).

Há muitas manifestações do amor divino traduzidas em acolhimento, misericórdia e chamamento a nova vida ou missão. Deus ama e trata com bondade e ternura aqueles que criou à sua imagem e semelhança e a quem se revela como amigo. Ao seu servo Moisés, por exemplo, ele trata e fala, frente a frente, como um amigo ao seu amigo (Ex 33, 11). A intervenção divina para libertar o povo israelita do exílio e o fazer regressar à sua terra é descrita com a imagem do pastor que apascenta o rebanho, reúne-o, leva os cordeiros ao colo e faz repousar as ovelhas que têm crias (Is 40, 11). Cheio de ternura, o pastor divino está próximo e coloca-se mesmo no meio do rebanho, guia-o, ama as suas ovelhas, conhece-as uma a uma e cuida delas, procura a que está perdida e trata da ferida (cf. Ez 34, 11-16). Outra imagem da ternura divina é a mãe que pega no filho ao colo e o amamenta. À queixa do povo de ter sido abandonado, Deus pergunta se uma mãe pode esquecer o seu bebé. Ainda que tal acontecesse, Deus não esqueceria o seu povo, pois gravou a sua imagem na palma das suas mãos (Is 49, 14-16). Mais, Ele amou-o «com um amor eterno» (Jr 31, 3). Mesmo quando o povo esqueceu e traiu o amor do seu Deus, Ele não desiste e vai tentar de

novo seduzir o seu amado e conduzi-lo ao deserto «para lhe falar ao coração» (Os 2, 16).

Também os Salmos fazem sobressair esta grandeza do agir divino com amor em relação aos homens, especialmente nas suas fragilidades: «É Ele quem perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Ele quem resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e ternura» (103/102, 3-4). Ou ainda: «Senhor, não me recuses a tua ternura; que a tua graça e a tua verdade me protejam sempre» (40, 12).

Assim, «Deus da ternura é provavelmente uma das designações que revelam melhor a relação de Deus com o homem, por ser este fruto exclusivo do seu amor, destinatário permanente do seu amor e objeto perene da sua espera no amor» (González de Cardedal).

Jesus, rosto da ternura de Deus

Tendo incarnado na pessoa de Jesus, aproximando-se dos homens e identificando-se com eles, Deus ama-os de modo concreto e acessível à natureza humana. Em Jesus temos variadas manifestações sensíveis de ternura. Ele toca os doentes, abraça as crianças e abençoa-as impondo-lhes as mãos (cf. Mc 10, 13-16); na parábola da misericórdia, fala do pai que abraça e beija o filho mais novo, sai ao encontro do filho mais velho e convida-o a entrar em casa e a participar na festa (cf. Lc 15, 11-32); na sua missão temporal, Jesus quis reunir os habitantes de Jerusalém «como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas» (Mt 23, 37). E compara-se ao pastor que procura a ovelha perdida e, quando a encontra, «põe-na alegremente aos ombros» e, chegando a casa, convida os amigos e vizinhos para partilharem da sua alegria (Lc 15, 4-6). No desejo de os salvar e aliviar, convida os que estão cansados e oprimidos a irem até ele, pois é «manso

e humilde de coração» e onde se encontra descanso para o próprio espírito (Mt 11, 28-29). O seu coração está verdadeiramente cheio de ternura para abraçar e amar todo o homem.

Já na cruz, Jesus confia a mãe ao discípulo amado e reciprocamente um ao outro (Jo 19, 26-27), manifestando assim simultaneamente ternura para com a sua mãe e o discípulo. «Trata-se, pois, acima de tudo, de um gesto muito humano do redentor que está para morrer. Não deixa a mãe sozinha, confiando-a à solicitude do discípulo que Lhe era muito querido. E assim também ao discípulo é dado um novo lar, com a mãe que cuida dele e com a qual ele se preocupa» (Bento XV, *Jesus de Nazaré*, vol. II, 181).

Meditando na vida de Jesus, podemos bem compreender que o Papa Francisco nos convide a contemplar a ternura divina no rosto do Filho de Deus feito homem: «Como é belo o olhar de Jesus posto sobre nós! Quanta ternura! Não percamos jamais a confiança na paciente misericórdia de Deus!».

É claro que a ternura de Deus não é como a humana, embora esta nos permita perceber e sentir aquela. Sendo que Deus é espírito, é também nesta dimensão que se comunica e se recebe a sua mensagem. Por isso, somente pela fé e pelo sentido espiritual da alma humana nós podemos experimentar e entender a ternura divina. Hoje, como nos tempos bíblicos, Deus manifesta o seu amor pelos homens como ternura em relação a eles.

Maria, a Mãe da ternura

Entre as pessoas que nos revelam e nos fazem experimentar a ternura de Deus está de modo eminente a Virgem Maria, mãe de Jesus. Ela é, na verdade, a «Mãe da ternura», como podemos admirar na relação de amor e afeto pelo seu Filho. Por isso, olhar para ela e «contemplá-la é contemplar

a ternura de Deus e as maravilhas que esta realiza quando a criatura humana se abre e acolhe a Palavra de Deus e a sua graça» (D. António Marto). Na Mãe de Jesus encontramos o «espelho fiel do rosto da ternura de Deus», cuja intercessão nos pode tornar como ela «acolhedores e testemunhas» da mesma ternura divina.

A maternidade espiritual de Maria, que «coopera com amor de mãe» (LG 63) para a regeneração e educação dos discípulos do seu Filho, está estreitamente associada à sua maternidade e cooperação em relação a Jesus. Assim ensina o II Concílio do Vaticano: «Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça» (LG 61).

Esta maternidade perdura no tempo, sem interrupção. Diz o mesmo Concílio: «depois de elevada ao céu, (Maria) não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada» (LG 62). A ela, cujo amor materno reconhecem e experimentam em múltiplas circunstâncias da vida, se dirigem os fiéis invocando-a como Mãe de ternura. E ela atrai-os para o seu Filho e para o amor do Pai (cf. LG 65).

A ternura de Maria nos evangelhos e em relação a nós

Mas vamos aos evangelhos, aos testemunhos sobre a vida histórica de Maria, para conhecermos a sua ternura. Ela manifesta-a, antes de mais, na relação com Deus, acolhendo a sua palavra, meditando-a no coração, acreditando nela e cumprindo-a (Lc 1, 26-38). A sua ternura e graça tocam profundamente a Isabel bem como ao filho que gerava no seu seio, de tal modo que ambos, mãe e filho, ficam cheios de alegria. Depois de ouvir a prima a bendizê-la e elogiá-la pela sua fé, Maria, no seu cântico de júbilo, exulta porque «Deus olhou para a sua humilde serva», reconhecendo assim também a ternura divina para com ela (Lc 1, 39-56). Manifesta-a também na relação com Jesus, amando-o e cuidando dele com o seu amor materno (Lc 2, 1-19). Nas bodas de Caná, fala com ternura a Jesus e aos serventes, abrindo caminho à realização do primeiro sinal do amor e do poder de Deus em favor de uma família, sinal esse que levou os discípulos a acreditarem nele e a deixarem todos os convivas em grande alegria (Jo 2, 1-12). Junto à cruz, Maria aceita que Jesus a confie ao discípulo João e vai para sua casa (Jo 19, 25-27).

O Papa Francisco ensina-nos que as «palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação pela sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe». Naquele momento, «Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Ela, que o gerou com tanta fé, também acompanha “o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus” (Ap 12, 17)» (EG 285). Na verdade, logo depois da morte de

Jesus, Maria aparece no meio da comunidade cristã acompanhando na oração os discípulos de seu Filho e esperando o cumprimento da promessa do dom do Espírito (Act 1, 14).

Em resumo, como se manifesta a ternura materna de Maria? O Papa Francisco descreve-a deste modo: «Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus. Através dos diferentes títulos marianos, geralmente ligados aos santuários, compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica. Muitos pais cristãos pedem o Batismo para seus filhos num santuário mariano, manifestando assim a fé na ação materna de Maria que gera novos filhos para Deus. É lá, nos santuários, que se pode observar como Maria reúne ao seu redor os filhos que, com grandes sacrifícios, vêm peregrinos para A ver e deixar-se olhar por Ela. Lá encontram a força de Deus para suportar os sofrimentos e as fadigas da vida» (EG 286).

A ternura na Virgem de Fátima

Na Virgem Maria aparecida na Cova da Iria conhecemos e contemplamos a imensa ternura do amor de Deus, a sua luz e calor que nos enchem de energia e coragem. As aparições aconteceram em tempo de negras sombras para a Europa em guerra e num Portugal em convulsão política e perseguição à Igreja. O Céu iluminou com a luz divina tais sombras, convidando à fé, à esperança e à mudança de vida e prometendo a proteção materna do Imaculado Coração de Maria.

Os primeiros beneficiários da ternura de Maria e de Deus, através dela, em Fátima, foram naturalmente os pastorinhos. Eles ficaram encantados com a Senhora “mais brilhante que o sol”. Dela receberam consolação, apoio e animação, que nunca lhes faltou, mesmo quando a vida se tornou penosa pelos interrogatórios, ameaças, descrença e, finalmente, para o Francisco e a Jacinta, pela doença e pela morte. As suas reações à graça das aparições revelam bem como a ternura divina tocou os seus corações e com que energia que os movia. É expressivo neste sentido o que a Jacinta dizia de Jesus: «Gosto tanto dele!»; e de Maria: «Eu gosto tanto do seu Coração! É tão bom!». E o mesmo acontecia com o Francisco e certamente com a Lúcia.

Uma decisiva experiência da ternura materna de Maria teve-a a vidente Lúcia, quando, em 1921, ia despedir-se da Cova da Iria a fim de ir para o Porto, em obediência ao bispo de Leiria. No lugar da aparição, amargurada e com a alma em escuridão, Lúcia estava na disposição de desdizer o sim dado ao bispo de Leiria: «Foi então – diz a vidente em oração a Maria – que senti a Tua mão amiga e maternal tocar-me no ombro; levantei o olhar e vi-Te, eras Tu, a Mãe Bendita a dar-me a Mão e a indicar-me o caminho; os Teus lábios descerraram-se e o doce timbre da Tua voz restituiu a luz e

a paz à minha alma». Assim se esclareceram as suas dúvidas, pressentiu a vocação religiosa e decidiu seguir para o Porto.

No princípio e ao longo do tempo, inúmeras pessoas encontraram na Virgem de Fátima manifestações da sua ternura em situações difíceis da vida. Assim aconteceu com o Papa João Paulo II, aquando do atentado de que foi vítima em 1981. Reconheceu que a misericórdia de Deus assumiu a expressão da infinita ternura de Maria: «Uma mão que puxou o gatilho e uma outra mão materna guiou a trajetória da bala. E o Papa agonizante deteve-se no limiar da morte». Por isso, veio a Fátima repetidamente agradecer à Mãe celeste.

Como fascinou com a sua beleza e bondade os três pastinhos, assim a Mãe do Céu, com o seu Imaculado Coração, continua a encantar os milhões de peregrinos do seu Santuário e os devotos que a invocam em qualquer lugar onde estão. Através da Senhora de Fátima, o Céu abre-se, abraça a terra, dá novo encanto e esperança à vida e torna-se acessível a quem quer que aceite e corresponda ao dom, à mensagem e ao apelo que ela oferece. Por Maria, de modo inesgotável, Deus abre-nos o seu coração e derrama sobre nós o seu amor, tornando-nos também capazes de O amar, vivendo a comunhão com Ele, e de amar os nossos irmãos na fé e na humanidade.

De Fátima continua a expandir-se a mensagem de paz e de esperança para multidões incontáveis de pessoas. A experiência da peregrinação ou o encontro com alguma das imagens de Maria põe-nas em contacto com a fonte do seu Imaculado Coração, de onde sai uma torrente de ternura e graça divina que lhes enche os corações e que lhes permite viver com mais ânimo e coragem, mesmo quando sombras e trevas envolvem a vida e a inteira humanidade.

Ícones marianos de ternura

Como a ternura nos toca os sentidos, podemos contemplar e receber a de Maria também pela beleza dos ícones que a mostram. Destaco três: a Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo, a Senhora da Piedade com Jesus morto no regaço e a Senhora de Fátima com o seu olhar terno e bondoso.

A Virgem Maria com o Menino Jesus ao colo é a imagem mais expressiva da ternura. Nela se contempla a relação mútua de afeto e o cuidado da Mãe para com o Filho. Vemos isso em certos ícones orientais onde o rosto da mãe está colado ao do filho e em que este a abraça e lhe põe a mão à volta do pescoço. A mãe segura o filho com uma mão e com a outra o ampara. Esta imagem reflete o amor terno de Deus e sugere-nos também a ternura da Mãe de Jesus para connosco, seus amados filhos, que nela confiamos, a amamos e a invocamos. Ela dá-nos amor, segurança e tranquilidade.

O Papa Francisco vai buscar a um salmo esta imagem para falar precisamente da «ternura do abraço» entre a mãe e o seu filho, que exprime «a união entre o fiel e o seu Senhor»: «Estou sossegado e tranquilo, como criança saciada ao colo da mãe; a minha alma é como uma criança saciada!» (Sl 131/130, 2). Efetivamente, são de ternura os braços de Deus, como refere o profeta Oseias: «Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o (...). Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços (...). Segurava-o com laços humanos, com laços de amor, fui para ele como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto; inclinei-me para ele para lhe dar de comer» (Os 11, 1.3-4; cf. *A Alegria do Amor*, 28).

Podemos igualmente contemplar a ternura de Maria nas imagens que a representam como a “Senhora da Piedade” com o seu Filho morto no regaço. Ali está também o amor sofrido da Mãe que segura o Filho morto, o contempla e se interroga. O Filho que tem nos braços entrega-o ao Pai como

uma oferenda. Mas também como que o mostra e oferece aos homens, para que o acolham e nele acreditem, recebendo o dom da fé e da esperança na ressurreição. De facto, a Mãe tem esperança de que o Filho ressuscitará e será fonte de nova vida para os que recebem na fé o Evangelho. A Maria «basta-lhe estar com Jesus. Ela torna-se assim o protótipo da Igreja sob a Cruz» (F. Van Thuan).

Contemplando a famosa escultura da Pietá, no Vaticano, Chiara Lubich faz esta meditação: «Estás, Nossa Senhora bela de Miguel Ângelo, naquela capela de S. Pedro, e cada vez que te olho pareces mais bela. Passam os dias, anos, séculos e homens de todo o mundo e de todas as épocas correram para te ver e tu deixaste na sua alma algo de sublime, de dulcíssimo. A quem te admira dás a provar uma sensação como de beatitude: parece que tocas o fundo de cada alma humana, e este raio celeste, que parte de ti, beija o centro imortal do homem, de cada homem: de ontem, de hoje, de sempre. Quando as tragédias do viver humano me ensombream, quando a televisão com alguns programas me humaniza mas não me eleva, quando o jornal com as suas crónicas sempre demasiado iguais me provoca melancolia, quando a dor me morde na alma e no corpo, olho para ti e fico aliviada. Há em ti algo que não morre. E é este algo que me faz pensar» (*La dottrina spirituale*, 347).

Também na imagem da Virgem de Fátima, especialmente na da Capelinha, podemos encontrar os traços da ternura com que Maria cuida dos seus filhos. Vemos a sua cabeça ligeiramente inclinada para quem a observa; o seu olhar transpara bondade e atrai. As suas mãos unidas, em gesto de oração, indicam e convidam a imitá-la na relação, oração e confiança para com Deus. Foi dessa forma que apareceu e cativou os pastorinhos. Hoje, através da sua branca imagem, continua a cativar inúmeros peregrinos e fiéis que a contemplam. As outras imagens, a da Virgem Peregrina ou a do Imaculado

Coração de Maria, mostram-nos também o mesmo olhar de ternura que nos toca o coração, nos cura e nos anima; inspira-nos amor e devoção e permite-nos aprender com a Mãe de Jesus a linguagem da ternura para a usarmos na relação com o nosso próximo.

O olhar de Maria faz-nos lembrar o de seu filho, quando olha para o jovem rico e sentiu afeto por ele (cf. Mc 10, 21). Ou o que dirige para Pedro, na paixão, depois de ele o ter negado por três vezes (Lc 22, 61).

Aprender com Maria a linguagem da ternura

Deus deixou-nos a Virgem Maria como espelho do seu rosto materno que ama e cuida de nós com grande ternura. Experimentando na nossa própria vida a ternura de Deus através da que nos oferece a mãe de Jesus, tornamo-nos também nós capazes de agir desse modo em relação aos que nos são próximos. O II Concílio do Vaticano diz que os fiéis encontram na Virgem Maria «exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens» (LG 65).

A linguagem da ternura e da misericórdia é fundamental para que os homens de hoje sejam tocados para graça de Deus. Por isso, o Papa Francisco salienta e deseja que, após o Ano da Misericórdia, «os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus!» (MV 5). Assim, a relação filial com Maria enche-nos de ternura e ajuda-nos a vivê-la na relação com os outros, imitando o seu amor materno. A ternura e o jeito mariano de viver é linguagem que os homens entendem. É através dela que hoje podemos testemunhar e comunicar o Evangelho de Jesus Cristo.

O nosso olhar volta-se então para a Mãe de misericórdia e de ternura, implorando, como deseja o Papa Francisco, que «a doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus» (MV 24).

A maternidade de Maria como modelo e figura da Igreja

— José Eduardo Borges de Pinho

Olhar para a maternidade de Maria como modelo e figura da Igreja é procurar ver de que modo a identidade e missão da Igreja deve ter como referência a missão maternal de Maria numa história de salvação que culminou no acontecimento Jesus, mas que continua como dom de Deus pela ação do Espírito Santo no acolhimento crente ao longo dos tempos. Em continuidade com a tradição da Igreja, o Concílio Vaticano II ofereceu-nos uma síntese bem expressiva sobre a profunda relação existente entre a maternidade de Maria e a vida da Igreja: «Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava Santo Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro

1. *Lumen Gentium*, n.º 63.

celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogénito de muitos irmãos (Rm 8, 29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe»¹.

Na reflexão que se segue, estruturada em seis pontos, procura-se, antes de mais, prestar atenção ao que a maternidade de Maria significa em si mesma, como é que ela se traduziu na sua própria história de vida e de que modo se manifesta na história da salvação que continua. Num segundo momento, trata-se de explicitar alguns aspetos demonstrativos de como a maternidade de Maria se repercute na compreensão que a Igreja tem de si mesma e no seu modo de agir.

1. A maternidade divina de Maria e a centralidade do mistério da encarnação

1.1. A maternidade divina – Maria, Mãe do Verbo de Deus encarnado – é o dado primeiro de toda a atenção cristã prestada a Maria, o fundamento do seu significado singular na história da salvação e de tudo quanto a seu respeito se diz na Escritura e se vive na experiência dos cristãos ao longo dos tempos. Desde os primórdios da Igreja o reconhecimento da verdadeira e plena maternidade de Maria é expressão e garantia da verdade e centralidade do mistério da encarnação do Filho de Deus como dado fundamental e surpreendente da fé cristã. É ao serviço da autêntica identidade da pessoa de Jesus – verdadeiro Deus e verdadeiro homem – que Maria emerge como figura incontornável, necessária mesmo. Gerado no seio de Maria pela ação do Espírito, em Jesus o Verbo de Deus assumiu verdadeira e plenamente carne

humana, com tudo o que tal implica para qualquer existência humana. Na sua maternidade virginal Maria é, pois, sinal e instrumento da autêntica humanidade de Jesus e testemunha da sua divindade, a maternidade divina de Maria está ao serviço do mistério da encarnação. Reside precisamente aqui – na união da natureza humana com a natureza divina em Jesus – a razão profunda da proclamação feita no Concílio de Éfeso (381) de Maria como *Theotokos* (“Mãe de Deus”, em tradução mais literal, “Geradora de Deus”).

1.2. Para a Igreja, contemplar a maternidade de Maria e o significado nela contido exprime-se na compreensão de que a sua identidade e missão é ser sinal e instrumento da permanência salvífica na história do mistério da encarnação. É o que sublinha a *Lumen Gentium*, logo no seu n.º 1, quando afirma a identidade e a missão da Igreja numa perspetiva de sacramentalidade: «A luz dos povos é Cristo», e «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano [...]». Dito de modo mais explícito: assim como Maria deu ao mundo Jesus, a Igreja é chamada a dá-lo também na totalidade da sua existência ao longo dos tempos, no testemunho quotidiano dos seus membros e através das suas instituições, na sinalização de uma presença que interpela e no serviço aos homens e mulheres de cada tempo e lugar. Está aqui – nesta missão nuclear – a primeira e básica expressão de como Maria é modelo e figura da Igreja: «Nossa Senhora – cito o Papa Francisco – quer trazer também a nós, a todos nós, a dádiva grandiosa que é Jesus; e com Ele traz-nos o seu amor, a sua paz e a sua alegria. Assim a Igreja é como Maria: a Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho; ela não leva a si mesma – seja ela pequena, grande, forte, ou frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria, quando foi visitar Isabel»².

2. FRANCISCO, *Audiência Geral de 23 de outubro de 2013*, in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131023_udienza-generale.html (23.6.2016).

Por outro lado, esta relação estrutural com o mistério da encarnação significa que a vida da Igreja é nuclearmente marcada pelo que a encarnação pressupõe e implica. Explicitando, sob outra perspectiva, a referida dimensão sacramental da Igreja, a *Lumen Gentium* sublinha que o mistério da Igreja, constituída simultaneamente pela sua dimensão espiritual/invisível e pela sua dimensão institucional/visível, é «uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino», pelo que apresenta «uma grande analogia com o mistério do Verbo encarnado». E acrescenta: «Pois, assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissoluvelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo (cf. Ef 4, 16)»³.

3. *Lumen Gentium*, n.º 8.

A Igreja transporta consigo, pois, os sinais da iniciativa salvífica de Deus na mediação de uma real humanidade. À semelhança de Maria, que não só foi o instrumento humano que possibilitou o mistério da encarnação como viveu toda a sua vida ao serviço da encarnação do Filho, a Igreja serve o Reino de Deus anunciado e vivido por Jesus, a Igreja não tem outro caminho senão o da contínua “encarnação” na vida das pessoas, dos povos, das culturas, nos diversos tempos e lugares da história da humanidade. A “lei da encarnação” marca, assim, todo o viver da Igreja e toda a espiritualidade cristã, exigindo atenção à vida real das pessoas, sensibilidade face às interrogações e aos dramas humanos, capacidade de sintonia com as grandes esperanças humanas e de resposta a essas mesmas esperanças.

2. A cooperação maternal de Maria na obra salvífica de Deus e a maternidade espiritual da Igreja

2.1. Pela sua maternidade Maria está associada, da forma mais íntima e abrangente possível, à totalidade da vida de Jesus, desde o momento da concepção até à morte na cruz, cooperando assim de forma singular no acontecimento da salvação. De novo, encontramos na *Lumen Gentium* uma afirmação incisiva nesse sentido: «A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça»⁴.

4. *Lumen Gentium*, n.º 61.

Deste modo, ainda que num lugar subordinado a Jesus Cristo e sem nada tirar ou acrescentar à dignidade e eficácia do único mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus (cf. 1Tm 2, 5-6), Maria cooperou no acontecimento da salvação realizado na vida, morte e ressurreição de Jesus. Mais ainda – assim acredita a Igreja e assim o confirma a experiência vivida por milhões de crentes no decurso de séculos –, Maria continua a exercer ao longo dos tempos, com a sua presença intercessora na comunhão dos santos, uma tarefa cooperadora, de instrumento ao serviço do agir salvífico do Espírito Santo, pelo que «é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira»⁵.

5. *Lumen Gentium*, n.º 62.

Tanto a maternidade divina de Maria ao serviço do acontecimento da encarnação como o prolongamento dessa maternidade, pela ação do Espírito, no cuidado pelos irmãos do seu Filho são dom gratuito de Deus no seu mistério de Amor. Nesta sua cooperação singular no acontecimento da salvação, Maria sabe-se fruto da graça de Deus, tem consciência de que tal acontece não por mérito seu, mas pela iniciativa gratuita de Deus («Salve, ó cheia de graça»; «Porque pôs os olhos na humildade da sua serva»; «O Todo-poderoso fez em mim maravilhas», cf. Lc 1, 28 e 48 s.). Mas, suportada pela graça de Deus, Maria exerce uma cooperação ativa, dá uma resposta livre a uma chamada gratuita, assume uma atitude de amor recebido e correspondido em compromisso pessoal de existência.

2.2. A maternidade de Maria inspira a maternidade espiritual da Igreja e ilumina o modo de a Igreja entender o seu papel de sinal e instrumento no acontecimento da salvação. Já no testemunho bíblico – no Evangelho de João, que, junto à cruz, confia Maria ao discípulo amado e vice-versa (Jo 19, 26-27), mas igualmente em Lucas, que apresenta Maria juntamente com os apóstolos reunidos no Cenáculo (Act 1, 14) – a Mãe de Jesus é vista em relação com a Igreja que nasce, estabelecendo-se assim um paralelismo estreito, uma ligação profunda entre o papel maternal de Maria e a função maternal da Igreja.

Nesse paralelismo, e desde logo, há que partir sempre do primado da graça, do agir gratuito de Deus: sabendo-se cooperadora do agir salvífico de Deus na história humana, a Igreja tem consciência também que só pode ser esse instrumento cooperador, só pode ser “sacramento universal de salvação” pela força do Espírito Santo que nela atua, sem se deixar esgotar no seu espaço visível. Como Maria, o papel cooperador da Igreja é chamado a ser pura transparência do amor salvífico e misericordioso de Deus, não é algo que

a Igreja faça autonomamente pelas suas próprias capacidades ou méritos. A Igreja é instrumento de salvação na medida em que «na sua pregação e na sua administração dos sacramentos o próprio Jesus Cristo age pela sua presença salvífica. Quer dizer que, ainda que a mediação da Igreja e a ação salvífica de Deus se confundam no ato salvador, elas não são, no entanto, menos claramente distintas: certamente é a Igreja que comunica ao crente a participação na salvação; mas não é ela, é unicamente Cristo que produz a salvação no mundo e que dá ao crente pela palavra e pelo sacramento a participação nesta salvação»⁶.

Nesta ordem de ideias, é olhando para a maternidade de Maria que a Igreja toma consciência renovada da sua maternidade, descobre a base que a fundamenta e o sentido que a orienta. É acolhendo Deus, a sua Palavra, os seus dons, procurando ser fiel à vontade do Pai que a Igreja se torna, também ela própria, mãe, à imagem de Maria: «efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus»⁷. Uma afirmação de S. Leão Magno (século V), citada na Exortação Apostólica *Marialis Cultus* do Papa Paulo VI, ilustra isso mesmo: «A origem que (Cristo) assumiu no seio da Virgem (Maria), coloca-a Ele na fonte do batismo: conferiu à água aquilo que deu à Mãe; com efeito, a virtude do Altíssimo e a sombra do Espírito Santo (cf. Lc 1, 35), que fizeram com que Maria desse à luz o Salvador, são o mesmo que faz com que a ablução regenere aquele que crê»⁸. No mesmo sentido lembra o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: «Esta ligação íntima entre Maria, a Igreja e cada fiel, enquanto de maneira diversa geram Cristo, foi maravilhosamente expressa pelo Beato Isaac da Estrela: “Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria [...]. Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de

6. COMMISSION
INTERNATIONALE
CATHOLIQUE

-LUTHÉRIENNE, *Église et justification. La compréhension de l'Église à la lumière de la doctrine de la justification – 1993*, in *La Documentation Catholique* 2101 (1994) n.º 127, p. 830 s.

7. *Lumen Gentium*, n.º 64.

8. *Marialis Cultus*, n.º 19.

Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e mãe fecunda. [...] No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses; no tabernáculo da fé da Igreja, permanecerá até ao fim do mundo; no conhecimento e amor da alma fiel habitará pelos séculos dos séculos”⁹.

9. *Evangelii Gaudium*, n.º 285.

A maternidade espiritual da Igreja ao serviço do Reino de Deus encontra, pois, exemplaridade, impulso e sinalização específica no papel mediador de Maria, e isso não só na perspetiva da sua vida histórica mas também em relação com a sua presença na vida da Igreja ao longo dos tempos. «Existindo esta relação de exemplaridade – escreveu João Paulo II –, a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a ela: “À imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade”. Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja como *modelo*. Mas o mistério da Igreja consiste também em gerar os homens para uma vida nova e imortal: é a sua maternidade no Espírito Santo. E nisto, Maria não é só modelo e figura da Igreja; mas é muito mais do que isso. Com efeito, “*ela coopera com amor de mãe para a regeneração e formação*” dos filhos e filhas da mãe Igreja. A maternidade da Igreja realiza-se não só segundo o modelo e a figura da Mãe de Deus, mas também com a sua “cooperação”¹⁰.

10. *Redemptoris Mater*, n.º 44.

3. A maternidade de Maria e o peregrinar na fé no seguimento de Jesus

3.1. A maternidade divina de Maria acontece radicalmente a partir do acolhimento crente de Deus e da sua Palavra («Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor», Lc 1, 45). A fé que animou a esperança de Israel cumpriu-se em Maria de forma singular, ao ponto de ela se tornar – de uma forma mais expressiva ainda do que Abraão, nosso “pai na fé” (cf. Rm 4) – verdadeiramente nossa “Mãe na fé”. No relato de Lucas, Maria, confrontada existencialmente com acontecimentos que continham sinais e interpelações de Deus, «conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração», isto é, procurando compreender o significado desses acontecimentos à luz de Deus (cf. Lc 2, 19.51). A sua condição singular de Mãe de Jesus não dispensou Maria do peregrinar na fé ao longo da vida.

Assim, aberta a acolher as interpelações de Deus e a pôr em prática a sua vontade, Maria foi chamada a transcender a sua maternidade messiânica e a estabelecer com Jesus um outro tipo de relação, não baseada apenas nos laços de sangue, mas fundada no acolhimento do Mistério de Deus e dos seus desígnios de salvação que em Jesus se manifestavam (cf. Mc 3, 31-35; Lc 8, 19-21; Mt 12, 46-50). A sobriedade global dos Evangelhos relativamente à vida de Maria (uma sobriedade justificada pela singularidade da pessoa de Jesus e pela centralidade escatológica, definitiva, do anúncio do Reino que marcou o seu viver e o seu morrer) é um indício – pelo silêncio, mas nem por isso menos relevante – de como a fé de Maria foi vivida nas circunstâncias de um quotidiano anónimo, atravessado também por momentos de dificuldade e até de grande perplexidade.

Na totalidade do seu caminhar crente Maria emerge, assim, como modelo da fé dos crentes, como figura típica do que significa ser discípulo de Jesus, como existência indicativa de verdadeiro seguimento de Jesus. A graça da chamada recebida frutifica numa resposta crente que se torna exemplo e interpelação para a vida de cada cristão: «Se a graça é sempre primeira, ela exige sempre de novo uma resposta, a resposta do amor ao amor. Maria é assim apresentada como o exemplo decisivo e perfeito do sim que deve pronunciar a fé cristã. Nesta perspectiva, Maria pode ser considerada como o modelo do crente justificado pela fé e não pelas obras. A este título, Maria, a “agraciada”, a humilde serva do Senhor, sobre a qual ele pôs o seu olhar, e por isso bendita entre todas as mulheres, declarada bem-aventurada porque ela acreditou, é bem “figura da Igreja”, do povo de Deus sobre a terra em marcha para o Reino, nossa irmã [...]»¹¹.

11. GRUPO DES DOMBES,
*Marie dans le dessein de Dieu
et la communion des saints.*
II. *Controverse et conversion*,
in *La Documentation
Catholique* n.º 2187
(1998) n.º 323, p. 740.

3.2. A Igreja no seu conjunto e o cristão na sua existência pessoal vivem do acolhimento crente do Evangelho de Jesus como Palavra definitiva de Deus à humanidade. É «pela fiel receção da palavra de Deus» que a Igreja gera, na força do Espírito, para a fé, para a vida nova crente¹². Tomando como modelo inspirador a fidelidade, a radicalidade e a fecundidade criativa do “sim” de Maria, a Igreja e cada cristão são chamados a entender a sua vida e a realizar a sua vocação a partir da confiança fundamental da fé, uma fé interiormente experimentada como esperança e animada por uma autêntica caridade. A Igreja só pode ser fiel à sua missão na medida em que procurar viver da constante escuta de Deus na fé, ler os “sinais dos tempos” como indicativos do que Deus lhe vai pedindo nos caminhos complexos da história, estiver disponível para perguntar sempre de novo o que a fidelidade aos dons recebidos dela exigem no concreto de cada situação. Trata-se de assumir, tanto comunitária como

12. *Lumen Gentium*, n.º 64.
Cf. *Redemptoris Mater*, n.º 5.

individualmente, que a existência crente é um peregrinar na fé no seguimento de Jesus, suportado pela força do seu Espírito, no meio da complexidade das circunstâncias históricas. «Caminhando por meio de tentações e tribulações – lê-se na *Lumen Gentium* –, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso»¹³.

13. *Lumen Gentium*, n.º 9.
Cf. ainda *Redemptoris Mater*, n.ºs 25 e 28.

Assim, com a sua abertura à ação do Espírito no meio das vicissitudes da vida, a atitude de fé de Maria possui um significado permanente para a missão eclesial de anúncio e testemunho do Evangelho em cada tempo e lugar, a «sua excecional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja»¹⁴. Explicita o Papa Francisco: «Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N'ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. [...] Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai “à pressa” (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Ela um modelo eclesial para a evangelização»¹⁵.

14. *Redemptoris Mater*, n.º 6.

15. *Evangelii Gaudium*, n.º 288.

4. A maternidade de Maria e a união íntima com Jesus

4.1. O seguimento de Jesus pelo caminho da fé, a que Maria foi também chamada, radica numa união profunda com Jesus. De facto, a maternidade divina de Maria, como sucede com toda a maternidade humana, traduz-se numa relação pessoal única com o Filho Jesus e, assim, com Deus no seu Mistério trinitário. Sem deixar de ser criatura e como fruto da ação do Espírito, Maria vive a comunhão mais íntima que pode dar-se entre Deus e um ser humano (a relação de Jesus com o Pai no Espírito Santo é, obviamente, de uma outra ordem).

Esta união íntima com Jesus, possibilitada e suscitada pelo mesmo Deus, é a raiz da sua santidade, da sua abertura total à chamada de Deus, do seu caminhar fiel na sua própria história de vida, da sua capacidade de seguir até ao fim o caminho de Jesus, não obstante os enigmas e interrogações que tal inevitavelmente suscitava. “Assim – lê-se na *Lumen Gentium* – avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à cruz”¹⁶. «Esta união – sublinha o Papa Francisco – alcança o seu apogeu no Calvário: aqui Maria une-se ao Filho no martírio do coração e na oferta da sua vida ao Pai, para a salvação da humanidade. Nossa Senhora fez seu o sofrimento do Filho, aceitando com Ele a vontade do Pai naquela obediência fecunda, que confere a vitória genuína sobre o mal e a morte»¹⁷.

16. *Lumen Gentium*, n.º 58.

17. FRANCISCO, *Audiência Geral de 23 de outubro de 2013*.

4.2. Na sua maternidade e em tudo o que ela significa e abarca, Maria aparece, para a Igreja, como comunidade crente e, para cada cristão na sua própria história de vida, como figura e modelo da união com Cristo. Não que a sua relação pessoal com o Filho Jesus seja repetível. Mas

«a maternidade na ordem da graça» tem analogia com o que «na ordem da natureza» caracteriza a união da mãe com o filho¹⁸. Assim, a união de Maria com Jesus emerge como indicativo e exemplificação interpelativos de que o cristão e a Igreja vivem desta relação profunda com Jesus, do sentido da sua existência, da vida e verdade contidas na sua mensagem, da graça de salvação e esperança definitiva que brota da sua morte e ressurreição. Estamos no cerne do acontecimento cristão: «Ao início do ser cristão – lembrou Bento XVI –, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»¹⁹. A Igreja sabe que só será verdadeiramente livre e fecunda na medida em que estiver unida a Jesus Cristo e ao seu Espírito.

Esta união com Jesus, procurando segui-lo, passa também – como na vida de Maria – pelo caminho da cruz. No fiel seguimento de Jesus, a existência cristã é e não pode deixar de ser «existência crucificada». A vida de Maria lembra que a existência cristã, de uma forma ou de outra, não pode deixar de ser, em múltiplas e diferenciadas situações embora, existência sob a cruz. «Maria, tão próxima do Jesus humano pela sua maternidade, teve de viver a paixão e a ressurreição do seu Filho para se tornar discípula na Igreja. Por aí, a figura de Maria adverte o cristão de que ele não pode eliminar a Cruz e a Páscoa para entrar na comunidade do seu Senhor»²⁰.

Nos dias de hoje esta afirmação crente encontra comprovação existencial concreta no martírio de muitos cristãos. Mas, para além dessas situações extremas e trágicas, importa ter consciência de que a vida quotidiana é inevitavelmente acompanhada também por diversas experiências de «cruz» – dificuldades, contradições, sofrimentos, que o cristão tem de aprender a acolher como interpelação nos caminhos do seguimento de Jesus.

18. *Redemptoris Mater*, n.º 45.

19. *Deus Caritas Est*, n.º 1.

20. GRUPO DES DOMBES, *Marie dans le dessein de Dieu et la communion des saints. I. Dans l'histoire et l'Écriture*, in *La Documentation Catholique* n.º 2165 (1997) n.º 189, p. 745.

5. A maternidade de Maria como interpelação à misericórdia maternal da Igreja

5.1. Na história da salvação Maria é, na sua dimensão maternal, a figura humana que melhor transporta consigo e deixa perceber os sinais do amor misericordioso de Deus nos caminhos da vida (como Lucas bem assinala no cântico do *Magnificat*). Tanto na história concreta da sua existência como na sua presença continuada ao longo dos tempos ao serviço da ação do Espírito, Maria é testemunha qualificada de como «a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém»²¹, de como Deus acompanha com o seu amor misericordioso o nosso próprio viver e a história do mundo. Definitivamente junto de Deus na totalidade da sua pessoa e da sua história de vida, na comunhão dos santos, mas em proximidade singular com o seu Filho Jesus, Maria é, na força do Espírito do Senhor Ressuscitado e do Pai, uma manifestação, uma mediação dessa dimensão radical do Deus em que acreditamos, um Deus cujo amor incondicional se manifesta com uma índole maternal profunda, tecida de misericórdia, ternura e compaixão.

5.2. A maternidade de Maria interpela a Igreja a procurar ser sinal efetivo e credível da misericórdia de Deus, o que naturalmente passa, antes de mais, pelo agir misericordioso de cada um dos cristãos (cf. Lc 6, 36). Contemplar Maria na sua maternidade divina, reconhecer na sua vida e na sua presença ao longo da história cristã sinais do rosto misericordioso de Deus, invocá-la como “Mãe de Misericórdia” é, para a Igreja, profunda e exigente interpelação a perguntar-se como é que na sua vida transparece o rosto misericordioso de Deus revelado em Jesus, como é que a Igreja pode e deve ser “mãe

21. Bula *Misericordiae Vultus*, n.º 24.

misericordiosa” em todo o seu viver: no modo como anuncia o Evangelho, no acompanhamento dos homens e mulheres na sua realidade existencial, na sinalização do perdão que Deus oferece a cada homem e a cada mulher que abre o seu coração ao Mistério do amor insondável de Deus.

De modo particular, Maria é figura e tipo da Igreja incitando-a a ser testemunha da misericórdia de Deus no acolhimento dos mais pobres, necessitados e aflitos, a ser sinal do amor libertador de Deus que quer vida humana realizada em plenitude (cf. Jo 10, 10). «Haurindo certeza do coração de Maria, da profundidade da sua fé, expressa nas palavras do *Magnificat*, a Igreja renova em si, sempre para melhor, essa própria certeza de que *não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva*, de Deus que é fonte de toda a dádiva, *da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes*, amor que, depois de cantado no *Magnificat*, se encontra expresso nas palavras e nas obras de Jesus»²².

22. *Redemptoris Mater*, n.º 37.

6. A maternidade virginal de Maria e a santidade da Igreja

6.1. Como já se sublinhou, tudo o que a Igreja afirma sobre Maria radica no amor trinitário misericordioso de Deus pela humanidade, que escolheu Maria para dar carne humana ao seu Verbo e assim manifestar e realizar nas condições da história a sua vontade salvífica universal. Essa eleição, em ordem a uma missão, é para Maria pura graça de Deus, que a toca nas profundezas do seu ser e possibilita a sua plena fidelidade ao longo de toda a sua vida. Em Maria a graça de Deus emergiu na sua plena radicalidade e possibilitou que a sua existência tenha sido um caminho de total fidelidade à vocação recebida.

Por isso, na fé da Igreja, que reconhece esse agir gratuito de Deus e a resposta fiel de Maria, Maria é a Mãe Virgem (aquela que, chamada por Deus, vive toda a sua existência em plena entrega e disponibilidade), a “Santíssima Virgem” (a “*Panagía*”, a “Toda Santa”, porque, agraciada por Deus, responde numa relação de fidelidade e abertura sem reservas ao mesmo Deus), a “Imaculada Conceição” (aquela que, desde os primeiros inícios e na dimensão mais profunda da sua existência está totalmente aberta à comunhão com Deus, vivendo assim uma “liberdade libertada”), a “Senhora da Assunção” (definitivamente junto de Deus no termo do seu viver histórico, em Maria mostra-se o que a Igreja é chamada a ser, nela antecipa-se o destino final que anima a esperança cristã). Em Maria, os cristãos reconhecem, pois, indicativos luminosos para o seu viver em busca de fidelidade ao Mistério de Deus que suporta a sua existência, exemplo esperançoso para caminhos de santidade como dom de Deus acolhido na liberdade humana das suas vidas.

6.2. Olhar para a maternidade virginal de Maria e tudo o que ela comporta de fidelidade aos dons de Deus e realização plena de vida (santidade) é para a Igreja impulso fundamental para o reconhecimento do que a confissão de fé na santidade da Igreja significa, pressupõe e exige. O primado da graça, reconhecido na vida de Maria, permite falar da santidade da Igreja com uma densidade mais forte do que da possibilidade e realidade do pecado nela. À luz de Maria, membro pleno da Igreja ainda que seu «membro eminente e inteiramente singular»²³, ressalta como professar a fé na “santa Igreja” não é uma afirmação do que os cristãos são capazes de ser e de fazer, mas é, antes e decisivamente, o reconhecimento do que Deus pode fazer neles e através deles, na Igreja e através da Igreja. Ao mesmo tempo emerge aqui como a santidade de Deus, que transborda para a história humana, é mais

23. *Lumen Gentium*, n.º 53.

forte que os limites, as fraquezas, os pecados dos membros da Igreja, ao ponto de a santidade da Igreja, sendo embora afetada (às vezes mesmo gravemente!) pelo pecado dos seus membros e pelas “estruturas de pecado” que daí resultam, nunca poder ser, todavia, completamente destruída.

A maternidade de Maria é, assim, simultaneamente luz e interpelação nos caminhos de vida de cada cristão e da Igreja no seu conjunto. «Mas, ao passo que, na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cf. Ef. 5, 27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos»²⁴. Na santidade da Mãe de Jesus a Igreja contempla, agradecida, os dons de Deus e renova, fortalecida, as razões da sua esperança.

24. *Lumen Gentium*, n.º 65.

Do rosário, oração cordial

Exercício espiritual de encher o coração
com as feições do Cristo

Pedro Valinho Gomes

«Sua mãe conservava todas estas coisas no seu coração».

(Lc 2, 51)

«Parecia que, pulsando normalmente, o meu coração começava a dizer as palavras da oração a cada batida. Desisti de dizer a oração com os lábios. Passei simplesmente a ouvir o que meu coração dizia».

(Relatos de um Peregrino Russo)

*«Não a voz, mas o desejo;
não o clamor, mas o amor;
não os instrumentos, mas o coração,
cantam aos ouvidos de Deus».*

(Inscrição no coro da Igreja do Mosteiro de S. Damião, em Assis)

Eis o rosário: contemplar, com um olhar apenas possível ao coração, o mistério primeiro e definitivo do Deus que se faz humano para resgatar o humano para Deus; olhar o mistério de Deus a acontecer na vida das mulheres e dos homens e conservar «todas estas coisas no coração» (Lc 2, 51); perscrutar o mistério de Deus com a surpresa da mulher de Nazaré, cujo coração engravidada de amor, mesmo antes de engravidar o seio.

A prece de um coração cheio de graça ganha corpo e palavra diante da vida do fruto bendito do ventre de Maria, Jesus.

Somos desafiados pelo imperativo da alegria com que o Anjo saúda a Virgem: *Alegra-te Maria, cheia de graça*, porque Deus está presente, porque ele fez morada entre nós (Lc 1, 28). Cada *ave-maria* que entoamos faz memória de que somos criados para a alegria da vida em Deus, à sua imagem, como que à sua semelhança (Gn 1, 26). A promessa da morada de Deus entre os homens, concretizada em Jesus, é o motivo da festa que nos congrega. O rosário é essa oração que celebra a alegria do Deus que nos resgata para a alegria.

Em Fátima, esta é uma interpelação incessante. A Senhora do Rosário não se cansa de instar os pastorinhos a que rezem o terço todos os dias¹. A insistência nesta oração não é sem razão. O rosto bíblico de Deus que Fátima recorda é o de Alguém com entranhas de misericórdia (Jer 4, 19), que vem em busca do homem errante, sedento de o recuperar para a bem-aventurança; é o do «coração misericordioso que das alturas nos visita como sol nascente» (Lc 1, 78). Somos ali recordados do Deus da Glória, Pai, Filho e Espírito Santo, que tem desígnios de misericórdia para cada mulher e cada homem. A oração do rosário centra-nos nessa promessa definitiva do triunfo da Misericórdia que a vida de Cristo veio inaugurar; porque ele está presente em cada *agora* do acontecer da vida; porque ele fez morada na história.

O rosário abre-se como caminho de humildade na fé, ao estilo dessa mulher única que, com o seu *fiat*, fez da vida dom e que conservava cada gesto, cada palavra de Jesus, «ponderando-os no seu coração» (cf. Lc 2, 19). Meditar os mistérios da vida de Cristo, ao jeito simples da Senhora da alegria, é deixar-se habitar pela presença do Deus incarnado, tal como ela. O rosário não será outra coisa que esse jeito contemplativo e cordial de, como Maria e com ela, guardar no coração as feições do fruto bendito do seu ventre, Jesus.

1. Cf. as ocorrências mensais nos relatos das seis aparições feitos nas *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, 13.^a ed., Fátima, 2013, pp. 172-181.

O coração, portanto.

Talvez nada defina melhor este exercício espiritual do que a imagem do coração que procura chegar «à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4, 13): o coração instado ao compasso ritmado dos mistérios de Cristo; o coração que, abraçado no coração imaculado daquela que primeiro contemplou o Filho, nele reconhece a tipificação de uma relação de amor insondável; o coração chamado, hoje, a transparecer Deus a um mundo em discórdia, isto é, sem coração.

1. O pão nosso de cada dia ou o corpo narrativo de Cristo

«Rezai o terço todos os dias»

Todos os dias. A oração do rosário é pedido insistente da Senhora a cada aparição. Esta perseverança, apresentada com o caráter de urgência, coloca a oração do rosário no centro da vida espiritual das testemunhas de Fátima e daquele que abre o seu coração à Misericórdia.

As contas do rosário apontam para o núcleo da fé cristã na medida em que se oferecem como memorial da encarnação de Deus, do seu dom imponderável até ao extremo, da promessa definitiva do triunfo da Misericórdia que a encarnação, a vida, a paixão e a morte de Jesus Cristo vieram inaugurar. Através da contemplação dos mistérios da vida de Cristo, o rosário apresenta-se como uma mistagogia. Ao jeito de Maria, esta oração convida cada crente a acolher as feições de Cristo no seu coração, a deixar-se interpelar pela compaixão de Deus, e a assumir o compromisso de uma vida conformada com o *fiat*,

«faça-se em mim segundo a tua vontade» (Lc 1, 38). Trata-se de moldar o coração com as feições do Cristo.

Preencher o coração com o olhar de Deus, moldá-lo com o estilo de Cristo, é a proposta evangélica feita em Fátima para reparar o humano da sua trajetória autorreferencial. Todos os dias, sem cessar, colocar o coração em Deus há de tornar-se disposição habitual de acolhimento do dom da vida e do seu significado das mãos do Criador, de hospitalidade do dom do afeto e da filiação muito amada das mãos do Pai pródigo.

Todos os dias. Um pedido repetido em cada encontro.

Surpreende esta insistência, a urgência do pedido, como que em memorando do que é essencial, para que não chegue a cair no esquecimento. A atitude que a oração do rosário suscita há de ser o pão nosso de cada dia. Ao seu jeito, renova o convite do Anjo à adoração, a colocar a vida diante de Deus. Veja-se o repto do Anjo a Lúcia, Francisco e Jacinta, em 1916: «Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios»².

Parece exigente este plano de vida. Oferecer *constantemente* orações e sacrifícios. Escuta-se o eco do apóstolo de Tarso que já recomendara que orássemos sem cessar (1Ts 5, 17). Mas é apenas a partir da verdade da primeira frase – «Os corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia» – que o Deus Altíssimo que se faz Baixíssimo (como a cada mistério descobrimos, no rosário) pede a generosidade orante e sacrificial. É a partir do olhar compassivo de Deus que surge o convite ousado a que as crianças de Fátima fixem o olhar na *abaixamento* de Deus, dele aprendam o dom de si e se disponham ao dom para bem de muitos.

Voltar a encher de Deus o olhar da intimidade, a cada dia, a cada instante, é o desafio que nos propõe o rosário. A contemplação alimenta a relação que há de levar à conformação com Cristo. O rosário é, por isso, uma boa síntese

2. *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, p. 170.

deste mistério do encontro: enquanto evocação da vida e do amor sacrificial de Cristo pela humanidade, à imagem da qual o crente se vai deixando moldar, num processo de conversão permanente, o rosário é expressão da humildade confiante daquele que entrega o seu caminho, a sua vida toda, nas mãos de Deus, e se faz prece pelos irmãos, *principalmente os que mais precisarem*³.

Maria é figura da conformação constante do coração à vida de Cristo. O rosário é o instrumento que ela insistentemente e urgentemente pede que se utilize para essa conformação.

«Orai sem cessar» (1Ts 5, 17)

O convite de Maria às crianças de Fátima decalca o desafio do apóstolo: «Alegrai-vos sempre, rezai sem cessar, dai graças em todas as circunstâncias» (1Ts 5, 16-18). A alegria e a ação de graças só fazem sentido na medida em que se compreenda que o efêmero que habitamos é tocado, como uma bênção, pela vida de Deus. Tal como contemplamos na oração do rosário.

Contemplamos o *azeramento* do Verbo-que-se-dá. Em tom narrativo, os mistérios do rosário afirmam que tudo vem de Deus e tudo volta para Deus. Cada mistério do rosário é enredo do singular mistério da nossa redenção em Cristo. A oração assume, na fé, o que Paulo afirma aos Efésios: «Manifestou-nos o mistério da sua vontade, e o plano generoso que tinha estabelecido, para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra» (Ef 1, 9).

Que a constância da oração se propõe a polir o coração do crente à imagem de Deus pode ser aprendido a partir de uma das mais belas parábolas bíblicas que encontramos na boca dos profetas Zacarias e Malaquias e que apresenta Deus como um ourives:

3. *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, p. 177. João Paulo II, na *Rosarium Virginis Mariae*, n.º 12, sugere que «através da meditação dos mistérios do Rosário, [chegamos] a “imitar o que contém e alcançar o que prometem”».

«Fá-los-ei entrar no fogo, purificá-los-ei como se purifica a prata, prová-los-ei como se prova o ouro. Ele invocará o meu nome, e eu lhe responderei; direi: ‘é meu povo!’ e eles dirão: ‘Iahweh é nosso Deus!’» (Zac 13, 9).

«De repente, entrará em seu Templo o Senhor que vós procurais; o mensageiro da Aliança, que vós desejais, eis que ele vem... Ele é como o fogo do fundidor... Assentar-se-á aquele que funde e que purifica; ele purificará os filhos de Levi e os acrisolará como ouro e prata...» (Mal 3, 1-3).

O belo da história encontra-se na forma como se dá a purificação da prata e do ouro: ao fogo, o ourives purifica o metal precioso, mas só sabe que o ouro está purificado quando vê nele refletido o seu próprio rosto. Assim se dá com a nossa história de vida, perpassada pelo fogo dos acontecimentos. Assim se dá também com a oração, perpassada pelo fogo da constância e da fidelidade. Rezar é encher o olhar de Deus e compreender que o seu Mistério ilumina a vida toda, colocada diante dele. É a partir desta massa de vida que, se nos dispomos a isso, se abrimos, «todos os dias» o coração à contemplação deste mistério íntimo, o próprio Deus vai limando as arestas e purificando a nossa história até aí ver refletido o seu rosto, até ver aí refletido aquilo para o que fomos criados.

Este convite de Deus é um projeto de liberdade. Não é forçado. É um projeto de seres livres, não de escravos. É o amor que lima as arestas, não a força de um cumprimento de ordens. O belo da história das nossas vidas está na liberdade com que somos convidados a aderir a esse plano de amor.

«O pão nosso de cada dia nos dai hoje»

A oração é menos prece do que atitude, e atitude essencial no homem. Nomear a Deus é já assumir a fragilidade radical

que nos habita para acolher dessa confissão de impotência uma força que nos dinamize. A atitude orante que o rosário cultiva assume uma postura de humildade, de hospitalidade filial em que acolho, em tom narrativo, a presença de Cristo. Este *pão* nosso que nos alimenta converte-nos em *cristãos*, aqueles que assumem como identidade própria a *imitatio Christi*, a conformação do seu ser com a vida do Filho.

Nomear a Deus com os mistérios que ele mesmo nos oferece, para que cheguemos a assumir-nos como participantes desses mistérios, é ao que nos convida a oração do rosário. Aprendemos de Paul Ricoeur que o texto bíblico está dinamizado por uma vitalidade própria da revelação: escutar o poema bíblico é tornar-se ouvinte da revelação de Deus. E escutar a Deus é o passo primeiro e fundamental do processo de conversão. É esse o pressuposto de que parte o crente. Aprendemos de Ricoeur que

«nomear a Deus, antes de ser um ato de que eu sou capaz, é o que fazem os textos da minha predileção quando escapam aos seus autores, ao seu meio de redação e ao seu destinatário primeiro, quando desdobram o seu mundo, quando manifestam poeticamente e assim revelam um mundo que poderíamos habitar»⁴.

O rosário convida a fazê-lo no constante acontecer da vida. É essa a atitude crente fundante que propõe: a nomear a Deus nos seus mistérios, para que se chegue aos «mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5).

O rosário tem os tons do credo hebraico, em jeito orante. Para Israel, a profissão de fé fazia-se pela contemplação da sua história acarinhada pelo Deus da Aliança. O seu credo dizia-se na narrativa da presença de Deus na sua história, no enredo da relação entre Deus e o povo (Deut 26, 5-10). Na medida em que, todos os dias, sem cessar, o coração entrevê

4. Paul Ricoeur, *Entre Philosophie et Theologie II: Nommer Dieu*. In *Lectures 3. Aux frontières de la philosophie*. Éditions du Seuil, Paris 1994, p. 189.

o rosto de Cristo comprometido na reparação da aliança, é o coração que se eleva a Deus para nele fazer morada.

Sursum corda.

2. Eis a tua mãe, o teu refúgio e o teu caminho até Deus

«Eu nunca te deixarei»

O Coração revela a misericórdia, o Rosário medita nela.

No cerne da mensagem que em Fátima se oferece, a Senhora do Rosário aponta o seu Coração Imaculado como *refúgio e caminho*, como que a sublinhar a inquebrantável ligação entre o coração sem mácula e a oração do rosário. Estas duas singelas interpelações da Senhora – a consagração ao Coração Imaculado e a oração do Rosário – bebem de uma mesma dinâmica de fé que se há de fazer atitude basilar do discipulado cristão: a oração do rosário é expressão daquilo que, ao jeito de Maria, o coração guarda do mistério do Deus da misericórdia.

A consagração ao Coração Imaculado é enquadrada pela visão do inferno. Oferece-se como a alternativa para o desamor que fecha o homem sobre si mesmo, num viciado circuito autorreferencial. Retoma uma longa tradição bíblica que olha o coração como simbólico da pessoa toda, como o lugar onde a fé, a esperança e o amor se fazem presentes na pessoa. Lúcia entrevê no coração de Maria um «símbolo do amor e da dor, recetáculo da misericórdia e do perdão»⁵. A luz em que, nas primeiras aparições da Senhora do Rosário, os pastorinhos são emergidos, e que eles identificam como sendo a presença do próprio Deus, é mediada através do coração sem mácula de Maria. Repleto da presença de Deus, o coração torna-se

5. Irmã Lúcia, *Como Vejo a Mensagem*, Carmelo de Coimbra e Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2007, p.45.

espelho dessa mesma luz que revela a misericórdia. Lúcia compreende-o bem: «quem melhor que este Imaculado Coração nos poderia descobrir os segredos da Divina Misericórdia?»⁶.

6. *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, p. 35.

Talvez a descoberta mais fundamental dos pequenos pastores de Fátima tenha sido a de se saberem acolhidos com amor terno no coração de Deus, através da mediação da Senhora que se dispôs a acolher o Verbo de Deus fazendo-se presente com o seu *fiat* (Lc 1, 38), da Senhora que «guardava no seu coração» todo o mistério da vida do Verbo (Lc 2, 19). Aprendemos já do Cardeal Ratzinger que a consagração ao Coração Imaculado é o assumir desta atitude do coração em que o *fiat* oferecido a Deus se torna o núcleo conformador da vida do crente⁷.

7. Cf. Joseph Ratzinger, *Comentário Teológico*, in *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, p. 228.

O rosário, por seu lado, é memorial da encarnação de Deus, do dom imponderável do Deus-homem que habita entre os homens para os reconduzir a Deus, da promessa da presença de Deus. Através da contemplação dos mistérios da vida de Cristo, o Rosário apresenta-se como um itinerário pedagógico para o crente, que o introduz à relação com o Filho pela mão da Mãe.

A Senhora do Rosário é a Senhora do Coração Imaculado, do coração que conserva o mistério de Deus, do coração que a cada instante se *ergue ao alto* e se deixa moldar pelo dom da misericórdia. A promessa de que este Coração vazio de mácula e cheio de graça triunfará é a esperança que alimenta a oração e a ação do crente. Porque o que esta promessa – «O meu Imaculado Coração triunfará» – significa é que

«o Coração aberto a Deus, purificado pela contemplação de Deus, é mais forte que as pistolas ou outras armas de qualquer espécie. O *fiat* de Maria, a palavra do seu Coração, mudou a história do mundo, porque introduziu neste mundo o Salvador: graças àquele “Sim”, Deus pôde fazer-se homem no nosso meio e tal permanece para sempre»⁸.

8. Cardeal Joseph Ratzinger (Bento XVI), *Comentário Teológico*, p. 232.

A devoção ao Coração Imaculado aponta para a mesma dinâmica que a oração do rosário: só um coração predisposto a deixar-se encher da misericórdia de Deus pode trabalhar o mundo à imagem do coração de Deus.

«Eis a tua mãe»

Não é indiferente a oferta deste refúgio materno, em Maria. Se, em junho de 1917, a Senhora do Rosário oferece o seu coração a Lúcia como refúgio e caminho, é porque o próprio Filho o havia já oferecido como cuidado maternal: «eis a tua mãe» (Jo 19, 27).

Naquele instante, diante da cruz, Maria permanecia como a própria cruz: erguida e inabalável, como quem afirma a disponibilidade para assumir a vida toda do Filho, como quem absorveu do amor da sua relação a fortaleza com que se há de enfrentar a vida e a morte.

A oferta da sua companhia na oração do rosário é estímulo a dela aprender esta atitude. É apenas na medida do amor de Cristo e do amor a Cristo que a contemplação do seu mistério redentor dará frutos de vida bem-aventurada. É apenas na medida em que o coração se ofereça na generosidade de uma relação íntima que o constante recordar das feições de Cristo moldará a intimidade do crente. É apenas na medida em que se disponha à graça que o coração se deixará reimacular por Deus.

É essa a medida de Maria que, agora e na hora definitiva, roga por nós e conosco.

«O Senhor é convosco»

O rosário oferece-se, por isso, também como elogio a Maria, a essa mulher singular e imaculada que generosamente se dispõe a acolher a Deus e a oferecer o Filho. Rezar o rosário é também dirigir a prece àquela que mais plenamente viveu a conformação com Cristo e que a ele conduz a nossa oração. Porque o Senhor está com ela (Lc 1, 28).

Maria define-se precisamente pela presença em si deste Outro que é o próprio Deus: é a cheia da graça de Deus, aquela em quem Deus repousa o seu olhar, aquela em quem o Senhor está. Enquanto refúgio e caminho, é este Outro que ela tem a oferecer. Contemplar o seu coração imaculado é ainda olhar o Filho. Consagrar-se ao seu branco coração cheio de graça é ainda encher os olhos do Cristo e polir a existência ao seu jeito.

É significativo que tradicionalmente o objeto do terço termine com a cruz, metáfora da oração que é cristocêntrica e que nos pretende fazer cristiformes. João Paulo II sublinha que «o terço converge para o Crucificado, que desta forma abre e fecha o próprio itinerário da oração. Em Cristo, está centrada a vida e a oração dos crentes. Tudo parte d'Ele, tudo tende para Ele, tudo por Ele, no Espírito Santo, chega ao Pai»⁹.

9. João Paulo II, *Rosarium Virginis Mariae*, n.º 2.

3. Cordialmente, num mundo de discórdia

«Para alcançarem a paz»

O convite à oração do rosário tem, em Fátima, como intenção clara a paz no mundo. A Senhora é perentória: «Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer»¹⁰.

10. *Memórias da Irmã Lúcia*. Vol. I, p. 176.

Se, num olhar descomprometido, se possa olhar com estranheza para esta ligação, valerá a pena recordar que pela oração do rosário franqueamos uma porta para as entranhas de misericórdia do próprio Deus. Na medida em que a ousadia de franquear essa porta se concretiza, são também as nossas entranhas que se vão convertendo à misericórdia e à compaixão e oferecendo-se como instrumentos de paz.

O compromisso com a paz passa precisamente pela transformação do coração ao jeito de Cristo. O compromisso com a paz passa por trazer constantemente à minha presença o bem dos demais. O compromisso com a paz passa por assumir como próprio o cuidado maternal da Virgem com quem rezamos.

O coração cheio de Deus é disponível. E a vida constrói-se da disponibilidade generosa de tantos que insistem no bem dos demais. É disto que depende a paz e o bem, de olhos cheios do jeito do Cristo, de corações a transbordar o dom, da superabundância da graça e da misericórdia.

«A paz esteja convosco» (Jo 20, 19)

Não se estranhe que a contemplação do Cristo seja caminho para a paz. É esse o dom primeiro do Ressuscitado. Ao anoitecer daquele primeiro dia da semana, o Ressuscitado visita a Igreja reunida para lhes oferecer um dom e um envio por herança: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai me enviou também eu vos envio a vós» (Jo 20, 20).

Ao despedir-se dos discípulos, na última ceia, o Mestre já lhes assegurara: «Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz» (Jo 14, 27). E logo trata de precisar, na continuação: «Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou». O jeito do Cristo não se mede pelos critérios da lógica de domínio e de poder, mas pela do cuidado e da oferta. Como recorda, uma vez mais, o cardeal Ratzinger:

«não existe um destino imutável, que a fé e a oração são forças que podem influir na história e que, em última análise, a oração é mais forte que as balas, a fé mais poderosa que os exércitos»¹¹.

11. Joseph Ratzinger, *Comentário Teológico*, p. 231.

«Rogai por nós, agora»

Que o *agora* seja repetido à exaustão na oração do rosário é indício de que o *agora* é o tempo em que devemos viver, no hoje de cada instante, mesmo se cheio de esperança pelo Reino. No tempo da espera, a esperança é horizonte de confiança.

Não vivemos o tempo do desespero. As nossas vidas são tocadas por uma promessa que nos resgata e nos repara desde o fim da história. E se, por algum motivo, somos tentados a encontrar no nosso *agora* uma indicação de que o espaço e o tempo que habitamos é mais violento e sedento de Deus e menos alimentado pela força do Evangelho do que qualquer outro em qualquer época da história, não esqueçamos a lição do teólogo:

«A fé em Deus implica a fé na inesperada herança de ter nascido num determinado século e no meio de uma determinada perdição. Ela ordena uma *esperança que ultrapassa toda a nostalgia e toda a utopia*. Se estamos aqui é porque o Criador aqui nos quer. Se vivemos num tempo de miséria é este o tempo abençoado para a misericórdia. É preciso que ocupemos o nosso lugar e que tenhamos a certeza de que não poderíamos estar melhor. Precisamos não de nos remeter ao futuro ou lamentar o passado, mas servir a presença de Deus em todas as coisas, lançar o Eterno no temporal, viver sobre a terra a caridade que é já – *aunque es de noche*, embora seja na noite – a do céu»¹².

12. Fabrice Hadjadj, *L'aubaine d'être né en ce temps. Pour un apostolat de l'apocalypse*, Éditions Emmanuel: Paris, 2015, contracapa.

O *ámen* que conclui a oração é também o assumir do compromisso com este *hoje*.

Quando me abro a Deus, comprometo-me com ele, em aliança. Dele recebo em herança a vida. Da minha parte, disponho-me a viver em abundância, que o mesmo é dizer que me disponho a viver ao seu ritmo e ao seu jeito. *Abrir-se a Deus é comprometer-se com ele e com os seus compromissos*. A oração do rosário compromete-nos com o Coração de Deus, que está presente e está atento à voz das nossas súplicas.

*Ave Maria,
Senhora do Rosário,
Virgem da oração cordial,
Senhora do branco coração cheio de graça.
És vivificada pelo Deus da misericórdia.
Feliz entre as mulheres,
És eleita para engravidar da Esperança que não desilude.
Mãe Santa, mulher do coração em Cristo,
que cuidas, solícita, das planícies de solidão que nos habitam,
e apontas às nossas sedes o caminho da Fonte,
não deixes que se feche o nosso coração,
não permitas que seque e atrofie,
mas abraça-nos no teu que é refúgio
e caminho que leva a Deus.
Agora e na hora definitiva.
Ámen. «Sim, queremos»¹³.*

13. *Memórias da Irmã
Lúcia. Vol. I, p. 174.*

Maria, primeira discípula evangelizadora

— Manuel Joaquim Gomes Barbosa

1. Discípulos missionários, discípulos evangelizadores

Na exortação apostólica *A Alegria do Evangelho*, o Papa Francisco diz-nos de forma muito clara que somos «discípulos missionários» e não «discípulos e missionários». Não se trata de uma minudência gramatical ou estilística, mas pura e simplesmente da essência da nossa vida em Cristo.

Na sua primeira mensagem para o Dia Mundial das Missões, em 2013, o Papa Francisco situava-nos nesta compreensão da missão como anúncio do Evangelho enquanto discípulos de Cristo. Transcrevo apenas alguns excertos: «O anúncio do Evangelho faz parte do ser discípulos de Cristo e é um compromisso constante que anima toda a vida da Igreja... A missionariedade não é somente uma dimensão programática na vida cristã, mas também uma dimensão paradigmática que diz respeito a todos os aspetos da vida cristã... É urgente

fazer resplandecer no nosso tempo a vida boa do Evangelho com o anúncio e o testemunho, e isso a partir de dentro da Igreja. É importante nunca esquecer um princípio fundamental para todo o evangelizador: não se pode anunciar Cristo sem a Igreja. Evangelizar nunca foi um ato isolado, individual, privado, mas sempre eclesial».

Tudo coisas sabidas, mas nem sempre assumidas em tom renovador. Aqui e ali surgem tentações superficiais de restaurar apenas algumas atitudes e ações de missão evangelizadora, mas sem beber da profunda renovação conciliar do Vaticano II. O Concílio convida-nos a abrir caminhos novos de uma Igreja em permanente missão evangelizadora, porque essência da sua identidade, a sugerir novas perspectivas e concretizações de vida cristã como discípulos de Cristo, como autêntico testemunho, pessoal e comunitário, da missão de Cristo. Aqui e ali surgem entendimentos de processos novos, mesmo chamados de nova evangelização, quantas vezes atinados a novos métodos, expressões e linguagens, mas sem beber da genuína fonte que é a alma e o ardor da evangelização e da missão. Isso é da essência da Igreja, que somos em Jesus Cristo pela fé, convocada a ser radical e permanentemente Igreja em missão, seja em situações percebidas como eclesialmente estruturadas, seja em situações consideradas como fronteiras, margens e periferias: uma Igreja sempre em missão! Somos «discípulos missionários», não discípulos e missionários, somos «discípulos evangelizadores», não discípulos e evangelizadores.

2. Maria, discípula na anunciação, evangelizadora na visitação, missionária na Cruz

Esta afirmação central de uma Igreja em permanente missão evangelizadora assenta perfeitamente na vida de Maria de Nazaré, Mãe de Jesus e nossa Mãe, e tem expressão plenamente concreta no seu aparecimento há cem anos em Fátima, com uma mensagem autenticamente evangélica, logo missionária e evangelizadora.

Maria é discípula porque chamada em missão a anunciar o Evangelho que é o seu Filho. Maria é missionária e evangelizadora por ser discípula do seu próprio Filho, desde o acolhimento fecundo no seu ser.

Três acontecimentos bíblicos manifestam este dinamismo central: a anunciação, em que Maria se torna discípula; a visitação, em que Maria se torna evangelizadora; e o encontro na Cruz, onde Jesus a oferece a João e a qualquer seu discípulo, e também a nós hoje, como Mãe missionária, anunciadora do Evangelho que é o próprio Cristo. Deste modo, nestes primeiros atos de vida «cristã», Maria torna-se para nós a primeira discípula missionária e evangelizadora.

Maria, discípula na anunciação

Na anunciação, Maria diz sim a Deus: um ato de fé que é plena confiança e adesão de vida ao chamamento de Deus, mesmo nas dúvidas e incertezas, inerentes à própria fé que nos transforma em discípulos de Cristo. «Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo»: é o chamamento de Deus através do Arcanjo Gabriel. O relato de Lucas (cf. Lc 1, 26-38) diz que Maria ficou perturbada, pensativa e interrogativa. Mesmo

nos questionamentos, Maria acolhe a certeza absoluta da força do Deus Altíssimo na vinda do seu Espírito para lhe dar o Santo que será chamado Filho de Deus. É o amor da Santíssima Trindade derramado no coração de Maria. Nesse processo de vida, Maria torna-se discípula, dando o seu sim incondicional a Deus: «Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra».

Se Maria é a primeira discípula, só podemos tomá-la como lenitivo para a nossa vida de discípulos comprometidos com Cristo. No confronto com a proposta de Deus, Maria dá um sim total e incondicional, deixando para segundo plano outros projetos de vida pessoais que legitimamente teria em mente, como qualquer jovem que perspectiva o seu futuro. Não há sinais de egoísmo, de comodismo, de orgulho, mas uma entrega total nas mãos de Deus e um acolhimento radical dos caminhos de Deus.

É a mesma atitude que somos convidados a assumir diante dos projetos que Deus tem para nós, sem reservas e com amor e disponibilidade, numa atitude de entrega total a Deus, deixando de lado atitudes egoístas de defesa intransigente dos nossos projetos pessoais e interesses egoístas. A nossa confiança sem limites em Deus e nos seus planos tem que se alimentar continuamente numa vida de diálogo, de comunhão, de intimidade com Deus.

No seguimento da discípula Maria de Nazaré, mulher para quem Deus ocupava o primeiro lugar e era a prioridade fundamental, pessoa de oração e de fé, que fez a experiência do encontro com Deus e aprendeu a confiar totalmente n'Ele, enquanto discípulos temos de encontrar tempo e disponibilidade para ouvir Deus, para viver em comunhão com Ele, para tentar perceber os seus sinais nas indicações que Ele nos dá dia a dia, no meio da agitação de todos os dias; enfim, sermos discípulos que contemplam, permanecem e saboreiam a contínua presença do Mestre.

Maria, evangelizadora na visitação

Na visitação, Maria torna-se, pela primeira vez, a primeira evangelizadora. Maria vai ao encontro de Isabel e permanece junto dela o tempo que for necessário. Não olha para o relógio nem para a agenda. Este ato evangelizador não é um acrescento do ato discipular, é da essência de ser discípula. Com esse sair ao encontro da sua prima, Maria não acrescenta nada, apenas engrandece a sua atitude de discípula. Por ser discípula, parte em missão a levar a Boa Nova que está no seu seio. Maria ensina-nos desde logo que a missão evangelizadora não é esperar ou atender algo ou pessoas que vêm ao nosso encontro, como tanto acontece nas nossas estagnadas vidas e comunidades cristãs, mas é partir e acolher quem procuramos em situações tantas vezes de exclusão ou de periferia, como tanto sói dizer o Papa Francisco.

O relato lucano (cf. Lc 1, 39-47) diz-nos precisamente que «naqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel». Trata-se de uma situação concreta, não abstrata, bem localizada, em atitudes dinâmicas de se dirigir, de sair, de entrar em saudação na casa de Zacarias e Isabel. O Espírito Santo é o centro de toda esta dinâmica orante e evangelizadora, é Ele que faz Isabel exclamar com o menino a exultar no seu seio, é da parte do Senhor que tudo acontece: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor».

Com a participação central do Espírito Santo de Deus, vale a pena reler e reter este encontro entre cinco pessoas: Maria, Zacarias, Isabel e os meninos Jesus, em geração no ventre de Maria, e João, em gestação no seio de Isabel. Um encontro profundamente evangelizador de discípulos, em particular Maria. É um encontro que permanece no tempo... até se diz que Maria ficou três meses. Após ter conhecimento de que vai acolher Jesus no seu seio, Maria partiu ao encontro de Isabel e fica solidária junto dela, até ao nascimento de João.

O encontro da visitação provoca-nos, dizendo-nos que evangelizar é permanecer, estar, anunciar, sempre sem cessar e sem cansar, nunca um ato de bom despacho numa longa homilia fastidiosa ou em pontuais iniciativas ditas de evangelização, seja nova ou renovada. Temos consciência de que acolher Jesus é estar atentos às necessidades dos irmãos, partir ao seu encontro, partilhar com eles a nossa amizade e ser solidários com as suas necessidades?

O estremecimento de alegria de João Batista no seio de Isabel é o sinal de que o mundo espera com ânsia uma proposta verdadeiramente libertadora. Como discípulos evangelizadores, somos convidados a transmitir esta mensagem com o testemunho da nossa vida no seu todo, nas palavras e nos silêncios que falam e significam, nos gestos e nas atitudes que anunciam a Boa Nova que é o Único Senhor das nossas vidas.

Maria, missionária na Cruz

No encontro da Cruz, Jesus está no centro e entrega-se a João e Maria, a uma comunidade, às nossas famílias e comunidades, a cada um de nós para que O acolhamos no coração de Maria e O anunciemos.

Depois de uma vida de intensa proximidade junto de seu Filho, Maria permanece com plena coragem junto à Cruz no

ato supremo de oblação de Jesus ao Pai e à humanidade, em sublime entrega ao discípulo amado para que a acolha em sua casa. A missão, dada por Cristo aos seus discípulos, a Maria em especial e a todos nós, tem a sua fonte e geração na Cruz.

No relato de São João (19, 25-27), diz-se que «junto à Cruz estavam, de pé, sua mãe...». De seguida, Jesus entrega a sua mãe ao discípulo amado: «Mulher, eis aí o teu Filho...». E diz a João: «Eis aí a tua mãe». Termina dizendo que o discípulo a recebeu em sua casa. Como bem comenta Walter Kasper, «em João, Jesus confia a Maria todos os discípulos como filhos e, inversamente, confia a todos Maria como mãe. Estas palavras de Jesus podem ser entendidas como o seu testamento, como a sua última vontade; com isto é dito algo que é vinculativo e decisivo para o futuro da Igreja... Maria integra de modo duradouro o evangelho da misericórdia divina. É duradoura-mente testemunho e instrumento da misericórdia de Deus».

Na mesma tonalidade evangelizadora, devem ser vistos outros momentos marcantes da presença contínua de Maria na vida de Jesus, como é evidente para uma mãe que simplesmente ama, como é evidente naquela que é a primeira discípula evangelizadora desde a anunciação, passando pela visita-ção, até à Cruz onde já se plenifica a vinda do Espírito Santo no Cenáculo; aí, onde é gerada a Igreja, Maria permanece em eterna duração de acolhimento e anúncio da Boa Nova que é o seu Filho.

3. Maria, Estrela e Mãe da Evangelização

Maria sempre teve especial referência no magistério eclesial, expressão da fé do povo de Deus desde os inícios da Igreja. Importa transportar para aqui as indicações mais recentes do magistério pontifício desde o Concílio Vaticano II, na incidência da temática que estamos a propor.

Na Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, diz-se que «a Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça» (LG 61). E o Concílio mostra-nos a Mãe de Jesus como imagem da Igreja, a «brilhar na terra como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor» (LG 68).

Dez anos depois do encerramento do Concílio, a 8 de dezembro de 1975, na atualíssima exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, Maria é apresentada como a Estrela da Evangelização: «Na manhã do Pentecostes, ela presidiu na prece ao iniciar-se da evangelização, sob a ação do Espírito Santo: que seja ela a estrela da evangelização sempre renovada, que a Igreja, obediente ao mandato do Senhor, deve promover e realizar, sobretudo nestes tempos difíceis mas cheios de esperança!» (EN 82).

Do vastíssimo magistério de João Paulo II, destaco os anúncios do Ano Mariano em 1987-1988 e do Ano do Rosário em 2002-2003. Assim se exprime São João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, de 25 de março de 1987: «Como Povo de Deus, a Igreja vai fazendo, mediante a fé, a peregrinação no sentido da eternidade no meio de todos os povos e nações, peregrinação que começou no dia do Pentecostes. A Mãe de Cristo, que esteve presente no princípio do “tempo da Igreja” quando, durante os dias de espera do Espírito Santo, era assídua na oração no meio dos Apóstolos e dos discípulos do seu Filho, “precede” constantemente a Igreja nesta sua caminhada através da história da humanidade. Ela é também aquela que, precisamente como serva do Senhor, coopera sem cessar na obra da salvação realizada por Cristo, seu Filho» (RM 49).

Na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, de 16 de outubro de 2002, situada na esteira da Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, em que todo o Povo de Deus é convidado a partir de Cristo, assumindo os grandes dinamismos da santidade, da comunhão e da missão, São João Paulo II diz-nos que «o Rosário, quando descoberto no seu pleno significado, conduz ao âmago da vida cristã, oferecendo uma ordinária e fecunda oportunidade espiritual e pedagógica para a contemplação pessoal, a formação do Povo de Deus e a nova evangelização» (RVM 3).

Mais adiante, convida-nos a anunciar Cristo com Maria. Vale a pena meditar este extrato sobre a força evangelizadora do Rosário, pela sua pertinência para a nossa proposta de reflexão: «O Rosário é também um itinerário de anúncio e aprofundamento, no qual o mistério de Cristo é continuamente oferecido aos diversos níveis da experiência cristã. O módulo é o de uma apresentação orante e contemplativa, que visa plasmar o discípulo segundo o coração de Cristo.

De facto, se na recitação do Rosário todos os elementos para uma meditação eficaz forem devidamente valorizados, torna-se, especialmente na celebração comunitária nas paróquias e nos santuários, uma *significativa oportunidade catequética* que os Pastores devem saber aproveitar. A Virgem do Rosário continua também deste modo a sua obra de anúncio de Cristo. A história do Rosário mostra como esta oração foi utilizada especialmente pelos Dominicanos, num momento difícil para a Igreja por causa da difusão da heresia. Hoje encontramos-nos diante de novos desafios. Porque não retomar na mão o Terço com a fé dos que nos precederam? O Rosário conserva toda a sua força e permanece um recurso não descurável na bagagem pastoral de todo o bom evangelizador» (RVM 17).

Bento XVI, na Carta Encíclica *Spe Salvi*, sobre a esperança cristã, de 30 de maio de 2007, fala de Maria como estrela da esperança, dimensão essencial do anúncio evangelizador de qualquer discípulo missionário de Cristo: «As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. E quem mais do que Maria poderia ser para nós estrela de esperança? Ela que, pelo seu sim, abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo; Ela que Se tornou a Arca da Aliança viva, onde Deus Se fez carne, tornou-Se um de nós e estabeleceu a sua tenda no meio de nós» (SS 49).

Nas suas variadas intervenções, o Papa Francisco retoma o magistério de sempre, em particular nestas últimas acen-tuações da relevante missão de Maria como discípula evangelizadora, pela sua plena atitude de união a Deus e à humanidade. Assim termina a sua primeira Carta Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé, de 29 de junho de 2013, em forma de oração

dirigida a Maria, Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé: «Ajudai, ó Mãe, a nossa fé. Abri o nosso ouvido à Palavra, para reconhecermos a voz de Deus e o seu chamamento. Despertai em nós o desejo de seguir os seus passos, saindo da nossa terra e acolhendo a sua promessa. Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor, para podermos tocá-l'O com a fé. Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele, a crer no seu amor, sobretudo nos momentos de tribulação e cruz, quando a nossa fé é chamada a amadurecer. Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado. Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho. Ensinaí-nos a ver com os olhos de Jesus, para que Ele seja luz no nosso caminho. E que esta luz da fé cresça sempre em nós até chegar aquele dia sem ocaso que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor» (LF 60).

Mas é na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, de 24 de novembro de 2013, programática para vários anos da vida da Igreja, que o Papa Francisco dedica um significativo espaço a Maria como a Mãe da evangelização: «Juntamente com o Espírito Santo, sempre está Maria no meio do povo. Ela reunia os discípulos para O invocarem, e assim tornou possível a explosão missionária que se deu no Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização» (EG 284).

No número seguinte, referindo as palavras de Jesus no dramático encontro com sua mãe e o discípulo amado, assim afirma: «estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que *tudo se consumara*. Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma

mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino» (EG 285).

O Papa Francisco explicita ainda que, «como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que Se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. Como uma verdadeira mãe, caminha connosco, luta connosco e aproxima-nos incessantemente do amor de Deus» (EG 286).

Nos últimos números dedicados a estas acentuações, o Papa Francisco refere Maria como a Estrela da nova evangelização. Transcrevo aqui apenas algumas passagens, mas vale a pena meditar estes dois números por inteiro: «À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial... Hoje fixamos n'ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores... Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto... Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai à pressa da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Ela um modelo eclesial para a evangelização» (EG 287-288).

A terminar este relance sobre a saliência de Maria como discípula evangelizadora no recente magistério pontifício, é de destacar a sua missão como Rainha da criação, como

refere o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, de 24 de maio de 2015: «Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza... Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação» (LS 241).

4. Anúncio evangelizador da mensagem de Fátima

Tudo o que vimos até agora insere-se plenamente na mensagem que a Virgem do Rosário nos transmitiu há cem anos em Fátima. Nem poderia ser de modo diverso, dada a essencial tonalidade evangélica da mensagem de Fátima. Sendo evangélica, necessariamente se torna evangelizadora. A Senhora que apareceu em Fátima é a mesma que, como primeira discípula missionária e evangelizadora, acolheu e anunciou o seu Filho Jesus desde o ventre materno.

Enuncio apenas alguns anúncios da mensagem evangélica e evangelizadora de Fátima, sem entrar profunda e explicitamente nos textos que exprimem as Aparições de 1917.

A mensagem de Fátima é anúncio de atitudes de vida cristã centrada na oração, na adoração, na Eucaristia. «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos»: são os primeiros Apelos da Irmã Lúcia, sintonizando-nos com a mensagem de Fátima. Maria ensina-nos a crescer na fé, a sermos adoradores do único Deus das nossas vidas, a fomentar a esperança

sobretudo quando quase tudo e todos sinalizam desesperos e sem sentidos, a amar a Deus porque é Ele o primeiro a amar-nos. Enquanto cremos, adoramos, esperamos e amamos, somos já evangelizadores e anunciadores da Boa Nova, sem intermitências nem ruturas. Aludindo ao espírito do Papa Francisco, não há atitudes estanques, tudo acontece em simultâneo. No encontro adorante com Deus estamos a servir os irmãos, particularmente os que se encontram em radicais periferias humanas; nos encontros evangelizadores, estamos em profunda adoração contemplativa do Deus de Amor. A tudo isso nos provoca a Virgem Mensageira de Fátima, de forma tão concretizada no permanente convite ao anúncio contemplativo da oração diária do Terço.

A mensagem de Fátima é anúncio de conversão e perdão, de reconciliação e paz. Quantas páginas nos deixou a Irmã Lúcia com estas entoações, só para ficarmos pelos seus Apelos. A conversão das nossas vidas, sempre a partir do nosso coração onde permanece vivamente o Coração de Jesus e o Coração de Maria, implica perdoar e ser perdoado, exige sacrifícios quotidianos que são sinal de amor e oblação, inclui a contínua rejeição das ofensas a Deus e dos males do nosso mundo e a procura perseverante do bem, envolve a plena consagração a Deus das famílias, dos sacerdotes e dos consagrados.

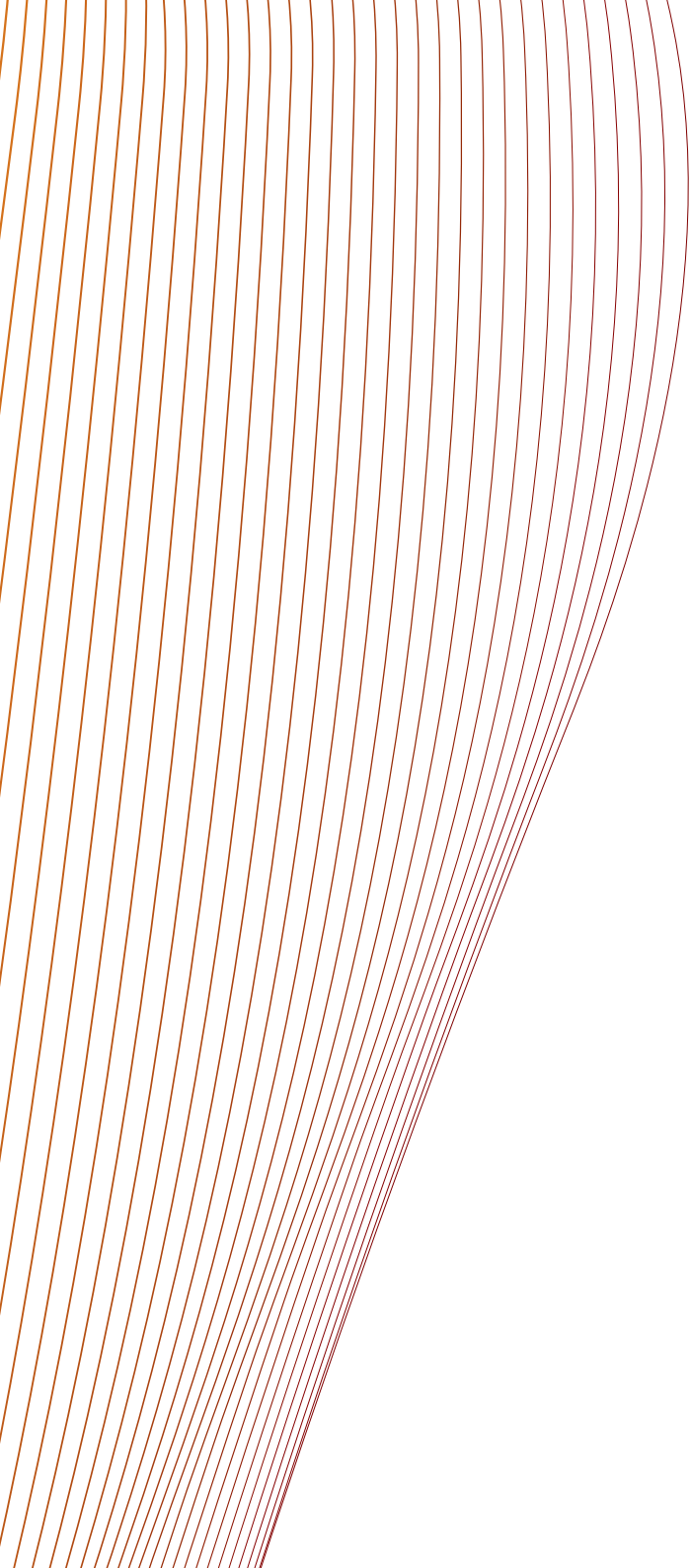
Retomo aqui o breve comentário da Irmã Lúcia no décimo terceiro Apelo da mensagem de Fátima: «O apostolado é a continuação da missão de Cristo sobre a terra; devemos ser cooperadores de Cristo na sua obra da Redenção, na salvação das almas. Existe o *apostolado da oração*, sobre o qual tem de assentar todo o restante apostolado, para ser eficaz e fecundo; há o *apostolado do sacrifício*, o daqueles que se imolam, renunciando a si próprios, pelo bem dos seus irmãos; e temos o *apostolado da caridade*, que é a vida de Cristo reproduzida em nós pela nossa entrega a Deus ao serviço do próximo».

A mensagem de Fátima é anúncio de vidas peregrinas em saída para o encontro dos próximos desta terra. A peregrinação é sempre encontro connosco mesmos, com Deus, com os outros, com a criação. Fátima é ponto de encontro onde se chega e donde se parte, com a vida no seu todo, cheia de alegrias e tristezas, esperanças e angústias, desejos e ilusões, sofrimentos e sentidos de vida, de desertos e oásis existenciais. Para qualquer discípulo peregrino que vive na escuta da fé e anuncia essa vivência em testemunho, Fátima é lugar de interpelação e de transformação, porque «precisamente nesse lugar, numa azinheira, produziu-se realmente a epifania de um mundo distinto, que irradia luz e beleza. O tempo da vida humana adquire uma qualidade distinta: a eternidade teve tempo para o homem nos braços abertos de Maria... O santuário deve ser oásis para o peregrino cansado e também contacto com uma história verídica e verdadeira. Fátima oferece-se como ícone de uma misericórdia que se abre diante do peregrino entre os dramas da história» (Eloy Bueno de la Fuente).

A mensagem de Fátima é anúncio da luz, da beleza e da alegria do Evangelho. A Páscoa de Cristo, liturgicamente celebrada e quotidianamente vivida pelos seus discípulos, é plena de luz, beleza e alegria. A Senhora que apareceu em Fátima, a mesma Mãe de Jesus e nossa Mãe, irradiava luz, beleza e alegria. Os três pastorinhos receberam fecundamente esses dons e no-los transmitiram. Nesta fidelidade à mensagem de há cem anos, o Santuário de Fátima só pode cuidar dessa luz, beleza e alegria, bebidas de Jesus e de Maria através de Jacinta, Francisco e Lúcia. Cuidar da estética e dos espaços celebrativos com toda a sua envolvimento constitui já por excelência uma autêntica ação evangelizadora para todos os que acorrem ao Santuário e vão fecundar com entusiasmo evangélico em todos os cantos da terra a luz, a beleza e a alegria da mensagem evangelizadora de Fátima.

A mensagem de Fátima é anúncio do amor misericordioso de Deus revelado em Jesus Cristo, onde Maria tem um lugar tão especial. Sintonizamos com o que diz o Papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus*, para o Ano Santo da Misericórdia: «A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor... Maria atesta que a misericórdia do Filho de Deus não conhece limites e alcança a todos, sem excluir ninguém» (MV 24). O Deus com entranhas de misericórdia plasma-se no ser de Maria e em todos nós. Misericórdia é essência da mensagem de Fátima, que muito nos continua a falar, para que sejamos anunciadores e profetas do amor misericordioso de Deus.

III. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO



Maria na História da Salvação

«Sou a Senhora do Rosário»

CATEQUESE PARA CRIANÇAS

— *António Loureiro*

I. Introdução

Reflexão para o catequista

1. Maria na História da Salvação

Nossa Senhora tem um papel e um lugar especial na História da Salvação. Deus serve-se de Maria, da jovem pobre de Nazaré, para fazer com que o seu Divino Filho, Jesus Cristo, chegue até nós: «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher... a fim de recebermos a adoção de filhos» (Gl 4, 4-5).

Nossa Senhora é introduzida no mistério de Jesus Cristo por meio da Anunciação do Anjo Gabriel. Este chamamento

deu-se em Nazaré, num momento bem preciso da história de Israel, o povo escolhido para a manifestação das promessas de Deus a toda a humanidade. O mensageiro divino diz à Virgem: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1, 28). Maria dá o seu “Sim” a Deus e ao seu desejo de salvação. Maria é a Senhora do “Sim”. Ela, com o seu “Sim”, coloca a sua existência em função do Filho de Deus, Jesus Cristo, e do cumprimento da promessa de Deus ao seu Povo e a toda a humanidade.

Nossa Senhora aparece em todos os momentos essenciais da vinda de Jesus, ponto fulcral da história da salvação. Desde o princípio, no anúncio e no nascimento de Jesus Cristo, isto é, nos mistérios da Encarnação (Lc 1-2), revela a sua presença discreta e, na maior parte das vezes, silenciosa, animada a compreender Jesus e sua missão e acolher a sua proposta.

Aparece na inauguração de ministério de Jesus Cristo (Jo 2), em Caná, onde, graças à intercessão de Maria e à obediência dos servos, Jesus dá início à sua missão. Em Caná, Nossa Senhora aparece como quem acredita em Jesus: a sua fé provoca da parte dele o primeiro “milagre” e contribui para suscitar a fé dos discípulos.

Nossa Senhora, Mãe de Jesus Cristo, apresenta-se diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho, como quem indica aquelas exigências que devem ser satisfeitas, para que possa manifestar-se o poder salvífico do Messias.

Maria aparece junto à cruz, onde, antes de morrer, Jesus nos dá a sua Mãe como nossa mãe, na pessoa de São João (Jo 19, 27). Por fim, está presente no nascimento da Igreja (At 1, 14). Nossa Senhora é a Mãe dos apóstolos, é presença materna que auxilia os discípulos a perseverarem na fé e na espera do Espírito Santo Consolador.

Nossa Senhora foi certamente uma pessoa de oração e de fé, que fez a experiência do encontro com Deus e aprendeu

a confiar totalmente n'Ele. Os evangelhos revelam Nossa Senhora como mulher de fé amadurecida, humana e preocupada com a vida dos seus irmãos. Maria insere-nos numa humanidade à espera do Salvador. Sente-se maravilhada por ser a escolhida para ajudar no cumprimento da aliança de Deus com a Humanidade. Caminha lado a lado com o seu filho Jesus Cristo e chama-nos a conhecê-lo e a amá-lo.

Como diz o Concílio Vaticano II, «Maria... pela sua participação íntima na história da salvação... quando é exaltada e honrada, atrai os fiéis ao seu Filho e ao sacrifício dele, bem como ao amor do Pai» (LG 65). Por isso, a fé de Nossa Senhora torna-se «a fé do Povo de Deus que está a caminho: a fé das pessoas e das comunidades, dos encontros e das assembleias e, enfim, dos diversos grupos que existem na Igreja. Trata-se de uma fé que se transmite mediante o conhecimento e o coração ao mesmo tempo; de uma fé que se adquire ou readquire continuamente mediante a oração» (cf. RM 28).

Também o Papa Francisco, na Audiência Geral do dia 23 de outubro de 2013, fez ver este papel de Nossa Senhora, tão importante no seio da História da Salvação: «Nossa Senhora quer trazer também a nós o grande presente que é Jesus e com Ele nos traz o seu amor, a sua paz, a sua alegria. Assim é a Igreja, é como Maria: a Igreja não é um negócio, não é uma agência humanitária, a Igreja não é uma ONG, a Igreja é enviada a levar Cristo e o seu Evangelho a todos; não leva a si mesma – se pequena, se grande, se forte, se frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria quando foi visitar Isabel. O que levava Maria? Jesus. A Igreja leva Jesus: este é o centro da Igreja, levar Jesus! Se, por hipótese, uma vez acontecesse que a Igreja não levasse Jesus, aquela seria uma Igreja morta! A Igreja deve levar a caridade de Jesus, o amor de Deus, a caridade de Jesus».

Nesse sentido, é preciso, com as escrituras, venerar, ou seja, amar, respeitar, honrar Nossa Senhora e, através dela, louvar a Deus, «porque todas as gerações» têm por obrigação dizer «bem-aventurada». É preciso imitá-la e considerá-la como um exemplo, particularmente juntando-nos à sua oração e ao seu louvor ao Pai. Com isso, a importância capital de Nossa Senhora foi ter acreditado e aceitado a vontade de Deus. Ter feito aquilo que Deus queria e, mais ainda, ter aprendido a reconhecer Deus no seu próprio filho.

2. Sou a Senhora do Rosário

A última aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos deu-se em 13 de outubro de 1917, perante a presença de um grupo de peregrinos e curiosos de mais de cinquenta mil pessoas, uma vez que os pastorinhos tinham revelado que Nossa Senhora iria fazer um milagre nesse dia. Com efeito, Nossa Senhora tinha referido na aparição de 13 de setembro: «Em outubro farei um milagre para que todos acreditem».

Lúcia assim começa por descrever estes acontecimentos na Memória IV: «Saímos de casa bastante cedo, contando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha mãe, temendo que fosse aquele o último dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comovedoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova de Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechassem os guarda-chuvas para rezarmos o terço».

Pouco depois, refere Lúcia, viu «o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira».

Era a última aparição da Nossa Senhora na Cova da Iria, a 13 de outubro, e, pela primeira vez, fez um pedido singular, o de construir naquele lugar um espaço de oração em sua honra: «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra». Outra novidade nesta aparição foi a de revelar o seu nome: «Sou a Senhora do Rosário». Além disso, voltou a lembrar a recomendação já feita antes: «Continuem a rezar o terço todos os dias».

Das palavras de Nossa Senhora, o que mais se gravou na mente e no coração de Lúcia foi o seguinte pedido: «não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido».

A certa altura, Lúcia pede aos presentes que olhem para o sol. As nuvens abriram-se, pois o céu estava nublado e a chover torrencialmente, e o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo, que irradiava todas as cores do arco-íris.

Depois de Nossa Senhora ter desaparecido na imensa distância do firmamento, Lúcia refere: «vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. São José com o Menino parecia abençoar o Mundo, com os gestos que fazia com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora, que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma forma que São José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo».

Objetivos:

- Conhecer a mensagem da sexta Aparição de Nossa Senhora em Fátima, em 13 outubro de 1917;
- Reconhecer que Nossa Senhora foi chamada a colaborar de forma especial na História da Salvação;
- Reconhecer que Maria traz Jesus até nós e leva-nos até Ele.

Material necessário:

- Computador/projetor;
- Vídeo do Youtube intitulado “Fátima Santuário Portugal”;
- Imagem do Santuário de Fátima (anexo 1);
- Atividade da Sopa de Letras (anexo 2);
- Fotocópia da oração «Ato de Entrega a Maria».

II. Desenvolvimento da catequese

Com a proposta desta catequese, em primeiro lugar, somos convidados, com as crianças que estão connosco, depois de um breve acolhimento, a fazer uma visita, ainda que digital, ao Santuário de Fátima e a conhecê-lo como um lugar construído em honra de Nossa Senhora. De seguida, somos interpelados a termos contacto com a mensagem da aparição de outubro de 1917. Por fim, sabendo que estes dois objetivos se separam por quase um século, somos incentivados a fazer um percurso de fé, de descoberta da Virgem Maria, que se insere num plano amoroso de salvação do Nosso Deus. Um plano que nos pode levar também hoje ao encontro com o seu filho Jesus, por meio da sua e nossa Mãe, Nossa Senhora.

1. Experiência humana

1.1. O Santuário de Fátima

Este encontro principia, de uma maneira muito simples, com a descoberta do Santuário de Fátima pelas crianças. Primeiramente, perguntar quem já o visitou, depois partir para a sua descrição e procurar com as crianças elencar os lugares mais importantes deste Santuário, onde, há cerca de 100 anos, se deram as aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos. Pode-se servir dum mapa do Santuário (como o do anexo 1) para situar a Capelinha das Aparições, a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, os túmulos dos pastorinhos, a Basílica da Santíssima Trindade, a Azinheira Grande (com mais de cem anos), a Via Penitencial, a Cruz Alta, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, o presépio, entre outros.

De seguida, com a ajuda de um computador ou projetor, dar a ver um pequeno vídeo de 4 minutos, intitulado “Fátima Santuário Portugal”, que percorre todos os lugares do Santuário de Fátima, anteriormente descritos (<https://youtu.be/-0NxolzJfvI>). E, ao mesmo tempo que é visionado o vídeo, continuar à descoberta, elencando os vários lugares e pormenores do Santuário de Fátima.

1.2. A aparição de 13 de outubro de 1917

Neste momento vamos ler a descrição da sexta aparição, pedindo às crianças que fixem pelos menos dois pedidos de Nossa Senhora e quais as personagens que aparecem na descrição.

Introdução – No dia 13 de outubro de 1917, uma chuva persistente e forte transformara a Cova da Iria num lamaçal e encharcava a multidão de 50 a 70 mil peregrinos, vindos de todos os cantos de Portugal. Assim que chegaram os videntes, Lúcia pediu que fechassem os guarda-chuvas para rezarem o Terço. E, pouco depois, viram um reflexo da luz e em seguida Nossa Senhora apareceu sobre a carrasqueira. Perguntou Lúcia:

[Das Memórias da Irmã Lúcia:]

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário e que continuem sempre a rezar o Terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas.

– Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc.

– Uns sim, outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

E, tomando um aspeto mais triste:

– Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido!

E, abrindo as mãos, fê-las refletir no Sol. E enquanto se elevava, continuava o reflexo da sua própria luz a projetar no Sol. [...] Desaparecida Nossa Senhora na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. São José, com o Menino, parecia abençoar o Mundo, com os gestos que fazia com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora, que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma forma que São José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

(Memórias da Irmã Lúcia I. 14.ª ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2010, p. 180-181 [IV Memória].)

Depois da leitura do texto, era bom falar com as crianças desta sexta aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, perguntando quais são os elementos mais importantes a ter em conta. Pode-se destacar neste diálogo: o pedido da construção de um lugar de oração naquele lugar, o nome que a Virgem Maria se atribui e as outras personagens que aparecem.

2. Palavra de Deus

Nas aparições, Nossa Senhora faz vários pedidos aos pastorinhos e, através deles, a todos nós. No evangelho, podemos descobrir como ela está atenta às necessidades de Jesus e dos outros. Escutemos duas passagens onde vemos estas atitudes de Nossa Senhora. No primeiro texto, vemos Nossa Senhora a agir em socorro de uns noivos, seus amigos, no dia do casamento deles. Assim nos dá a conhecer o poder do seu filho Jesus. No segundo texto, vemos que Maria é nossa mãe e que serão seus filhos todos aqueles que forem como «o discípulo amado», ou seja, todos aqueles que se colocam sob o manto protetor e que seguem a Jesus Cristo na fé e no amor.

Leitura de Jo 2, 1-11:

«Naquele tempo, realizou-se um casamento em Caná da Galileia e estava lá a Mãe de Jesus. Jesus e os seus discípulos foram também convidados para o casamento. A certa altura faltou o vinho. Então a Mãe de Jesus disse-Lhe: “Não têm vinho”. Jesus respondeu-Lhe: “Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora”. Sua Mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.»

Leitura de Jo 19, 25-27

«Naquele tempo, estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Ao ver sua Mãe e o discípulo predileto, Jesus disse a sua Mãe: “Mulher, eis o teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Eis a tua Mãe”. E a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa.»

Lidos os textos, dialogar com as crianças sobre aquilo que acabaram de ouvir, mostrando que Maria é, na realidade, aquela que nos leva até Jesus e que pede a Jesus pelas nossas necessidades. Faça-se ver que nós caminhamos com ela na estrada da fé. Ela leva-nos até Jesus, leva-nos à mesa onde se parte o pão da Eucaristia e convoca-nos à oração, ao encontro onde florescerá a amizade e intimidade com Deus.

3. Atividade

Distribuir às crianças a atividade da Sopa de Letras (anexo 2), que tem como objetivo descobrir as diversas palavras relacionadas com o tema que foi apresentado. Esta atividade treina a habilidade de percepção, pois as crianças podem encontrar as palavras que estão escondidas no meio de várias letras. Para crianças mais crescidas, pode-se dar apenas o quadro da Sopa de Letras, sem a lista adjacente.

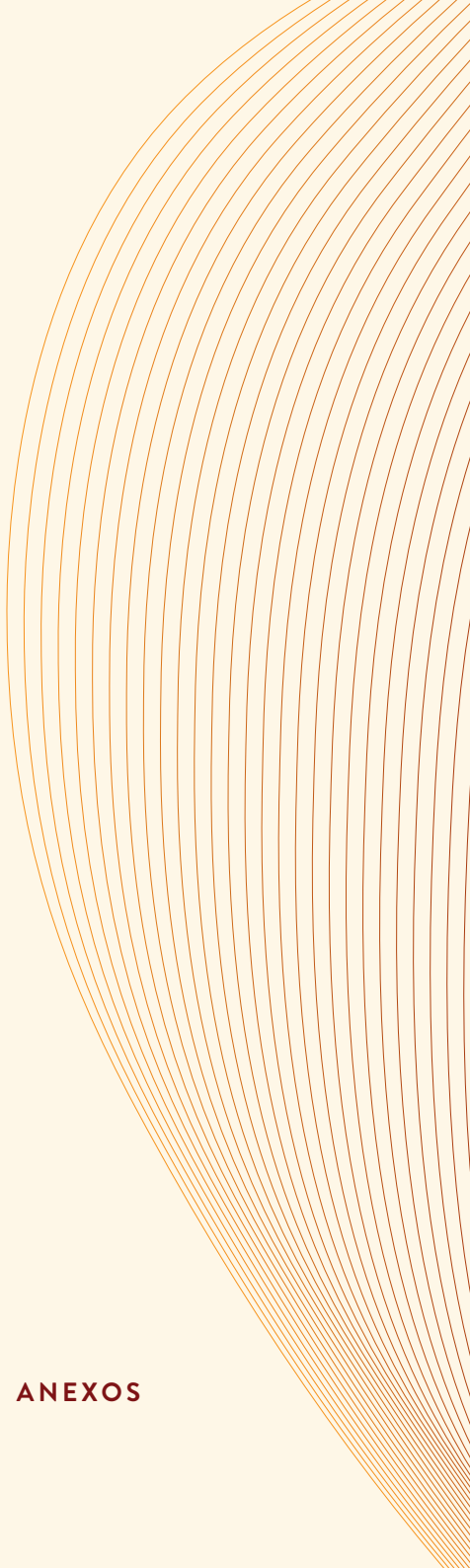
4. Oração

Nossa Senhora pediu que rezássemos: «continuem sempre a rezar o Terço todos os dias». Querendo responder a este seu apelo, convidamos todas as crianças a um pequeno momento de oração. Depois de rezarmos três Ave-Marias, iremos fazer uma oração de consagração a Maria. Uma oração que consiste na nossa entrega total a Deus com as nossas alegrias e dores, com Maria, por Maria e como Maria. Utilizaremos a oração do Papa Francisco perante a Imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições, em Roma, no dia 13 de outubro de 2013.

Ato de Entrega a Maria

*Bem-Aventurada Virgem de Fátima,
com renovada gratidão pela tua presença materna,
unimos a nossa voz à de todas as gerações
que te proclamam bem-aventurada.
Em ti celebramos as grandes obras de Deus,
que nunca Se cansa de inclinar-Se com misericórdia
sobre a humanidade, afligida pelo mal e ferida pelo pecado,
para a curar e salvar.
Acolhe com benevolência de Mãe
o ato de entrega que hoje fazemos com confiança
diante desta tua imagem que nos é tão querida.
Estamos certos de que cada um de nós é precioso aos teus olhos
e que nada do que habita os nossos corações te é estranho.
Deixamo-nos alcançar pelo teu dulcíssimo olhar
e recebemos a consoladora carícia do teu sorriso.
Guarda a nossa vida entre os teus braços:
abençoa e robustece todo o desejo de bem;
vivifica e alimenta a fé;
ampara e ilumina a esperança;
suscita e anima a caridade;
guia a todos nós no caminho da santidade.
Ensina-nos o teu mesmo amor de predileção
pelos pequenos e pobres, pelos excluídos e sofredores,
pelos pecadores e os de coração transviado;
reúne a todos sob a tua proteção
e a todos entrega ao teu amado Filho,
Jesus Nosso Senhor.
Ámen!*

(Papa Francisco)



ANEXOS

ANEXO 1



ANEXO 2

Sopa de Letras

Nesta Sopa de Letras, o teu objetivo é descobrires as diversas palavras relacionadas com o tema que hoje foi apresentado. Esta atividade treina a tua habilidade de perceção, ao tentares encontrar as palavras que estão escondidas no meio das várias letras.

As palavras encontram-se apenas na vertical e na horizontal.

Para identificares a palavra, basta sombreares as letras que a constituem.

Diverte-te!

S	K	A	Q	M	T	O	S	A	V	I	R
F	E	I	M	A	C	U	L	A	D	O	T
Á	F	U	S	E	R	U	A	E	A	O	E
T	R	J	A	L	M	Ã	E	E	P	F	A
I	A	E	I	M	T	I	C	Z	A	E	A
M	N	S	U	A	A	O	C	A	R	O	J
A	C	U	A	R	R	H	A	H	I	Z	A
H	I	S	M	I	M	V	O	P	Ç	E	C
R	S	K	S	A	L	V	A	Ç	Ã	O	I
V	C	A	R	O	S	Á	R	I	O	E	N
C	O	I	E	C	O	R	A	Ç	Ã	O	T
R	P	B	J	L	Ú	C	I	A	U	Z	A
FÁTIMA						MÃE					
APARIÇÃO						ROSÁRIO					
MARIA						LÚCIA					
IMACULADO						FRANCISCO					
CORAÇÃO						JACINTA					
JESUS						SALVAÇÃO					

Maria na História da Salvação

A Senhora do Rosário convoca-nos
à oração, à intimidade com Deus

CATEQUESE PARA ADOLESCENTES E JOVENS

— António Loureiro

I. Introdução

Reflexão para os animadores

1. Maria está no meio dos homens

Na maior parte dos países do mundo, existem santuários dedicados a Nossa Senhora. Catedrais, santuários, igrejas, capelas, ermidas, lugares de aparição ou de devoção a Maria cobrem toda a superfície da terra, espalhados pelos cinco continentes. Maria está presente na terra dos homens, nos cinco continentes, e estes lugares de oração mariana tornaram-se conhecidos e amados por milhões de peregrinos que, todos os anos, os visitam.

Percorramos o mundo e todos teremos o exemplo do que acabamos de constatar, com o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe (México), o Santuário de Nossa Senhora Aparecida (Brasil), o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes (França), o Santuário de Nossa Senhora de Loreto (Itália), o Santuário de Nossa Senhora de Czestochowa (Polónia), o Santuário de Nossa Senhora de Walsingham (Inglaterra), o Santuário de Nossa Senhora de Altötting (Alemanha), o Santuário de Nossa Senhora de Vladimir (Rússia), o Santuário de Nossa Senhora de Velankanni (Índia), o Santuário de Nossa Senhora de LaVang (Vietname), o Santuário de Nossa Senhora de Akita (Japão), o Santuário de Nossa Senhora da Paz de Yamoussoukro (Costa do Marfim), o Santuário de Nossa Senhora da África (Argélia), o Santuário de Nossa Senhora de Green Bay (Estados Unidos), e muitos mais, onde milhares de peregrinos todos os anos se reúnem para venerar e rezar à Virgem Maria.

Em Portugal, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima evidencia-se na trilogia de santuários marianos da época moderna, a que se junta o Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, em pleno Alentejo, e o Santuário de Nossa Senhora da Conceição do Sameiro, na diocese de Braga.

O Santuário de Fátima é, por excelência, um local mundial de peregrinação, de oração e de veneração a Nossa Senhora, que atualiza na vida dos crentes, o seu acontecimento fundante, as aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos, das quais estamos a celebrar o centenário.

Este Santuário, construído na Cova da Iria, nasce das aparições de Nossa Senhora aos pastorinhos e do pedido de construir naquele lugar um espaço de oração em sua honra: «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra».

Durante quase um século, este lugar foi dando resposta a este pedido e aos outros apelos de Nossa Senhora. A imagem do Coração Imaculado de Maria iluminou, durante todos

estes anos, a Igreja com a mensagem de que o seu coração triunfará. A Senhora do Rosário, desde as primeiras aparições, continua a convocar-nos à oração, ao encontro onde florescerá a intimidade com Deus.

As peregrinações do Papa Paulo VI, do Papa João Paulo II e do Papa Bento XVI ao Santuário da Cova da Iria revelam-nos, por outro lado, e de um modo bem claro, que as aparições de Nossa Senhora e a mensagem de Fátima são, há um século, um eficiente e florescente meio de comunhão na Igreja, um caminho para a conversão e para o encontro com Jesus Cristo.

Fátima, com a sua história de quase cem anos, quer continuar a ser um lugar de conversão, de encontro, de mudança de vida. Os santuários e as capelas, todos estes lugares de aparição ou de devoção a Maria, com todos os esforços, peregrinações, procissões, orações, com todas as ofertas e com todos os sacrifícios, dirigem-se para o fundamental encontro, o encontro com Jesus Cristo.

2. Sou a Senhora do Rosário

A última aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos deu-se em 13 de outubro de 1917, perante a presença de um grupo de peregrinos e curiosos de mais de cinquenta mil pessoas, uma vez que os pastorinhos tinham revelado que Nossa Senhora iria fazer um milagre nesse dia. Com efeito, Nossa Senhora tinha referido na aparição de 13 de setembro: «Em outubro farei um milagre para que todos acreditem».

Lúcia assim começa por descrever estes acontecimentos na Memória IV: «Saímos de casa bastante cedo, contando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha mãe, temendo que fosse aquele o último

dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comovedoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova de Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechassem os guarda-chuvas para rezarmos o terço».

Pouco depois, refere Lúcia, viu «o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira».

Era a última aparição da Nossa Senhora na Cova da Iria, a 13 de outubro, e, pela primeira vez, fez um pedido singular, o de construir naquele lugar um espaço de oração em sua honra: «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra». Outra novidade nesta aparição foi a de revelar o seu nome: «Sou a Senhora do Rosário». Além disso, voltou a lembrar a recomendação já feita antes: «Continuem a rezar o terço todos os dias».

Das palavras de Nossa Senhora, o que mais se gravou na mente e no coração de Lúcia foi o seguinte pedido: «não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já está muito ofendido».

A certa altura, Lúcia pede aos presentes que olhem para o sol. As nuvens abriram-se, pois o céu estava nublado e a chover torrencialmente, e o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo, que irradiava todas as cores do arco-íris.

Depois de Nossa Senhora ter desaparecido na imensa distância do firmamento, Lúcia refere: «vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. São José com o Menino parecia abençoar o Mundo, com os gestos que fazia com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora, que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo

da mesma forma que São José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo».

Objetivos:

- Conhecer a mensagem da sexta e última Aparição de Nossa Senhora em Fátima, em outubro de 1917;
- Reconhecer que Nossa Senhora tem um papel especial na História da Salvação;
- Reconhecer que Jesus vem até nós por meio de Maria e que somos chamados a acolhê-lo, para depois o podermos levar aos demais.

Material necessário:

- Computador/tablet/smartphone. Pedir aos adolescentes que tragam o portátil, o *tablet* ou telemóvel pessoal;
- Acesso *wireless* à Internet;
- Imagem de Nossa Senhora de Fátima;
- Pagela com a imagem de Nossa Senhora;
- Fotocópia ou pagela da Oração Jubilar de Consagração.

II. Desenvolvimento da catequese

São apresentados, de seguida, alguns elementos para o desenvolvimento da catequese com os adolescentes.

Depois de um breve acolhimento, os adolescentes são convidados a percorrer o nosso mundo e a dar-se conta de que a Virgem Maria está presente em inúmeras Catedrais, santuários, igrejas, capelas, ermidas, lugares de aparição ou de devoção, espalhados pelos cinco continentes.

Interpelados pela mensagem da última aparição aos pastores em outubro de 1917 e pelos apelos de Nossa Senhora, são convidados a reconhecer que é por meio dela que Jesus vem até nós. Ao mesmo tempo, são chamados a encontrar Jesus, a acolhê-lo, a ouvi-lo e, por fim, a levá-lo aos demais.

1. Experiência humana

1.1. O Santuário de Fátima

Este momento começa em pequenos grupos. Dividindo os adolescentes em grupos de três elementos cada, convidamo-los a responder a um conjunto de tarefas e questões. Providencie-se para que cada grupo tenha um computador, *tablet* ou *smartphone* com acesso *wireless* à Internet. O animador entrega a cada elemento do grupo uma folha com as seguintes tarefas e questões:

- Procurar santuários dedicados a Nossa Senhora pelo mundo;
- Dos santuários encontrados escolher 3 para partilhar com os colegas;
- Fazer uma visita à página do Santuário de Fátima
(<http://www.fatima.pt/>);

- Ir às secções “Santuário” e “Espaços” para percorrer os diversos elementos que fazem parte do santuário (a Capelinha das Aparições, a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, os túmulos dos pastorinhos, a Basílica da Santíssima Trindade, a Azinheira Grande, com mais de cem anos, a Via Penitencial, a Cruz Alta, a imagem do Sagrado Coração de Jesus, o presépio, o tocheiro com a queima de velas, entre outros);
- Fazer uma lista de quais destes são espaços de oração;
- Por fim, ir ao Google Maps e programar um percurso a pé desde a nossa igreja até Fátima. É importante apontar o número de quilómetros e quantas horas a pé seriam necessárias.

Terminado o tempo dado para esta tarefa, convidamos todos a reunirem-se num grande grupo e a partilharem as conclusões do trabalho realizado.

1.2. A aparição de 13 de outubro de 1917

Vamos agora fixar-nos no relato da aparição de outubro, onde se pede que rezemos sempre e que se construa uma capela, um espaço de oração, em honra de Nossa Senhora na Cova da Iria.

Este momento tem como objetivo levar os adolescentes a ter contacto com a descrição da sexta e última aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos. A proposta é que se faça a leitura dialogada das Memórias da Irmã Lúcia:

Narrador

No dia 13 de outubro de 1917, uma chuva persistente e forte transformou a Cova da Iria num lamaçal,

encharcando uma multidão de 50 a 70 mil peregrinos, vindos de todos os cantos de Portugal. Assim que chegaram os videntes, Lúcia pediu que fechassem os guarda-chuvas para rezarem o Terço. Pouco depois, viram um reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora apareceu sobre a carrasqueira. Perguntou Lúcia:

Lúcia

– Que é que Vossemecê me quer?

Nossa Senhora

– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, que sou a Senhora do Rosário, e que continuem sempre a rezar o Terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas.

Lúcia

– Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc.

Nossa Senhora

– Uns sim, outros não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

Narrador

E, tomando um aspeto mais triste, continuou:

Nossa Senhora

– Não ofendam mais a Nosso Senhor, que já está muito ofendido!

Narrador

E, abrindo as mãos, fê-las refletir no Sol. Enquanto se elevava, o reflexo da sua própria luz continuava a projetar-se no Sol.

Lúcia

Desaparecida Nossa Senhora na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, São José com

o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. São José, com o Menino, parecia abençoar o Mundo, com os gestos que fazia com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora, que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma forma que São José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora, em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

(Cf. *Memórias da Irmã Lúcia I*. 14.^a ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2010, p. 180-181 [IV Memória].)

Neste momento, depois da leitura do texto, pode-se enquadrar histórica, geográfica e temporalmente a sexta aparição. Convém estabelecer um diálogo com os adolescentes, começando por destacar o que mais impressionou a cada um neste relato. No momento seguinte, era bom que os adolescentes destacassem os vários pedidos de Nossa Senhora: o pedido de construção de um lugar de oração naquele sítio, o pedido de continuarem sempre a rezar e o pedido de não ofenderem mais a Nosso Senhor. Pode-se destacar ainda, neste diálogo, o nome utilizado por Nossa Senhora para se nomear, «Sou a Senhora do Rosário», e as outras personagens que surgem na aparição.

Por fim, procure-se analisar como está a ser dada, hoje, no Santuário de Fátima, a resposta aos pedidos de Nossa Senhora. Pode-se referir a construção da Capelinha, das duas Basílicas, e de todo o espaço, com vários elementos a convidar à oração. Em relação ao pedido de oração, destacar a permanente adoração ao Santíssimo Sacramento, as frequentes celebrações da eucaristia e a recitação do terço, entre outros. Assinalar também que, hoje, toda a área do Santuário pode ser acompanhada e dinamizada pelos diversos meios à disposição,

como as publicações e exposições, a rádio, a televisão e a Internet. A título de exemplo, pode-se aceder, em direto, à câmara da Capelinha das Aparições (<http://www.fatima.pt/pt/pages/transmissoes-online>).

2. Palavra de Deus

Nossa Senhora, nas aparições de entre os vários pedidos aos pastorinhos, pede que se faça uma capela em sua honra. E será que nos pede apenas um espaço físico, uma capela, um santuário, ou será que nos pede uma casa, que é o nosso coração? «Eis a tua mãe!», são as palavras de Jesus junto à cruz. «E, desde aquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa». Não se trata só do acolhimento na sua casa física. Segundo o texto grego original, o discípulo acolheu Maria como mãe no mais íntimo da sua vida, no seu coração, na profundidade do seu ser. Todos nós somos chamados a sermos seus filhos, todos somos convidados a colocarmo-nos sob o seu manto protetor e, como ela, a seguirmos e a testemunharmos o amor e a entrega de seu filho Jesus Cristo. Somos convidados a imitar Nossa Senhora, que é firme na fé, pronta na obediência, simples na humildade, exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, em plena comunhão de sentimentos com o seu Filho, que se imolou na Cruz para dar aos homens uma vida nova.

Leitura do texto de Jo 19, 25-27:

«Naquele tempo, estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Ao ver sua Mãe e o discípulo predileto, Jesus disse a sua Mãe: “Mulher, eis o teu filho”. Depois disse ao

discípulo: “Eis a tua Mãe”. E a partir daquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa».

Lido este texto, procure-se dialogar com os adolescentes sobre aquilo que acabaram de ouvir, refletindo que aquilo que é dito a Maria e a João («Eis o teu filho», «Eis a tua mãe») é dito a cada um pessoalmente. Este é o motivo da dimensão mariana da nossa vida de discípulos de Jesus Cristo. A maternidade de Maria, isto é, Nossa Senhora como nossa Mãe, é um dom: dom que o próprio Jesus Cristo faz a cada um de nós pessoalmente. Nossa Senhora, como mãe, mestra e modelo do cristão, é aquela que nos leva até Jesus, que caminha connosco pela estrada da fé. Ela ilumina-nos e incentiva-nos a ir até Jesus. Somos chamados a segui-la, a encontrar Jesus, a acolhê-lo, a ouvi-lo, e por fim a levá-lo aos demais.

3. Atividade

Depois desta reflexão, pergunte-se aos jovens como podem honrar a Nossa Senhora e reconhecê-la como sua mãe: que posso fazer? Que ações e atitudes tenho de tomar para revelar este amor para com a Mãe do Céu? A título de exemplo, eis algumas ideias: rezar três Ave-Marias quando me deito; fazer uma peregrinação a Fátima; imitar uma atitude de Nossa Senhora; não me esquecer de rezar a Nossa Senhora cada vez que entro na nossa Igreja.

Entregar a cada adolescente uma caneta e uma pagela com a imagem de Nossa Senhora, para que possam escrever, na parte de trás, um compromisso a ter com Nossa Senhora.

A pagela pode ter escrito o seguinte texto:

«Ensina-me, Maria, a crer, a esperar e a amar contigo; indica-me o caminho para Jesus, o caminho que conduz à paz, à vida, ao amor. Tu, Senhora do Rosário de Fátima, intercede por mim e guia-me nas alegrias e dificuldades de cada dia, agora e sempre. Ámen!».

Hoje comprometo-me a _____

No final, deixar espaço para a assinatura pessoal, local e data.

4. Oração

No início da sessão de catequese, é conveniente ter uma imagem de Nossa Senhora de Fátima em lugar de destaque na sala, com uma vela junto dela. Neste momento, poder-se-á acender a vela e depois, em conjunto, fazer um momento de oração.

Nossa Senhora pediu constantemente que rezássemos: «continuem sempre a rezar o Terço todos os dias». Querendo responder a este seu apelo, convidamos todos os adolescentes a um pequeno momento de oração. Primeiro, convidamos cada jovem a rezar uma Ave-Maria, mas antes sugerimos que os adolescentes coloquem um pedido ou intenção por quem rezam esta oração (por exemplo, rezar por uma pessoa doente, por um familiar ou amigo, pelo sucesso nos estudos). Comece-se com um jovem a colocar a intenção e rezar uma Ave-Maria, depois passe-se ao seguinte, que coloca uma nova intenção e reza também a sua Ave-Maria, e assim sucessivamente até todos terem rezado. Em segundo lugar, convidamos todos a rezar a Oração Jubilar de Consagração a Maria. É uma oração que consiste na nossa entrega total a Deus, com as nossas alegrias e dores, com Maria, por Maria e como Maria.

Oração Jubilar de Consagração

Salve, Mãe do Senhor,
Virgem Maria, Rainha do Rosário de Fátima!
Bendita entre todas as mulheres,
és a imagem da Igreja vestida da luz pascal,
és a honra do nosso povo,
és o triunfo sobre a marca do mal.

Profecia do Amor misericordioso do Pai,
Mestra do Anúncio da Boa-Nova do Filho,
Sinal do Fogo ardente do Espírito Santo,
ensina-nos, neste vale de alegrias e dores,
as verdades eternas que o Pai revela aos pequeninos.

Mostra-nos a força do teu manto protetor.
No teu Imaculado Coração,
sê o refúgio dos pecadores
e o caminho que conduz até Deus.

Unido/a aos meus irmãos,
na Fé, na Esperança e no Amor,
a ti me entrego.
Unido/a aos meus irmãos, por ti, a Deus me consagro,
ó Virgem do Rosário de Fátima.

E, enfim, envolvido/a na Luz que das tuas mãos nos vem,
darei glória ao Senhor pelos séculos dos séculos.
Âmen.

Convidamos, por fim, os adolescentes a terminar
o encontro com o cântico mariano: *Quero ser como tu, Maria.*

***Quero ser como tu, como tu, Maria,
como tu, um dia, como tu, Maria.***

Quero aprender a amar...
Quero dizer meu sim...
Quero levar Jesus...

Mistérios do Rosário

— *Marco Daniel Duarte*

Nota | na esteira da reflexão que a Igreja inúmeras vezes tem sublinhado, entendendo que a arte é lugar teológico, a meditação dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos do Rosário parte dos relevos das capelas da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da autoria de Martinho de Brito. O mistério da Instituição da Eucaristia toma reflexão a partir do frontal de altar que foi feito para aquela basílica pelo mesmo autor e o mistério da Coroação da Virgem Maria toma como mote a representação da abóbada do mesmo templo, da autoria de Maximiano Alves e Stela Albuquerque.

Os textos podem, contudo, ser apresentados como mote à oração, mesmo que se prescindia da visualização das obras de arte.

Mistérios Gozosos

I *Contemplemos o mistério da anunciação do Anjo à Virgem Maria nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*



O anjo Gabriel foi enviado por Deus
a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,
a uma virgem desposada com um homem chamado José,
da casa de David;
e o nome da virgem era Maria.
Ao entrar em casa dela,
o anjo disse-lhe:
«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.»
Ao ouvir estas palavras,
ela perturbou-se e inquiria de si própria
o que significava tal saudação.
Disse-lhe o anjo:
«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.
Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho,
ao qual porás o nome de Jesus.»

[Lc 1, 30-33]

Quando o emissário de Deus encontra Maria e lhe oferece a notícia que vem do alto, a jovem de Nazaré, na intimidade das arcadas da sua habitação, inclina reverentemente o seu ser e, em contemplação da ação que Deus quer fazer na sua biografia, aceita que no seu seio possa habitar o Infinito. A açucena da brancura batismal é-lhe dada pelo Céu, o mesmo Céu que Gabriel aponta e que naquele lugar deixa a mensagem mais bela: a Palavra chega ao mundo humano para habitar todos os terrenos.

*Ao contemplarmos o mistério da anunciação,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora do Fiat,
que nos ensine a sermos morada de Deus.*

II *Contemplemos o mistério da
visita de Maria a Santa Isabel
nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*

Maria pôs-se a caminho
e dirigiu-se à pressa para a montanha,
a uma cidade da Judeia.
Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino saltou-lhe de alegria no seio
e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.
Então, erguendo a voz, exclamou:
«Bendita és tu entre as mulheres
e bendito é o fruto do teu ventre.»



[Lc 1, 39-42]

Habitada por Deus, Maria não pode conter a notícia que a faz peregrina do próximo. Os seus pés, os pés da mensageira que anuncia a verdadeira paz que sobre a humanidade desce, encaminham-na para a Caridade que nunca desaparece, quando a tornam na mulher atenta que, solícita, se inclina para escutar os que diante do mistério se ajoelham.

*Ao contemplarmos o mistério da visitação,
peçamos   Virgem de Fátima, a Senhora que se faz próxima,
que nos ensine a sermos peregrinos dos irmãos.*

III

*Contemplemos o mistério do
nascimento de Jesus em Belém
nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*



Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu,
os pastores disseram uns aos outros:
«Vamos a Belém ver o que aconteceu
e que o Senhor nos deu a conhecer.»
Foram apressadamente
e encontraram Maria, José e o menino
deitado na manjedoura.

[Lc 2, 15-16]

A gruta de Belém povoa-se dos que ouvem a notícia de que é chegado o momento mais alto da história humana, quando Deus assume a carne humana para atrair a Si todos os que se querem fazer membros de um único rebanho. Ao chegarem junto de José e de Maria, que de pé vigiam o Deus-Infante, dobram-se os joelhos que proclamam que Jesus Cristo, ali apresentado na fragilidade de uma criança, é o Senhor. As ovelhas que trazem na mão mostram-se já imagem do sentido último do abaixamento de Deus, ao entregar-se pela humanidade.

*Ao contemplarmos o mistério do nascimento de Jesus em Belém,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora da Luz,
que nos ensine a sermos testemunhas do Verbo encarnado.*

IV *Contemplemos o mistério da
apresentação de Jesus no Templo
nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*

Quando se completaram os oito dias,
para a circuncisão do menino,
deram-lhe o nome de Jesus
indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno.
Quando se cumpriu o tempo da sua purificação,
segundo a Lei de Moisés,
levaram-no a Jerusalém
para o apresentarem ao Senhor.
Vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão;
era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel.
O Espírito Santo estava nele.
Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo
que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor.

[Lc 2, 21-22. 25-26]



A solenidade da apresentação daquela criança leva a que todos se associem à adoração que Maria assume ao entregar o Deus Infante nas mãos de Simeão. Não tanto porque aquela ação litúrgica seja sagrada, mas sobretudo porque aquele Menino é o próprio templo, os joelhos dobram-se e as mãos sobre o peito confessam-no luz das nações e glória de Israel.

*Ao contemplarmos o mistério da apresentação de Jesus no templo,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora das mãos alvas,
que nos ensine a sermos pedras vivas do templo do Senhor.*

V

*Contemplemos o mistério da
perda e encontro de Jesus no Templo
meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*



Terminados os dias da festa,
regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém,
sem que os pais o soubessem.
Três dias depois,
encontraram-no no templo,
sentado entre os doutores,
a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas.
Todos quantos o ouviam,
estavam estupefactos com a sua inteligência
e as suas respostas.

[Lc 2, 43.46-47]

Sentado na cátedra, Cristo ensina-se como Sabedoria do Pai, como Sabedoria do Alto, para onde sempre aponta quando quer mostrar o caminho que assenta na Lei sulcada nas tábuas antigas: ela não se revoga, mas antes plenamente se cumpre naquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Entre os que assistem, confundidos pela autoridade do Mestre, estão já os que o apontam como o professor que sabiamente ensina os caminhos da vida, ainda que seja necessário ouvir que o mais importante é estar na casa do Pai.

*Ao contemplarmos o mistério da perda e encontro de Jesus no templo,
peçamos à Virgem de Fátima, a Sede da Sabedoria,
que nos ensine a sermos fiéis discípulos de Cristo, nosso único mestre.*

Mistérios Luminosos

I *Contemplemos o mistério do
batismo de Jesus no Jordão
nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:*

Uma vez batizado,
Jesus saiu da água
e eis que se rasgaram os céus,
e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba
e vir sobre Ele.
E uma voz vinda do Céu dizia:
«Este é o meu Filho muito amado,
no qual pus todo o meu agrado.»

[Mt 3, 16-17]

O encanto do Pai é o Filho bem-amado que desce às águas humanas para remir a natureza e a elevar à condição filial. E através do Filho que manifesta o Pai pode a criatura humana dizer-se irmanada por uma torrente afetiva que passa pelos laços da comunhão nas águas cristalinas que continuamente levam à vivência de uma vida maior. Assim são os que foram assinalados pela veste branca do batismo, veste que se converterá em traje de festa nupcial nesse banquete onde são convivas os que seguem o Cordeiro de Deus.

*Ao contemplarmos o mistério do batismo de Jesus,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora da Veste Batismal,
que nos ensine a sermos fiéis à condição real, santa e sacerdotal.*

II *Contemplemos o mistério da
autorrevelação de Jesus nas bodas de Caná
nas palavras do Evangelho segundo São João:*

A mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!»
Jesus respondeu-lhe:
«Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo?
Ainda não chegou a minha hora.»
Sua mãe disse aos serventes:
«Fazei o que Ele vos disser!»
Ora, havia ali seis vasilhas de pedra
preparadas para os ritos de purificação dos judeus,
com capacidade de duas ou três medidas cada uma.
Disse-lhes Jesus:
«Enchei as vasilhas de água.»
Eles encheram-nas até cima.
Então ordenou-lhes:
«Tirai agora e levai ao chefe de mesa.»

[Jo 2, 3-8]

Quando surge a adversidade, manifesta-se o Filho de Deus, mudando a água em vinho e revelando que é Aquele que devemos escutar. Ao fazermos tudo o que Ele nos disser, colaboraremos na ação salvífica do nosso Deus, cada um na sua medida. A Maria confiou Deus o papel da escuta solícita e da ação condutora até Cristo, o verdadeiro esposo do banquete celebrado com a Igreja que se adorna das joias da alegria para essas núpcias eternas onde se bebe o vinho novo.

*Ao contemplarmos o mistério das bodas de Caná,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mulher atenta,
que nos ensine a sermos convivas do banquete de seu Filho.*

III *Contemplemos o mistério do
anúncio do Reino de Deus com o convite à conversão
nas palavras do Evangelho segundo São Marcos:*

Jesus foi para a Galileia,
e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo:
«Completo-se o tempo
e o Reino de Deus está próximo:
arrependei-vos e acreditai no Evangelho.»

[Mc 1, 14-15]

O Evangelho em que devemos acreditar é o próprio Deus, revelado pela Palavra encarnada, que apela à mudança dos corações, assumindo em cada dia a urgência de viver segundo a pregação de Cristo que com todos se encontra e que a todos faz encontrar. No coração de cada um ficará esse lugar íntimo que nunca é abandonado por Deus e que tem espaço para a luz da conversão. À luz de Cristo pascal, o anúncio do Reino impele ao abandono da estrada antiga e à procura do caminho perfeito.

*Ao contemplarmos o mistério do anúncio do Reino de Deus com
o convite à conversão,
peçamos à Virgem de Fátima, Refúgio e Caminho que conduz até Deus,
que nos leve à reparação da vida e ao encontro de Cristo, salvador.*

IV *Contemplemos o mistério da
Transfiguração de Jesus no Tabor
meditando nas palavras do Evangelho segundo São Marcos:*

Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João
e levou-os, só a eles, a um monte elevado.
E transfigurou-se diante deles.
As suas vestes tornaram-se resplandecentes,
de tal brancura que lavadeira alguma da terra as poderia
branquear assim.
Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés,
e ambos falavam com Ele.
Formou-se, então, uma nuvem
e da nuvem fez-se ouvir uma voz:
«Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o.»

[Mc 9, 2-4.7]

Na intimidade dos que lhe estão mais próximos, Jesus mostra-se cheio da luz que brota já da sua páscoa redentora. A luz que tantas vezes se manifesta na Escritura tem agora a sua fonte no próprio Filho de Deus que se torna garantia de ser o pleno cumprimento da Lei e dos Profetas. Os céus da transfiguração irradiam a luz para o quotidiano humano, mesmo que ele aconteça no sopé da montanha onde se encontram os irmãos que possam estar mais afastados da luz de Deus. Os céus da transfiguração não ficam completos se o seu clarão não transfigurar a terra à luz do Cristo Pascal.

*Ao contemplarmos o mistério da transfiguração de Jesus,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora revestida da claridade de Deus,
que nos conduza à luz de Cristo que a todos ilumina.*

V *Contemplemos o mistério da
instituição da Eucaristia
meditando nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:*

Enquanto comiam,
Jesus tomou o pão
e, depois de pronunciar a bênção,
partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo:
«Tomai, comei: Isto é o meu corpo.»
Em seguida, tomou um cálice,
deu graças e entregou-lho, dizendo:
«Bebei dele todos.
Porque este é o meu sangue,
sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos,
para perdão dos pecados.»

[Mt 26, 26-28]



No centro da sala, presidindo à mesa composta de intimidade, Jesus apresenta-se como o pão que sacia todas as fomes. Os apóstolos seguem os seus gestos porque devem aprender a maneira de partilhar e repartir o pão, a fim de prolongarem esta ceia até ao fim dos tempos. O pano que se abre com esta última refeição abre o cenário da liturgia do amor, feita sacramento da Caridade e de luminosa entrega até ao fim.

*Ao contemplarmos o mistério da instituição da Eucaristia,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mulher Eucarística,
que nos ensine a sermos portadores do alimento que sacia a
humanidade.*

Mistérios Dolorosos

I *Contemplemos o mistério da agonia de Jesus no Horto das Oliveiras meditando nas palavras do Evangelho segundo São Lucas:*



Jesus foi,
como de costume,
para o Monte das Oliveiras.
Pondo-se de joelhos,
começou a orar, dizendo:
«Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice;
contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.»

[Lc 22, 39.41-42]

No centro do jardim não está a antiga árvore, mas o próprio Deus que levanta as mãos e o rosto perguntando se é possível que o cálice da amargura possa ser afastado. Por entre as oliveiras que quase não deixam ver o céu, encontram-se os que dormem, agasalhados pela proteção da folhagem que não esconde a fraqueza do espírito dos que não conseguem vigiar. É a Cristo, pontífice entre o céu e a terra, que cabe essa missão maior de orar sem cessar.

*Ao contemplarmos o mistério da agonia de Jesus no horto,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mulher orante,
que nos ensine a vigiarmos perseverantes na oração.*

II *Contemplemos o mistério da flagelação de Jesus, preso à coluna nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:*

Pilatos disse ao povo:

«Que hei de fazer de Jesus chamado Cristo?»

Todos responderam: «Seja crucificado!»

Vendo que nada conseguia

e que o tumulto aumentava cada vez mais,

mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo:

«Estou inocente deste sangue. Isso é convosco.»

E todo o povo respondeu:

«Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!»

Então, soltou-lhes Barrabás.

Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar,
entregou-o para ser crucificado.

[Mt 27, 22-26]



Jesus, no centro do doloroso quadro, é a coluna. Manietado, o seu corpo prepara-se agora para o derradeiro combate, como o atleta que cumpre o seu ministério. À direita e à esquerda, exibindo gestos de irónica solenidade, os algozes mostram os instrumentos daquela Paixão que o Filho de Deus assume pela humanidade. Ali, essa humanidade não toma outro rosto que não seja o da violência maior que desmedidamente ocupa todo o cenário.

*Ao contemplarmos o mistério da flagelação de Jesus,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora do bom combate,
que nos ensine a sermos firmes na fé.*

III

*Contemplemos o mistério da
coroação de espinhos
nas palavras do Evangelho segundo São João:*



Os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos,
cravaram-lha na cabeça
e cobriram-no com um manto de púrpura;
e, aproximando-se dele, diziam-lhe:
«Salve! Ó Rei dos judeus!»

[Jo 19, 2-3]

O trono da Sabedoria é, afinal, o de um rei coroado de espinhos, paradoxo em que se envolve o drama da Paixão de Cristo. De espinhos cingido, o Deus feito Homem é agora venerado pelo cinismo dos que formalmente se dispõem para encenar um espetáculo de humilhação. Apresentam um homem coroado que sentam no meio de um ecrã; dispõem-se junto dele em gestos de hipocrisia, mimando uma devoção esvaziada de conteúdo.

*Ao contemplarmos o mistério da coroação de espinhos,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mulher coroada de alegrias e de dores,
que nos ensine a sermos fiéis à condição de pertencermos ao povo
de reis cujo poder se exerce no serviço aos irmãos.*

IV *Contemplemos o mistério de
Jesus carregando a cruz a caminho do Calvário
nas palavras do Evangelho segundo São João:*

Jesus, levando a cruz às costas,
saiu para o chamado Lugar da Caveira,
que em hebraico se diz ‘Gólgota’.

[Jo 19, 17]



Qual estrada que conduz à mais importante das metas,
a cruz que Jesus carrega dirige-se ao alto e rasga os limites
dos cenários humanos. Nela deixam a impressão digital quer
os santos, quer os pecadores, quer os que a tentam levar, quer
os que lhe adicionam o peso. Curvado e de rosto por terra
à procura de umas mãos que o fixem como retrato do Deus
que se entrega, Jesus não baixa as mãos e continua o caminho
que o levará ao ponto mais alto.

*Ao contemplarmos o mistério de Jesus carregando a cruz,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora do Encontro,
que nos ensine a tomar a nossa cruz e a querer seguir o
caminho verdadeiro.*

V *Contemplemos o mistério da
crucificação e morte de Jesus
nas palavras do Evangelho segundo São João:*



Jesus disse:

«Tudo está consumado.»

E, inclinando a cabeça,
entregou o espírito.

Vendo que Jesus já estava morto,
um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança
e logo brotou sangue e água.

[Jo 19, 30.33-34]

A palavra garante que todos hão de olhar para aquele que trespassaram, suspenso na cruz que não cabe em nenhum quadro humano, mas que rasga o alto de modo a fazer-se estrada entre a terra e do céu.

Junto ao que jaz morto no alto do calvário, encontram-se os que, não obstante a hora noa, professam a fé no Deus vivo, uma pequena comunidade que já ajoelha em adoração e que já se mantém de pé, na mais clara posição que exprime a vitória.

*Ao contemplarmos o mistério da morte de Jesus,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mãe Dolorosa,
que nos ensine a estarmos de pé junto à cruz de cada irmão.*

Mistérios Gloriosos

I *Contemplemos o mistério da
ressurreição de Jesus
nas palavras do Evangelho segundo São Mateus:*

Ao romper do primeiro dia da semana,
Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro.
Nisto, houve um grande terramoto:
o anjo do Senhor, descendo do Céu,
aproximou-se e removeu a pedra,
sentando-se sobre ela.
O seu aspeto era como o de um relâmpago;
e a sua túnica branca como a neve.
Os guardas, com medo dele,
puseram-se a tremer e ficaram como mortos.
Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres:
«Não tenhais medo.
Sei que buscais Jesus, o crucificado;
não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito.»

[Mt 28, 1-6]



Cristo, centro do universo, abre definitivamente as portas da vida, ante a admiração dos que habitam a terra e dos que habitam o céu. Através da Sua ressurreição, pode a humanidade proclamar que todo o joelho toca o chão, em adoração a tão alto mistério de a luz do sepulcro aberto fazer elevar aos céus os seres criados. Embora continue disponível o lugar para a descrença e para a não-aceitação de que a morte jaz vencida, Cristo, gloriosamente trespassado, levanta a sua direita, e a bandeira da vitória tem um signo muito claro: a cruz que marca cada batizado quando assume esse caminho pascal que a todos atrai a si.

*Ao contemplarmos o mistério da ressurreição de Jesus,
peçamos à Virgem de Fátima, a Mãe do Ressuscitado,
que nos iluminemos pelo clarão de luz que envolve os corações
dos que vivem em Deus.*

II *Contemplemos o mistério da ascensão de Jesus ao céu meditando nas palavras do Livro dos Atos dos Apóstolos:*

Jesus elevou-se à vista deles
e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos.
E como estavam com os olhos fixos no céu,
para onde Jesus se afastava,
surgiram de repente dois homens vestidos de branco,
que lhes disseram:
«Homens da Galileia,
porque estais assim a olhar para o céu?
Esse Jesus que vos foi arrebatado para o Céu
virá da mesma maneira,
como agora o vistes partir para o Céu.»

[Atos 1, 9-11]



Ao subir ao céu, à vista dos seus discípulos, Cristo desenhava no firmamento humano a cruz da nova humanidade, dessa humanidade que consigo transporta, todos os dias, até ao fim dos tempos, a presença de Deus por entre a comunidade dos que seguem o Evangelho. Na terra, ficam os pés dos que se decidem a ser discípulos; ficam as mãos dos que rezam, dos que contemplam e dos que não querem ficar parados a olhar o céu. Esse Jesus que ao céu subiu continua atuante pelas mãos e pelos pés, pelo olhar e pelo coração dos que ouvem o Evangelho e o põem em prática.

*Ao contemplarmos o mistério da ascensão de Jesus,
pecamos à Virgem de Fátima, a Mãe do pontífice entre o céu e a terra,
que nos faça peregrinos do Evangelho.*

III

*Contemplemos o mistério da
descida do Espírito Santo sobre a Igreja nascente
nas palavras do Livro dos Atos dos Apóstolos:*



João batizava em água,
mas, dentro de pouco tempo,
vós sereis batizados no Espírito Santo.
Ides receber uma força,
a do Espírito Santo,
que descera sobre vós,
e sereis minhas testemunhas em Jerusalém,
por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo.

[Atos 1, 5.8]

O quadro enche-se de luz, porque sobre cada discípulo repousa o Espírito de Deus. A mente de cada homem e de cada mulher que se deixa iluminar pelo Espírito é uma chama ardente que propaga o amor derramado. Nele se firma a consciência da Igreja como comunidade que se faz contemplativa da nova criação nascida do mistério pascal de Cristo. A Igreja é, assim, essa nova mulher que ministra os ensinamentos de Cristo e que, por ação do Espírito, os leva a cumprimento. Grávida de Deus, a Virgem do Cenáculo é verdadeira imagem da Igreja nascente que dentro de si transporta o Deus encarnado na história humana.

*Ao contemplarmos o mistério da descida do Espírito Santo sobre
a Igreja nascente,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora do Cenáculo,
que nos deixemos guiar pelo Espírito do Deus vivo.*

IV *Contemplemos o mistério da
assunção da Virgem Santa Maria
nas palavras do Livro do Apocalipse:*

Apareceu no céu um grande sinal:
uma Mulher vestida de Sol,
com a Lua debaixo dos pés
e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.

[Ap 12, 1]



Tal como seu Filho, também Maria, naquele dia em que entra na morada celeste, desenha nos céus da humanidade uma luminosa cruz, porquanto a sua biografia se configura com a biografia do único pontífice entre o céu e a terra. De olhos postos no céu, Maria estará atenta aos sinais dos que, na hora da cruz, lhe foram confiados e que, gemendo e chorando, no seu manto tocam, tomando o seu exemplo como a mais clara certeza da possibilidade que à humanidade assiste de habitar em Deus.

*Ao contemplarmos o mistério da assunção de Maria ao céu,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora que habita a bem-aventurança,
que possamos experimentar essa glória futura de estarmos em Deus.*

V

*Contemplemos o mistério da
coroação da Virgem Santa Maria como rainha do céu e da terra
nas palavras do Livro dos Salmos:*



À tua direita
está a rainha ornada com ouro de Ofir.

[Sl 44(45), 10]

Coroada como rainha, Maria ostenta uma coroa fundida na fidelidade ao plano que Deus e encastuada das dores e das alegrias que o seu coração experimentou. A coroação de Maria é sobretudo o signo da comunhão que vive com o Deus vivo, dessa comunhão com o Deus de quem é filha predileta, com o Deus de quem é Mãe virginal e com o Deus de quem é esposa imaculada. Essa comunhão é firmada na solicitude à palavra escutada e na disponibilidade à palavra vivida como Senhora da veste branca, da veste pura e sem mácula, da veste luminosa e ressuscitada.

*Ao contemplarmos o mistério da coroação de Maria,
peçamos à Virgem de Fátima, a Senhora Coroada,
que deixemos coroar as nossas vidas com a luz de Cristo Ressuscitado.*

O Senhor fez em mim maravilhas

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

Pedro Santos

1. Ritos Iniciais (10 minutos)

Texto introdutório

Estamos em Vigília de adoração. Unimo-nos como irmãos e irmãs diante de Jesus Eucarístico, contemplando a Santa Mãe de Deus. Maria é a Mulher do “sim”; um “sim” fruto de uma confiança inabalável n’Aquele que é fiel à promessa de ser um Deus próximo do seu povo. Ela é a Senhora mais brilhante que o Sol, que veio para anunciar palavras de paz, de exigência e de esperança num tempo de desalento e de sofrimento, e que sempre nos conduz a Seu Filho Jesus Cristo. Ela convida-nos a reconhecer, permanentemente, as maravilhas que Deus faz em nós e desafia-nos a dizer “sim” ao convite amoroso do Nosso Deus. Hoje, como sempre ao longo

da história da Igreja, o mundo precisa de “sins”, que respondam ao apelo de entregar a vida por amor. Nossa Senhora ensina-nos a fazer da nossa vida um dom de amor aos nossos irmãos e irmãs.

Cântico

***Feliz és tu, porque acreditaste
que havia de cumprir-se o que te foi dito da parte do Senhor.
Feliz és tu, porque acreditaste.***

1. *A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.*
2. *Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.*

Acolhimento

Presidente

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Assembleia

Âmen!

Presidente

A graça e paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam sempre convosco.

Assembleia

Bendito Seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Litanias

Presidente

Irmãos e irmãs, estamos reunidos para louvar, bendizer e adorar a Santíssima Trindade. Adorar significa para nós, os crentes, como dizia S. Bento, «nada antepor ao amor de Cristo», ou seja, significa deixar que a nossa vida, a nossa inteligência, o nosso afeto, tudo o que somos e fazemos, seja revestido e renovado pelo amor pascal de Jesus. É por isso que aqui nos reunimos à volta do altar, não como estranhos mas como família de Deus, como peregrinos, sabendo que o Pai, na força do Espírito Santo, nos oferece o Seu Filho, como companheiro de viagem e como caminho que devemos percorrer com alegria. Vamos invocar o Espírito Santo de Deus para que nos assista neste momento em que queremos centrar os nossos corações em Deus.

Leitor 1

Pai Santo, fonte de toda a luz e verdade, enviai-nos o vosso Espírito Santificador: que Ele seja, Senhor, consolação para as nossas tristezas, remédio para o nosso sofrimento e força para a nossa fragilidade.

Cântico

Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra.

Leitor 2

– Jesus Cristo, rosto eterno do Amor do Pai, enviai-nos o Vosso Espírito e com a força do amor tornai-nos dóceis aos vossos ensinamentos, fiéis à vossa vontade e humildes na realização da missão que nos confiastes.

Cântico

Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra.

Leitor 1

Espírito Santo de Deus, fogo eterno da beleza de Deus, vinde sobre nós e renovai os nossos corações para que vivamos cada dia com o mesmo ardor e alegria com que fizestes sair os Apóstolos do cenáculo ao encontro dos irmãos.

Cântico

Mandai, Senhor, o Vosso Espírito e renovai a terra.

Presidente

Pai de Misericórdia, enviastes o Vosso Filho para nos anunciar a Boa Nova do Reino. Pela Sua ressurreição, Vós, ó Pai, nos enviastes o Espírito Santo, vida da Igreja, fogo da Nova Aliança no coração dos crentes. Nós Vos rogamos nesta hora: dai-nos o Vosso Espírito e fazei desta Igreja que somos cada vez mais uma casa de discípulos e apóstolos, de verdadeiros adoradores da Vossa santidade. Tudo isto nós o pedimos, ó Pai, por Jesus Cristo, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo.

Toda a assembleia se senta para escutar a Palavra de Deus

2. Liturgia da Palavra (20 minutos)

Leitura do livro do Êxodo (Ex 15, 1-4a.8-13.17-18)

Cantarei ao Senhor, que fez brilhar a sua glória: precipitou no mar o cavalo e o cavaleiro. O Senhor é a minha força e a minha proteção: a Ele devo a minha liberdade. Ele é o meu Deus: eu O exalto; Ele é o Deus de meu pai: eu O glorifico. O Senhor é um guerreiro: Omnipotente é o seu nome. Precipitou no mar os carros do Faraó e o seu exército. Ao sopro da vossa ira amontoaram-se as águas e as ondas formaram uma barreira, rasgaram-se os abismos no meio do mar. O inimigo dissera: «Hei de persegui-los, hei de alcançá-los e repartir os seus despojos, saciarei a minha alma destruindo-os à espada». Mandastes o vento, e o mar engoliu-os, mergulharam como chumbo nas águas tumultuosas. Quem como Vós, Senhor, entre os fortes, quem como Vós, grande na santidade, terrível e glorioso, autor de tantas maravilhas? Estendestes a vossa mão e logo os devorou a terra, mas conduzistes com amor o povo que libertastes e com vosso poder o levastes à vossa morada santa. Vós o levareis e plantareis na vossa montanha, na morada segura que fizestes, Senhor, no santuário que vossas mãos construíram. O Senhor reinará pelos séculos dos séculos.

Palavra do Senhor.

Salmo

Cantai um cântico novo, o Senhor fez maravilhas.

Cantai um cântico novo, o Senhor fez maravilhas.

*Cantai ao Senhor um cântico novo,
pelas maravilhas que Ele operou.
A sua mão e o seu santo braço
Lhe deram a vitória.*

*O Senhor deu a conhecer a salvação,
revelou aos olhos das nações a sua justiça.
Recordou-Se da sua bondade e fidelidade
em favor da casa de Israel.*

*Os confins da terra puderam ver
a salvação do nosso Deus.
Aclamai o Senhor, terra inteira,
exultai de alegria e cantai.*

Aclamação ao Evangelho:

Aleluia

*A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus me salvador.*

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Lucas

(Lc 2, 41-52)

Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre

os parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura.

Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas.

Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» Ele respondeu-lhes: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?».

Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse.

Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Palavra da Salvação.

Partilha da Palavra de Deus

3. Exposição do Santíssimo (30 Minutos)

Cântico

***Meu Deus, eu Creio, adoro, espero e amo-Vos.
Peço-vos perdão para os que não creem,
não adoram, não esperam e não vos amam.***

Exposição do Santíssimo

Jaculatórias:

*Bendito e Louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia,
Fruto do ventre sagrado da Virgem Puríssima Santa Maria.*

Santíssima Trindade,
Pai, Filho e Espírito Santo,
adoro-Vos profundamente
e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo,
Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo,
presente em todos os sacrários da terra,
em reparação dos ultrajes,
sacrilégios e indiferenças
com que Ele mesmo é ofendido.
E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração
e do Coração Imaculado de Maria,
peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

4. Tempo de adoração (35 minutos)

(Tempo de silêncio alternado com textos e cânticos)

Primeiro momento

A História da Salvação canta as maravilhas que Deus realiza em favor das suas criaturas. O Deus Bom e Criador é o Deus que nunca cessa de vir ao encontro do homem e da mulher, para os chamar a uma experiência de comunhão com Ele. Toda a História narra a feliz aproximação de Deus até à Sua encarnação na nossa humanidade, no seio da Virgem Mãe. O nosso Deus, não é um Deus alheio, ou distante, mas o Deus próximo e solidário, que ama até ao dom total de Si mesmo. Ele vê e conhece as nossas dores e não passa indiferente ao nosso sofrimento.

Senhor Jesus, que sempre conduzis a história dos homens e das mulheres teus irmãos, que sempre Te sentimos próximo de nós, nas nossas dores e aflições e faz-nos cantar sempre as maravilhas do teu amor.

Cantemos:

**Senhor, Tu és a luz que ilumina a terra inteira,
Tu és a luz que ilumina a minha vida!**

1. Cantai ao Senhor um cântico novo,
Cantai ao Senhor, terra inteira,
cantai ao Senhor, bendizei o seu nome.

2. *Publicai entre as nações a sua glória,
em todos os povos as suas maravilhas.
O Senhor é grande e digno de louvor.*

3. *Dai ao Senhor, ó família dos povos,
dai ao Senhor glória e poder.
Dai ao Senhor a glória do seu nome.*

(Silêncio)

Segundo momento

Maria é a mulher do olhar da profundidade. Mesmo diante de um projeto que não compreende e que reconhece ser difícil de abraçar e de viver, Ela canta as maravilhas que Deus realiza na história da humanidade, mas também na sua história pessoal. Perante a beleza do projeto de Deus ela diz: «a minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador!» Porque vê mais longe, Maria diz “sim”, e no seu sim a história acontece e os desígnios de Deus realizam-se.

Senhor Jesus faz-nos ter a disponibilidade e a abertura de coração de Maria. Faz-nos, com ela e como ela, dizer “sim” ao teu projeto de amor e que sempre cantemos as tuas maravilhas na sua e na nossa vida.

Cantemos:

***O amor de Deus repousa em mim,
O amor de Deus me consagrou,
O amor de Deus me enviou a anunciar a paz e o bem.***

1. *O amor de Deus me escolheu
para estender o reinado de Cristo entre as nações
e proclamar feliz Boa Nova aos seus pobres.
Por isso eu exulto em Deus meu Salvador.*
2. *O amor de Deus me escolheu
para estender o reinado de Cristo entre as nações
e consolar as almas dos pobres que sofrem.
Por isso eu exulto em Deus meu Salvador.*
3. *O amor de Deus me escolheu
para estender o reinado de Cristo entre as nações
e celebrar sua glória entre todos os povos.
Por isso eu exulto em Deus meu Salvador.*

(Silêncio)

Terceiro momento

Também nós somos desafiados a ter um olhar contemplativo sobre as nossas existências, reconhecendo um Deus que se esconde e se revela nos acontecimentos das nossas vidas. Deus vem ao nosso encontro para fazer maravilhas e para encher de vida e plenitude os nossos corações. Em Fátima, o convite de Nossa Senhora à penitência e à oração é um apelo a uma vida que alarga os seus horizontes até à eternidade, transformando os caminhos da fragilidade e do pecado em caminhos de santidade e de vida. Fátima é um insistente apelo a reconhecer que a nossa meta é o céu e que este se vai revelando em cada momento das nossas vidas.

Senhor Jesus, Pão que alimenta os nossos corações, faz-nos olhar a nossa vida com o olhar de tua mãe Maria Santíssima, ajuda-nos a dizer “sim” a uma vida mais feliz e a caminhar decididamente para a casa do Pai.

Cantemos:

***Eis a escrava do Senhor, Eis a escrava do Senhor,
Faça-se em mim, faça-se em mim segundo a vossa Palavra.***

1. *Se o Senhor não edificar a casa,
em vão trabalham os que a constroem.*
2. *Se o Senhor não guardar a cidade,
em vão vigiam as sentinelas.*
3. *É inútil levantar-vos antes da aurora
e trabalhar pela noite dentro,*
4. *para comer o pão dum trabalho duro,
porque Ele o dá aos seus amigos, até durante o sono.*

(Silêncio)

5. Preces

Elevemos ao Senhor as nossas preces, por intercessão da Virgem Mãe, e digamos cheios de confiança:

Cristo Pão do Céu, dá-nos a vossa vida.

1. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos pela Igreja espalhada por todo o mundo, para que sempre cante as tuas maravilhas. Oremos.

2. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos pelo Papa Francisco e por todos os pastores da Igreja, para que sempre sejam fiéis ao ministério que receberam e conduzam com fidelidade o teu rebanho às pastagens da alegria e da vida. Oremos.
3. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos pelas famílias cristãs, para que sejam lugares onde se ensine e se viva o amor. Oremos.
4. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos pelos consagrados e consagradas, para que sempre testemunhem no mundo a beleza de uma vida que se faz dom de amor aos irmãos. Oremos.
5. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos pelas vocações, para que muitos jovens sintam o convite que lhes diriges a entregar as suas vidas ao serviço do Evangelho. Oremos.
6. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos por todos os que vivem em tribulação e passam as mais diversas necessidades, para que encontrem em nós, comunidade cristã, o auxílio de que necessitam. Oremos.
7. Senhor Jesus Cristo, Pão do Céu, nós Te pedimos por todos os nossos irmãos e irmãs que já partiram deste mundo, para que os recebas no reino da luz e da paz. Oremos.

6. Pai-nosso

7. Bênção do Santíssimo (50 Minutos)

Cântico

*Tántum ergo sacraméntum / venerémur cernui:
et antíquum documéntum / nóvo cédat rítui:
praestet fides supplementum / sénsuum deféctui.*

*Genitóri Genitóque / laus et jubilátio,
sálus, hónor, virtus quoque / sit et benedictio;
procedénti ab utróque / cómpar sit laudátio. Amen.*

Oração

Senhor Jesus Cristo, que no admirável sacramento do Pão e do Vinho, nos dás um sinal do teu amor, faz que sempre nos alimentemos deste pão e deste vinho e que sejamos no mundo um sinal da tua misericórdia. Isto Te pedimos, a Ti que és Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo. Ámen!

Bênção

Reposição

Cântico: Eu creio em ti Senhor

8. Ritos finais (55 Minutos)

Despedida da assembleia

Cântico final

**O trigo que Deus semeou no seio de Maria
Tornou-se para nós pão do Céu que nos dá vida
E salvação eterna.**

1. Cantai ao Senhor um cântico novo
pelas maravilhas que Ele operou.
A sua mão e o seu santo braço
Lhe deram a vitória.
2. O Senhor deu a conhecer a salvação,
revelou aos olhos das nações a sua justiça.
Recordou-Se da sua bondade e fidelidade,
em favor da casa de Israel.

«O Senhor faz maravilhas»

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA COM CRIANÇAS

Vasco António da Cruz Gonçalves

*«Em Vós está a fonte da vida.
E é na Vossa luz que vemos a luz».*
(Sal 36, 10)

*«Ditosos os vossos olhos, porque veem,
e os vossos ouvidos, porque ouvem. Em verdade vos digo:
Muitos profetas e justos desejaram ver o que estais a ver,
e não viram, e ouvir o que estais a ouvir, e não ouviram».*
(Mt 13, 16-17).

Acolhimento

O acolhimento faz-se no local escolhido para a Adoração Eucarística. O Animador dá as boas-vindas e procura criar um ambiente de proximidade, bem-estar, partilha e interação entre todos, condição indispensável para favorecer a oração. Uma música de fundo ajuda a ambientar.

De seguida, explica o motivo do encontro: a Adoração a Jesus presente na Eucaristia é tempo para contemplar, admirar a beleza e bondade/misericórdia de Deus através de Jesus na Eucaristia. Na explicação da Adoração Eucarística, o animador deve ter presente que, por um lado, na Hóstia Branca, Jesus é Alimento, pão do amor que alimenta o coração e a vida de cada um de nós; por outro, Jesus é a Luz (Sol) que nos fascina e ilumina. Desta forma, tem em conta o milagre do Sol, na Aparição de outubro.

De seguida, o animador convida a fazer silêncio, interior e exterior, como atitude indispensável para ver a luz. Para tal, é importante ter em conta a luminosidade do espaço. A meia-luz ajuda a interiorizar e permite que o Santíssimo Sacramento seja destacado com uma luz mais intensa.

Convite à Adoração

- Adorar é olhar nos olhos Aquele que nos ama.
- De olhar fixo em nós, Ele não esconde nada de nós. Jesus ama-nos pelo que somos.
- O amor de Jesus ajuda-nos a transformar o nosso rosto no rosto da Eucaristia, tornando-nos instrumentos do seu Amor.

Cântico

*Eu tenho um amigo que me ama,
Que me ama, que me ama;
Eu tenho um amigo que me ama,
Seu nome é Jesus.*

*É um amigo que me ama,
É um amigo que me ama,
É um amigo que me ama: É Jesus. (bis)*

*Tu tens um amigo que te ama,
Que te ama, que te ama;
Tu tens um amigo que te ama,
Seu nome é Jesus.*

*Nós temos um amigo que nos ama,
Que nos ama, que nos ama;
Nós temos um amigo que nos ama,
Seu nome é Jesus.*

Saudação do Presidente

P: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R: Ámen.

P: A Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

R: Bendito seja Deus que nos reuniu em nome de Cristo.

O Presidente pode fazer uma breve saudação e, enquanto se expõe o Santíssimo Sacramento, sugerimos que se continue a cantar o cântico «Eu tenho um amigo que me ama».

Exposição do Santíssimo Sacramento

Todos de joelhos continuam a rezar e a cantar ao Senhor exposto com as seguintes palavras, seguidas de um breve cântico. Sugerimos o refrão «Tão perto de mim».

Senhor, Tu me vês e conheces o que está no fundo do meu coração e da minha alma.

*Tão perto de mim, tão perto de mim
Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.*

Se me levanto e me sento, Tu o sabes, Senhor.

Tão perto de mim, tão perto de mim

Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.

Tu conheces os meus pensamentos mais escondidos.

Tão perto de mim, tão perto de mim

Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.

Ainda não pronunciei uma palavra
e tu já a sabes, Senhor.

Tão perto de mim, tão perto de mim

Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.

Estás sempre a meu lado e a tua mão está sobre mim.
Como poderei andar longe de ti? Como poderei andar
longe da tua presença?

Tão perto de mim, tão perto de mim

Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.

Foste tu que me criastes no seio da minha mãe; agra-
deço-te pelo que sou, por esta obra maravilhosa das
tuas mãos.

Tão perto de mim, tão perto de mim

Que até eu lhe posso tocar, Jesus está aqui.

Animador/catequista

Um Anjo apareceu três vezes aos três pastorinhos de Fátima para preparar as futuras aparições de Nossa Senhora. Lúcia descreve assim a primeira aparição do Anjo da Paz:

Vimos uma luz mais branca do que a neve, com a forma de jovem transparente, mais brilhante que um cristal, atravessado pelos raios do sol... enquanto ele se aproximava foi possível distinguir os seus traços: um jovem de 14 ou 15 anos, muito belo. Estávamos surpresos, não emitíamos uma palavra, aproximando-se de nós disse: “Não tenham medo. Eu sou o Anjo da Paz. Rezem comigo”. Depois ajoelhou-se, inclinando-se até tocar o seu rosto no solo e rezou: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam”. E disse esta oração três vezes. Quando parou, disse às crianças “Rezem assim”.

Tal como o Anjo da Paz e os Pastorinhos, rezemos três vezes ao Senhor na Hóstia Branca:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos.

Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam. (3X)

Entretanto, rezem-se mais algumas jaculatórias, como «Graças e louvores se deem a todo o momento. Ao Santíssimo e diviníssimo Sacramento». São fórmulas concisas e as crianças aprendem bem. E canta-se um cântico apropriado, tal como «Jesus, eu amo-te».

Jesus eu amo-te

Jesus, eu amo-Te; Jesus, eu amo-Te,

Jesus, eu amo-Te; Jesus, eu amo-Te. – 4x

Tu és o meu Senhor; Tu és o meu Senhor;

Tu és o meu Senhor; Tu és o meu Senhor. – 4x

Jesus, eu creio em Ti; Jesus eu creio em Ti;

Jesus, eu creio em Ti; Jesus eu creio em Ti. – 4x

*Jesus, eu louvo-Te; Jesus, eu louvo-Te;
Jesus, eu louvo-Te; Jesus, eu louvo-Te. – 4x*

*Jesus, Te dou graças; Jesus Te dou graças;
Jesus, Te dou graças; Jesus Te dou graças. – 4x*

Leitura do Milagre do Sol

(13 outubro)

Conta Lúcia:

A multidão presenciava o milagre prometido por Nossa Senhora:

O sol rompia as nuvens e, bem no zénite, na posição de meio-dia, brilhava como um disco de prata. Era possível realmente olhar para ele, sem que sua luz ofuscasse. Isso foi por um instante.

Todos ainda olhavam para o sol, assombrados, quando ele começou a “dançar”, segundo a descrição das pessoas: ele começou a girar sobre si mesmo, como uma bola de fogo, e então parou. Logo voltou a girar, mais velozmente. Ainda girando, suas bordas ficaram escarlates e começaram a lançar chamas por todo o céu, e com isso sua luz se refletia em tudo e em todos, com as diferentes cores do espectro solar. Ainda girando rapidamente, e espargindo chamas coloridas, por três vezes o sol pareceu desprender-se do céu e precipitar-se em ziguezague sobre a multidão.

Muitos julgavam ser o fim do mundo, e as pessoas se ajoelhavam na lama pedindo perdão de seus pecados. Houve quem fizesse confissão pública em altos brados, e alguns dos que haviam ido até a Cova para fazer troca dos crédulos prostraram-se em terra entre soluços e orações desajeitadas. O fenómeno durou por uns dez minutos, e depois, elevando-se

em ziguezague, o sol voltou à sua posição normal e brilhante, ofuscando como o sol comum.

As pessoas se entreolhavam e diziam:

“Milagre! Milagre! As crianças tinham razão! Nossa Senhora fez o milagre! Bendito seja Deus! Bendita seja Nossa Senhora!” Muitos riam, outros choravam de alegria, e houve quem notasse que suas roupas se haviam secado subitamente.

Contemplemos o sol que é Jesus Eucaristia

Escutemos e meditemos:

Todos os povos da pré-história e da história escreveram e disseram belos poemas ao sol. Os antigos egípcios erguiam grandes estelas para representarem os raios do sol que iluminam e aquecem a terra; os astecas cada manhã faziam sacrifícios humanos para devolverem o sangue ao sol, sem o qual não podiam amadurecer o milho que era o seu alimento diário.

Os romanos no solstício de inverno celebravam a festa de natal do sol invencível; os habitantes do Norte da Europa enfeitavam troncos de árvores com fitas para fazerem com que o sol brilhasse de novo. Também os incas celebravam o sol de quem era filho o seu fundador.

Na Bíblia encontramos a palavra umas centenas de vezes. Já Qohélet afirma que o sol com o seu esplendor ilumina a todos e «a luz é agradável e é um deleite para os olhos ver o Sol» (Ecl 11, 7). De Jesus diz-se que na Transfiguração «o seu rosto resplandeceu como o Sol» (Mt 17, 2) e também no

Apocalipse se diz: «O seu rosto era como o sol resplandecente com toda a sua força» (Ap 1, 16).

Os discípulos de Jesus, os «justos resplandecerão como o Sol, no reino de seu Pai» (Mt 13, 43). E S. Paulo contará com esta imagem o encontro com Jesus que lhe mudou a vida: «Vi no caminho uma luz vinda do céu, mais brilhante do que o Sol, que refulgia em volta de mim e dos que me acompanhavam» (At 26, 13).

Nossa Senhora quis mostrar o Sol, para entendermos que esta Luz maior, esta luz de imensas cores, é Jesus que nos ilumina e fascina a todos. Na estrada da vida não devemos esquecer que os nossos companheiros de viagem são as mulheres e os homens de cada povo iluminados e aquecidos pelo próprio sol. Tal como o sol, Jesus existe para todos.

Leitura do Evangelho (Jo 8, 12; 12, 35-36)

Sacerdote (ou diácono):

O Senhor esteja convosco...

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João.

Leitor:

Naquele tempo,
disse Jesus:

Sacerdote (ou diácono):

Eu sou a luz do mundo.
Quem me segue
Não anda nas trevas,
Mas terá a luz da vida.

Leitor:

E Jesus disse ainda:

Sacerdote (ou diácono):

A luz ainda estará no meio de vós, por pouco tempo.

Caminhai enquanto tendes luz,
Para que as trevas não vos surpreendam.
Quem caminha nas trevas não sabe para onde vai.
Enquanto tendes luz, acreditai na luz,
Para que sejais filhos da luz.

Palavra da salvação.

Reflexão

O presidente deve fazer uma interiorização da Palavra tendo em conta a aparição de 13 de outubro, sobretudo o Milagre da dança do sol e o mistério da presença eucarística. Procure realçar algumas características que permitam uma perfeita analogia entre o Sol e Cristo (não é por acaso que o Santíssimo é exposto numa custódia com um resplendor, lembrando o sol): fonte de vida, fonte de luz, a luz como condição indispensável para viver. Tal como uma planta não só precisa da luz, mas também de ser regada para viver, assim nós cristãos, a nossa vida de fé precisa de Cristo Eucaristia: na Eucaristia, Cristo é luz e alimento (rega-nos, qual água viva) que nos dá Vida e Vida em abundância.

(Para aprofundar a temática da luz como fonte de vida e de fé, ver *Celebração da Luz*, em *Queremos seguir Jesus. Guia do Catequista*, 3.º Ano, ed. Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2009, pp. 107-121).

Após a reflexão canta-se:

***É o Meu Corpo: tomai e comei.
É o Meu Sangue: tomai e bebei.
Porque Eu sou a Vida, porque Eu sou o Amor.
Ó Senhor faz-nos viver no Teu Amor.***

*Como o Senhor nos amou, jamais alguém pode amar;
p'lo caminho da justiça nos ensina a caminhar.
Quando estamos reunidos e partilhamos Seu pão,
Ele nos dá o Seu amor e a Sua paz.*

*Como o Senhor nos amou, jamais alguém pode amar;
em tudo o que nos legou, manifestou o Seu amor;
Quem comer a Minha Carne e beber o Meu Sangue
permanecerá em Mim e Eu nele.*

Bênção do Santíssimo Sacramento

Cantar

*Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos
ou Veneremos, adoremos...*

Presidente

Oremos.

Senhor Jesus, que neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão, concedei-nos a graça de venerarmos de tal modo os mistérios do vosso Corpo e Sangue, que sintamos continuamente os frutos da vossa redenção. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo. Ámen.

Depois da bênção todos repetem:

Bendito seja Deus.

Bendito o seu Santo Nome.

Bendito Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Bendito o Nome de Jesus.

Bendito o seu Sacratíssimo Coração.

Bendito o seu Preciosíssimo sangue.
Bendito Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.
Bendito o Espírito Santo Paráclito.
Bendita a excelsa Mãe de Deus, Maria Santíssima.
Bendita a sua Santa e Imaculada Conceição.
Bendita a sua Gloriosa Assunção.
Bendito o Nome de Maria, Virgem e Mãe.
Bendito São José seu Castíssimo Esposo.
Bendito Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

Envio

*Poderá ser entregue um pequeno sinal: imagem do sol com Cristo;
pagela alusiva à Eucaristia, etc.*

Cântico Final

*Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.
Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.
Esta luz pequenina, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la... Brilhar!*

*Esta luz de Cristo, vou deixá-la brilhar.
Esta luz de Cristo, vou deixá-la brilhar.
Esta luz de Cristo, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar... Brilhar!*

*Onde quer que eu vá, vou deixá-la brilhar.
Onde quer que eu vá, vou deixá-la brilhar.
Onde quer que eu vá, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar... Brilhar!*

*No homem que encontro, vou deixá-la brilhar.
No homem que encontro, vou deixá-la brilhar.
No homem que encontro, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar... Brilhar!*

*No coração que sofre, vou deixá-la brilhar.
No coração que sofre, vou deixá-la brilhar.
No coração que sofre, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar... Brilhar!*

*Nos caminhos da vida, vou deixá-la brilhar.
Nos caminhos da vida, vou deixá-la brilhar.
Nos caminhos da vida, vou deixá-la brilhar.
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar... Brilhar!*

Via-sacra

Na contemplação dos quadros
de uma narrativa salvífica

André Pereira

A proposta de via-sacra que aqui se apresenta traduz um olhar sobre os mistérios da paixão, da morte e da ressurreição do Senhor Jesus aí entrevedo o cume das maravilhas de Deus em favor do seu povo. Não obstante a dureza do caminho da cruz, é na aridez dessa imposição iníqua resultante da fragilidade e do pecado do homem que se revela a fecundidade de uma doação livre, total e decisiva, a de Jesus, que culminará na definitividade de uma nova criação fundada na aliança nova e eterna que aí – na oferta do Corpo e do Sangue, no total dom de si – tem lugar. Os painéis que encontramos nas estações da Via-sacra no Caminho dos Pastorinhos, criados por Maria Amélia Carvalheira da Silva, ilustram cada um dos passos deste itinerário. Os textos da Escritura constituem o motivo da contemplação desta narrativa salvífica. Para o Hino e o Canto final, propõem-se, respetivamente, as composições de Manuel Luís e de António Ferreira dos Santos.

Signação

V. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Ámen.

Hino

O estandarte da Cruz proclama ao mundo
A morte de Jesus e a sua glória,
Porque o autor de todo o universo
Contemplamos suspenso do madeiro.

Com um golpe de lança trespassado,
Ficou aberto o Coração de Cristo,
Manando sangue e água como rio,
Para lavar os crimes deste mundo.

Ó árvore fecunda e refulgente,
Ornada com a túnica real,
Sois tálamo, sois trono e sois altar,
Para o corpo chagado e glorioso.

Ó Cruz bendita, só tu nos abriste
Os braços de Jesus, o Redentor,
Balança do resgate que arrancaste
Nossas almas das mãos do inimigo.

Cruz do Senhor, és única esperança,
No tempo da tristeza e da Paixão.
Aumenta nos cristãos a luz da fé,
Sê para os homens o sinal da paz.





I ESTAÇÃO

Jesus é condenado à morte

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de Lucas (Lc 23, 22-24)

Pilatos disse-lhes pela terceira vez: «Que mal fez Ele, então? Nada encontrei nele que mereça a morte. Por isso, vou libertá-lo, depois de o castigar». Mas eles insistiam em altos brados, pedindo que fosse crucificado, e os seus clamores aumentavam de violência. Então, Pilatos decidiu que se fizesse o que eles pediam.

Meditação

Senhor Jesus, vejo-te exposto à multidão, aquela mesma multidão, certamente, que tantas vezes te seguiu, curiosa ou necessitada, que saciaste e acolheste, porque faminta e desgarrada, que terá até em ti acreditado e te aclamou, tal era a força das tuas obras. Porém, a conversão não estava ainda realizada: a fidelidade à Aliança – qual relação de absoluta liberdade e compromisso total de amor – continuava a estar somente do lado divino. A humanidade insistia na infidelidade e na rejeição. À tua cristalina verdade, que Pilatos terá vislumbrado, respondem os teus acusadores com as inverdades dos seus egoísmos e medos, das suas frágeis seguranças e certezas.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos estão incapazes de se aterem corajosamente à verdade que entreveem e reconhecem. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima recorda que é na tua luz que a verdade se revela.

Pai-nosso...

II ESTAÇÃO

Jesus recebe e abraça a cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 19, 16-17)

Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus. Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota.



Meditação

Senhor Jesus, recebes amorosamente a cruz, o instrumento no qual culminará o teu dom total pelos teus irmãos. Também por esses que ta fazem carregar, que *tomam conta de ti* à maneira de quem tem total permissão para cruelmente fazer do caminho que agora percorrerás via tão dolorosa e ultrajante quanto possível. Estás, afinal, contado entre os malfeitores... o pior que te façam – é sua convicção – não é tão mau quanto mereces. Abraças essa cruz com o mesmo amor com que abraçaste a humanidade e cada irmão. Mas não sem dor. Quanta ingratidão! Que desmesura entre o teu dom e a resposta que recebes.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos fazem violência aos humildes e fracos deste mundo. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima apela ao compromisso com a conversão dos pecadores.

Pai-nosso...



III ESTAÇÃO

Jesus cai, pela primeira vez, sob o peso da cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,
R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de Mateus (Mt 11, 28-30)

«Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve».

Meditação

Senhor Jesus, é pesada a resposta que recebes face à leveza que trazes e ao alívio que ofereces. Mesmo agora, sob a cruz e o seu peso – feito de tantas cargas nela condensadas –, revestes de mansidão e suavidade o silêncio com que abraças o abaixamento que, embora, neste momento, imposto pelos que querem tirar-te a vida, há muito quiseste assumir e viver. Ninguém te estende a mão, estás rodeado de rostos enraivecidos e entretidos pelo doloroso espetáculo. És tu, porém, que estás a estender-lhes a mão e a desejar ardentemente resgatá-los para uma vida salva.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos são rebaixados e violentados pelos fortes deste mundo. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima recorda que o teu coração está particularmente com os pequenos e humildes.

IV ESTAÇÃO

Jesus encontra a mãe

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 19, 26-27)

Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!». Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!». E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.

Meditação

Senhor Jesus, o encontro com a tua mãe é encontro de corações feridos, apertados pela inimaginável dor da separação e da injustiça, dilacerados pelo absurdo do ódio e do desamor que corroem e matam, entenebrecidos já pela certeza da morte que se avizinha. Mas há de ser também, por certo, lugar de reconforto e novo alento: é o encontro com a mulher fiel, em quem vês todos aqueles que permanecem contigo e se unem à tua oferta, entrevendo já a gradual propagação um outro e definitivo jeito de ser: o do dom amoroso, que é fecundo e dá frutos de vida nova. Com o dom da tua vida, ofereces-nos também o dom de uma mulher cuja maternidade não mais nos deixará órfãos de ternura e de misericórdia, de solicitude e de graça. A mulher fiel aponta-nos o caminho dessa fidelidade; confiada no Deus cuja vontade acolhe, interpela a fazer da vida escuta atenta e obediência amorosa.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelo fortalecimento na fé de quem se dispõe a acolher a tua palavra e a pô-la em prática. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima faz eco dos teus desígnios, que sempre são de misericórdia.

Pai-nosso...





V ESTAÇÃO

Jesus é ajudado por Simão

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de Lucas (Lc 23, 26)

Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus.

Meditação

Senhor Jesus, no inesperado do quotidiano surge o apelo a que se faça caminho contigo, a encalçar os teus passos, a carregar a cruz e seguir-te. Simão é o primeiro a trilhar essa senda. Não o fará ainda *contigo* ou *por ti*: fá-lo, por ora, porque a tal é obrigado, porque a força dos cheios de si se impõe à sua fraqueza e o “não” é resposta inaceitável às determinações dos prepotentes. É curioso como só Deus, o verdadeiramente *potente*, aceita absolutamente o “não” da intocável liberdade de cada homem! Nesse cireneu cujo nome conhecemos, vejo o nome e o rosto de cada um pessoalmente desafiado, nos mais diversos e inesperados contextos, a unir-se ao teu dom, a fazer caminho *contigo* e a configurar-se a ti. Aos poucos, saberá cada um transformar tantas imposições experimentadas em livre acolhimento e dom ativo. Simão virá a fazer, por certo, esse caminho; o encontro contigo transforma.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos sentem o despertar das suas atenções para ti, mesmo se ainda incipientemente e com desconfinça. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima convida ao recentramento do olhar e da vida em ti.

Pai-nosso...

VI ESTAÇÃO

Jesus encontra Verónica

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do livro dos Salmos (Sl 27, 8-9)

O meu coração murmura por ti, os meus olhos te procuram; é a tua face que eu procuro, Senhor. Não desvies de mim o teu rosto.

Meditação

Senhor Jesus, novamente reconheço quanto o gesto de Verónica é espelho de uma experiência na qual podem estar tantos outros irmãos, no qual posso estar eu. O cuidado pela tua dor, o desejo de a aliviar e o concreto ato de limpar-te o rosto ensanguentado condensam uma atitude amorosa e compassiva que resulta em *encontro* e *impressão* decisivos: o encontro contigo, que transforma a vida e o coração, e a gravação, nesse mesmo coração e na vida que se renova, do teu rosto que, transparência do Pai, ilumina e transfigura até à salvação. Na brancura do tecido em que o teu rosto fica marcado entrevejo a *brancura do coração sem mancha* em que resplandece a luz da tua face. É a tua face que eu procuro, para a imprimir no coração.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pela perseverança dos que desejam acolher a tua graça e gravar-te, como marca indelével e determinante, no coração e na vida. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima aponta a *brancura do coração* como vocação de cada homem e mulher.

Pai-nosso...





VII ESTAÇÃO

Jesus cai, pela segunda vez, sob o peso da cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,
R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do livro de Isaías (Is 50, 6-8)

Aos que me batiam apresentei as espáduas, e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio; por isso não sentia os ultrajes. Endureci o meu rosto como uma pedra, pois sabia que não ficaria envergonhado. O meu defensor está junto de mim.

Meditação

Senhor Jesus, cada queda é aparente sinal da tua desgraça e do fracasso dos desígnios salvíficos do Pai, que em ti quer resgatar cada um dos filhos desgarrados mas parece abandonar-te à tua sorte e às mãos dos ávidos de sangue. Nessa desgraça – clara, por certo, aos olhos dos que te açoitam e escarnecem – ofereceu-se, afinal, a graça. Porque o Pai não te esquece ou abandona, mas, antes, te sustém e defende, mesmo se no silêncio da sua aparente ausência. E em ti, na tua doação total, faz entroncar a fonte da bênção, da graça, da vida plena.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos temem abandonar-se nas tuas mãos e confiar-se totalmente a ti. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima desafia à superação do medo e à total confiança em ti.

Pai-nosso...

VIII ESTAÇÃO

Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.



Do evangelho de Lucas (Lc 23, 27-29)

Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos; pois virão dias em que se dirá: “Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram”».

Meditação

Senhor Jesus, na solidão do teu caminho em direção ao calvário despontam alguns sinais de que nem todos te são indiferentes. Nem todos se reveem na crueza do espetáculo que, para tantos, completamente alheados da desumanidade e do sem-sentido que está a acontecer, é mera animação e ocasião de entretenimento. Nos lamentos daquelas mulheres certamente encontras algum conforto, alguma suavização do tremendo sofrimento que estás a viver. Porém, não esqueces que o coração do homem continua empedernido e bloqueado pelos egoísmos mortais que te conduziram a esse caminho. As mulheres de Jerusalém e os seus filhos – a humanidade inteira – não estão livres dos dinamismos de poder que conduzem ao sofrimento e à morte. Quando se transformará o coração do homem – configurando-se ao coração de Deus – em carne?

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelos que se dispõem a abrigar o sofrimento do outro com solidariedade e compaixão, para que não desanimem. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima convida à disponibilidade para o bem de todos.

Pai-nosso...



IX ESTAÇÃO

Jesus cai, pela terceira vez, sob o peso da cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,
R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do livro dos Salmos (Sl 143, 6-7)

Ergo para ti as minhas mãos;
como terra seca, a minha alma está sedenta de ti.
Senhor, responde-me depressa;
estou prestes a desfalecer!

Meditação

Senhor Jesus, o pó que pisas confunde-se já com o pó que te reveste e o sangue que o faz parecer parte de ti. Só a autenticidade do teu amor, que continua a impelir-te não obstante as quedas e a aspereza do caminho, dá vida à secura que parece ter-te já tomado, à poeira que se confunde contigo e pareces ser. Ergues as mãos; ergues o olhar; ergues-te: sabes que é do Alto, da verticalidade da tua união ao Pai, que vem essa água que continua a dar-te vida e força, que continua a firmar o teu anseio por elevar a chã horizontalidade que perpassa o homem quando o orvalho de Deus não fecunda a terra. Levantas-te. O caminho continua, porque o sangue e a água ainda não revigoraram a humanidade.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelos que sucumbem às agruras do caminho. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima recorda que és Deus presente, atento às dores e aos dramas que ressecam a vida.

Pai-nosso...

X ESTAÇÃO

Jesus é despojado das vestes

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 19, 23-24)

A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará.» Assim se cumpriu a Escritura, que diz:

*Repartiram entre eles as minhas vestes
e sobre a minha túnica lançaram sortes.*

Meditação

Senhor Jesus, a tua veste sem costuras é imagem da tua própria inteireza: verdadeiro Deus e verdadeiro homem, tomas na grandeza da tua divindade toda a fragilidade da humanidade. Em ti, Deus mostra-se radicalmente próximo, curvado não sobre si próprio mas sobre o homem ferido e carente de cura. E essa cura chega-lhe, fontalmente, pela relação nova de que vives por natureza e que lhe ofereces como dom: o homem pode, agora, ser verdadeiramente chamado filho de Deus e tê-lo como Pai, sendo introduzido nessa comunhão de amor que vos une – Pai, Filho e Espírito Santo – e da qual pode participar. Na tua inteireza, somos inteiros: podemos finalmente viver segundo o *sonho originário*, como criaturas novas e plenificadas, resgatadas pela fração não das vestes e da túnica, mas do Pão-dado-distribuído: tu.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por quantos quebram o laço fraterno pela rejeição da filiação oferecida. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima convoca à construção da fraternidade.

Pai-nosso...





XI ESTAÇÃO

Jesus é crucificado

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de Lucas (Lc 23, 34)

Quando chegaram ao lugar do Calvário, crucificaram-no. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem».

Meditação

Senhor Jesus, o lugar do mais profundo ferimento da tua dignidade e da tua inocência é, simultaneamente, o lugar em que ofereces o mais radical perdão. Só um extremo amor pode ver na absolutamente injusta condenação que recebeste um ato de inconsciência, quase inimizabilidade, daqueles que te expõem a tão escandalosa e dolorosa forma de morte. Crucificam-te, qual criminoso que deve ser exemplarmente castigado. São algozes de ontem e de hoje, de perto e de longe os que te prendem à cruz para que nela morras lentamente, em sofrimento. São rostos de todos os tempos e de todos os lugares os que te observam: rostos que condenam, rostos que escarnecem, rostos que ignoram, rostos que se compadecem, rostos que choram... Tudo perdoas. Assim haja quem acolha esse perdão, o reconheça e se volte para ti.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelos que cegamente maltratam os justos e pelos inocentes que são injustiçados. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima mostra a tua preferência pelos pequeninos e o teu desejo pelo regresso dos sem amor.

Pai-nosso...

XII ESTAÇÃO

Jesus morre na cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de Marcos (Mc 15, 37-39)

Jesus, com um grito forte, expirou. E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!».



Meditação

Senhor Jesus, contemplo-te suspenso na monstruosa árvore da tortura, da humilhação, da morte desumana. E vejo, paradoxalmente, aí despontarem os primeiros *botões* de uma vida nova, florida, divina. És verdadeiramente Filho de Deus. O reconhecimento do centurião prenuncia o bom fruto que dará, afinal, tão má cepa: dessa cruz da qual pendes, inerte e desfeado, começa a brotar a dinâmica e a beleza da vida que sairá vitoriosa. Ainda o não sabem os que te veem; não suspeitam, sequer. Sabe-o o Pai, que não poderia abandonar-te na morada dos mortos.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelos que não reconhecem que a cruz é sinal e lugar da vida nova que nos é oferecida. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima mostra que a cruz preside à *cidade em ruínas* como definitiva promessa de esperança e de vida.

Pai-nosso...



XIII ESTAÇÃO

Jesus é descido da cruz

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 19, 33-35)

Ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água. Aquele que viu estas coisas é que dá testemunho delas e o seu testemunho é verdadeiro. E ele bem sabe que diz a verdade, para vós crerdes também.

Meditação

Senhor Jesus, o sangue e a água derramados constituem o último ato de toda uma vida oferecida, dada até ao extremo, até à *última gota*. Aquele que experimenta a largura e a profundidade do teu amor não pode calar e conter o que experimentou: constitui-se testemunha do que viu, ouviu e lhe foi dado conhecer e sentir. Não sem dificuldades e obstáculos. Mas sem desanimar, pois bem sabe que diz a verdade e que o seu testemunho é autêntico. Vejo-te, também eu, pelos olhos de quem te viu. Recebo-te dado por quem te experimentou e testemunhou. E ensaio o passo seguinte: a abertura para um encontro que me faça, eu próprio, experimentar também. E testemunhar.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo por todos os que não chegam a encontrar-se contigo e pelos que não se deixam transformar pelo encontro. Apresento-te esta oração pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima constituiu três pequenas crianças testemunhas de um encontro que as enformou e salvou.

Pai-nosso...

XIV ESTAÇÃO

Jesus é depositado no sepulcro

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 19, 40-41)

Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado.



Meditação

Senhor Jesus, vejo o teu corpo sem vida ser cuidado por homens e mulheres bons, presentes, compassivos, que te amam. Estão de luto, abatidos, dobrados sobre um horizonte sem amplitude ou esperança. Maria, a tua e agora minha mãe, recebe-te nos braços e interrogar-se-á sobre os desígnios do Deus que a chamou e lhe confiou um Fruto bendito. Questionar-se-á, em dor; mas creio que entrevê confiada e esperançadamente que a história não acaba ali, mesmo se não vislumbra o seu seguimento. É um túmulo novo, aquele em que és depositado. De novidade se reveste tudo o que está para acontecer.

Prece

Pai Santo, unido à oblação do teu Filho Jesus, rezo pelos que se debatem, tantas vezes no meio de difíceis cenários, por permanecer na esperança. Apresento-te esta prece pelas mãos maternas de Maria, que em Fátima convida a confiar na promessa e desvela horizontes de esperança e vida plena.

Pai-nosso...



XV ESTAÇÃO

Jesus ressuscita de entre os mortos

Em tempo e lugar considerados oportunos, pode incluir-se o quadro que nos faz ultrapassar o limiar da Via Crucis para entrar no pórtico da Via Lucis: a XV Estação, em que contemplamos a ressurreição de Jesus à luz da qual – e só a essa luz – é impregnado de sentido e fecundidade o amoroso dom total do Filho que o Pai acolheu e fez frutificar, tornando a tosca e estéril cruz em nova e definitiva árvore da Vida.

V. Nós vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Do evangelho de João (Jo 20, 11.14-16)

Maria estava junto ao túmulo, da parte de fora, a chorar. Voltou-se para trás e viu Jesus, de pé, mas não se dava conta que era Ele. E Jesus disse-lhe: «Mulher, porque choras? Quem procuras?». Ela, pensando que era o encarregado do horto, disse-lhe: «Senhor, se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste, que eu vou buscá-lo». Disse-lhe Jesus: «Maria!». Ela, aproximando-se, exclamou em hebraico: «*Rabbuni!*» – que quer dizer: «Mestre!».

Meditação

Senhor Jesus, o silêncio do último dia foi rasgado pela luz do *primeiro e novo* dia: venceste a morte e vives, em resplandecente glória, como primícias de uma nova criação. Vives para sempre, abrindo para cada homem e cada mulher as portas dessa vida nova e definitiva que não mais a morte abafará. No chamamento inconfundível e pessoal, na proximidade afetiva e amorosa, na fração do pão és reconhecido e conhecido *de novo*. Eis que fazes novas todas as coisas e me convidas a entrar nessa dinâmica de novidade, beleza e plenitude, como filho bem-amado do teu Pai e nosso Pai. Como Tomé, não obstante todas as dificuldades, creio; e também eu posso dizer: meu Senhor e meu Deus.

- V.** Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

Conclusão

- V.** O Senhor nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos conduza à vida eterna.
R. Ámen.

Canto final

*Grandes maravilhas fez por nós o Senhor,
grandes maravilhas fez por nós o Senhor.*

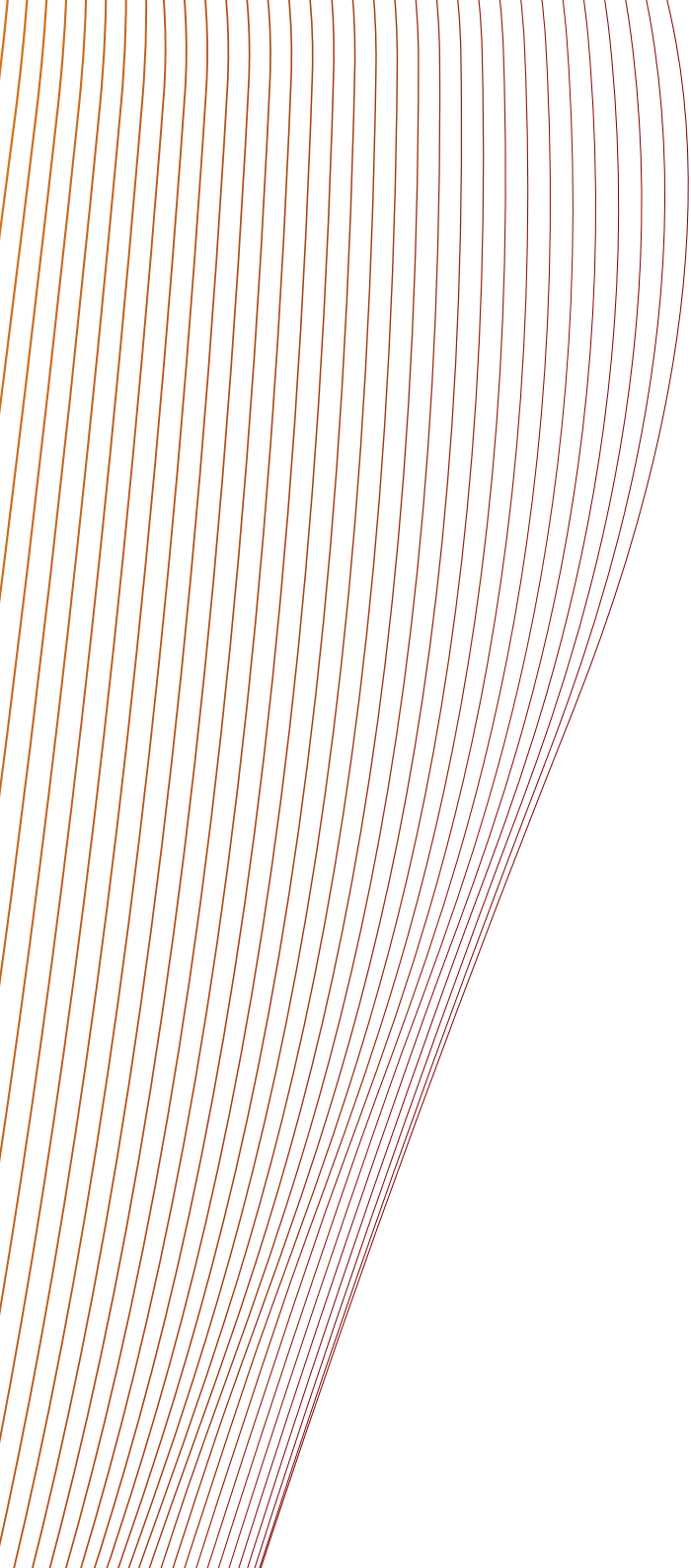
Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião,
parecia-nos viver um sonho.
Da nossa boca brotavam expressões de alegria
e de nossos lábios cânticos de júbilo.

Diziam então os pagãos:
«O Senhor fez por eles grandes coisas».
Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor,
Estamos exultantes de alegria.

Fazei regressar, Senhor, os nossos cativos,
como as torrentes do deserto.
Os que semeiam em lágrimas
recolhem com alegria.

À ida vão a chorar,
levando as sementes;
à volta vêm a cantar,
trazendo os molhos de espigas

IV. MISSAS PARA AS PEREGRINAÇÕES ANIVERSÁRIAS



12 DE MAIO – SEXTA-FEIRA

Imaculado Coração de Maria (MVNS 141-144)

1.ª leitura: Judite 13, 17-20; 15, 9

«Tu és a honra do nosso povo» (LMVNS p. 128)

Salmo: Lc 1, 46-48a.48b-49.50-51.52-53.54-55

«O Senhor fez em mim maravilhas» (LMVNS p. 129)

2.ª leitura: Ef 1, 3-6.11-12

«Deus escolheu-nos, em Cristo, antes da criação do mundo»
(LMVNS p. 232)

Evangelho: Lc 11, 27-28

«Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre!» (LMVNS p. 130)

13 DE MAIO – SÁBADO

Solenidade de Nossa Senhora de Fátima (MR p. 848)

1.ª leitura: Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab

«Apareceu no Céu um sinal grandioso» (LSantoral p. 434)

Salmo: 44 (45), 11-12.14-15.16-17 (R. 11a)

«Escuta e inclina-te diante do Senhor» (LSantoral p. 435)

2.ª leitura: Rom 5, 12.17-19

«Onde abundou o pecado, superabundou a graça» (LSantoral p. 437)

Evangelho: Jo 19, 25-27

«Eis o teu filho... Eis a tua Mãe» (LSantoral p. 454)

JUNHO

Glória a ti, Rainha da Paz

12 DE JUNHO – SEGUNDA-FEIRA

Missa pela Paz e pela Justiça (MR p. 1217)

1.^a leitura: Is 32, 15-18

«O fruto da justiça será a paz» (LVIII p. 744)

Salmo: Salmo 84 (85), 9b-10.11-12.13-14

«O Senhor fala de paz ao seu povo» (LVIII p. 744)

2.^a leitura: Col 3, 12-15

«Reine em vossos corações a paz de Cristo» (LVIII p. 747)

Evangelho: Mt 5, 1-12a

*«Bem-aventurados os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus»* (LVIII p. 749)

13 DE JUNHO – TERÇA-FEIRA

A Virgem Maria Rainha da Paz (MVNS p. 209)

1.^a leitura: Is 9, 1-3.5-6

«O seu poder será engrandecido numa paz sem fim»
(LMVNS p. 200)

Salmo: Salmo 84 (85), 9ab-10.11-12.13-14

«O Senhor anuncia a paz ao seu povo» (LMVNS p. 201)

2.^a leitura: Ef 1, 3-6.11-12

«Deus escolheu-nos, em Cristo, antes da criação do mundo»
(LSantoral p. 439)

Evangelho: Lc 1, 26-38

«Conceberás e darás à luz um Filho» (LMVNS p. 202)

12 DE JULHO – QUARTA-FEIRA

Sagrado Coração de Jesus (MR p. 1258)

1.ª leitura: Os 11, 1.3-4.8c-9

«Eu apascentarei as minhas ovelhas, Eu as farei repousar»

(LDominical C p. 418)

Salmo: 22 (23), 1-6 (R. 1)

«O Senhor é meu pastor nada me faltará» (LDominical C p. 419)

2.ª leitura: Rom 5, 5b-11

«Deus prova o seu amor para connosco» (LDominical C p. 420)

Evangelho: Lc 15, 3-7

«Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida»

(LDominical B p. 421)

13 DE JULHO – QUINTA-FEIRA

A Virgem Maria, Mãe da Consolação (MVNS p. 193)

1.ª leitura: Is 61, 1-3.10-11

«O Espírito do Senhor me enviou para curar os corações atribulados»

(LMVNS p. 182)

Salmo: Is 12, 1.2.3-4bcd.5-6 (R.3)

«Ireis com alegria às fontes da salvação» (LMVNS p. 183)

2.ª leitura: 2 Cor 1, 3-7

«Deus nos conforta em todas as tribulações, para podermos consolar aqueles que estão atribulados» (LMVNS p. 183)

Evangelho: Mt 5, 1-12

«Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados»

(LMVNS pg. 184)

AGOSTO

Santa Maria, Mãe de Deus

12 DE AGOSTO - SÁBADO

A Virgem Maria, Imagem e Mãe da Igreja II (MVNS p. 133)

1.^a leitura: Atos 1, 12-14

*«Perseveravam unidos na oração, com
Maria, Mãe de Jesus»* (LMVNS p. 122)

Salmo: 86 (87), 1-3.4-5.6-7 (R. cf. 3)

«Grandes coisas se dizem de ti, ó cidade de Deus» (LMVNS p. 123)

2.^a leitura: Gal 4, 4-7

«Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher» (LMVNS p. 37)

Evangelho: Jo 2, 1-11

«Estava lá a Mãe de Jesus. E os discípulos acreditaram n'Ele»
(LMVNS p. 124)

13 DE AGOSTO – DOMINGO

XIX Domingo Tempo Comum Ano A (MR p. 413)

1.^a leitura: 1 Reis 19, 9a.11-13a

«Sai e permanece no monte à espera» (LDominical A p. 302)

Salmo: 84(85), 9ab-10.11-12.13-14 (R. 8)

«Mostrei-nos Senhor, o vosso amor e dai-nos a vossa salvação»
(LDominical A p. 302)

2.^a leitura: Rom 9, 1-5

*«Quisera eu próprio ser separado de Cristo por
amor dos meus irmãos»* (LDominical A p. 303)

Evangelho: Mt 14, 22-33

«Manda-me ir ter contigo sobre as águas» (LDominical A p. 304)

SETEMBRO

Mãe da Igreja, rogai por nós

12 DE SETEMBRO - TERÇA-FEIRA

Nossa Senhora do Cenáculo (MVNS p. 98)

1.ª leitura: Atos 1, 6-14

«Recebereis a força do Espírito Santo, que descera sobre vós»

(LMVNS p. 86)

Salmo: 86 (87), 1-2.3 e 5.6-7 (R. cf. 3)

«Grandes coisas se dizem de ti, ó cidade de Deus» (LMVNS p. 87)

2.ª leitura: 1Tim 2, 1-8

«Deus quer salvar todos os homens» (LMRV VIII p. 669)

Evangelho: Lc 8, 19-21

«Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática»

(LMVNS p. 88)

13 DE SETEMBRO – QUARTA-FEIRA

1.ª leitura: Ap 12, 1-3.7-12ab.17

«Apareceu no céu um sinal grandioso» (LMVNS p. 187)

Salmo: Judite 16, 13.14.15 (R. 2d)

«Invocai e exaltai o nome do Senhor» (LMVNS p. 189)

2.ª leitura: Filip 4, 4-9

«E o Deus da paz estará convosco» (LMRV VIII p. 385)

Evangelho: Jo 2, 1-11

«Jesus deu início aos seus milagres» (LMVNS p. 190)

OUTUBRO

Maria, Estrela da Evangelização

12 DE OUTUBRO – QUINTA-FEIRA

Solenidade Aniversário da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário (MR p. 1004)

1.^a leitura: 1 Reis 8, 22-23.27-30

«Vós que dissestes: “Aí estará o meu nome”, atendei a suplica do vosso povo, quando rezar neste lugar» (LSantoral p.395)

Salmo: 83 (84), 3.4.5 e 10.11 (R. 2)

«Como é admirável a vossa morada, Senhor do Universo»
(LSantoral p.396)

2.^a leitura: 1 Pedro 2, 4-9

«Como pedras vivas, entraís na construção do templo espiritual»
(LSantoral p. 409)

Evangelho: Lc 19, 1-10

«Hoje entrou a salvação nesta casa» (LSantoral p. 411)

13 DE OUTUBRO – SEXTA-FEIRA

Solenidade de Nossa Senhora de Fátima (MR p. 848)

1.^a leitura: Ap 11, 19a; 12, 1-6a.10ab

«Apareceu no Céu um sinal grandioso» (LSantoral p. 434)

Salmo: 44 (45), 11-12.14-15.16-17 (R. 11a)

«Escuta e inclina-te diante do Senhor» (LSantoral p. 435)

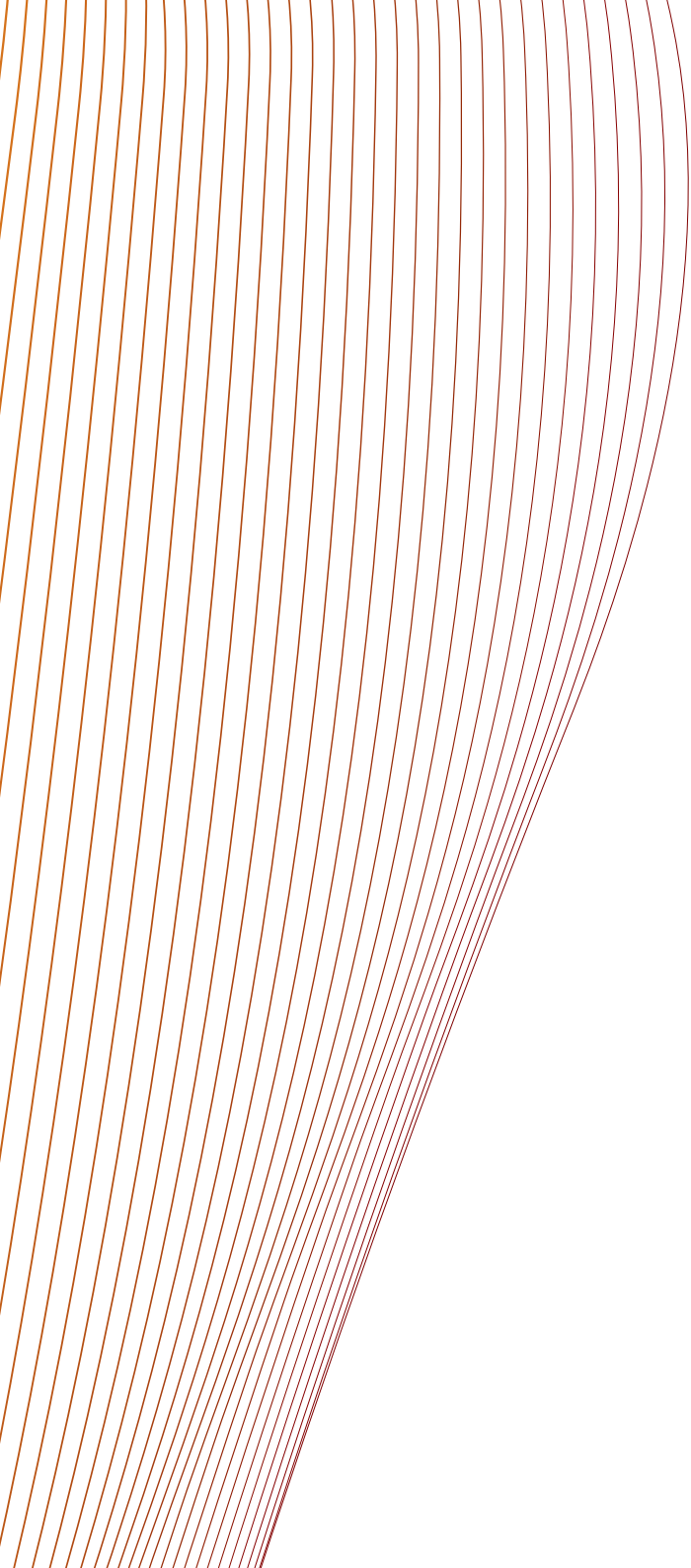
2.^a leitura: Rom 5, 12.17-19

«Onde abundou o pecado, superabundou a graça»
(LSantoral p. 437)

Evangelho: Jo 19, 25-27

«Eis o teu filho... Eis a tua Mãe» (LSantoral p. 454)

V. PROPOSTAS PARA A VIVÊNCIA DO TEMA DO ANO



Textos de apoio aos temas mensais

MAIO

Textos Bíblicos

Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Dentro de vós porei o meu espírito, fazendo com que sigais as minhas leis e obedeçais e pratiqueis os meus preceitos. (Ez 36, 26)

O SENHOR é a minha força e o meu escudo; nele confiou o meu coração e Ele socorreu-me; por isso, hei de louvá-lo de todo o coração. (Sl 28, 7)

Cria em mim, ó Deus, um coração puro; renova e dá firmeza ao meu espírito. (Sl 51, 12)

A tua esperança não abandonará o coração dos homens, ao recordarem a força de Deus para sempre. (Jdt 13, 19)

Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. (Mt, 5, 8)

Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (Mt, 6, 20-21)

A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. (Lc 1, 50)

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações.» (Lc 2, 34-35)

Por nada vos deixeis inquietar; pelo contrário: em tudo, pela oração e pela prece, apresentai os vossos pedidos a Deus em ações de graças. Então, a paz de Deus, que ultrapassa toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus. (Fil 4, 6-7)

No que fizerdes, trabalhai de todo o coração, como quem o faz para o Senhor e não para os homens. (Col 3, 23)

Aproximemo-nos de Deus com um coração sincero, com a plena segurança da fé, com os corações purificados da má consciência e o corpo lavado com água pura. (Heb 10, 22)

Textos do Magistério

Radiomensagem aos fiéis portugueses por ocasião da consagração da Igreja e do género humano ao Coração Imaculado de Maria, Pio XII

Rainha do Santíssimo Rosário, auxílio dos cristãos, refúgio do género humano, vencedora de todas as grandes batalhas de Deus! Ao vosso trono súplices nos prostramos, seguros de conseguir misericórdia e de encontrar graça e auxílio oportuno nas presentes calamidades, não pelos nossos méritos, de que não presumimos, mas unicamente pela imensa bondade do vosso Coração materno.

A Vós, ao vosso Coração Imaculado, Nós como Pai comum da grande família cristã, como Vigário d'Aquele a quem foi

dado todo o poder no céu e na terra (Mt 28, 18), e de quem recebemos a solicitude de quantas almas remidas com o seu sangue povoam o mundo universo, – a Vós, ao vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico de vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo, dilacerado por exiciais discórdias, abrasado em incêndios de ódio, vítima de suas próprias iniquidades.

Comovam-vos tantas ruivas materiais e morais; tantas dores, tantas agonias dos pais, das mães, dos esposos, dos irmãos, das criancinhas inocentes; tantas vidas ceifadas em flor; tantos corpos despedaçados numa horrenda carnificina; tantas almas torturadas e agonizantes, tantas em perigo de se perderem eternamente! Vós, Mãe de misericórdia, impetrai-nos de Deus a paz! e primeiro as graças que podem num momento converter os humanos corações, as graças que preparam, conciliam, asseguram a paz! Rainha da paz, rogai por nós e dai ao mundo em guerra a paz por que os povos suspiram, a paz na verdade, na justiça, na caridade de Cristo. Dai-lhe a paz das armas e das almas, para que na tranquilidade da ordem se dilate o Reino de Deus.

Estendei a vossa proteção aos infieis e a quantos jazem ainda nas sombras da morte; dai-lhes a paz e fazei que lhes raie o Sol da verdade, e possam connosco, diante do único Salvador do mundo, repetir: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade! (Lc 2, 14).

Aos povos pelo erro ou pela discórdia separados, nomeadamente àqueles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse o vosso venerando ícone (hoje talvez escondido e reservado para melhores dias), dai-lhes a paz e reconduzi-os ao único redil de Cristo, sob o único e verdadeiro Pastor.

Obtende paz e liberdade completa à Igreja santa de Deus; sustai o dilúvio inundante de neopaganismo, todo matéria; e fomentai nos fiéis o amor da pureza, a prática da vida cristã e o zelo apostólico, para que o povo dos que servem a Deus, aumente em mérito e em número.

Enfim como ao Coração do vosso Jesus foram consagrados a Igreja e todo o género humano, para que, colocando n'Ele todas as suas esperanças, lhes fosse sinal e penhor de vitória e salvação assim desde hoje Vos sejam perpetuamente consagrados também a Vós e ao vosso Coração Imaculado, ó Mãe nossa e Rainha do mundo: para que o vosso amor e patrocínio apresse o triunfo do Reino de Deus, e todas as gerações humanas, pacificadas entre si e com Deus, a Vós proclamem bem-aventurada; e convosco entoem, de um polo ao outro da terra, o eterno Magnificat de glória, amor, reconhecimento ao Coração de Jesus, onde só podem encontrar a Verdade, a Vida e a Paz.

Lumen Gentium, Concílio Vaticano II

61. A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa coooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.

62. Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto

à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançá-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo.

Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.

Rosarium Virginis Mariae, João Paulo II

Eu mesmo não descurei ocasião para exortar à frequente recitação do Rosário. Desde a minha juventude, esta oração teve um lugar importante na minha vida espiritual. Trouxe-mo à memória a minha recente viagem à Polónia, sobretudo a visita ao Santuário de Kalwaria. O Rosário acompanhou-me nos momentos de alegria e nas provações. A ele confiei tantas preocupações; nele encontrei sempre conforto. Vinte e quatro anos atrás, no dia 29 de outubro de 1978, apenas

duas semanas depois da minha eleição para a Sé de Pedro, quase numa confidência, assim me exprimia: «O Rosário é a minha oração predileta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade. [...] Pode dizer-se que o Rosário é, em certo modo, um comentário-prece do último capítulo da Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II, capítulo que trata da admirável presença da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. De facto, sobre o fundo das palavras da “Ave-Maria” passam diante dos olhos da alma os principais episódios da vida de Jesus Cristo. Eles dispõem-se no conjunto dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos, e põem-nos em comunhão viva com Jesus – poderíamos dizer – através do Coração de Sua Mãe. Ao mesmo tempo o nosso coração pode incluir nestas dezenas do Rosário todos os factos que formam a vida do indivíduo, da família, da nação, da Igreja e da humanidade. Acontecimentos pessoais e do próximo, e de modo particular daqueles que nos são mais familiares e que mais estimamos. Assim a simples oração do Rosário marca o ritmo da vida humana».

Com estas palavras, meus caros Irmãos e Irmãs, inseria no ritmo quotidiano do Rosário o meu primeiro ano de Pontificado. Hoje, no início do vigésimo quinto ano de serviço como Sucessor de Pedro, desejo fazer o mesmo. Quantas graças recebi nestes anos da Virgem Santa através do Rosário: *Magnificat anima mea Dominum!* Desejo elevar ao Senhor o meu agradecimento com as palavras da sua Mãe Santíssima, sob cuja proteção coloquei o meu ministério petrino: *Totus tuus!*

Catecismo da Igreja Católica

494. Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu pela «obediência da fé» (145), certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d'Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção.

«Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé” (148); e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”».

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de maio (de) 1917 – Andando a brincar com a Jacinta e o Francisco, no cimo da encosta da Cova da Iria, a fazer uma paredita em volta duma moita, vimos, de repente, como que um relâmpago.

– É melhor irmos embora para casa, – disse a meus primos – que estão a fazer relâmpagos; pode vir trovoada.

– Pois sim.

E começamos a descer a encosta, tocando as ovelhas em direção à estrada. Ao chegar, mais ou menos a meio da encosta, quase junto duma azinheira grande que aí havia, vimos outro relâmpago e, dados alguns passos mais adiante, vimos, sobre uma carrasqueira, uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio d'água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente. Parámos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto, que ficávamos dentro da luz que A cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio de distância, mais ou menos.

Então Nossa Senhora disse-nos:

- Não tenhais medo. Eu não vos faço mal.
- De onde é Vossemecê? – lhe perguntei.
- Sou do Céu.
- E que é que Vossemecê me quer?
- Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez.

– E eu também vou para o Céu?

– Sim, vais.

– E a Jacinta?

– Também.

– E o Francisco?

– Também, mas tem que rezar muitos terços.

Lembrei-me então de perguntar por duas raparigas que tinham morrido há pouco. Eram minhas amigas e estavam em minha casa a aprender a tecedeiras com minha irmã mais velha.

– A Maria das Neves já está no Céu?

– Sim, está.

Parece-me que devia ter uns 16 anos.

– E a Amélia?

– Estará no purgatório até ao fim do mundo.

Parece-me que devia ter de 18 a 20 anos.

– Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?

– Sim, queremos.

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

– Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

– Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Em seguida, começou-Se a elevar serenamente, subindo em direção ao nascente, até desaparecer na imensidade da distância. A luz que A circundava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros, motivo por que alguma vez dissemos que vimos abrir-se o Céu. (p. 173-174)

Não sei porquê, as aparições de Nossa Senhora produziam em nós efeitos bem diferentes. A mesma alegria íntima, a mesma paz e felicidade, mas, em vez desse abatimento físico, uma certa agilidade expansiva; em vez desse aniquilamento na Divina presença, um exultar de alegria; em vez dessa dificuldade no falar, um certo entusiasmo comunicativo. (p. 171)

Textos Bíblicos

Deito-me em paz e logo adormeço, porque só Tu, Senhor, me fazes viver em segurança. (Sl 4, 9)

Desvia-te do mal e faz o bem, procura a paz e segue-a. (Sl 34, 15)

Reconcilia-te com Deus e viverás em paz; e assim terás de novo a felicidade. (Jb 22, 21)

Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro-Admirável, Deus herói, Pai Eterno, Príncipe da paz. (Is 9, 15)

A paz será obra da justiça, e o fruto da justiça será a tranquilidade e a segurança para sempre. (Is 32, 17)

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. (Mt 5, 9)

Juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado». (Lc 2, 13-14)

Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco!» Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor. (Mt 20, 19-20)

Aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso: a vós, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. (Ef 1, 1-2)

Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. (Cl 3, 15)

Por nada vos deixeis inquietar; pelo contrário: em tudo, pela oração e pela prece, apresentai os vossos pedidos a Deus

em ações de graças. Então, a paz de Deus, que ultrapassa toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus. (Fl 4, 6-7)

O Senhor da paz, Ele próprio, vos dê a paz, sempre e em todos os lugares. O Senhor esteja com todos vós. (2Ts 3, 16)

Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura; depois, é pacífica, indulgente, dócil, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem hipocrisia; e é com a paz que uma colheita de justiça é semeada pelos obreiros da paz. (Tg 3, 17-18)

Textos do Magistério

Pacem in Terris, João XXIII

1. A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus.

2. O progresso da ciência e as invenções da técnica evidenciam que reina uma ordem maravilhosa nos seres vivos e nas forças da natureza. Testemunham outrossim a dignidade do homem capaz de desvendar essa ordem e de produzir os meios adequados para dominar essas forças, canalizando-as em seu proveito.

3. Mas o avanço da ciência e os inventos da técnica demonstram, antes de tudo, a infinita grandeza de Deus, criador do universo e do homem. Foi ele quem tirou do nada o universo, infundindo-lhe os tesouros de sua sabedoria e bondade. Por isso, o salmista enaltece a Deus com estas palavras: “Senhor, Senhor, quão admirável é o teu nome em toda a terra” (Sl 8, 1). “Quão numerosas são as tuas obras, Senhor! Fizeste com sabedoria todas as coisas” (Sl 103, 24). Foi igualmente Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança

(cf. Gn 1, 26), dotado de inteligência e liberdade, e o constituiu senhor do universo, como exclama ainda o Salmista: “Tu o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que domine as obras de tuas mãos sob seus pés tudo colocaste” (Sl 8, 5-6).

4. Contrasta clamorosamente com essa perfeita ordem universal a desordem que reina entre indivíduos e povos, como se as suas mútuas relações não pudessem ser reguladas senão pela força.

5. No entanto, imprimiu o Criador do universo no íntimo do ser humano uma ordem, que a consciência deste manifesta e obriga perentoriamente a observar: “mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho a sua consciência e seus pensamentos” (Rm 2, 15). E como poderia ser de outro modo? Pois toda obra de Deus é um reflexo de sua infinita sabedoria, reflexo tanto mais luminoso, quanto mais essa obra participa da perfeição do ser (cf. Sl 18, 8-11).

6. Uma concepção tão frequente quanto errônea leva muitos a julgar que as relações de convivência entre os indivíduos e sua respetiva comunidade política possam reger-se pelas mesmas leis que as forças e os elementos irracionais do universo. Mas a verdade é que, sendo leis de género diferente, devem-se buscar apenas onde as inscreveu o Criador de todas as coisas, a saber, na natureza humana.

7. São de facto essas leis que indicam claramente como regular na convivência humana as relações das pessoas entre si, as dos cidadãos com as respetivas autoridades públicas, as relações entre os diversos Estados, bem como as dos indivíduos e comunidades políticas com a comunidade mundial, cuja criação é hoje urgentemente postulada pelo bem comum universal.

8. E, antes de mais nada, é necessário tratar da ordem que deve vigorar entre os homens.

9. Em uma convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e vontade livre. Por essa razão, possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria natureza. Trata-se, por conseguinte, de direitos e deveres universais, invioláveis e inalienáveis.

10. E se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades reveladas, não poderemos deixar de tê-la em estima incomparavelmente maior. Trata-se, com efeito, de pessoas remidas pelo Sangue de Cristo, as quais com a graça se tornaram filhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna.

Gaudium et Spes, Concílio Vaticano II

77. Nestes nossos tempos, em que as dores e angústias derivadas da guerra ou da sua ameaça ainda oprimem tão duramente os homens, a família humana chegou a uma hora decisiva no seu processo de maturação. Progressivamente unificada, e por toda a parte mais consciente da própria unidade, não pode levar a cabo a tarefa que lhe incumbe de construir um mundo mais humano para todos os homens, a não ser que todos se orientem com espírito renovado à verdadeira paz. A mensagem evangélica, tão em harmonia com os mais altos desejos e aspirações do gênero humano, brilha assim com novo esplendor nos tempos de hoje, ao proclamar felizes os construtores da paz «porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9). Por isso, o Concílio, explicando a verdadeira e nobilíssima natureza da paz, e uma vez condenada a desumanidade da guerra, quer apelar ardentemente para que os cristãos, com a ajuda de Cristo, autor da paz, colaborem com todos os homens no estabelecimento da paz na justiça e no amor e na preparação dos instrumentos da mesma paz.

78. A paz não é ausência de guerra; nem se reduz ao estabelecimento do equilíbrio entre as forças adversas, nem resulta duma dominação despótica. Com toda a exatidão e propriedade ela é chamada «obra da justiça» (Is 32, 7). É um fruto da ordem que o divino Criador estabeleceu para a sociedade humana, e que deve ser realizada pelos homens, sempre anelantes por uma mais perfeita justiça. Com efeito, o bem comum do género humano é regido, primária e fundamentalmente, pela lei eterna; mas, quanto às suas exigências concretas, está sujeito a constantes mudanças, com o decorrer do tempo. Por esta razão, a paz nunca se alcança duma vez para sempre, antes deve estar constantemente a ser edificada. Além disso, como a vontade humana é fraca e ferida pelo pecado, a busca da paz exige o constante domínio das paixões de cada um e a vigilância da autoridade legítima. Mas tudo isto não basta. Esta paz não se pode alcançar na terra a não ser que se assegure o bem das pessoas e que os homens compartilhem entre si livre e confiadamente as riquezas do seu espírito criador. Absolutamente necessárias para a edificação da paz são ainda a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros homens e povos e a prática assídua da fraternidade. A paz é assim também fruto do amor, o qual vai além do que a justiça consegue alcançar. A paz terrena, nascida do amor do próximo, é imagem e efeito da paz de Cristo, vinda do Pai. Pois o próprio Filho encarnado, príncipe da paz, reconciliou com Deus, pela cruz, todos os homens; restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo, extinguiu o ódio e, exaltado na ressurreição, derramou nos corações o Espírito de amor.

Todos os cristãos são, por isso, insistentemente chamados a que «praticando a verdade na caridade» (Ef 4, 15), se unam com os homens verdadeiramente pacíficos para implorarem e edificarem a paz.

Levados pelo mesmo espírito, não podemos deixar de louvar aqueles que, renunciando à violência na reivindicação dos próprios direitos, recorrem a meios de defesa que estão também ao alcance dos mais fracos – sempre que isto se possa fazer sem lesar os direitos e obrigações de outros ou da comunidade.

Na medida em que os homens são pecadores, o perigo da guerra ameaça-os e continuará a ameaça-los até à vinda de Cristo; mas na medida em que, unidos em caridade, superam o pecado, superadas ficam também as lutas, até que se realize aquela palavra: «com as espadas forjarão arados e foices com as lanças. Nenhum povo levantará a espada contra outro e jamais se exercitarão para a guerra» (Is 2, 4).

Evangelii Gaudium, Francisco

218. A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras. Também seria uma paz falsa aquela que servisse como desculpa para justificar uma organização social que silencie ou tranquilize os mais pobres, de modo que aqueles que gozam dos maiores benefícios possam manter o seu estilo de vida sem sobressaltos, enquanto os outros sobrevivem como podem. As reivindicações sociais, que têm a ver com a distribuição das entradas, a inclusão social dos pobres e os direitos humanos não podem ser sufocados com o pretexto de construir um consenso de escritório ou uma paz efêmera para uma minoria feliz. A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética.

219. E a paz também «não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças.

Constrói-se, dia a dia, na busca duma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens». Enfim, uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência.

220. Em cada nação, os habitantes desenvolvem a dimensão social da sua vida, configurando-se como cidadãos responsáveis dentro de um povo e não como massa arrastada pelas forças dominantes. Lembremo-nos que «ser cidadão fiel é uma virtude, e a participação na vida política é uma obrigação moral». Mas, tornar-se um povo é algo mais, exigindo um processo constante no qual cada nova geração está envolvida. É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme.

221. Para avançar nesta construção de um povo em paz, justiça e fraternidade, há quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social. Derivam dos grandes postulados da Doutrina Social da Igreja, que constituem o «primeiro e fundamental parâmetro de referência para a interpretação e o exame dos fenómenos sociais». À luz deles, desejo agora propor estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum. Faço-o na convicção de que a sua aplicação pode ser um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo inteiro.

Catecismo da Igreja Católica

2302. Evocando o preceito «Não matarás» (Mt 5, 21), nosso Senhor pede a paz do coração e denuncia a imoralidade da cólera assassina e do ódio:

A ira é um desejo de vingança. «Desejar a vingança, para mal daquele que deve ser castigado, é ilícito»; mas impor uma reparação «para correção do vício e para conservar o bem da justiça», isso é louvável. Se a ira for até ao desejo deliberado de matar o próximo ou de o ferir gravemente, ofende de modo grave a caridade, e é pecado mortal. O Senhor diz: «Quem se irar contra o seu irmão, será sujeito a julgamento» (Mt 5, 22).

2303. O *ódio* voluntário é contra a caridade. Odiar o próximo, querendo-lhe mal deliberadamente é pecado. É pecado grave, quando deliberadamente se lhe deseja um mal grave. «Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para serdes filhos do vosso Pai que está nos céus...» (Mt 5, 44-45).

2304. O respeito e o crescimento da vida humana exigem a paz. A paz não é só ausência da guerra, nem se limita a assegurar o equilíbrio das forças adversas. A paz não é possível na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos e a prática assídua da fraternidade. Ela é «tranquilidade da ordem»; é «obra da justiça» (Is 32, 17) e efeito da caridade.

2305. A paz terrena é imagem e fruto da *paz de Cristo*, o «Príncipe da Paz» messiânico (Is 9, 5). Pelo sangue da sua cruz, Ele, levando em Si próprio a morte à inimizade, reconciliou com Deus os homens e fez da sua Igreja o sacramento da unidade do género humano e da sua união com Deus. «Ele é a nossa paz» (Ef 2, 14) e declara «bem-aventurados os obreiros da paz» (Mt 5, 9).

2306. Os que, renunciando à ação violenta e sangrenta, recorrem a meios de defesa ao alcance dos mais fracos para a salvaguarda dos direitos humanos, dão testemunho da caridade evangélica, desde que o façam sem lesar os direitos e obrigações dos outros homens e das sociedades. E atestam legitimamente a gravidade dos riscos físicos e morais do recurso à violência, com as suas ruínas e mortes.

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de junho (de) 1917 – Depois de rezar o terço com a Jacinta e o Francisco e mais pessoas que estavam presentes, vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago) e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a maio.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Pedi a cura dum doente.

– Se se converter, curar-se-á durante o ano.

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração.

– Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

– Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Foi no momento em que disse estas últimas palavras que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu e eu na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado

Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, que queria reparação.

Eis, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, ao que nos referíamos, quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em junho. Nossa Senhora não nos mandou, ainda desta vez, guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia. (p. 175-176)

JULHO

Textos Bíblicos

E se vier a clamar a mim, ouvi-lo-ei, porque Eu sou misericordioso. (Ex 22, 26)

O Senhor é como a águia a incentivar os seus filhos, esvoaçando sobre os seus filhotes: estendeu as suas asas, tomou-os, levantando-os sobre as suas penas. (Dt 32, 11)

O Senhor é clemente e compassivo, é paciente e misericordioso. O Senhor é bom para com todos; a sua ternura repassa todas as suas obras. (Sl 145, 8-9)

O Senhor cura os de coração atribulado e trata-lhes as feridas! (Sl 147, 3)

Porque o Senhor é compassivo e misericordioso, perdoa os pecados e salva no tempo da aflição. (Sir 2, 11)

Consolai, consolai o meu povo, é o vosso Deus quem o diz. Falai ao coração de Jerusalém e gritai-lhe: «Terminou a vossa servidão, estão perdoados os vossos crimes, pois já recebeu da mão do Senhor o dobro do castigo por todos os seus pecados». (Is 40, 1-2)

Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria. (Is 49, 15)

O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros. (Is 61, 1)

O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa. (Sf 3, 17)

Felizes os que choram, porque serão consolados. (Mt 5, 4)

Quantas vezes quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintainhos sob as asas, e tu não quiseste! (Mt 23, 37)

Para dar a conhecer ao seu povo a salvação pela remissão dos seus pecados, graças ao coração misericordioso do nosso Deus, que das alturas nos visita como sol nascente, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz. (Lc 1, 78-79)

E, levantando-se, foi ter com o pai. Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. (Lc 15, 20)

Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna. (Jo 3, 16)

Sede, antes, bondosos uns para com os outros, compassivos; perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo. (Ef 4, 32)

Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação. (2Cor 1, 3-4)

Textos do Magistério

Supremi Apostolatus Officio, Leão XIII

3. Nos momentos de apreensão e de incerteza, foi sempre o primeiro e sagrado pensamento dos católicos o de recorrerem a Maria, e de se refugiarem na sua maternal bondade. E isto demonstra a firmíssima esperança, antes a plena confiança, que a Igreja Católica com toda razão sempre depositou na Mãe de Deus. De facto, a Virgem Imaculada, escolhida para ser Mãe de Deus, e por isto mesmo feita Co-Redentora do género humano, goza junto a seu Filho de um poder e de uma graça tão grande, que nenhuma criatura, nem humana nem angélica, jamais pôde nem jamais poderá atingir uma maior. E, visto como a alegria mais grata para ela é a de ajudar e consolar todo fiel em particular que invoque o seu socorro, não pode haver dúvida de que ela muito mais prazerosamente deseje acolher, antes, que exulte em acolher, os votos da Igreja toda.

4. Mas esta ardente e confiante piedade para com a augusta Rainha do Céu foi posta em mais clara luz quando a violência dos erros largamente difundidos, ou a transbordante corrupção dos costumes, ou o assalto de inimigos poderosos, pareceram pôr em perigo a Igreja militante de Deus.

5. As memórias antigas e modernas e os sagrados fastos da Igreja relembram, de uma parte, as súplicas públicas e particulares e os votos elevados à divina Mãe, e, de outra parte, os auxílios por meio dela obtidos, e a tranquilidade e a paz pelo Céu concedidas. Daí tiveram origem esses títulos insignes com que os povos católicos a saudaram: Auxiliadora dos cristãos, Socorredora e Consoladora, Dominadora das guerras, Senhora das vitórias, Pacificadora. Entre os quais é principalmente digno de menção o título, tão solene, do Rosário, que consagra à imortalidade os seus assinalados benefícios em favor da inteira Família cristã.

Dives in Misericórdia, João Paulo II

14. [...] A misericórdia autenticamente cristã é ainda, em certo sentido, a mais perfeita encarnação da «igualdade» entre os homens e, por conseguinte, também a encarnação mais perfeita da justiça, na medida em que esta, no seu campo, tem em vista o mesmo resultado. Enquanto a igualdade introduzida mediante a justiça se limita ao campo dos bens objetivos e extrínsecos, o amor e a misericórdia fazem com que os homens se encontrem uns com os outros naquele valor que é o mesmo homem, com a dignidade que lhe é própria. Ao mesmo tempo, a «igualdade» dos homens mediante o amor «paciente e benigno» não elimina as diferenças. Aquele que dá torna-se mais generoso, quando se sente recompensado por aquele que recebe o seu dom. E, vice-versa, o que sabe receber o dom com a consciência de que também ele faz o bem, ao recebê-lo, está, por seu lado, a servir a grande causa da dignidade da pessoa, e contribui para unir mais profundamente os homens entre si.

A misericórdia torna-se, assim, elemento indispensável para dar forma às relações mútuas entre os homens, em espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano e pela fraternidade recíproca. É impossível conseguir que se estabeleça este vínculo entre os homens se se pretende regular as suas relações mútuas unicamente com a medida da justiça. Esta, em toda a gama das relações entre os homens, deve submeter-se, por assim dizer, a uma «correção» notável, por parte daquele amor que, como proclama S. Paulo, «é paciente» e «benigno», ou por outras palavras, que encerra em si as características - do amor misericordioso, tão essenciais para o Evangelho como para o Cristianismo. Tenhamos presente, além disto, que o amor misericordioso implica também ternura, compaixão e sensibilidade do coração, de

que tão eloquentemente nos fala a parábola do filho pródigo, ou a da ovelha e a da dracma perdidas. O amor misericordioso, é sobretudo indispensável entre aqueles que estão mais próximos: os cônjuges, os pais e os filhos e os amigos; e é de igual modo indispensável na educação e na pastoral.

O seu campo de ação não se confina, porém, só a isto. Se Paulo VI, por mais de uma vez indicou que a «civilização do amor» é o fim para o qual devem tender todos os esforços tanto no campo social e cultural, como no campo económico e político, é preciso acrescentar que este fim nunca será alcançado se nas nossas concepções e nas nossas atuações, relativas às amplas e complexas esferas da convivência humana, nos detivermos no critério do «olho por olho e dente por dente», e, ao contrário, não tendermos para transformá-lo essencialmente, completando-o com outro espírito. É nesta direção que nos conduz também o Concílio Vaticano II, quando, ao falar repetidamente da necessidade de tornar o mundo mais humano, centraliza a missão da Igreja no mundo contemporâneo precisamente na realização desta tarefa. O mundo dos homens só se tornará mais humano se introduzirmos no quadro multiforme das relações interpessoais e sociais, juntamente com a justiça, o «amor misericordioso» que constitui a mensagem messiânica do Evangelho. [...]

Amoris Lætitia, Francisco

27. Como distintivo dos seus discípulos, Cristo pôs sobretudo a lei do amor e do dom de si mesmo aos outros (cf. Mt 22, 39; Jo 13, 34), e fê-lo através dum princípio que um pai ou uma mãe costumam testemunhar na sua própria vida: «Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13). Frutos do amor são também

a misericórdia e o perdão. Nesta linha, é emblemática a cena que nos apresenta uma adúltera na explanada do templo de Jerusalém, primeiro, rodeada pelos seus acusadores e, depois, sozinha com Jesus, que não a condena mas convida-a a uma vida mais digna (cf. Jo 8, 1-11).

28. No horizonte do amor, essencial na experiência cristã do matrimónio e da família, destaca-se ainda outra virtude, um pouco ignorada nestes tempos de relações frenéticas e superficiais: a ternura. Detenhamo-nos no terno e denso Salmo 131, onde – como se observa, aliás, noutros textos (cf. Ex 4, 22; Is 49, 15; Sl 27/26, 10) – a união entre o fiel e o seu Senhor é expressa com traços de amor paterno e materno. Lá aparece a intimidade delicada e carinhosa entre a mãe e o seu bebé, um recém-nascido que dorme nos braços de sua mãe depois de ter sido amamentado. Como indica a palavra hebraica *gamùl*, trata-se dum menino que acaba de mamar e se agarra conscientemente à mãe que o leva ao colo. É, pois, uma intimidade consciente, e não meramente biológica. Por isso canta o Salmista: «Estou sossegado e tranquilo, como criança saciada ao colo da mãe» (Sl 131/130, 2). Paralelamente, podemos ver outra cena na qual o profeta Oseias coloca na boca de Deus, visto como pai, estas palavras comoventes: «Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o (...), Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços (...). Segurava-o com laços de ternura, com laços de amor, fui para ele como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto; inclinei-me para ele para lhe dar de comer» (Os 11, 1.3-4).

29. Com este olhar feito de fé e amor, de graça e compromisso, de família humana e Trindade divina, contemplamos a família que a Palavra de Deus confia nas mãos do marido, da esposa e dos filhos, para que formem uma comunhão de pessoas que seja imagem da união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Por sua vez, a atividade geradora e educativa é um reflexo da obra criadora do Pai. A família é chamada a partilhar a oração diária, a leitura da Palavra de Deus e

a comunhão eucarística, para fazer crescer o amor e tornar-se cada vez mais um templo onde habita o Espírito.

30. Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes, experiência que ainda hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados e inermes. Como os Magos, as famílias são convidadas a contemplar o Menino com sua Mãe, a prostrar-se e adorá-Lo (cf. Mt 2, 11). Como Maria, são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2, 19.51). No tesouro do coração de Maria, estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que Ela guarda solícitamente. Por isso pode ajudar-nos a interpretá-los de modo a reconhecer a mensagem de Deus na história familiar.

Mensagem para o dia Mundial das Missões 2016, Francisco

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que a Igreja está a viver, proporciona uma luz particular também ao Dia Mundial das Missões de 2016: convida-nos a olhar a missão ad gentes como uma grande, imensa obra de misericórdia quer espiritual quer material. Com efeito, neste Dia Mundial das Missões, todos somos convidados a «sair», como discípulos missionários, pondo cada um a render os seus talentos, a sua criatividade, a sua sabedoria e experiência para levar a mensagem da ternura e compaixão de Deus à família humana inteira. Em virtude do mandato missionário, a Igreja tem a peito quantos não conhecem o Evangelho, pois deseja que todos sejam salvos e cheguem a experimentar o amor do Senhor. Ela «tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho» (*Bula Misericordiae Vultus*, 12),

e anunciá-la em todos os cantos da terra, até alcançar toda a mulher, homem, idoso, jovem e criança.

A misericórdia gera íntima alegria no coração do Pai, sempre que encontra cada criatura humana; desde o princípio, Ele dirige-Se amorosamente mesmo às mais vulneráveis, porque a sua grandeza e poder manifestam-se precisamente na capacidade de empatia com os mais pequenos, os descartados, os oprimidos (cf. Dt 4, 31; Sal 86, 15; 103, 8; 111, 4). É o Deus benigno, solícito, fiel; aproxima-Se de quem passa necessidade para estar perto de todos, sobretudo dos pobres; envolve-Se com ternura na realidade humana, tal como fariam um pai e uma mãe na vida dos seus filhos (cf. Jr 31, 20). É ao ventre materno que alude o termo utilizado na Bíblia hebraica para dizer misericórdia: trata-se, pois, do amor duma mãe pelos filhos; filhos que ela amará sempre, em todas as circunstâncias suceda o que suceder, porque são fruto do seu ventre. Este é um aspeto essencial também do amor que Deus nutre por todos os seus filhos, especialmente pelos membros do povo que gerou e deseja criar e educar: perante as suas fragilidades e infidelidades, o seu íntimo comove-se e estremece de compaixão (cf. Os 11, 8). Mas Ele é misericordioso para com todos, o seu amor é para todos os povos e a sua ternura estende-se sobre todas as criaturas (cf. Sal 144, 8-9).

A misericórdia encontra a sua manifestação mais alta e perfeita no Verbo encarnado. Ele revela o rosto do Pai, rico em misericórdia: «não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas sobretudo Ele próprio a encarna e a personifica» (João Paulo II, *Encíclica Dives in misericordia*, 2). Aceitando e seguindo Jesus por meio do Evangelho e dos Sacramentos, com a ação do Espírito Santo, podemos tornar-nos misericordiosos como o nosso Pai celestial, aprendendo a amar como Ele nos ama e fazendo da nossa vida um dom gratuito, um sinal da sua bondade (cf. *Bula Misericordiae Vultus*, 3).

A primeira comunidade que, no meio da humanidade, vive a misericórdia de Cristo é a Igreja: sempre sente sobre si o olhar d'Ele que a escolhe com amor misericordioso e, deste amor, ela deduz o estilo do seu mandato, vive dele e dá-o a conhecer aos povos num diálogo respeitoso por cada cultura e convicção religiosa.

Catecismo da Igreja Católica

210. Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor. A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória. Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (Ex 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34, 6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão».

211. O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (Ex 34, 7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (Ef 2, 4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (Jo 8, 28).

239. Ao designar Deus com o nome de «Pai», a linguagem da fé indica principalmente dois aspetos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente, e, ao mesmo

tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos. Esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade, que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura. A linguagem da fé vai, assim, alimentar-se na experiência humana dos progenitores, que são, de certo modo, os primeiros representantes de Deus para o homem. Mas esta experiência diz também que os progenitores humanos são falíveis e podem desfigurar a face da paternidade e da maternidade. Convém, então, lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida: “ninguém é tão pai como Deus” (Tertuliano).

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de julho de 1917 – Momentos depois de termos chegado à Cova de Iria, junto da carrasqueira, entre numerosa multidão de povo, estando a rezar o terço, vimos o reflexo da costumada luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Vossemecê que me quer? – perguntei.

– Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer.

– Queria pedir-Lhe para nos dizer Quem é, para fazer um milagre com que todos acreditem que Vossemecê nos aparece.

– Continuem a vir aqui todos os meses. Em outubro direi Quem sou, o que quero e farei um milagre que todos hão de ver, para acreditar.

Aqui, fiz alguns pedidos que não recordo bem quais foram. O que me lembro é que Nossa Senhora disse que era preciso rezarem o terço para alcançarem as graças durante o ano. E continuou:

– Sacrificai-vos pelos pecadores e dizei muitas vezes, em especial sempre que fizerdes algum sacrifício: Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Ao dizer estas últimas palavras, abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados.

O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um mar de fogo. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes (incêndios), sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (deveu ser ao deparar-me com esta vista que dei esse ai! que dizem ter-me ouvido). Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora que nos disse, com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai

acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.

Quando rezais o terço, dizei, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

Seguiu-se um instante de silêncio e perguntei:

– Vossemecê não me quer mais nada?

– Não. Hoje não te quero mais nada.

E, como de costume, começou a elevar-se em direção ao nascente até desaparecer na imensa distância do firmamento. (p. 176-178)

A terceira parte do segredo revelado a 13 de julho de 1917 na Cova da Iria-Fátima.

Escrevo em ato de obediência a Vós Deus meu, que mo mandais por meio de sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria e da Vossa e minha Santíssima Mãe.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo

com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: Penitência, Penitência, Penitência! E vimos n'uma luz imensa que é Deus: “algo semelhante a como se veem as pessoas n'um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de Branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns trás outros os Bispos Sacerdotes, religiosos e religiosas e varias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de varias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, n'eles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus. (p. 213)

AGOSTO

Textos Bíblicos

Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar. (Gn 3, 15)

Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. (Lc 1, 30-31)

Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. (Jo 2, 1)

Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 26-27)

E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus. (At 1, 14)

Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher. (Gal 4, 4)

Depois, apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça. Estava grávida e gritava com as dores de parto e o tormento de dar à luz. (Ap 12, 1-2)

Textos do Magistério

Octobri Mense, Leão XIII

12. As disposições da divina Sabedoria devem ser olhadas com profunda veneração. O Filho eterno de Deus, querendo assumir a natureza humana para redimi-la e nobilitá-la, e portanto para contrair um místico consórcio com o gênero humano, não deu cumprimento a este seu desígnio senão depois de obter o livre consentimento daquela que fora designada para sua Mãe, e que, em certo sentido, representava todo o gênero humano; segundo a célebre e veracíssima sentença do Aquinate: “Por meio da Anunciação aguardava-se o consentimento da Virgem, em nome e em representação de toda a natureza humana” (S. Tomás, 3, q. 30, a. 1).

Por consequência, pode-se com toda verdade e rigor afirmar que, por divina disposição, nada nos pode ser comunicado, do imenso tesouro da graça de Cristo – sabe-se que “a glória e a verdade vieram de Jesus Cristo” (Jo 1, 17), – senão por meio de Maria. De modo que, assim como ninguém pode chegar-se ao Pai Supremo senão por meio do Filho, assim também, ordinariamente, ninguém pode chegar-se a Cristo senão por meio de sua Mãe.

13. Quanta sabedoria e misericórdia resplandece nesta disposição da Divina Providência! Que compreensão da debilidade e fragilidade humana! De facto, nós cremos na infinita bondade de Cristo, e por ela lhe rendemos louvor; mas também cremos na sua infinita justiça, e desta temos temor. Sentimos uma profunda gratidão pelo amor do Salvador, que por nós deu generosamente o seu Sangue e a sua vida; mas, ao mesmo tempo, tememo-lo no seu caráter de juiz inexorável. Apreensivos pela consciência dos nossos pecados, precisamos, por isto, de um intercessor e de um patrono que, de um lado, goze em alto grau do favor divino, e, de outro, seja de ânimo tão benévolo que a ninguém recuse o seu patrocínio, nem mesmo aos mais desesperados, e ao mesmo tempo infunda confiança na divina clemência àqueles que, abatidos, jazem no desconforto.

14. Pois bem: essa eminentíssima criatura é justamente Maria: certamente Ela é poderosa, porque é Mãe de Deus onipotente, porém – o que é mais consolador – é amorosa, de uma extrema benevolência, de uma indulgência sem limites. Tal no-la deu o próprio Deus, que, havendo-a escolhido para Mãe de seu Unigénito, infundiu-lhe, por isso mesmo, sentimentos requintadamente maternos, capazes somente de bondade e de perdão. Tal no-la mostrou Jesus, quer quando consentiu em ser sujeito e obedecer a Maria, como um filho a sua mãe, quer quando, do alto da Cruz, confiou às suas amorosas solitudes todo o género humano, na pessoa do

discípulo João. Tal, enfim, se mostrou ela mesma quando, acolhendo generosamente a pesada herança que lhe deixava seu Filho moribundo, desde aquele momento começou a cumprir, para com todos, os seus deveres de Mãe.

***Lumen Gentium*, Concílio Vaticano II**

62. Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo.

Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.

63. Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rom 8, 29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe.

***Marialis Cultus*, Paulo VI**

57. Cristo é o único caminho para o Pai (cf. Jo 14, 4-11). Cristo é o modelo supremo, ao qual o discípulo deve conformar o próprio comportamento (cf. Jo 13, 15), até chegar ao ponto de ter em si os seus mesmos sentimentos (cf. Fl 2, 5), viver da sua vida e possuir o seu Espírito (cf. Gl 2, 20; Rm 8, 10-11): foi isto o que a Igreja ensinou em todos os tempos e nada, na atividade pastoral, deve ensombrar jamais esta doutrina.

A Igreja, no entanto, instruída pelo Espírito e amestrada por uma experiência multissecular, reconhece que também a piedade para com a bem-aventurada Virgem Maria, subordinadamente à piedade para com o divino Salvador e em conexão com ela, tem uma grande eficácia pastoral e constitui uma força renovadora dos costumes cristãos.

A razão de tal eficácia pode facilmente ser entrevista. A multifacetada missão de Maria, em relação ao Povo de Deus, é, efetivamente, uma realidade sobrenatural, operante e fecunda no organismo eclesial. E dá gosto considerar cada um dos aspetos dessa missão e ver como todos eles se orientam, cada um com a sua eficácia própria, para o mesmo fim: reproduzir nos filhos as feições do Filho primogénito. Quer dizer: a materna intercessão da Virgem Santíssima, assim como a sua santidade exemplar, a graça divina, que está nela, tornam-se motivo de esperanças supernas para todo o género humano.

A materna missão de Maria, pois, impele o Povo de Deus a dirigir-se, com filial confiança, àquela que está sempre pronta para o atender, com afeto de mãe e com o valimento eficaz de auxiliadora (LG 60-63). Por isso, cedo começou o mesmo Povo de Deus a invocá-la sob os títulos de Consoladora dos aflitos, Saúde dos enfermos e Refúgio dos pecadores, a fim de alcançar conforto nas tribulações, alívio nas doenças e, quando ilaqueado pela culpa, a força libertadora; porque ela, isenta do pecado, leva os seus filhos a isto: a debelarem, com decisão enérgica, o pecado (LG 65). E uma tal libertação do pecado e do mal (cf. Mt 6, 13), importa frisá-lo bem, é a condição necessária para toda e qualquer renovação dos costumes cristãos.

Depois, a santidade exemplar da Virgem Santíssima estimula, realmente, os fiéis a levantarem “os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a comunidade dos eleitos” (LG 65). São virtudes sólidas e evangélicas, as suas: a fé e a dócil aceitação da Palavra de Deus (cf. Lc 1, 26-28; 1, 45; 11, 27-28; Jo 2, 5); a obediência generosa (cf. Lc 1, 38); a humildade genuína (cf. Lc 1, 48); a caridade solícita (cf. Lc 1, 39-56); a sapiência reflexiva (cf. Lc 1, 29.34; 2, 19.33.51); a piedade para com Deus, álcere no cumprimento dos deveres

religiosos (cf. Lc 2, 21.22-40.41), reconhecida pelos dons recebidos (cf. Lc 1, 46-49), oferente no Templo (cf. Lc 2, 22-24) e orante na comunidade apostólica (cf. Act 1, 12-14); a fortaleza no exílio (cf. Mt 2, 13-23) e no sofrimento (cf. Lc 2, 34-35.49; Jo 19, 25); a pobreza levada com dignidade e confiante em Deus (cf. Lc 1, 48; 2,24); a solicitude vigilante para com o Filho, desde a humilhação do berço até a ignomínia da cruz (cf. Lc 2, 1-7; Jo 19, 25-27); a delicadeza providente (cf. Jo 2, 1-12); a pureza virginal (cf. Mt 1, 18-25; Lc 1, 26-38); e, enfim, o forte e casto amor sponsal. Destas virtudes da Mãe se poderão também revestir os filhos que, com firmes propósitos, souberem reparar nos seus exemplos, para depois os traduzir na própria vida. E semelhante progresso na virtude aparecerá, assim, como consequência e fruto já maduro também, daquela força pastoral que promana do culto tributado à Virgem Santíssima.

Catecismo da Igreja Católica

494. Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo (144), Maria respondeu pela «obediência da fé» (145), certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d'Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção.

«Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações,

que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”; e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”».

495. Chamada nos evangelhos «a Mãe de Jesus» (Jo 2, 1; 19, 25), Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito Santo e desde antes do nascimento do seu Filho, como «a Mãe do meu Senhor» (Lc 1, 43). Com efeito, Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, *Mãe de Deus* («Theotokos»)

967. Pela sua plena adesão à vontade do Pai, à obra redentora do Filho e a todas as moções do Espírito Santo, a Virgem Maria é para a Igreja o modelo da fé e da caridade. Por isso, ela é «membro eminente e inteiramente singular da Igreja» e constitui mesmo «a realização exemplar», o *typus*, da Igreja.

968. Mas o seu papel em relação à Igreja e a toda a humanidade vai ainda mais longe. Ela «cooperou de modo inteiramente singular, com a sua fé, a sua esperança e a sua ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É, por essa razão, nossa Mãe, na ordem da graça».

969. «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto da Cruz, até à consumação perpétua de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna [...]. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e medianeira».

970. «Mas a função maternal de Maria para com os homens, de modo algum ofusca ou diminui a mediação única de Cristo,

mas antes manifesta a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salutar da Virgem Santíssima [...] deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia». «Efetivamente, nenhuma criatura pode ser equiparada ao Verbo Encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas, uma cooperação variada, que participa dessa fonte única».

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de agosto de 1917 – Como já está dito o que neste dia se passou, não me detenho nisso e passo à aparição, a meu ver no dia 15, ao cair da tarde. Como ainda então não sabia contar os dias do mês, pode ser que seja eu a que esteja enganada; mas conservo a ideia que foi no mesmo dia em que chegamos de Vila Nova de Ourém.

Andando com as ovelhas, na companhia de Francisco e seu irmão João, num lugar chamado Valinhos, e sentindo que alguma coisa de sobrenatural se aproximava e nos envolvia, suspeitando que Nossa Senhora nos viesse a aparecer e tendo pena que a Jacinta ficasse sem A ver, pedimos a seu irmão João que a fosse a chamar. Como ele não queria ir, ofereci-lhe, para isso, dois vinténs e lá foi a correr.

Entretanto, vi, com o Francisco, o reflexo da luz a que chamávamos relâmpago; e chegada a Jacinta, um instante depois, vimos Nossa Senhora sobre uma carrasqueira.

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero que continueis a ir à Cova de Iria no dia 13, que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei o milagre, para que todos acreditem.

– Que é que Vossemecê quer que se faça ao dinheiro que o povo deixa na Cova de Iria?

– Façam dois andores: um, leva-o tu com a Jacinta e mais duas meninas vestidas de branco; o outro, que o leve o Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrar é para a ajuda duma capela que hão de mandar fazer.

– Queria pedir-Lhe a cura dalguns doentes.

– Sim; alguns curarei durante o ano.

E tomando um aspeto mais triste:

– Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

E, como de costume, começou a elevar-se em direção ao nascente. (p. 178-179)

SETEMBRO

Textos Bíblicos

E Maria entoou para eles: «Cantai ao SENHOR, que é verdadeiramente grande: lançou no mar cavalo e cavaleiro.» (Ex 15, 20)

Faz com que todas as nações e todas as tribos reconheçam que Tu és o Deus detentor de todo o poder e que mais nenhum outro guarda Israel, senão Tu. (Jdt 9, 14)

Mas, o Senhor todo poderoso fez-lhes frente pela mão de uma mulher. (Jdt 16, 5)

Gloriosas coisas se dizem de ti, ó cidade de Deus. (Sl 86, 3)

Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração. (Lc 2, 19)

Jesus respondeu-lhes: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.» (Lc 8, 21)

Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 26-27)

E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus. (Act 1, 14)

E o que aprendestes e recebestes, ouvistes de mim e viste em mim, ponde isso em prática. Então, o Deus da paz estará convosco. (Fl 4, 9)

Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. (1Tm 2, 4)

Textos do Magistério

Lumen Gentium, Concílio Vaticano II

52. Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, «ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher,... a fim de recebermos a filiação adotiva» (Gál 4, 4-5). «Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo». Este divino mistério da salvação é-nos relevado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu corpo; nela, os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os santos, devem também venerar a memória «em primeiro lugar da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo».

53. Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)...., porque coooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça». É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

[...]

68. Entretanto, a Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cf. 2Ped. 3, 10).

69. E é uma grande alegria e consolação para este sagrado Concílio o facto de não faltar entre os irmãos separados quem preste à Mãe do Senhor e Salvador o devido culto; sobretudo entre os Orientais, que acorrem com fervor e devoção a render culto à sempre Virgem Mãe de Deus. Dirijam todos os fiéis instantes súplicas à Mãe de Deus e mãe dos homens, para que Ela, que assistiu com suas orações aos começos da Igreja, também agora, exaltada sobre todos os anjos e bem-aventurados, interceda, junto de seu Filho, na comunhão de todos os

santos, até que todos os povos, tanto os que ostentam o nome cristão, como os que ainda ignoram o Salvador, se reúnam felizmente, em paz e harmonia, no único Povo de Deus, para glória da santíssima e indivisa Trindade.

Rosarium Virginis Mariae, João Paulo II

10. A contemplação de Cristo tem em Maria o seu modelo insuperável. O rosto do Filho pertence-lhe sob um título especial. Foi no seu ventre que Se plasmou, recebendo d'Ela também uma semelhança humana que evoca uma intimidade espiritual certamente ainda maior. À contemplação do rosto de Cristo, ninguém se dedicou com a mesma assiduidade de Maria. Os olhos do seu coração concentram-se de algum modo sobre Ele já na Anunciação, quando O concebe por obra do Espírito Santo; nos meses seguintes, começa a sentir sua presença e a pressagiar os contornos. Quando finalmente O dá à luz em Belém, também os seus olhos de carne podem fixar-se com ternura no rosto do Filho, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura (cf. Lc 2, 7).

Desde então o seu olhar, cheio sempre de reverente estu-
por, não se separará mais d'Ele. Algumas vezes será um olhar interrogativo, como no episódio da perda no templo: «Filho, porque nos fizeste isto?» (Lc 2, 48); em todo o caso será um olhar penetrante, capaz de ler no íntimo de Jesus, a ponto de perceber os seus sentimentos escondidos e adivinhar suas decisões, como em Caná (cf. Jo 2, 5); outras vezes, será um olhar doloroso, sobretudo aos pés da cruz, onde haverá ainda, de certa forma, o olhar da parturiente, pois Maria não se limitará a compartilhar a paixão e a morte do Unigénito, mas acolherá o novo filho a Ela entregue na pessoa do discípulo predileto (cf. Jo 19, 26-27); na manhã da Páscoa, será um olhar radioso pela alegria da ressurreição e, enfim, um

olhar ardoroso pela efusão do Espírito no dia de Pentecostes (cf. Act 1, 14).

11. Maria vive com os olhos fixos em Cristo e guarda cada palavra sua: «Conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19; cf. 2, 51). As recordações de Jesus, estampadas na sua alma, acompanharam-na em cada circunstância, levando-a a percorrer novamente com o pensamento os vários momentos da sua vida junto com o Filho. Foram estas recordações que constituíram, de certo modo, o “rosário” que Ela mesma recitou constantemente nos dias da sua vida terrena.

E mesmo agora, entre os cânticos de alegria da Jerusalém celestial, os motivos da sua gratidão e do seu louvor permanecem imutáveis. São eles que inspiram o seu carinho materno pela Igreja peregrina, na qual Ela continua a desenvolver a composição da sua “narração” de evangelizadora. Maria propõe continuamente aos crentes os “mistérios” do seu Filho, desejando que sejam contemplados, para que possam irradiar toda a sua força salvífica. Quando recita o Rosário, a comunidade cristã sintoniza-se com a lembrança e com o olhar de Maria.

12. O Rosário, precisamente a partir da experiência de Maria, é uma oração marcadamente contemplativa. Privado desta dimensão, perderia sentido, como sublinhava Paulo VI: «Sem contemplação, o Rosário é um corpo sem alma e a sua recitação corre o perigo de tornar-se uma repetição mecânica de fórmulas e de vir a achar-se em contradição com a advertência de Jesus: “Na oração não sejais palavrosos como os gentios, que imaginam que hão de ser ouvidos graças à sua verbosidade” (Mt 6, 7). Por sua natureza, a recitação do Rosário requer um ritmo tranquilo e uma certa demora a pensar, que favoreçam, naquele que ora, a meditação dos mistérios da vida do Senhor, vistos através do Coração d’Aquele que

mais de perto esteve em contacto com o mesmo Senhor, e que abram o acesso às suas insondáveis riquezas».

Catecismo da Igreja Católica

2617. A oração de Maria é-nos revelada na aurora da plenitude dos tempos. Antes da encarnação do Filho de Deus e da efusão do Espírito Santo, a sua oração coopera de um modo único com o desígnio benevolente do Pai, aquando da Anunciação para a concepção de Cristo e aquando do Pentecostes para a formação da Igreja, corpo de Cristo. Na fé da sua humilde serva, o Dom de Deus encontra o acolhimento que Ele esperava desde o princípio dos tempos. Aquela que o Todo-Poderoso fez «cheia de graça» responde pelo oferecimento de todo o seu ser: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra». «*Faça-se*» é a oração cristã: ser todo para Ele, já que Ele é todo para nós.

2618. O Evangelho revela-nos como é que Maria ora e intercede na fé: em Caná, a Mãe de Jesus roga a seu Filho pelas necessidades dum banquete de bodas, sinal dum outro banquete, o das bodas do Cordeiro que dá o seu corpo e o seu sangue a pedido da Igreja, sua esposa. E é na hora da Nova Aliança, ao pé da cruz, que Maria é atendida como a Mulher, a nova Eva, a verdadeira «mãe dos vivos».

2619. É por isso que o cântico de Maria o *Magnificat* latino, o *Megalyńáron* bizantino – é, ao mesmo tempo, o cântico da Mãe de Deus e o da Igreja, cântico da Filha de Sião e do novo povo de Deus, cântico de ação de graças pela plenitude de graças derramadas na economia da salvação, cântico dos «pobres», cuja esperança se vê satisfeita pelo cumprimento das promessas feitas aos nossos pais, «em favor de Abraão e da sua descendência, para sempre».

2673. Na oração, o Espírito Santo une-nos à pessoa do Filho Único, na sua humanidade glorificada. É por ela e nela que a nossa oração filial comunga, na Igreja, com a Mãe de Jesus.

2674. Desde o consentimento prestado na fé à Anunciação e mantido sem hesitação ao pé da cruz, a maternidade de Maria estende-se aos irmãos e irmãs do seu Filho ainda peregrinos e que caminham entre perigos e angústias. Jesus, o único mediador, é o caminho da nossa oração; Maria, sua Mãe e nossa Mãe, é pura transparência dele: Ela «mostra o caminho» («Hodêghêtria»), é «o sinal» do caminho, segundo a iconografia tradicional no Oriente e no Ocidente.

2675. Foi a partir desta singular cooperação de Maria com a ação do Espírito Santo que as Igrejas cultivaram a oração à santa Mãe de Deus, centrando-a na pessoa de Cristo manifestada nos seus mistérios. Nos inúmeros hinos e antífonas em que esta oração se exprime, alternam habitualmente dois movimentos: um «magnifica» o Senhor pelas «maravilhas» que fez pela sua humilde serva e, através d'Ela, por todos os seres humanos; o outro confia à Mãe de Jesus as súplicas e louvores dos filhos de Deus, pois Ela agora conhece a humanidade que n'Ela foi desposada pelo Filho de Deus.

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de setembro de 1917 – Ao aproximar-se a hora, lá fui, com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente. Todos nos queriam ver e falar. Ali não havia respeito humano. Numerosas pessoas, e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se, de joelhos, diante de

nós, pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades. Outros, não conseguindo chegar junto de nós, chamavam de longe:

– Pelo amor de Deus! peçam a Nossa Senhora que me cure meu filho, que é aleijadinho!

Outro:

– Que me cure o meu, que é cego!

Outro:

– O meu, que é surdo!

– Que me traga meu marido...

– ... meu filho, que anda na guerra!

– Que me converta um pecador!

– Que me dê saúde, que estou tuberculoso!

Etc., etc.

Ali apareciam todas (as) misérias da pobre humanidade. E alguns gritavam até do cimo das árvores e paredes, para onde subiam, com o fim de nos ver passar. Dizendo a uns que sim, dando a mão a outros para os ajudar a levantar do pó da terra, lá fomos andando, graças a alguns cavalheiros que nos iam abrindo passagem por entre a multidão.

Quando agora leio, no Novo Testamento, essas cenas tão encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, recordo estas que, tão criança ainda, Nosso Senhor me fez presenciar, nesses pobres caminhos e estradas de Aljustrel a Fátima e à Cova de Iria, e dou graças a Deus, oferecendo-Lhe a fé do nosso bom Povo português. E penso: se esta gente se abate assim diante de três pobres crianças, só porque a elas é concebida misericordiosamente a graça de falar com (a) Mãe de Deus, que não fariam, se vissem diante de si o próprio Jesus Cristo?

Bem; mas isto não era nada chamado para aqui. Foi mais uma distração da pena que me escapou para onde eu não queria. Paciência! Mais uma coisa inútil; não na tiro, para não inutilizar o caderno.

Chegámos, por fim, à Cova de Iria, junto da carrasqueira e começamos a rezar o terço com o povo. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e a seguir Nossa Senhora sobre a azinheira.

– Continuem a rezar o terço, para alcançarem o fim da guerra. Em outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trouxe-a só durante o dia.

– Têm-me pedido para Lhe pedir muitas coisas: a cura de alguns doentes, dum surdo-mudo.

– Sim, alguns curarei; outros não. Em outubro farei o milagre, para que todos acreditem. E começando a elevar-se, desapareceu como de costume. (p. 179-180)

OUTUBRO

Textos Bíblicos

Os magos ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no. (Mt 2, 10-11)

Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» (Lc 1, 38)

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. (Lc 1, 39-40)

Os pastores foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura. Depois de terem visto, começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito daquele menino. (Lc 2, 16-17)

Enquanto Jesus falava, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse: «Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!» (Lc 11, 27)

Pai-nosso, que estás no Céu, santificado seja o teu nome...
(Mt 6, 9)

Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. (Lc 1, 42)

Textos do Magistério

Redemptoris Missio, João Paulo II

92. Nunca como hoje se ofereceu à Igreja a possibilidade de, com o testemunho e a palavra, fazer chegar o Evangelho a todos os homens e a todos os povos. Vejo alvorecer uma nova época missionária, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e, em particular, os missionários e as jovens Igrejas corresponderem generosa e santamente aos apelos e desafios do nosso tempo.

Como os Apóstolos depois da ascensão de Cristo, a Igreja deve reunir-se no Cenáculo «com Maria, a Mãe de Jesus» (Act 1, 14), para implorar o Espírito e obter força e coragem para cumprir o mandato missionário. Também nós, bem mais do que os Apóstolos, temos necessidade de ser transformados e guiados pelo Espírito.

Na vigília do terceiro milénio, toda a Igreja é convidada a viver mais profundamente o mistério de Cristo, colaborando com gratidão na obra da salvação. Fa-lo-á com Maria e como Maria, sua mãe e modelo: é Ela, Maria, o exemplo daquele amor materno, do qual devem estar animados todos quantos, na missão apostólica, cooperam para a regeneração dos homens. Por isso, «confortada pela presença de Cristo, a Igreja caminha no tempo para a consumação dos séculos indo ao encontro do Senhor que vem. Mas, nesta caminhada, a Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria».

A «mediação de Maria, toda Ela orientada para Cristo e disponível para a revelação do seu poder salvífico», confio a Igreja e, em particular, aqueles que se empenham na atuação do mandato missionário, no mundo de hoje. Como Cristo enviou os seus apóstolos no nome de Pai, do Filho e do Espírito Santo, também renovando o mesmo mandato, eu estendo a todos vós a Bênção Apostólica no nome da mesma Trindade Santíssima. Ámen.

Evangelii Gaudium, Francisco

287. À Mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé, e «a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja». Ela deixou-Se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade. Hoje fixamos n'Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores. Nesta peregrinação evangelizadora, não faltam as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço, como as que viveu Maria nos anos de Nazaré enquanto Jesus crescia: «Este é o início do Evangelho, isto é, da boa nova, da jubilosa nova. Não é difícil, porém, perceber naquele início um particular aperto do coração, unido a uma espécie de “noite da fé” – para usar as palavras de São João da Cruz – como que um “véu” através do qual é forçoso aproximar-se do Invisível e viver na intimidade com o mistério. Foi deste modo efetivamente que Maria, durante muitos anos, permaneceu na intimidade com o mistério do seu Filho, e avançou no seu itinerário de fé».

288. Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N'ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 52.53) é mesma que assegura o aconchego dum lar à nossa busca de justiça. E é a mesma também que conserva cuidadosamente «todas estas coisas ponderando-as no seu coração» (Lc 2, 19). Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem impercetíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz d'Ela um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-Lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo. É o Ressuscitado que nos diz, com uma força que nos enche de imensa confiança e firmíssima esperança: «Eu renovo todas as coisas» (Ap 21, 5). Com Maria, avançamos confiantes para esta promessa, e dizemos-Lhe:

Virgem e Mãe Maria, Vós que, movida pelo Espírito, acolhestes o Verbo da vida na profundidade da vossa fé humilde, totalmente entregue ao Eterno, ajudai-nos a dizer o nosso «sim» perante a urgência, mais imperiosa do que nunca, de fazer ressoar a Boa-Nova de Jesus.

Vós, cheia da presença de Cristo, levastes a alegria a João o Baptista, fazendo-o exultar no seio de sua mãe. Vós, estremecendo de alegria, cantastes as maravilhas do Senhor. Vós, que permanecestes firme diante da Cruz com uma fé inabalável, e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição, reunistes os discípulos à espera do Espírito para que nascesse a Igreja evangelizadora.

Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte. Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos para que chegue a todos o dom da beleza que não se apaga.

Vós, Virgem da escuta e da contemplação, Mãe do amor, esposa das núpcias eternas intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo, para que ela nunca se feche nem se detenha na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até aos confins da terra e nenhuma periferia fique privada da sua luz.

Mãe do Evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos, rogai por nós.

Âmen. Aleluia!

Catecismo da Igreja Católica

721. Maria, a santíssima Mãe de Deus, sempre virgem, é a obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo. Pela primeira vez no desígnio da salvação e porque o seu Espírito a preparou, o Pai encontra a *morada* na qual o seu Filho e o seu Espírito podem habitar entre os homens. É neste sentido que a Tradição da Igreja muitas vezes lê, em relação a Maria, os mais belos textos sobre a Sabedoria:

Maria é cantada e apresentada na Liturgia como «o Trono da Sabedoria». Nela começam a manifestar-se as «maravilhas de Deus», que o Espírito vai realizar em Cristo e na Igreja:

722. O Espírito Santo *preparou* Maria pela sua graça. Convinha que fosse «cheia de graça» a Mãe d'Aquele em Quem «habita corporalmente a plenitude da divindade» (Cl 2, 9). Ela foi, por pura graça, concebida sem pecado, como a mais humilde das criaturas, a mais capaz de acolher o dom inefável do Onnipotente. É a justo título que o anjo Gabriel a saúda como «Filha de Sã»: «Ave» (= «Alegra-te»). É a ação de graças de todo o povo de Deus e, portanto, da Igreja, que ela faz subir até ao Pai, no Espírito Santo, com o seu cântico, quando já portadora, em si, do Filho eterno.

723. Em Maria, o Espírito Santo *realiza* o designio benevolente do Pai. É pelo Espírito Santo que a Virgem concebe e dá à luz o Filho de Deus. A sua virgindade torna-se fecundidade única, pelo poder do Espírito e da fé.

724. Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres e às primícias das nações que Ela O dá a conhecer.

725. Finalmente, por Maria, o Espírito começa a *pôr em comunhão* com Cristo os homens que são «objeto do amor benevolente de Deus»; e os humildes são sempre os primeiros a recebê-Lo: os pastores, os magos, Simeão e Ana, os esposos de Caná e os primeiros discípulos.

726. No termo desta missão do Espírito, Maria torna-se a «Mulher», a nova Eva «mãe dos vivos», Mãe do «Cristo total». É como tal que Ela está presente com os Doze, «num só coração, assíduos na oração» (At 1, 14), no alvorecer dos «últimos tempos», que o Espírito vai inaugurar na manhã do Pentecostes, com a manifestação da Igreja.

971. «*Todas as gerações me hão de proclamar ditosa*» (Lc 1, 48): «a piedade da Igreja para com a santíssima Virgem pertence à própria natureza do culto cristão». A santíssima Virgem «é com razão venerada pela Igreja com um culto especial. E, na verdade, a santíssima Virgem é, desde os tempos mais antigos, honrada com o título de “Mãe de Deus”, e sob a sua proteção se acolhem os fiéis implorando-a em todos os perigos e necessidades [...]. Este culto [...], embora inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração que se presta por igual ao Verbo Encarnado, ao Pai e ao Espírito Santo, e favorece-o poderosamente». Encontra a sua expressão nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, como o santo rosário, «resumo de todo o Evangelho».

972. Depois de termos falado da Igreja, da sua origem, missão e destino, não poderíamos terminar melhor do que voltando a olhar para Maria, a fim de contemplar nela o que a Igreja é no seu mistério, na sua «peregrinação da fé», e o que será na pátria ao terminar a sua caminhada, onde a espera, na «glória da santíssima e indivisa Trindade» e «na comunhão de todos os santos», Aquela que a mesma Igreja venera como Mãe do seu Senhor e como sua própria Mãe:

«Assim como, glorificada já em corpo e alma, a Mãe de Jesus é imagem e início da igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, brilha na terra como sinal de esperança segura e de consolação, para o povo de Deus ainda peregrino».

Textos da Mensagem de Fátima

Memórias, Irmã Lúcia

Dia 13 de outubro de 1917 – Saímos de casa bastante cedo, contando com as demoras do caminho. O povo era em massa. A chuva, torrencial. Minha mãe, temendo que fosse aquele o último dia da minha vida, com o coração retalhado pela incerteza do que iria acontecer, quis acompanhar-me. Pelo caminho, as cenas do mês passado, mais numerosas e comoventoras. Nem a lamaceira dos caminhos impedia essa gente de se ajoelhar na atitude mais humilde e suplicante. Chegados à Cova de Iria, junto da carrasqueira, levada por um movimento interior, pedi ao povo que fechasse os guarda-chuvas para rezarmos o terço. Pouco depois, vimos o reflexo da luz e, em seguida, Nossa Senhora sobre a carrasqueira.

– Que é que Vossemecê me quer?

– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas.

– Eu tinha muitas coisas para Lhe pedir: se curava uns doentes e se convertia uns pecadores, etc.

– Uns, sim; outros, não. É preciso que se emendem, que peçam perdão dos seus pecados.

E tomando um aspeto mais triste:

– Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido.

E abrindo as mãos, fê-las refletir no sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da Sua própria luz a projetar (-se) no sol.

Eis, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, o motivo pelo qual exclamei que olhassem para o sol. O meu fim não era chamar

para aí a atenção do povo, pois que nem sequer me dava conta da sua presença. Fi-lo apenas levada por um movimento interior que a isso me impeliu.

Desaparecida Nossa Senhora, na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino pareciam abençoar o Mundo com uns gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o Mundo da mesma forma que S. José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

Eis, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, a história das aparições de Nossa Senhora na Cova de Iria, em 1917. Sempre que por algum motivo tinha que falar delas, procurava fazê-lo com as mínimas palavras, na ambição de guardar, para mim só, essas partes mais íntimas que tanto me custava manifestar. Mas, como elas são de Deus e não minhas, e Ele, agora, por meio de V. Ex.cia Rev.ma, mas reclama, aí vão. Restituo o que me não pertence. Advertidamente, não reservo nada. Parece-me que devem faltar apenas alguns pequenos detalhes referentes aos pedidos que eu fazia. Como eram coisas meramente materiais, não lhes ligava tanta importância, e talvez por isso se me não gravaram tão vivamente no espírito. (p 180-182)

VI. PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

DA PÁSCOA A OUTUBRO

Programa oficial de celebrações

	MISSAS
07h30	Basílica de Nossa Senhora do Rosário <i>diariamente</i>
09h00	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
11h00	Basílica da Santíssima Trindade <i>segunda-feira a sábado</i> Recinto de Oração <i>domingo</i> , <i>com Procissão do Adeus</i>
12h30	Capelinha das Aparições <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
15h00	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
16h30	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Capelinha das Aparições <i>domingo</i>
18h30	Basílica de Nossa Senhora do Rosário <i>sexta a quarta-feira</i> Capela do Santíssimo Sacramento <i>quinta-feira</i>

NOTA:

Nos dias santos segue-se
o programa de domingo.

	MISSAS OUTRAS LÍNGUAS
08h00	Capelinha das Aparições Italiano <i>segunda-feira a sábado</i>
08h00	Capela do Anjo da Paz Alemão <i>quinta-feira</i> Alemão <i>terça-feira, de 15 de julho a 31 de agosto</i>
15h30	Capelinha das Aparições Inglês <i>segunda a sexta-feira</i>
19h15	Capelinha das Aparições Espanhol <i>diariamente</i>

	ROSÁRIOS CAPELINHA DAS APARIÇÕES
10h00	sábado e domingo
12h00	segunda a sexta-feira
14h00	diariamente - <i>Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria</i>
16h00	sábado e domingo
18h30	diariamente
21h30	diariamente, <i>com Procissão das Velas</i>

VÉSPERAS:

17h30 - Capela do Santíssimo Sacramento | quinta-feira

PROCISSÃO EUCARÍSTICA:

17h30 - Recinto de Oração | domingo

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA:

Capela do Santíssimo Sacramento

17h30 - celebração comunitária | sexta-feira

00h00 às 24h00 - adoração individual | diariamente

BENÇÃO DE VEÍCULOS:

Junto à Livraria do Santuário

Domingos e dias santos | 12h45 e 17h00

Nota: esta celebração não se realiza no
dia 13 de agosto, de manhã.

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO:

Capela da Reconciliação

Segunda a sexta-feira | 07h30 às 13h00 e 14h00 às 19h30

Sábado e domingo | 07h30 às 19h30

Dia 12: 07h30 às 19h30 e 20h30 às 22h30

Dia 13: 07h00 às 19h30

11 A 13 DE MAIO A OUTUBRO

PEREGRINAÇÃO ANIVERSÁRIA

DIA 11

- 18h30 – Missa dos peregrinos a pé,
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário;
em maio, na Basílica da Santíssima Trindade.

DIA 12

- 07h30 – Via-sacra, com início junto à Capelinha
das Aparições e até aos Valinhos
- Missa, Capela de Santo Estêvão

*Pede-se aos grupos que se abstenham de fazer
via-sacra própria, entre as 07h30 e as 09h00,
para não perturbar a via-sacra oficial.*

- 07h30 – Missa, Basílica de Nossa Senhora do Rosário
- 09h00 – Missa, Capela da Morte de Jesus
- 11h00 – Missa, Basílica da Santíssima Trindade
- 12h30 – Missa, Capela da Morte de Jesus
- 14h00 – Encontro para Guias de Peregrinos a Pé,
Casa de Retiros de Nossa Senhora das
Dores (maio, agosto e outubro)
- 16h30 – Missa, com a participação dos doentes.
Em maio, agosto e outubro, no Recinto de
Oração; em junho, julho e setembro, na
Capelinha das Aparições

VI. PROGRAMA OFICIAL DO SANTUÁRIO

17h30 – Procissão Eucarística, Recinto de Oração

18h30 – Início oficial da Peregrinação: saudação
a Nossa Senhora, Capelinha das Aparições

21h30 – Rosário, Capelinha das Aparições
Procissão das Velas, Recinto de Oração

22h30 – Missa, Recinto de Oração

NOTA:

Em agosto, por ser sábado:

Há Rosário às 10h00,
na Capelinha;

A concelebração em francês,
às 09h30, é na Capela da
Ressurreição de Jesus;

A concelebração em
espanhol, às 10h30, é na
Capela da Morte de Jesus;

Há Missa às 15h00, na
Capela da Morte de Jesus.

— *Concelebrações em línguas estrangeiras,
na Capelinha das Aparições:*

07h30 – alemão

08h30 – inglês

09h30 – francês

10h30 – espanhol

11h30 – neerlandês

12h30 – italiano

13h30 – polaco

DIA 13

— *Noite de Vigília:*

00h00 às 02h00 – Adoração Eucarística; Em maio
e outubro, na Basílica da Santíssima
Trindade; nos outros meses, na Basílica
de Nossa Senhora do Rosário

02h00 às 03h15 – Via-sacra, no Recinto de Oração

03h15 às 03h30 – Café (atrás da Capelinha das Aparições)

03h30 às 04h15 – Celebração Mariana,
na Capelinha das Aparições

04h30 às 05h30 – Missa,
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário,
em outubro, na Capelinha das Aparições

05h30 às 07h00 – Adoração com Laudes do
Santíssimo Sacramento,
na Basílica de Nossa Senhora do Rosário,
em outubro, na Capelinha das Aparições

07h00 – Procissão Eucarística,
no Recinto de Oração

— *Celebração final:*

09h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições

10h00 – Procissão para o Altar do Recinto, Missa,
Bênção dos Doentes e Procissão do Adeus,
no Recinto de Oração

NOTA:

A partir das 15h00 é
retomado o programa
oficial do dia da semana.

A Missa das 15h00
é celebrada pelas
intenções dos benfeitores
do Santuário.

NOVEMBRO À PÁSCOA

Programa oficial de celebrações

	MISSAS
07h30	Basílica de Nossa Senhora do Rosário <i>diariamente</i>
09h00	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
11h00	Basílica de Nossa Senhora do Rosário <i>segunda a sexta-feira</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>sábado e domingo</i> Recinto de Oração <i>8 de dezembro</i>
12h30	Capelinha das Aparições <i>diariamente</i>
15h00	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
16h30	Capela da Morte de Jesus <i>segunda-feira a sábado</i> Basílica da Santíssima Trindade <i>domingo</i>
18h30	Basílica de Nossa Senhora do Rosário <i>sexta a quarta-feira</i> Capela do Santíssimo Sacramento <i>quinta-feira</i>

NOTA:

Nos dias santos segue-se o programa de domingo.

	MISSAS OUTRAS LÍNGUAS
19h15	Capelinha das Aparições Espanhol <i>sábado</i>

	ROSÁRIOS CAPELINHA DAS APARIÇÕES
10h00	<i>domingo</i>
12h00	<i>segunda-feira a sábado</i>
14h00	<i>sábado e domingo</i> <i>(exceto domingos da Quaresma) - Hora de</i> <i>Reparação ao Imaculado Coração de Maria</i>
16h00	<i>domingo</i>
18h30	<i>diariamente</i>
21h30	<i>diariamente</i> <i>Procissão das Velas: diariamente, até ao Advento</i> <i>(à quinta-feira, Procissão do Santíssimo Sacra-</i> <i>mento); do Advento à Páscoa, ao sábado e dias 12.</i>

VÉSPERAS:

17h30 - Basílica de Nossa Senhora do Rosário | domingo
- Capela do Santíssimo Sacramento | quinta-feira

ADORAÇÃO EUCARÍSTICA:

Capela do Santíssimo Sacramento

17h30 - celebração comunitária | sexta-feira
00h00 às 24h00 - adoração individual | diariamente

VIA-SACRA, na Quaresma

14h00 - domingo | Recinto de Oração
- sexta-feira | Colunata

BENÇÃO DE VEÍCULOS:

No parque junto à Livraria do Santuário

Domingos e dias santos | 12h45 e 17h00

Nota: esta celebração não se realiza na Sexta-feira Santa.

SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO:

Capela da Reconciliação

Segunda a sexta-feira | 07h30 às 13h00 e 14h00 às 19h30
Sábado e domingo | 07h30 às 19h30

12 E 13 DE NOVEMBRO A ABRIL

PEREGRINAÇÃO MENSAL

DIA 12

- 21h30 – Rosário, Capelinha das Aparições
Procissão das Velas, Recinto de Oração

DIA 13

- 10h00 – Rosário, Capelinha das Aparições
10h45 – Procissão
11h00 – Missa, Basílica da Santíssima Trindade

NOTAS:

Não há Rosário às 12h00.

A missa das 12h30
é celebrada na Capela
da Morte de Jesus.

–A missa das 15h00
é celebrada pelos
benfeitores do Santuário.

–Em abril, por ser
Quinta-feira Santa,
não se realiza
o programa do dia 13.

PROGRAMAS ESPECIAIS

PRIMEIROS SÁBADOS

Os peregrinos podem aproveitar o programa oficial para esta devoção, pedida por Nossa Senhora, em Fátima, e que consiste no seguinte: confissão e comunhão com intenção reparadora, rosário e meditação dos mistérios durante 15 minutos.

Programa proposto pelo Santuário:

- 11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade
14h00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração
de Maria, na Capelinha das Aparições
15h00 – Meditação e adoração eucarística, na
Basílica da Santíssima Trindade.

PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS

MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

Datas inscritas no calendário do Santuário

— - 1.º dia (terça-feira)

- 10h00 - Acolhimento | Casa de Nossa Senhora das Dores
- 15h00 - Filme
- 16h00 - Reflexão
- 17h00 - Sacramento da Reconciliação
- 18h30 - Missa | Capela dos Santos Anjos
- 21h30 - Rosário e Procissão das Velas

— - 2.º dia (quarta-feira)

- 08h00 - Oração da manhã
- 10h00 - Visita à Basílica da Santíssima Trindade
- 12h00 - Rosário | Capelinha das Aparições
- 12h30 - Missa | Capelinha das Aparições
- 13h30 - Almoço e despedida

UM DIA COM AS CRIANÇAS

No terceiro sábado de cada mês

- 10h00 - Acolhimento e preparação para a celebração, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 11h00 - Missa, na Basílica da Santíssima Trindade
- 12h15 - Catequese sobre a Mensagem de Fátima
- 13h00 - Almoço (livre)

- 14h30 - Preparação da Adoração, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 14h45 - Adoração Eucarística, na Capela da Ressurreição de Jesus
- 15h30 - Despedida, na Capelinha das Aparições

NOTA:

Em abril, junho e setembro, este programa não se realiza.

Programa aberto à participação de todas as crianças; os grupos devem fazer a sua inscrição no Serviço de Peregrinos (sepe@fatima.pt).

CELEBRAÇÃO DE BATISMOS E CASAMENTOS

Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Batismos: domingo | 11h30

Casamentos: sábado | 12h00

BODAS MATRIMONIAIS

No Santuário celebram-se bodas matrimoniais em todas as missas oficiais da semana, de segunda-feira a sábado.

Exceções:

Sábados, 11h00 e vespertinas (15h00, 16h30 e 18h30)

Dias santos e celebrações das peregrinações internacionais aniversárias.

Os casais que pretendam fazer a celebração no Santuário devem fazer a sua inscrição na sacristia, 15 minutos antes da celebração.

CASA DO JOVEM

Acolhimento aos jovens, aos sábados e domingos, desde o primeiro fim de semana de julho até ao segundo fim de semana de setembro.

Horário: 09h00 às 12h30 e 14h30 às 19h00.

FILMES

O Santuário coloca à disposição dos peregrinos alguns filmes, de exibição gratuita na sala de projeções do Santuário.

Reservas: Posto de Informações do Santuário (info@fatima.pt)

Aparições de Fátima

História das aparições segundo a descrição da Irmã Lúcia nas suas memórias.

Idiomas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 90 minutos.

Fátima, experiência de fé

Documentário sobre as aparições e a mensagem de Fátima.

Idiomas: português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, polaco, holandês, russo, húngaro, chinês e árabe.

Duração: 40 minutos.

Fátima e o mundo – episódios I e II

Documentário.

Idiomas: português, espanhol, inglês, italiano, alemão e polaco.

Duração: 51 minutos cada episódio.

O dia em que o sol bailou

História das aparições em desenhos animados, especialmente dirigido a crianças.

Idioma: português.

Duração: 35 minutos.

Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente

Documentário sobre as aparições do Anjo.

Idioma: português

Duração: 25 minutos.

Todo teu, todo nosso - João Paulo II,

peregrino e apóstolo de Fátima

Documentário sobre o Papa João Paulo II e sua relação com Fátima.

Idioma: português.

Duração: 15 minutos.

Quereis oferecer-vos a Deus?

Documentário sobre a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Idioma: português

Duração: 25 minutos.

Os Três Pastorinhos de Fátima

Documentário sobre os videntes

Lúcia, Francisco e Jacinta.

Idiomas: português, espanhol, italiano e alemão.

Duração: 51 minutos.

Fátima e os Papas

Documentário que aborda a ligação dos Papas à Mensagem de Fátima, desde Bento XV até Bento XVI.

Idiomas: português, espanhol, italiano e inglês.

Duração: 51 minutos.

O 13.º dia – uma história de esperança

História das aparições

Idiomas: Português, Espanhol, Inglês, Italiano,

Francês, Polaco, Alemão e Checo

Duração: 85 minutos.

VISITAS GUIADAS

Os grupos que não disponham de guia poderão solicitar visitas guiadas ao Santuário, em várias línguas. Este serviço é gratuito e requer marcação prévia: info@fatima.pt.

Para grupos de crianças e jovens, há programas específicos de visita e oração, que podem ser agendados através dos seguintes endereços: criancas@fatima.pt e jovens@fatima.pt.

LUGARES A VISITAR

Casas dos Pastorinhos – Aljustrel

Horário:

1 de maio a 31 de outubro:

09h00 às 13h00 e 14h30 às 18h30;

1 de novembro a 30 de abril:

09h00 às 13h00 e 14h00 às 18h00.

Entrada livre.

Casa-Museu de Aljustrel

Horário:

1 de maio a 31 de outubro:

09h00 às 13h00 e 14h30 às 18h30;

1 de novembro a 30 de abril:

09h00 às 13h00 e 14h00 às 18h00.

Encerra à segunda-feira.

As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo

Exposição temporária evocativa da aparição de outubro de 1917

Convívium de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade

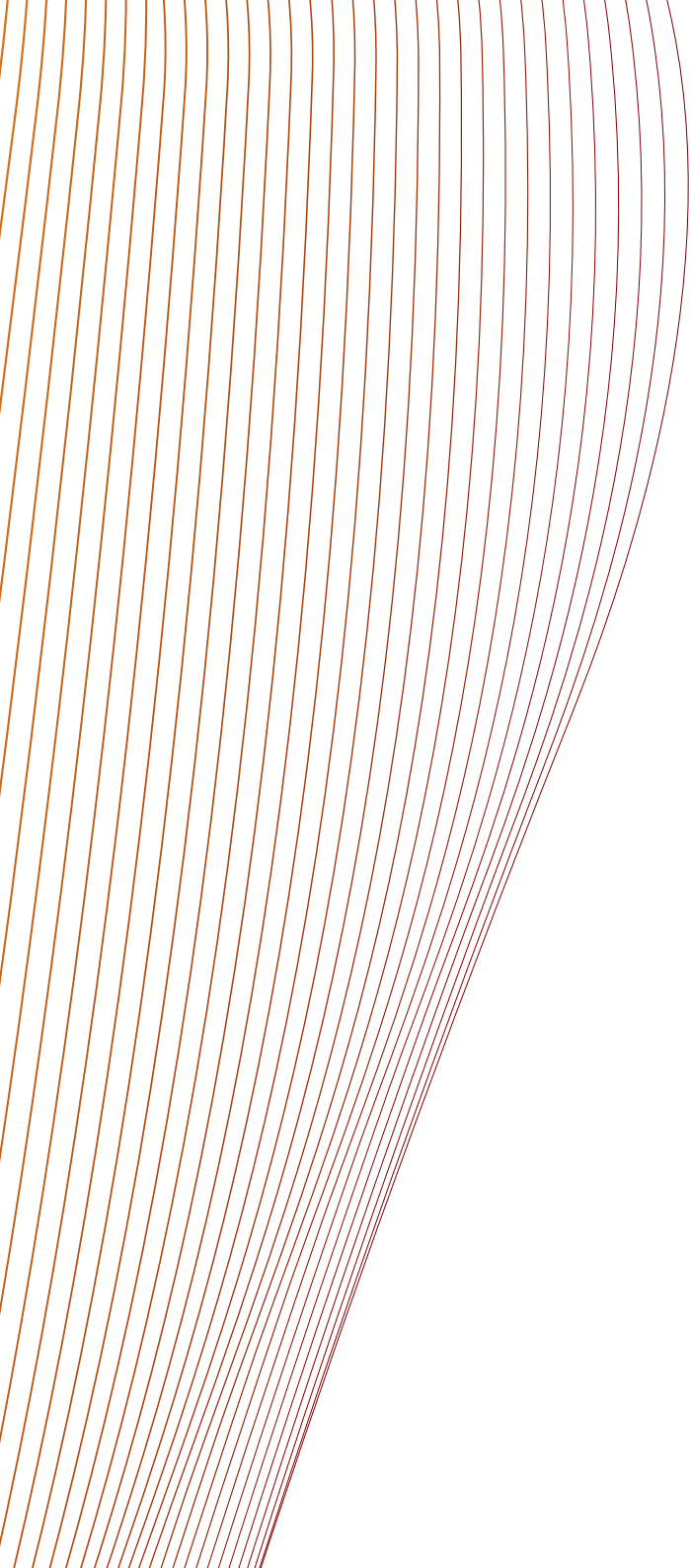
De 26 de novembro de 2016 a 31 de outubro de 2018
Horário: diariamente, das 09h00 às 19h00.
Visitas guiadas, em português: sábados, 11h30 e 15h30
Visitas temáticas: primeira quarta-feira
de cada mês, de maio a outubro.

Fátima Luz e Paz

Exposição permanente de objetos
oferecidos a Nossa Senhora

Edifício da Reitoria do Santuário
Horário: 09h00 às 12h00 e 14h30 às 17h30
(domingos, dias santos e feriados, até às 16h30);
Encerra à segunda-feira; dias 13 de manhã,
de maio a outubro; dias 24 de dezembro,
à tarde, 25 de dezembro e 1 de janeiro.

VII. CALENDÁRIO DE ATIVIDADES



NOVEMBRO 2016

- 26 *Sáb* Jornada de Apresentação do tema do Ano Pastoral de 2016-2017
Inauguração de *As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo*.
Exposição evocativa da aparição de outubro de 1917
Encontro das Equipas de Nossa Senhora (26-27)

- 27 *Dom* **Domingo I do Advento**
Início do Ano Pastoral de 2016-2017

28 *Seg*

- 29 *Ter* **Conselho de Coordenação Pastoral de Leiria-Fátima**

- 30 *Qua* **S. André – FESTA**

DEZEMBRO 2016

- 1 *Qui* **Feriado nacional**

2 *Sex*

- 3 *Sáb* **S. Francisco Xavier, presbítero, Padroeiro das Missões – MO**
Primeiro Sábado (pág. 331)

- 4 *Dom* **Domingo II do Advento**

- 5 *Seg* **S. Frutuoso, S. Martinho de Dume e S. Geraldo, bispos – MO**

6 *Ter*

- 7 *Qua* **S. Ambrósio, bispo e doutor da Igreja – MO**
De tarde: missa vespertina da Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria
21h30 – Vigília da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria

-
- 8** *Qui* **Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria - SOLENIDADE**
Programa dos domingos
11h00 – Missa, no Recinto de Oração
-
- 9** *Sex* Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
-
- 10** *Sáb* **Missa Votiva da Virgem Maria, filha eleita de Israel**
Gen 12, 1-7; Mt 1, 1-17 (Lec VSM 23 / Missal VSM 33)
Peregrinação Nacional de Autocaravanistas
Encontro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima de Leiria-Fátima
-
- 11** *Dom* **Domingo III do Advento**
16h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – 1.ª Conferência sobre o tema do ano: «*Maria guardava tudo no seu coração*». *Da devoção a Maria a uma espiritualidade cordial*, Ruy Ventura
Fragmentos Musicais I | Pequena Cantata de Natal – Coro de Câmara da Bairrada, direção de Tiago Matias
Bênção das imagens do Menino Jesus, na Missa das 11h00
Encontro da Comunidade Canção Nova
Festival Nacional da Canção Mensagem, organizado pelo Departamento Nacional da Pastoral Juvenil
-
- 12** *Seg* 21h30 – Rosário e Procissão das Velas
-
- 13** *Ter* Peregrinação Mensal (pág. 331)
S. Luzia — MO
11h00 - Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima
Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima
Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
-
- 14** *Qua* **S. João da Cruz, presbítero e doutor da Igreja** – MO
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
-
- 15** *Qui* Reunião do Conselho de Capelães – COCA
Encontro do Reitor com as Comunidades Religiosas de Fátima
-
- 16** *Sex* Reunião do Conselho de Finanças do Santuário de Fátima – COFI
Reunião do Conselho de Administração do Santuário de Fátima - COAD
-
- 17** *Sáb* Um dia com as Crianças (pág. 332)
-

18	<i>Dom</i>	Domingo IV do Advento Festa de Natal dos funcionários e voluntários do Santuário de Fátima 15h00 – Centro Pastoral de Paulo VI - Concerto de Natal, Orquestra Sinfónica e Coro do Conservatório de Música do Porto, direção de Fernando Marinho
19	<i>Seg</i>	
20	<i>Ter</i>	
21	<i>Qua</i>	
22	<i>Qui</i>	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
23	<i>Sex</i>	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
24	<i>Sáb</i>	Vigília do Natal do Senhor 23h00 – Missa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, na Basília da Santíssima Trindade Neste dia, não há rosário às 21h30
25	<i>Dom</i>	Natal do Senhor – SOLENIDADE Programa dos domingos Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus Ofertório para os pobres No rosário, durante a oitava do Natal, meditam-se os Mistérios Gozosos
26	<i>Seg</i>	S. Estêvão, Primeiro Mártir – FESTA
27	<i>Ter</i>	S. João, Apóstolo e Evangelista – FESTA
28	<i>Qua</i>	Santos Inocentes, mártires – FESTA
29	<i>Qui</i>	
30	<i>Sex</i>	Sagrada Família de Jesus, Maria e José – FESTA Consagração das Famílias

- 31 Sáb Vigília de Oração e Convívio de Fim de Ano**
 22h00 – Missa de Ação de Graças, na Basílica da Santíssima Trindade
 A seguir, procissão para a Capelinha das Aparições e recitação do rosário
 00h00 – Toque do carrilhão, consagração ao Imaculado Coração de Maria e gesto da Paz
 Chá-convívio
 Neste dia, não há rosário às 21h30

JANEIRO 2017

- 1 Dom Santa Maria, Mãe de Deus – SOLENIDADE**
 Aniversário do Sagrado Lausperene
 L Dia Mundial da Paz
 Programa dos domingos
 Missas do dia com osculação da imagem do Menino Jesus (exceto 15h00)
 Ofertório para os pobres (exceto 15h00)
 Após a missa das 15h00, Procissão Eucarística pela Paz no mundo, para o Altar do Recinto, no 57.º aniversário do Lausperene
 Neste dia, não há rosário, às 16h00, nem vésperas
- 2 Seg Ss. Basílio Magno e Gregório de Nazianzo – MO**
- 3 Ter**
- 4 Qua**
- 5 Qui Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS**
- 6 Sex Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC**
- 7 Sáb Primeiro Sábado (pág. 331)**
Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria
 Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162 / MR 857)
- 8 Dom Epifania do Senhor – SOLENIDADE**
 16h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – 2.ª Conferência sobre o tema do ano: «*Mãe da Igreja, rogai por nós*». A intercessão maternal da Virgem Maria, Maria do Céu Patrão Neves
 Fragmentos Musicais II | Recolhimento e Reflexão – Coro Viana Vocale, direção de Vitor Lima

- 9 *Seg* **Batismo do Senhor – FESTA**
Encontro da Associação de Reitores de Santuários de Portugal (9-10)
- 10 *Ter* Congresso da Association des Recteurs de Sanctuaires – ARS e da Association des Œuvres Mariales – AOM, em Fátima (10-13)
Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
- 11 *Qua*
- 12 *Qui* 21h30 – Rosário e Procissão das Velas
- 13 *Sex* Peregrinação Mensal (pág. 331)
Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima
Ap 11, 19a.;12, 1-6a.10ab; Lc 11, 27-28
Curso sobre a Mensagem de Fátima – 12.ª edição (13-15)
- 14 *Sáb* **Missa Votiva da Virgem Maria, imagem e mãe da Igreja II**
Atos 1, 12-14; Sl 86; Jo 2, 1-11 (Missal VSM 133 / Lec VSM 122)
Reunião do Conselho Pastoral da Diocese de Leiria-Fátima
Encontro da Comissão Coordenadora dos Peregrinos a Pé
Encontro dos Ministros Extraordinários da Comunhão da Diocese de Leiria-Fátima
- 15 *Dom* **Domingo II do Tempo Comum**
- 16 *Seg* Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima — 1.º turno (16-20)
- 17 *Ter* **S. Antão — MO**
Encontro dos Padres Colaboradores do Rosário das 18:30
- 18 *Qua* Início do Oitavário de Orações pela Unidade dos Cristãos
- 19 *Qui* Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
- 20 *Sex*
- 21 *Sáb* Um dia com as Crianças (pág. 332)
S. Inês, virgem e mártir – MO
Encontro de Responsáveis de Retiros de Doentes do Movimento da Mensagem de Fátima

22	Dom	Domingo III do Tempo Comum Encontro do Movimento de Espiritualidade da Sagrada Família
23	Seg	Formação Permanente do Clero da Diocese de Leiria-Fátima — 2.º turno (23-27)
24	Ter	S. Francisco de Sales — MO Encontro do Coordinamento Nazionale Pellegrinaggi Italiani – CNPI (Telese Terme, Benevento) (24-26) Peregrinação do Acton Institute - Catholic Bishops group
25	Qua	Conversão de S. Paulo, Apóstolo – FESTA
26	Qui	Início da Semana do Consagrado S. Timóteo e S. Tito, bispos – MO 2 Tim 1, 1-8; Lc 10, 1-9
27	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Formação de Candidatos da Associação de Servitas de Nossa Senhora (27-29)
28	Sáb	S. Tomás de Aquino, presbítero e doutor da Igreja – MO Peregrinação das Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima - Trasladação do P. Formigão Encontro de Guias de Peregrinos a Pé e Responsáveis dos Postos de Assistência (28-29)
29	Dom	Domingo IV do Tempo Comum
30	Seg	
31	Ter	S. João Bosco – MO Conselho de Coordenação Pastoral de Leiria-Fátima

FEVEREIRO 2017

1	Qua	
2	Qui	Apresentação do Senhor – FESTA Dia do Consagrado 11h00 – Procissão, bênção das velas e Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com renovação dos votos dos consagrados No rosário, meditam-se os Mistérios Gozosos Peregrinação dos Institutos Religiosos de Leiria-Fátima - Dia do Consagrado

3	Sex	Encontro da Associação de Servitas de Nossa Senhora (3-5)
4	Sáb	Primeiro Sábado (pág. 331) S. João de Brito, presbítero e mártir – MO 2 Cor 4, 7-15; Mc 6, 7-17 (Lec VII 468, 95) Peregrinação da Vigararia de Colmeias, da Diocese de Leiria-Fátima
5	Dom	Domingo V do Tempo Comum Ofertório para a Universidade Católica
6	Seg	Ss. Paulo Miki e Companheiros, mártires – MO
7	Ter	Cinco Chagas do Senhor - Festa
8	Qua	
9	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Encontro de Hoteleiros de Fátima
10	Sex	S. Escolástica – MO Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Retiro para Mensageiros do Movimento da Mensagem de Fátima (10-12)
11	Sáb	Nossa Senhora de Lurdes – MO Is 66, 10-14c; Jo 2, 1-11 (Lec VII 104, 448) Dia Mundial do Doente (programa próprio) 16.º aniversário da Ordenação Episcopal de D. António Marto
12	Dom	Domingo VI do Tempo Comum 16h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – 3.ª Conferência sobre o tema do ano: « <i>Santa Maria, Mãe de Deus</i> ». <i>A maternidade divina de Maria</i> , Laurinda Alves Fragmentos Musicais III Pequeno Concerto Espiritual – Hugo Sanches, Ana Vieira Leite, Orlanda Velez Isidro 21h30 – Rosário e Procissão das Velas
13	Seg	Peregrinação Mensal (pág. 331) Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima Gen 3, 9-15.20; Lc 11, 27-28 Aniversário do Falecimento da Irmã Lúcia Encontro de Guias-Intérpretes (13-14) Peregrinação Jubilar dos Operadores de Turismo

-
- 14 Ter S. Cirilo e S. Metódio – FESTA**
Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
-
- 15 Qua** Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
-
- 16 Qui** Encontro de Comerciantes de Fátima
-
- 17 Sex Retiro dos Mensageiros Reparadores do Movimento da Mensagem de Fátima (17-19)**
-
- 18 Sáb** Um dia com as Crianças (pág. 332)
S. Teotónio – MO
Peregrinação da Vigararia da Batalha, da Diocese de Leiria-Fátima
Peregrinação dos Missionários da Consolata
-
- 19 Dom Domingo VII do Tempo Comum**
15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima - III Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima – Cappella Musical Cupertino de Miranda, direção de Luís Toscano
21h30 - Vigília da Festa Litúrgica dos Beatos Francisco e Jacinta Marto
-
- 20 Seg Beatos Francisco e Jacinta Marto – FESTA**
1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5
10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
10h45 – Procissão
11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade
97.º aniversário do Falecimento da Beata Jacinta Marto
-
- 21 Ter** Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima
-
- 22 Qua Cadeira de S. Pedro - Festa**
-
- 23 Qui S. Policarpo – MO**
Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
-
- 24 Sex** Reunião com os Padres Colaboradores das Vigílias das Peregrinações Internacionais Aniversárias de 12-13 de maio a outubro
Retiro dos Mensageiros Reparadores do Movimento da Mensagem de Fátima (24-26)
-

25 *Sáb* **Missa Votiva de Santa Maria, a nova mulher**
Ap 21, 1-5a; Lc 1, 26-38 (Lec VSM 98 / Missal VSM 111)
Peregrinação do Apostolado de la Oración – Espanha (25-28)
Semana de Estudos da Vida Consagrada (25-28)

26 *Dom* **Domingo VIII do Tempo Comum**

27 *Seg*

28 *Ter* **Carnaval**
Passeio dos Capelães do Santuário de Fátima

MARÇO 2017

1 *Qua* **Quarta-Feira de Cinzas**
Dia de jejum e abstinência
Início da Quaresma
07h30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
08h15 – Laudes, na Capela do Santíssimo Sacramento
09h00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus
10h15 – Adoração comunitária – Hora intermédia, na Capela do Santíssimo Sacramento
11h00 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
12h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
12h30 – Missa, na Capelinha das Aparições
13h30 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento
14h00 – Adoração comunitária, na Capela do Santíssimo Sacramento
15h00 – Missa, na Capela da Morte de Jesus
16h00 – Adoração individual, na Capela do Santíssimo Sacramento
16h30 – Missa, na Capela da Morte de Jesus
17h30 – Vésperas, na Capela do Santíssimo Sacramento
18h30 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
18h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições
21h30 – Rosário, na Capelinha das Aparições
22h15 – Adoração comunitária com meditação sobre a Quaresma, na Capela do Santíssimo Sacramento

2 *Qui*

- 3 *Sex* 14h00 – Via-sacra, na Colunata
Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
Formação de Candidatos da Associação de Servitas de Nossa Senhora (3-5)
- 4 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 331)
Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria
Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162 / MR 857)
Peregrinação da Vigararia de Milagres, da Diocese de Leiria-Fátima
Peregrinação da Diocese de Aveiro
Encontro de Responsáveis do Setor das Crianças do Movimento da Mensagem de Fátima (4-5)
- 5 *Dom* **Domingo I da Quaresma**
14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração
Aniversário do Nascimento da Beata Jacinta Marto
- 6 *Seg* Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
Retiro da Conferência Episcopal Portuguesa (6-10)
Retiro do Clero do Patriarcado de Lisboa (6-10)
- 7 *Ter*
- 8 *Qua*
- 9 *Qui* Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA
- 10 *Sex* 14h00 – Via-sacra, na Colunata
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
Peregrinação do Apostolado de la Oración – Getafe (10-12)
Retiro da Associação de Servitas de Nossa Senhora de Fátima (10-13)
- 11 *Sáb* Peregrinação da Vigararia de Porto de Mós, da Diocese de Leiria-Fátima
- 12 *Dom* **Domingo II da Quaresma**
14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração
16h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – 4.ª Conferência sobre o tema do ano: «Glória a Ti, Rainha da Paz». *Fátima como mensagem de Paz*, Marco Daniel Duarte
Fragmentos Musicais IV | Tradições na música sacra do Barroco – Tânia Ralha, Nélia Gonçalves, Júlio Dias
21h30 – Rosário e Procissão das Velas

13	Seg	Peregrinação Mensal (pág. 331) Missas votivas de Nossa Senhora de Fátima Gen 3, 9-15.20; Jo 19, 25-27 4.º Aniversário da Eleição do Papa Francisco
14	Ter	
15	Qua	
16	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
17	Sex	14h00 – Via-sacra, na Colunata Reunião com os Padres Comentadores das Peregrinações Internacionais Aniversárias de 12-13 de maio a outubro
18	Sáb	Um dia com as Crianças (pág. 332) Peregrinação da Vigararia da Marinha Grande, da Diocese de Leiria-Fátima Encontro do Grupo da Imaculada
19	Dom	Domingo III da Quaresma 14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração Ofertório para a Cáritas Portuguesa 4.º Aniversário da Solene Inauguração do Pontificado do Papa Francisco
20	Seg	
21	Ter	Evocação das Aparições do Anjo 21h30 – Rosário e Procissão aos locais das aparições do Anjo
22	Qua	Jornadas de Comunicação do Santuário
23	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (23-26)
24	Sex	De tarde: missa vespertina da Solenidade da Anunciação do Senhor 14h00 – Via-sacra, na Colunata Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC

25	<i>Sáb</i>	Anunciação do Senhor – Solenidade Exposição de Arte Contemporânea Peregrinação da Vigararia de Monte Real, da Diocese de Leiria-Fátima Peregrinação do Pessoal das Telecomunicações (25-26)
26	<i>Dom</i>	Domingo IV da Quaresma 14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração Peregrinação Caminhada da Paz
27	<i>Seg</i>	
28	<i>Ter</i>	Aniversário do Nascimento da Irmã Lúcia Conselho de Coordenação Pastoral de Leiria-Fátima Jornadas Interescolas dos Alunos de Educação Moral e Religiosa Católica dos 2.º e 3.º Ciclos da Diocese de Lisboa
29	<i>Qua</i>	
30	<i>Qui</i>	Retiro das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (30-2)
31	<i>Sex</i>	14h00 – Via-sacra, na Colunata

ABRIL 2017

1	<i>Sáb</i>	Primeiro Sábado (pág. 331) Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162, 164; MR 857) Peregrinação da Vigararia de Leiria, da Diocese de Leiria-Fátima Peregrinação Nacional dos Amigos do Verbo Divino (1-2) Peregrinação das Servas de Nossa Senhora de Fátima Jornadas sobre o Padre Formigão (1-2)
2	<i>Dom</i>	Domingo V da Quaresma 14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração
3	<i>Seg</i>	
4	<i>Ter</i>	Aniversário do Falecimento de Francisco Marto

5	Qua	
6	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (6-9)
7	Sex	14h00 – Via-sacra, na Colunata Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
8	Sáb	Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima Gen 3, 9-15.20; Jo 19, 25-27
9	Dom	Domingo de Ramos na Paixão do Senhor Dia Mundial da Juventude 10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições 11h00 – Bênção dos Ramos, Procissão e Missa, no Recinto de Oração 14h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração 17h30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima Faz-se a bênção dos Ramos em todas as missas, incluindo as vespertinas 16h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – 5.ª Conferência sobre o tema do ano: « <i>Maria Estrela da Evangelização</i> ». <i>A devoção mariana como dinamismo evangelizador</i> , Isabel Stillwell Fragmentos Musicais V Maria no nosso tempo – Coro Anonymus, direção de Rui Paulo Teixeira Peregrinação dos Centros da Opus Dei (9-16)
10	Seg	
11	Ter	
12	Qua	21h30 – Rosário e Procissão das Velas Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
13	Qui	Quinta-Feira da Semana Santa 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima 18h00 – Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade 23h00 – Oração comunitária, na Capela da Morte de Jesus: Agonia de Jesus Ofertório para os pobres

-
- 14** *Sex* **Sexta-Feira da Paixão do Senhor**
 00h00 – 03h00 – Via-sacra aos Valinhos, com início na Capelinha das Aparições
 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
 15h00 – Celebração da Paixão do Senhor, na Basílica da Santíssima Trindade
 21h00 – Via-sacra, no Recinto de Oração
 Ofertório para os Lugares Santos de Jerusalém
-
- 15** *Sáb* **Sábado Santo**
 09h00 – Laudes, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
 12h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
 15h00 – Oração a Nossa Senhora da Soledade, na Capelinha das Aparições
 17h30 – Vésperas, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
 22h00 – Vigília Pascal, na Basílica da Santíssima Trindade, seguida de Procissão Eucarística para a Capela do Santíssimo Sacramento
-
- 16** *Dom* **Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor**
 Início do programa de verão
 Programa dos domingos:
 10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
 11h00 – Missa, no Recinto de Oração
 17h30 – Procissão Eucarística, no Recinto de Oração
 Diariamente: 21h30 – Rosário e Procissão das Velas
 No rosário, durante a oitava da Páscoa, meditam-se os Mistérios Gloriosos
-
- 17** *Seg* **Oitava da Páscoa**
 Início da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria
 Reunião com as Religiosas de Fátima, sobre a Hora de Reparação
-
- 18** *Ter* **Oitava da Páscoa**
-
- 19** *Qua* **Oitava da Páscoa**
-
- 20** *Qui* **Oitava da Páscoa**
 Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
-
- 21** *Sex* **Oitava da Páscoa**
-
- 22** *Sáb* **Oitava da Páscoa**
 Oficinas Musicais Criativas | 1.ª edição 2017
 Peregrinação da Sociedade S. Vicente de Paulo (22-23)
-

-
- 23 Dom Domingo II da Páscoa**
 15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – Concerto de Páscoa – Escolania de Montserrat, direção de Llorenç Castelló
 Encontro da Comunidade Canção Nova
-
- 24 Seg Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (24-27)**
-
- 25 Ter S. Marcos, Evangelista – FESTA**
 Feriado nacional
 15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – IX Encontro de Coros Infantis do Santuário de Fátima | Ciclo Louvor Perfeito
 Peregrinação da Família Andaluz, da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima
 Reunião do Conselho Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima
 Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
-
- 26 Qua**
-
- 27 Qui**
-
- 28 Sex S. Luís Maria Grignon de Montfort, presbítero – MO**
 Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
-
- 29 Sáb S. Catarina de Sena, virgem e doutora da Igreja, Padroeira da Europa – FESTA**
 Peregrinação ENDIAD - Adolescentes da Diocese de Leiria-Fátima
 Peregrinação do Movimento Esperança e Vida (29-30)
 Peregrinação da Adoración Nocturna – Espanha (29-1)
-
- 30 Dom Domingo III da Páscoa**
 Início da LIV Semana de Oração pelas Vocações Consagradas
 Peregrinação da Ação Católica Rural
 Peregrinação da Diocese de Santarém
-

MAIO 2017

-
- 1 Seg S. José Operário — MO**
 Feriado nacional
 Abertura da Exposição de Fotografia “Prémio Fotografia Centenário das Aparições de Fátima”
 Peregrinação Nacional dos Acólitos
-

2	Ter	S. Atanásio, bispo e doutor da Igreja – MO Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (2-5)
3	Qua	S. Filipe e S. Tiago, Apóstolos – FESTA 21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”
4	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Peregrinação do Movimento dos Cursilhos de Cristandade (Internacional) (4-7)
5	Sex	70.º aniversário natalício de D. António Marto
6	Sáb	Primeiro Sábado (pág. 331) Missas Votivas do Imaculado Coração de Maria Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162 / MR 857) Encontro da Família Marista
7	Dom	Domingo IV da Páscoa Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas Vocações Dia da Mãe 22.º aniversário da Ordenação Presbiteral do Reitor do Santuário de Fátima Peregrinação do Grupo Oração das Mães
8	Seg	
9	Ter	Peregrinação da Ecumenical Friends of Fatima Association (9-16) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
10	Qua	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Qui	Peregrinação Croisière Revue Pèlerin – França Per. Diocese de Mindelo - Cabo Verde (11-13)
12	Sex	Peregrinação Internacional Aniversária Conferência de imprensa Fátima – Tempo de Luz Video Mapping

13	Sáb	Peregrinação Internacional Aniversária Nossa Senhora de Fátima – SOLENIDADE Ap 21, 1-5a; Ef 1, 3-6.11-12; Mt 12, 46-50 (Lec VII 431, 435, 440) Aniversário da Beatificação de Francisco e Jacinta Marto Fátima – Tempo de Luz Video Mapping Peregrinação de Paróquias do Patriarcado de Lisboa
14	Dom	Domingo V da Páscoa Início da Semana da Vida 15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – A Virgem Maria na Tradição Monódica Latina e na Liturgia Ortodoxa Ciclo de Música Sacra – Coro Gregoriano de Lisboa, direção de Armando Possante e Ensemble Alpha, direção de Ivan Moody Fátima – Tempo de Luz Video Mapping
15	Seg	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (15-18)
16	Ter	
17	Qua	
18	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
19	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
20	Sáb	Um dia com as Crianças (pág. 332) Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Peregrinação da Família Salesiana (20-21)
21	Dom	Domingo VI da Páscoa
22	Seg	
23	Ter	Conselho de Coordenação Pastoral de Leiria-Fátima
24	Qua	
25	Qui	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (25-28) Peregrinação da Association des Amis de la Communauté du Sacré-Coeur (23-25)

- 26 *Sex* **S. Filipe Néri, presbítero** – MO
Colóquio Comemorativo dos 100 Anos das Aparições de Fátima | Fátima
- História e Memória (26-27)
Encontro Interescolas do Secretariado Nacional de Educação Cristã
- 27 *Sáb* **Missa votiva da Virgem Maria na Ressurreição do Senhor**
Ap 21, 1-5a; Is 62; Mt 28, 1-10 (Lec NS 79 / Missal VSM 92)
Peregrinação dos “Amigos de Jesus”, da Pneumavita
Peregrinação dos Arautos do Evangelho
Peregrinação da Liga dos Combatentes
Peregrinação da Pastoral da Saúde
- 28 *Dom* **Ascensão do Senhor** – SOLENIDADE
Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social
Ofertório para os Meios de Comunicação Social
Peregrinação Nacional dos Pescadores
- 29 *Seg*
- 30 *Ter* Assembleia do Clero da Diocese de Leiria-Fátima
Peregrinação da Federação das Associações de Feirantes
- 31 *Qua* **Visitação de Nossa Senhora** — FESTA
No rosário, meditam-se os Mistérios Gozosos

JUNHO 2017

- 1 *Qui* **S. Justino, mártir** – MO
Reunião do Conselho de Pastoral do Santuário de Fátima – COPA
Peregrinação da Diocese das Forças Armadas e Segurança (1-2)
- 2 *Sex* Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
- 3 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 331)
Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria
Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162, 164; MR 857)
Encontro dos Adoradores Noturnos do Santuário de Fátima
Jubileu das Vocações – Leiria-Fátima
Peregrinação da Família Redentorista (3-4)

-
- 4 *Dom* **Domingo de Pentecostes**
Dia do Apostolado Organizado dos Leigos
Dia Nacional do Cigano
Peregrinação da Família Dehoniana
-
- 5 *Seg* **Semana IX do Tempo Comum**
S. Bonifácio — MO
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (5-8)
-
- 6 *Ter* Conselho Presbiteral da Diocese de Leiria-Fátima
-
- 7 *Qua* 21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”
-
- 8 *Qui* Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
-
- 9 *Sex* Peregrinação Nacional das Crianças
-
- 10 *Sáb* **Peregrinação Nacional das Crianças**
S. Anjo da Guarda de Portugal – FESTA
Dan 10, 2a, 5-6.12-14ab; Lc 2, 8-14 (Lec VII 171)
Feriado nacional
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
-
- 11 *Dom* **Santíssima Trindade – SOLENIDADE**
Aniversário do Nascimento do Beato Francisco Marto
-
- 12 *Seg* Peregrinação Internacional Aniversária
Peregrinação Nacional de Itália (12-13)
-
- 13 *Ter* **Peregrinação Internacional Aniversária**
S. António de Lisboa, Padroeiro secundário de Portugal – FESTA
-
- 14 *Qua* De tarde: missa vespertina da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
-
- 15 *Qui* **Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo - SOLENIDADE**
Dia santificado e feriado nacional
Programa dos domingos
-
- 16 *Sex* Peregrinação Jubilar das Famílias com Pessoas com Deficiência (16-18)
-

17	Sáb	Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Conselho Pastoral da Diocese de Leiria-Fátima Peregrinação de Coros Litúrgicos Ciclo Louvor Perfeito Peregrinação Diocesana de Lamego Peregrinação da Liga Portuguesa contra o Cancro - IPO (17-18) Peregrinação dos Missionários da Boa Nova (17-18)
18	Dom	Domingo XI do Tempo Comum
19	Seg	Jornadas Pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa (19-21)
20	Ter	Dia do Município de Ourém Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
21	Qua	S. Luís Gonzaga, religioso – MO Congresso Internacional Pensar Fátima. Leituras Interdisciplinares, no Salão do Bom Pastor do Centro Pastoral de Paulo VI (21-24)
22	Qui	De tarde: missa vespertina da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (22-25)
23	Sex	Sagrado Coração de Jesus – SOLENIDADE De tarde: missa vespertina da Solenidade do Nascimento de S. João Baptista 21h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – Cantar Fátima Ciclo Ouvir Fátima – Lisboa Cantat e Orquestra Sinfónica Juvenil, direção de Christopher Bochmann
24	Sáb	Nascimento de S. João Baptista – SOLENIDADE Peregrinação Nacional do Líbano (24-25)
25	Dom	Domingo XII do Tempo Comum Ofertório para a Santa Sé Aniversário da tomada de posse de D. António Marto como bispo de Leiria-Fátima Peregrinação do Arciprestado de Puente del Arzobispo – Toledo (25-28) Encontro de Grupos Bíblicos
26	Seg	
27	Ter	

-
- 28** *Qua* **S. Ireneu, bispo e mártir** – MO
De tarde: missa vespertina da Solenidade de S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (28-01)
-
- 29** *Qui* **S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos** – SOLENIDADE
Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA
-
- 30** *Sex* Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
-

JULHO 2017

-
- 1** *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 331)
Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria
Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162 / MR 857)
Peregrinação da Família Missionária Espiritana (1-2)
-
- 2** *Dom* **Domingo XIII do Tempo Comum**
Encontro Internacional do Movimento Sacerdotal Mariano (2-8)
-
- 3** *Seg* **S. Tomé** — FESTA
-
- 4** *Ter* **S. Isabel de Portugal** – MO
1Jo 3, 14-18; Mt 25, 31-46 (Lec VII 600, 619)
Conselho de Coordenação Pastoral de Leiria-Fátima
-
- 5** *Qua* 21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”
-
- 6** *Qui* Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
Oficinas Musicais Criativas | 2.ª edição 2017 (6-9)
-
- 7** *Sex* 
-
- 8** *Sáb* **Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima**
Ap 21, 1-5a; Jo 19, 25-27
Peregrinação da Diocese de Coimbra
-
- 9** *Dom* **Domingo XIV do Tempo Comum**
15h00 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – A Virgem Maria na Tradição Musical das Igrejas Orientais | Ciclo de Música Sacra – Ir. Marie Keyrouz e L'Ensemble de la Paix
-

10	Seg	Curso de verão do Santuário de Fátima (10-12) Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13) Peregrinação da Diocese de Birmingham – Reino Unido (10-17) Peregrinação do World Apostolade of Fátima – Reino Unido (10-17)
11	Ter	S. Bento, Abade, Padroeiro da Europa – FESTA Reunião do Conselho Nacional para o Santuário de Fátima Peregrinação dos Bispos da Rússia e Países de Expressão Russa (11-14) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
12	Qua	Peregrinação Internacional Aniversária
13	Qui	Peregrinação Internacional Aniversária Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” Oficinas Musicais Criativas 3.ª edição 2017 (13-16)
14	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
15	Sáb	Um dia com as Crianças (pág. 332) S. Boaventura, bispo e doutor da Igreja – MO Peregrinação do Movimento da Mensagem de Fátima (15-16)
16	Dom	Domingo XV do Tempo Comum Seminaristas Maiores – 1.º turno de voluntariado (16-31) Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 1.º turno de voluntariado
17	Seg	B. Inácio de Azevedo e Companheiros Retiro do Clero de Portugal (17-21)
18	Ter	B. Bartolomeu dos Mártires, bispo – MO
19	Qua	
20	Qui	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (20-23)
21	Sex	
22	Sáb	S. Maria Madalena – FESTA Cant 3, 1-4a; Jo 20, 1.11-18 (Lec VII 214, 216)

-
-
- 23 Dom Domingo XVI do Tempo Comum**
-
- 24 Seg Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica (24-28)**
-
- 25 Ter S. Tiago, Apóstolo – FESTA**
-
- 26 Qua S. Joaquim e S. Ana, pais da Virgem Santa Maria – MO**
Dia dos Avós
11h00 – Missa e Consagração dos Avós, na Basílica da Santíssima Trindade
14h00 – Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria
15h00 – Encontro com os Avós, na Capela da Ressurreição de Jesus
-
- 27 Qui Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS**
-
- 28 Sex Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC**
-
- 29 Sáb S. Marta – MO**
1 Jo 4, 7-16; Jo 11, 19-27 (Lec VII 223, 225)
-
- 30 Dom Domingo XVII do Tempo Comum**
-
- 31 Seg S. Inácio de Loyola – MO**
Encerramento do Prémio de Jornalismo do Centenário das Aparições de Fátima
Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 2.º turno de voluntariado
-
-

AGOSTO 2017

-
-
- 1 Ter S. Afonso Maria de Ligório, bispo e doutor da Igreja – MO**
Seminaristas Maiores – 2.º turno de voluntariado (1-15)
-
- 2 Qua 21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”**
-
- 3 Qui Peregrinação das Companhias de Polícia Militar do Ultramar**
-
- 4 Sex S. João Maria Vianney, presbítero – MO**
Encontro de Confessores do Santuário de Fátima
-
-

-
- 5** *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 331)
Missa votiva do Imaculado Coração de Maria
 Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162, 164; MR 857)
Peregrinação das Comunidades Católicas Africanas de Lisboa
Peregrinação Two Hearts (Internacional) (5-6)
Encontro da Comunidade Canção Nova (5-6)
-
- 6** *Dom* **Transfiguração do Senhor – FESTA**
 Início da Semana Nacional da Mobilidade Humana
 No rosário, meditam-se os Mistérios Luminosos
-
- 7** *Seg* Passeio dos colaboradores voluntários do Santuário de Fátima
-
- 8** *Ter* **S. Domingos, presbítero – MO**
-
- 9** *Qua* **S. Teresa Benedita da Cruz, virgem e mártir, Padroeira da Europa – FESTA**
-
- 10** *Qui* **S. Lourenço, diácono e mártir – FESTA**
 Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
 Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
Peregrinação da Diocese de Armagh - Reino Unido (10-17)
-
- 11** *Sex* **S. Clara, virgem – MO**
 Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
-
- 12** *Sáb* Peregrinação Internacional Aniversária
Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima
 Ap 21, 1-5a; Jo 19, 25-27
 Conferência de imprensa
-
- 13** *Dom* **Peregrinação Internacional Aniversária**
Domingo XIX do Tempo Comum
 Ofertório para a Pastoral da Mobilidade Humana
 No final da procissão das velas, faz-se a evocação da queda do Muro de Berlim, junto ao monumento
 15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – Rainha dos Céus, Alegrai-Vos | Ciclo de Música Sacra – Coro Regina Coeli, direção de Pedro Miguel
-
- 14** *Seg* **S. Maximiliano Kolbe – MO**
 De tarde: missa vespertina da Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria
 21h30 – Vigília da Assunção da Virgem Santa Maria
-

- 15 *Ter* **Assunção da Virgem Santa Maria – SOLENIDADE**
Dia santificado e feriado nacional
Programa dos domingos
Reunião com os Seminaristas Maiores colaboradores no 3.º turno de voluntariado
No rosário, meditam-se os Mistérios Gloriosos
- 16 *Qua* **S. Estevão da Hungria – MO**
Seminaristas Maiores – 3.º turno de voluntariado (16-31)
Peregrinação da Diáspora Vietnamita na Europa (16-20)
- 17 *Qui* **S. Beatriz da Silva, virgem – MO**
Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
Retiro da União Missionária Franciscana (17-21)
- 18 *Sex*
- 19 *Sáb* Celebração do Aniversário da Aparição de Nossa Senhora nos Valinhos
Um dia com as Crianças (pág. 332)
Missa Votiva de Nossa Senhora de Fátima
10h00 – Rosário, na Capelinha das Aparições
10h45 – Procissão para a Basílica da Santíssima Trindade
11h00 – Missa, na Basílica da Santíssima Trindade
21h30 – Rosário e Evocação da Aparição de Nossa Senhora nos Valinhos
- 20 *Dom* **Domingo XX do Tempo Comum**
- 21 *Seg* **S. Pio X – MO**
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (21-24)
Peregrinação da Delegación Familia – Diocese de Toledo (21-26)
Retiro do Renovamento Carismático Católico – Espanha (21-27)
- 22 *Ter* **Virgem Santa Maria, Rainha – MO**
Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38 (Lec VII 258)
No rosário, meditam-se os Mistérios Gloriosos
- 23 *Qua*
- 24 *Qui* **S. Bartolomeu, Apóstolo – FESTA**
Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS

25 Sex Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
Assembleia das Mensageiras do Coração Imaculado de Maria (25-27)

26 Sáb **Missa votiva da Virgem Maria, mãe e mestra espiritual**
Prov 8, 17-21.34-35; Mt 12, 46-50 (Missal VSM 159; Lec VSM 145)

27 Dom **Domingo XXI do Tempo Comum**

28 Seg **S. Agostinho** — Festa

29 Ter **Martírio de S. João Baptista** – MO
Jer 1, 17-19; Mc 6, 17-29

30 Qua

31 Qui

SETEMBRO 2017

1 Sex Conselho Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (1-2)
Encontro do Renovamento Carismático Católico (01-03)

2 Sáb Primeiro Sábado (pág. 331)
Missa Votiva do Imaculado Coração de Maria
Is 61, 9-11; Lc 2, 41-51 (Lec VII 162 / MR 857)

3 Dom **Domingo XXII do Tempo Comum**

4 Seg

5 Ter

6 Qua 21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”

7 Qui

8 Sex **Natividade da Virgem Santa Maria** – FESTA

9	Sáb	Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima Ap 21, 1-5a; Jo 19, 25-27 Peregrinação da Diocese do Porto Peregrinação de Jovens: Fátima Jovem 2017 (9-10) Peregrinação dos Convívios Fraternos (9-10)
10	Dom	Domingo XXIII do Tempo Comum 15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – A Virgem Maria na Tradição da Polifonia Ocidental Ciclo de Música Sacra – Capella Duriensis, direção de Jonathan Ayerst Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
11	Seg	Peregrinação Nacional da República Checa (11-14)
12	Ter	Peregrinação Internacional Aniversária Santíssimo Nome de Maria – MO Gal 4, 4-7; Lc 1, 39-47 (Lec VII 434, 442) Vigília com Funcionários e Colaboradores Voluntários do Santuário de Fátima (12-13) Peregrinação da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (12-15) Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
13	Qua	Peregrinação Internacional Aniversária S. João Crisóstomo, bispo e doutor da Igreja – MO Congresso Internacional de Fátima, Zakopane, Polónia (13-17)
14	Qui	Exaltação da Santa Cruz – FESTA
15	Sex	Nossa Senhora das Dores – FESTA Hebr 5, 7-9; Jo 19, 25-27 (Lec VII 284)
16	Sáb	S. Cornélio, papa, e S. Cipriano, bispo, mártires – MO Peregrinação das Bandas Filarmónicas Ciclo Louvor Perfeito
17	Dom	Domingo XXIV do Tempo Comum Peregrinação da Federação Portuguesa de Dadores Benévolos de Sangue Encontro de Doentes e Deficientes Físicos do Movimento da Mensagem de Fátima de Leiria Fátima
18	Seg	
19	Ter	

20	Qua	Ss. André Kim Taegon, presbítero, Paulo Chang Hasang, e Companheiros, mártires – MO
21	Qui	S. Mateus, Apóstolo e Evangelista – FESTA Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
22	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
23	Sáb	Missa Votiva de Santa Maria, Rainha e Mãe de Misericórdia I Est 4, 17 n. p-r. aa-bb.hh-kk; Jo 2, 1-11 (Lec VSM 172 / Missal VSM 186) Crisma da Vigararia de Fátima Peregrinação Nacional do Rosário (23-24)
24	Dom	Domingo XXV do Tempo Comum
25	Seg	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (25-28)
26	Ter	Encontro do Réseau Marial Européen, em Fátima (26-29)
27	Qua	S. Vicente de Paulo, presbítero – MO
28	Qui	
29	Sex	S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael, Arcanjos – FESTA
30	Sáb	S. Jerónimo, presbítero e doutor da Igreja – MO Peregrinação dos Acólitos da Diocese de Leiria-Fátima Peregrinação da Família Comboniana Peregrinação da Família Passionista

OUTUBRO 2017

1	Dom	Domingo XXVI do Tempo Comum Início da Semana Nacional da Educação Cristã Ofertório para o Dia anual da Diocese de Leiria-Fátima
2	Seg	S. Anjos da Guarda – MO
3	Ter	

-
- 4 *Qua* **S. Francisco de Assis – MO**
21h15 – 22h00 – Visita temática à exposição: “As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo”
-
- 5 *Qui* Feriado nacional
Peregrinação da Família Vicentina
Assembleia Diocesana dos Acólitos de Leiria-Fátima
-
- 6 *Sex* Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
-
- 7 *Sáb* Primeiro Sábado (pág. 331)
Nossa Senhora do Rosário – FESTA
Actos 1, 12-14; Lc 1, 26-38 (Lec VII 428, 308)
Peregrinação da Assembleia Europeia das Fraternidades Dominicanas
Peregrinação da Família Franciscana (7-8)
-
- 8 *Dom* **Domingo XXVII do Tempo Comum**
15h30 – Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – Ecos de Fátima
| Ciclo de Música Sacra – Coro do Santuário de Fátima, direção do P. António Cartageno
-
- 9 *Seg* **Congresso Internacional do Rosário (9-12)**
-
- 10 *Ter* Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)
Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa
-
- 11 *Qua*
-
- 12 *Qui* Peregrinação Internacional Aniversária
De tarde: missa vespertina da Solenidade da Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Conferência de imprensa
Peregrinação da Diocese de Sigüenza-Guadalajara – Espanha (12-15)
-
- 13 *Sex* **Peregrinação Internacional Aniversária**
Dedicção da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – SOLENIDADE
1 Reis 8, 22-23.27-30; 1 Pedro 2, 4-9; Mt 16, 13-19 (Lec VII 391, 405, 406)
Concerto de Encerramento do Centenário das Aparições de Fátima
-
- 14 *Sáb* **Missa votiva de Nossa Senhora de Fátima**
Ap 21, 1-5a; Jo 19, 25-27
Peregrinação da Catequese do Patriarcado de Lisboa
-

15	Dom	Domingo XXVIII do Tempo Comum Retiro do Clero de Portugal (16-20) Peregrinação da Arquidiocese de Łódz – Polónia (16-20)
16	Seg	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (16-19)
17	Ter	S. Inácio de Antioquia, bispo e mártir – MO
18	Qua	S. Lucas, Evangelista – FESTA Ordem Hospitaleira de S. João de Deus
19	Qui	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima” 47.º Aniversário Natalício do Reitor do Santuário de Fátima
20	Sex	
21	Sáb	Um dia com as Crianças (pág. 332) Missa votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5 Encontro do Grupo da Imaculada
22	Dom	Domingo XXIX do Tempo Comum Dia Mundial das Missões Ofertório para as Missões
23	Seg	Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (23-26)
24	Ter	S. António Maria Claret - MO
25	Qua	
26	Qui	Reunião do Conselho de Capelães do Santuário de Fátima – COCA
27	Sex	Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC Curso sobre a Mensagem de Fátima – 13.ª edição (27-29)
28	Sáb	S. Simão e S. Judas, Apóstolos – FESTA Peregrinação Diocesana de Setúbal Peregrinação da Legião de Maria (28-29)

29 Dom **Domingo XXX do Tempo Comum**

30 Seg

31 Ter De tarde: missa vespertina da Solenidade de Todos os Santos
Encerramento da Hora de Reparação ao Imaculado Coração de Maria

NOVEMBRO 2017

1 Qua **Todos os Santos – SOLENIDADE**

Dia santificado e feriado nacional
Programa dos domingos

2 Qui Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos

11h00 – Missa, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em sufrágio pelos funcionários, voluntários, benfeitores e peregrinos que faleceram durante o ano

3 Sex **Peregrinação do Institut du Christ Roi (3-4)**

4 Sáb **S. Carlos Borromeu, bispo – MO**
Primeiro Sábado (pág. 331)

5 Dom **Domingo XXXI do Tempo Comum**

6 Seg **S. Nuno de S. Maria – MO**
Retiro do Clero de Portugal (6-10)

7 Ter 46.º Aniversário da Ordenação Presbiteral de D. António Marto

8 Qua

9 Qui **Dedicação da Basílica de Latrão – FESTA**

Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS

10 Sex **S. Leão Magno, papa e doutor da Igreja – MO**

Magusto dos Funcionários do Santuário de Fátima
Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC
Retiro de Doentes e Deficientes Físicos (10-13)

11	<i>Sáb</i>	S. Martinho de Tours, bispo – MO
12	<i>Dom</i>	Domingo XXXII do Tempo Comum De tarde: missa vespertina da Solenidade da Dedicção da Basílica da Santíssima Trindade Ofertório para o Seminário Diocesano de Leiria-Fátima 21h30 – Rosário e Procissão das Velas
13	<i>Seg</i>	Peregrinação Mensal (pág. 331) Dedicção da Basílica da Santíssima Trindade – SOLENIDADE 1 Reis 8, 22-23.27-30; 1 Pedro 2, 4-9; Mt 16, 13-19 (Lec VII 391, 405, 406) Congresso da Association Nationale des Directeurs Diocésains de Pèlerinages – ANDDP – Lisieux, França (13-17) <i>Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (13-16)</i>
14	<i>Ter</i>	<i>Reunião do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa</i>
15	<i>Qua</i>	
16	<i>Qui</i>	Reunião do Conselho de Redação da “Voz da Fátima”
17	<i>Sex</i>	S. Isabel da Hungria – MO
18	<i>Sáb</i>	Um dia com as Crianças (pág. 332) Missa Votiva dos Beatos Francisco e Jacinta Marto 1 Sam 3, 1.3-10; Mt 18, 1-5
19	<i>Dom</i>	Domingo XXXIII do Tempo Comum
20	<i>Seg</i>	Retiro do Clero de Portugal (20-24)
21	<i>Ter</i>	Apresentação de Nossa Senhora – MO Zac 2, 14-17; Mt 12, 46-50 (Lec VII 426, 440)
22	<i>Qua</i>	S. Cecília, virgem e mártir – MO
23	<i>Qui</i>	Reunião do Conselho de Diretores de Serviço do Santuário de Fátima – CODIS
24	<i>Sex</i>	Ss. André Dung-Lac, presbítero, e Companheiros, mártires – MO Reunião do Serviço de Ambiente e Construções do Santuário de Fátima – SEAC <i>Retiro para Mensageiros responsáveis dos secretariados diocesanos do Movimento da Mensagem de Fátima (24-26)</i>

25	<i>Sáb</i>	Missa Votiva de Virgem Maria, Rainha da Paz Is 9, 1-3.5-6; Lc 1, 26-38 (Missal VSM 210 / Lec VSM 200)
26	<i>Dom</i>	Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo - SOLENIDADE
27	<i>Seg</i>	
28	<i>Ter</i>	
29	<i>Qua</i>	
30	<i>Qui</i>	S. André, Apóstolo – FESTA

DEZEMBRO 2017

1	<i>Sex</i>	Feriado nacional
2	<i>Sáb</i>	Jornada de Apresentação do Tema do Ano Pastoral de 2017-2018 Primeiro Sábado (pág. 331)
3	<i>Dom</i>	DOMINGO I DO ADVENTO Início do Ano Pastoral de 2017-2018

Memória Descritiva do Projeto de Comunicação

7.º ano da Celebração do Centenário
das Aparições de Fátima

— ideia, designers ©

O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus é o tema proposto pelo Santuário de Fátima para o ano pastoral e jubilar de 2016-2017, assinalando desta forma o 7.º ciclo de celebração do Centenário das Aparições de Fátima.

Tendo como pano de fundo o contexto da aparição de outubro, na qual se afirma, a partir dos relatos, testemunhos e descrições, a centralidade do Sol, da sua luz e a transformação – o Sol, que se transformou e movimentou, a Luz, conceito intimamente relacionado com a espiritualidade e a ideia de Deus –, procurou-se que a imagem gráfica para este ano especial tivesse um sentido de englobamento destas ideias num contexto festivo e de metamorfose.

Partimos, assim, para o desenho de um coração, constituído por linhas que na sua relação o desenharam e se materializam

num todo, que em si tivesse uma plasticidade de transformação e um cariz generativo.

O coração enunciado na frase é o Coração de Maria, cheio da Luz de Deus, e que é o próprio Deus, e o verbo “será” o modo como aquele se reflete para a humanidade.

A silhueta da Imagem de Nossa Senhora, desenhada a partir da escultura que se venera na Capelinha das Aparições, estabelece a referência específica ao Santuário de Fátima, assim como afirma e assume a centralidade desta Imagem no ano em que se celebra o Centenário das Aparições na Cova da Iria.

